

Lisandra Invernizzi

SER “DAQUI” OU “DE FORA”:
HIERARQUIAS, DESCONTINUIDADES E TRÂNSITOS NO
FUTEBOL NÃO PROFISSIONAL DE FLORIANÓPOLIS

Tese submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da
Universidade Federal de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Doutorado
em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jaison José
Bassani

Florianópolis
2018

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Invernizzi, Lisandra

Ser "daqui" ou "de fora" : hierarquias,
descontinuidades e trânsitos no futebol não
profissional de Florianópolis / Lisandra Invernizzi
; orientador, Jaison José Bassani, 2018.
302 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa
de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2018.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Futebol não profissional. 3.
Futebol amador. 4. Florianópolis. I. Bassani, Jaison
José. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Ativa
Acesse



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

“SER “DAQUÍ” OU “DE FORA”: HIERARQUIAS, DESCONTINUIDADES E
TRÂNSITOS NO FUTEBOL NÃO PROFISSIONAL DE FLORIANÓPOLIS”

Tese submetida ao Colegiado do Curso de Pós-
Graduação em Educação do Centro de Ciências da
Educação em cumprimento parcial para a obtenção
do título de Doutor em Educação.

APROVADO PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 28/05/2018

Dr Jaison José Bassani (DEF/CDS/UFSC Orientador)

Dr Nicolás Bores Calle (UVA/Espanha Examinador)

Dr^a Michelle Carreirão Gonçalves (UFRJ/RJ – Examinadora)

Dr Fábio Machado Pinto (MEN/CED/UFSC – Examinador)

Dr^a Ana Cristina Richter (Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea/UFSC –
Examinadora)

Dr Ivan Marcelo Gomes (UFES/ES – Suplente)

Dr Alexandre Fernandez Vaz (EED/CED/UFSC - Suplente)

Lisandra Invernizzi
FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA - MAIO/2018

Prof. Edson Antonio Paim
Coordenador do PPGE/CED/UFSC
Portaria nº 1924

Edson Antonio Paim

AGRADECIMENTOS

Às instituições que apoiaram a pesquisa:

Prefeitura Municipal de Florianópolis – Secretaria Municipal de Educação – Gerência de Formação Permanente

Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (FUMDES) – Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina (SED)

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE)

Liga Florianopolitana de Futebol e todos os sujeitos que colaboraram na pesquisa.

Aos colegas do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea/CED/UFSC, especialmente Natan, Bruno, Danielle, Michelle, Daniel, Lucas, Helder e Amanda.

Ao orientador no doutoramento sanduíche, Nicolás Bores Calle, professor da Universidad de Valladolid/Uva, pela disponibilidade, paciência e pelos momentos compartilhados.

Aos demais professores da Escuela Universitaria de Educación/Uva, especialmente Lucio Martínez Álvarez, Alfredo Miguel Aguado, José Ignacio Barbero González, Alfonso Garcia Monge, Marcelino Vaca Escribano e Francisco Abardía Colas, pela partilha de conhecimentos e paciência com meu espanhol “mais ou menos”.

Alexandre Fernandez Vaz, que tenho estima pessoal e admiro intelectualmente.

Em especial, meu agradecimento, reconhecimento e admiração irrestrita ao meu orientador e amigo Jaison José Bassani, dedicado e habilidoso nas orientações, de capacidade intelectual ímpar, presente em todo percurso e que sempre demonstrou confiança em meu trabalho, até mesmo nos momentos em que nem eu pensava ser possível.

Ana Cristina Richter, que acompanhou a trajetória, pelo carinho e amizade, especialmente nos momentos singulares compartilhados em solo espanhol.

Tito, sempre dedicado, amoroso e que *não pipocou* nas vitórias, empates e derrotas.

Ganamos, perdimos, igual nos divertimos
(GALEANO, 1995)

RESUMO

O presente trabalho trata do futebol amador, modelo praticado em bairros urbanos, comunidades rurais, clubes populares, configurando um esporte em sua radicação local, aparentemente subterrânea, pouco visível, se considerarmos a importância material e simbólica da prática profissional. Tomando como situação exemplar a cidade de Florianópolis, o objetivo foi identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo. Tal escopo desdobra-se em questões norteadoras relacionadas às sociabilidades, trânsitos entre amadorismo e profissionalismo, relações de poder e pertencimento comunitário. Para responder o mote central do estudo, a investigação foi realizada por meio de etnografia com observações participantes (registradas em diário de campo por via escrita e imagética); análise documental de arquivos dos clubes e documentos da Liga Florianopolitana de Futebol, como regulamentos de competições, relatórios de atividades, fichas de inscrições dos times das diferentes categorias, atas das reuniões da Liga e relatórios da comissão de arbitragem; e também de questionários e entrevistas semiestruturadas com personagens que compõem o cenário dos clubes (árbitros, atletas, comissão técnica e dirigentes). A análise dos dados, de natureza qualitativa e quantitativa, foi realizada por meio de categorias ou conceitos articuladores que cruzaram os objetivos da pesquisa e as expressões do objeto investigado. A partir de episódios de casos emblemáticos e típicos, construímos narrativas que contemplassem as demais questões presentes no cenário do futebol não profissional de Florianópolis, relatando casos concretos na forma de 4 Episódios, seguidos das categorias: a) Futebol no plural: entre a pelada e o profissional; b) A relação clube comunidade: o alento do resgate, repatriação e reconfiguração; c) “Eles são do bairro, porém não são daqui”: todos iguais, mas uns mais iguais que os outros; d) Trânsitos, projetos e sentidos. Os temas abordados estão interligados e perpassam as diferentes categorias com enfoques diferentes, imbricados em uma teia de relações complexas, demarcadas por rupturas, deslocamentos e similitudes. Tendo como fio condutor a tensão colocada na cidade e presente no discurso nativo – ser “daqui” ou “de fora” – percebe-se que tanto do ponto de vista dos clubes quanto dos atletas, os sentidos e os significados se movem entre a performance e a sociabilidade. Na teia de significações, o futebol não profissional acaba atuando como lugar aglutinador de diferentes projetos e temporalidades. O itinerário de

passado, presente e futuro torna o futebol não profissional uma espécie de consequência, uma maneira de se manter *no* campo do futebol partilhando seus ganhos – materiais e simbólicos. Mesmo com diferenças internas, embora espelhado no modelo profissional, há uma interdependência dos clubes que constituem o futebol não profissional na cidade. Ainda há clubes comunitários que representam espaços de lazer e de sociabilidade para além da prática do futebol (festas, almoços, bingos), entretanto, operam separadamente no cotidiano das associações e que não necessariamente se conciliam, já que o *“futebol é uma coisa, a comunidade é outra, bem diferente”*. Dentre as considerações finais, ponderando as singularidades do campo, percebe-se que são imagens dissonantes, não se constituindo como fragmentos, mas como imagens que se complementam, ou seja, são vários *futebóis* que compõem o futebol não profissional de Florianópolis.

Palavras-chave: Futebol não profissional. Futebol amador.
Florianópolis.

RESUMEN

Esta investigación se ocupa del fútbol amateur según el modelo practicado en los barrios urbanos, comunidades rurales y clubes populares, configurando un modo de practicar el deporte de modo local, aparentemente subterránea, poco visible si tenemos en cuenta la importancia material y simbólica de la práctica profesional. Tomando como situación ejemplar la ciudad de Florianópolis, el objetivo fue identificar, describir y analizar sentidos y significados atribuidos a la práctica del fútbol no profesional, señalando los principales desplazamientos en relación a la versión universalista de este fenómeno deportivo. Este rasgo se despliega en cuestiones que dan norte en relación a las sociabilidades, tránsitos entre lo amateur y lo profesional, relaciones de poder y pertenencia comunitaria. Para ello, la investigación fue realizada por medio de la etnografía con observación participante (registrada en diario de campo por medio escrito y de imágenes); análisis de documentos de archivos de los clubes de la *Liga Florianopolitana de Futebol*, como reglamento de competencias, relatos de actividades, y documentos de las mismas, registros de inscripciones de los equipos de las diferentes categorías, actas de reuniones de la *Liga* y relatos de la comisión de arbitraje; y, también, de cuestionarios y entrevistas semi-estructuradas con personajes que componen el escenario de los equipos (árbitros, atletas, comisión técnica, dirigentes, profesores/instructores y espectadores/hinchas). El análisis de los datos, de naturaleza cualitativa y cuantitativa, fue realizado a través de categorías o conceptos articuladores que atravesaron los objetivos de la investigación y los discursos del objeto investigado. A partir de escenas emblemáticas y típicas, construimos narrativas que percibiesen las demás cuestiones contenidas en el escenario del fútbol no profesional de Florianópolis, relatando casos concretos divididos en cuatro episodios, seguidos por las categorías: a) Fútbol no plural: entre lo amateur y lo profesional; b) La relación de los clubes con la comunidad: rescate, repatriación y reconfiguración; c) “Ellos son del barrio, pero no son de aquí”: todos iguales, pero unos más iguales que los otros; d) Tránsitos, proyectos y sentidos. Los temas que hemos abordado están interconectados e impregnan las diferentes categorías con enfoques distintos, desplazamientos y similitudes. Teniendo como hilo conductor la tensión puesta en la ciudad y presente en los discursos nativos –ser “de aquí” o “de afuera”–, se percibió que los sentidos y significaciones de los practicantes se mueven entre la performance deportiva y la sociabilidad, sea desde el punto de vista de los clubes, de los atletas. En la red de significaciones, el fútbol no profesional

acaba por actuar como un espacio de aglutinación de distintos proyectos y temporalidades. El itinerario del pasado, presente y futuro hace del fútbol no profesional una especie de consecuencia, un modo de mantenerse *en el* campo del fútbol compartiendo sus victorias – materiales y simbólicas–, incluso con las diferencias internas, aunque espejados en el modelo profesional, hay una interdependencia de los clubes que constituyen el fútbol no profesional en la ciudad. Todavía hay equipos comunitarios que representan espacios de ocio y de sociabilidad más allá de la práctica del fútbol (fiestas, comidas, juegos de azar), operando a su vez de forma separada en el cotidiano, visto que el *“fútbol es una cosa, la comunidad es otra, bastante distinta”*. En las consideraciones finales, hemos ponderado sobre las singularidades del campo de investigación, percibiendo que son imágenes disonantes, que no se constituyen como fragmentos, sino como imágenes que se complementan, o sea, son varios tipos de fútbol que componen el fútbol no profesional de Florianópolis.

Palabras clave: Fútbol no profesional. Fútbol amateur. Florianópolis.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Participação em outros times.....	93
Tabela 2 – Números gerais das competições.....	206
Tabela 3 – Participação e inscrição de atletas	208
Tabela 4 – Registro individual da participação e inscrição de atletas .	209
Tabela 5 – Trânsitos da equipe vitoriosa.....	211
Tabela 6 – Número de atletas por partida.....	213
Tabela 7 – Motivos para jogar no clube atual	217
Tabela 8 – Reversões de categoria profissional para amador.....	228

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fotografia 1 – Faixas da torcida local	76
Fotografia 2 – Protocolo de Encerramento.....	77
Fotografia 3 – Na gaveta	87
Fotografia 4 – O drible	88
Fotografia 5 – Preparo físico.....	98
Fotografia 6 – Gramado sintético.....	104
Fotografia 7 – Público fiel em jogo decisivo.....	117
Fotografia 8 – Público concentrado.....	117
Fotografia 9 – A torcida organizada.....	118
Fotografia 10 – Policiamento acionado.....	120
Fotografia 11 – Interação torcedores e atleta	126
Fotografia 12 – Antes do jogo.....	132
Fotografia 13 – Preparação do gramado.....	145
Fotografia 14 – A localização do campo no bairro	152
Fotografia 15 – Modos de ver o jogo	163
Fotografia 16 – Modos de ver o jogo: o conforto da cadeira “emprestada”	164
Fotografia 17 – Área do goleiro	204
Fotografia 18 – Banco de reservas	214
Fotografia 19 – Comemoração.....	227

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	19
2. FUTEBOL COMO OBJETO DE PESQUISA	23
3. O FUTEBOL AMADOR.....	33
3.1. APONTAMENTOS SOBRE O INÍCIO DO FUTEBOL EM FLORIANÓPOLIS	43
3.2. RETRATO DO FUTEBOL NÃO PROFISSIONAL EM FLORIANÓPOLIS	49
4. NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO.....	57
5. EPISÓDIO 1.....	75
5.1. FUTEBOL NO PLURAL: ENTRE A PELADA E O PROFISSIONAL.....	81
5.1.1. Estrutura física e disparidades	101
5.1.2. Ambivalências: organização, visibilidade e relações entre os agentes 107	
5.1.3. Público e diferentes lugares de manifestações da violência... 115	
5.1.4. Interação entre atletas, árbitros e torcida	123
5.1.5. As expectativas de profissionalização e a mídia	128
6. EPISÓDIO 2.....	135
6.1. A RELAÇÃO CLUBE – COMUNIDADE: O ALENTO DO RESGATE, REPATRIAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO.....	139
6.1.1. O reconhecimento simbólico e os vínculos.....	155
6.1.2. A entrada e permanência no campo	159
6.1.3. (Des) interesses e comunidade.....	162
7. EPISÓDIO 3.....	169
7.1. “ELES SÃO DO BAIRRO, PORÉM NÃO SÃO DAQUI”: TODOS IGUAIS, MAS UNS MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS	173
7.1.1. No <i>circuito</i> , no <i>pedaço</i> e no <i>campo</i>	183
7.1.2. As hierarquias	186
7.1.3. Notas sobre o Episódio 3	196
8. EPISÓDIO 4.....	199
8.1. TRÂNSITOS, PROJETOS E SENTIDOS.....	205
8.1.1. A composição do time nos jogos e a circulação	212
8.1.2. Motivações e clube atual.....	216
8.1.3. Futebol enquanto devir	224
8.1.4. Importância do futebol não profissional em Florianópolis ...	232
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS	235
REFERÊNCIAS	243
APÊNDICE A - Questionários	265
APÊNDICE B - Entrevistas.....	277

APÊNDICE C - Lista de Jogos	289
APÊNDICE D - Número de atletas por clubes, divisões e anos	293
APÊNDICE E – Termo de Compromisso Livre e Esclarecido	297
ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética.....	301

1. APRESENTAÇÃO

O presente trabalho trata do futebol amador, aquele praticado de forma organizada por clubes e federações, mas sem o vínculo profissional de seus participantes, o qual tem sido ainda pouco pesquisado no Brasil, apesar de sua enorme presença como prática e como veículo de mobilização comunitária. Também chamado futebol de várzea nas regiões sul e sudeste do Brasil, materializa-se em competições que apresentam organização e regras próprias, mesmo que, em muitos aspectos, inspiradas no futebol profissional (DAMO, 2003)¹.

O futebol amador é uma prática amplamente divulgada no Brasil e não é uma exclusividade das grandes metrópoles ou pequenas cidades, presente no meio urbano ou rural, na cidade e no interior. Em Santa Catarina, tem grande presença com um campeonato estadual e Ligas Interclubes em diferentes municípios. A Grande Florianópolis, formada por 21 municípios, com população estimada em cerca de 1 milhão de habitantes, já teve importantes torneios de futebol amador, como a Copa Arizona, nos anos de 1970, Copa Dreher e Copa Metropolitana, nos anos de 1980. Em Florianópolis, desde 1996 existe a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF), filiada à Federação Catarinense de Futebol (FCF), organizadora de competições entre clubes amadores filiados do município.

Tomando como situação exemplar a cidade de Florianópolis, a presente pesquisa teve como objetivo identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo. Nesse sentido, a partir do mapeamento do campo estabelecemos os seguintes objetivos: a) compreender, em clubes amadores integrantes da Primeira Divisão da capital, como se estruturam as relações com a comunidade em que se radica; b) descrever e interpretar como se relacionam o imaginário e a materialidade do futebol espetáculo (televisão, expectativas criadas por clubes profissionais etc.) com as práticas amadoras, em especial no que se refere às formas de jogo esteticamente construídas; c) compreender como se configuram os clubes

¹ Para Damo (2003, p. 136), a diversidade futebolística pode ser assim agrupada: Futebol Profissional (espetáculo, alto rendimento, performance); Futebol Escolar (dispositivo pedagógico de uso alargado e transformado em conteúdo da Educação Física Escolar ao longo do século XX); Futebol de Bricolagem (pelada, racha); e Futebol Comunitário, que corresponderia ao Futebol Amador ou de Várzea. Estas matrizes serão retomadas posteriormente.

na rede do futebol local, compondo uma cadeia de interdependências; d) identificar quem são seus personagens e como atuam (hierarquias, lugares sociais, projetos pessoais etc.); e) analisar quais são os sentidos/significados atribuídos pelos personagens; f) descrever como esses personagens conciliam o tempo dedicado ao futebol com o das demais atividades, como o trabalho, a universidade, a família, o tempo livre etc.

Para responder ao objetivo central do estudo, a investigação foi realizada por meio de etnografia, envolvendo: observações participantes (registradas em diário de campo por via escrita e imagética) de 2013 a 2015; análise documental dos arquivos dos clubes e documentos da Liga Florianopolitana de Futebol, como por exemplo, regulamentos das competições, relatórios de atividades, fichas de inscrições dos times das diferentes categorias, atas das reuniões da Liga e relatórios da comissão de arbitragem, além de questionários e entrevistas semiestruturadas com os personagens que compõe o cenário dos clubes (árbitros, atletas, comissão técnica e dirigentes).

No estágio de doutorado oportunizado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES (Programa Institucional de Bolsas de Doutorado Sanduíche no Exterior – PDSE) realizado na Espanha², o projeto de trabalho desenvolvido buscou o refinamento no plano teórico e produção de dados que permitissem um olhar comparado sobre o futebol amador entre os dois contextos (Brasil-Espanha, Florianópolis-Palencia). A partir do contexto espanhol, buscamos agregar e analisar um conjunto de fontes referentes às sociabilidades, amadorismo e profissionalismo, contribuindo, por meio da comparação, mais bem entender a constituição desta prática como possível ruptura em relação às práticas hegemônicas do futebol profissional. Esse conjunto de dados, produzidos também por meio de observações e entrevistas semiestruturadas com dirigentes e atletas, operou no sentido de mais bem compreender a prática na cidade de Florianópolis – objeto central da presente investigação – e não compuseram as fontes empregadas diretamente na elaboração das

² O estágio foi realizado na cidade de Palencia, localizada na Comunidade de Castilla y León, na Escuela Universitaria de Educación (Palencia, Universidad de Valladolid), especificamente no “Grupo de Investigación Reconocido Estudio de la Educación Física, la Actividad Física Recreativa y el Deporte em em maco europeo”. O estágio foi orientado pelo professor Dr. Nicolás Bores Calle, que promoveu um debate qualificado e resultou em aportes importantes para a pesquisa.

categorias de análise, mas serão mobilizados em alguns trechos no decorrer do texto.

A primeira parte da pesquisa, formada por dois capítulos, consiste na introdução aos estudos sobre futebol em diferentes áreas do conhecimento, seguido da exposição de estudos que enfocaram o futebol amador. A presente investigação combina os termos “amador” e “não profissional” em diferentes momentos do texto, reflexo da expressão do próprio objeto em investigação, em razão de seu caráter híbrido, que combina diferentes características: em termos institucionais, considerando o grau elevado de organização, o futebol é de caráter não profissional. Entretanto, do ponto de vista da prática e dos praticantes, bem como dos contrastes entre os clubes da Primeira Divisão, a natureza é amadora.

Considerando o desenvolvimento e institucionalização do futebol em Florianópolis, no terceiro capítulo buscamos retratar o futebol não profissional na capital de Santa Catarina a partir da organização institucional, observando que esta prática espelha-se no modelo da profissionalização, ou seja, mais racionalização, seriedade e competitividade nos torneios. Para apresentar o campo da pesquisa, organizamos os resultados em dois registros: o primeiro trata do contexto histórico do desenvolvimento do futebol em Florianópolis na primeira metade do século XX e da criação de clubes de futebol amador nesse período, alguns dos quais seguem em atividade ainda hoje, bem como do surgimento das primeiras entidades organizadoras de competições amadoras na cidade. O segundo descreve, a partir da criação da Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF) em 1996, o funcionamento e a organização das principais competições de futebol amador vigentes atualmente em Florianópolis.

A segunda parte da tese trata especificamente dos aspectos metodológicos e dos resultados da investigação de caráter etnográfico. O quarto capítulo descreve os delineamentos metodológicos (campo, instrumentos, produção e organização dos dados) e sintetiza as respostas dos questionários, das entrevistas, da análise de uma mídia local e ainda registros do diário de campo. Na sequência, o texto se ocupa da análise dos dados, de natureza qualitativa e quantitativa, realizada por meio de categorias que cruzaram os objetivos da pesquisa e as expressões do objeto investigado, resumidas em: a) Futebol no plural: entre a pelada e o profissional; b) A relação clube comunidade: o alento do resgate, repatriação e reconfiguração; c) “Eles são do bairro, porém não são daqui”: todos iguais, mas uns mais iguais que os outros; d) Trânsitos, projetos e sentidos. As categorias procuram dar ênfase em determinadas

questões, todavia, conforme se verá no texto, elas se imbricam e formam uma teia na qual torna-se complexa qualquer tentativa de isolar determinado tema em uma categoria. A partir da centralidade de ser “daqui” e ser “de fora”, os temas estão interligados e perpassam as diferentes categorias com enfoques diferentes.

Na seção dedicada às considerações finais, enfatizamos as peculiaridades de um campo que se constitui híbrido e de contrastes, ressaltando que tanto do ponto de vista dos clubes quanto dos atletas, os sentidos e os significados se movem entre a performance e a sociabilidade. Na teia de significações, o futebol não profissional se configura como lugar aglutinador de diferentes projetos e temporalidades. O itinerário de passado, presente e futuro torna o futebol não profissional uma espécie de consequência, uma maneira de se manter *no* campo do futebol partilhando seus ganhos – materiais e simbólicos. Mesmo com diferenças internas, embora espelhado no modelo profissional, há uma interdependência dos clubes que constituem o futebol não profissional na cidade. Ainda há clubes comunitários e que representam espaços de lazer e de sociabilidade para além da prática do futebol (festas, almoços, bingos), entretanto, operam separadamente no cotidiano das associações e que não necessariamente se conciliam, já que o “*futebol é uma coisa, a comunidade é outra, bem diferente*”. Dentre as considerações finais, ponderando as singularidades do campo, percebe-se que são imagens dissonantes, não se constituindo como fragmentos, mas como imagens que se complementam, ou seja, são vários *futebóis* que compõem o futebol não profissional de Florianópolis.

Na perspectiva de contribuir no debate acerca do futebol não profissional, esta pesquisa tem como objeto o futebol amador, modelo praticado nos bairros da cidade de Florianópolis em clubes populares, configurando um esporte em sua radicação local, aparentemente subterrânea. Deste modo, ao focar o futebol em uma de suas dimensões não hegemônicas – aquela que mantém seu caráter competitivo e tem no espetáculo, até certo ponto, um modelo – o estudo se coloca como uma possível contribuição para a história social do futebol e dos processos de subjetivação nele implicados, interrogando-se sobre possíveis rupturas em relação às práticas hegemônicas do futebol profissional, perscrutando “personagens, instituições e estilos de sociabilidade varzeanos com os quais se pode aprender através da pesquisa; há, sim, ‘outros’ no futebol” (DAMO, 2003, p. 148).

2. FUTEBOL COMO OBJETO DE PESQUISA

O esporte é um fenômeno histórico, social e cultural que apresenta distintas possibilidades de análise. Ele pode ser investigado a partir de diferentes campos do conhecimento ou pelo intercâmbio conceitual entre eles. Na literatura, história, sociologia, antropologia, entre outras áreas, o esporte, e o futebol em particular, é tema contemporâneo de expressiva relevância social, política e econômica. Enquanto prática social, o esporte convida, portanto, a uma abordagem interdisciplinar que o considere como parte do desenvolvimento da modernidade³, em cujo centro, a cidade, ele parece encontrar seu lugar privilegiado. Para Helal (1990, p. 13), “o primeiro passo para uma compreensão sociológica do esporte no mundo moderno é encará-lo como um fato social, isto é, como algo socialmente construído”.

O livro “A Busca da Excitação” (ELIAS; DUNNING, 1992) reúne um conjunto de artigos que abordam o esporte. Os autores estão entre os primeiros estudiosos que entendem o esporte como um objeto de estudo sociológico, que até então, segundo eles, ocupava-se apenas dos aspectos “sérios” e “racionais” da vida, desprezando temas como o divertimento, o prazer, o jogo e as emoções. O cenário da produção científica da sociologia inglesa caracterizava-se por uma resistência na abordagem desse fenômeno como objeto de estudo, pois o quadro de valores e oportunidades da sociologia impelia a tarefa, na maior parte, não aos sociólogos, mas principalmente aos estudiosos da área da Educação Física (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 14).

Elias e Dunning (1992, p. 15) consideram complexo identificar as razões pelo preterimento do tema, destacando que quando os contornos da sociologia moderna se estabeleceram, o esporte não era considerado pelos pesquisadores como um espaço de problemas sociais ditos sérios, ou que esse fenômeno não constituía uma propriedade básica do sistema social. Entretanto, apesar dos diferentes significados atribuídos a esse fenômeno em diversos contextos históricos, todas as sociedades possuíram algo equivalente ao esporte moderno.

O esporte se caracteriza por ser um fenômeno que fornece elementos para a compreensão da sociedade. Deste modo, é possível a partir da observação de um fenômeno social significativo, neste caso o

³ Processo de modernização que, nos anos finais da primeira metade do século XIX, na Europa, e no início do século XX, no Brasil, resultou na transformação tanto do espaço urbano quanto das práticas políticas, sociais e culturais que ali se realizavam, momento em que o campo esportivo começa a se constituir.

futebol, analisar formas mais abrangentes de relacionamento e de comportamento social.

No escopo da obra de Elias, por exemplo, o esporte é um componente do processo civilizador, entendido como um processo de longa duração, já que o esporte, tal como o conhecemos na contemporaneidade, é um avanço civilizado dos jogos populares. Neste sentido, na longa duração, desde a antiguidade, mas com uma virada importante na alta idade média, as práticas corporais competitivas existiam, culminando nas esportivas, estas, sim, modernas, nascidas na sociedade industrial há mais de duzentos anos.

O esporte, enquanto fenômeno que ocorre na sociedade, não pode nem deve ser compreendido de maneira estática, como se as relações sociais que formam essa sociedade fossem imutáveis, formando-se instantaneamente, mas sim como resultado de uma longa e intensa cadeia de modificações sociais que se produziram e se transformaram ao longo dos tempos. Dessa forma, um fenômeno social que é relevante em um determinado período histórico demanda que se compreenda que ele é fruto de um processo contínuo, que sofreu avanços e recuos, que não é linear e demarcado por rupturas (REIS; CAVICHIOLLI, 2008, p.3).

os combates de vida ou de morte entre gladiadores, ou entre animais selvagens e seres humanos, representaram na sociedade romana um papel comparável ao das corridas de cavalos, desafios de futebol ou torneios de tênis, nas sociedades atuais (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 98).

Estas equiparações evidenciam como as práticas foram se modificando com o desenvolvimento da sociedade. Com o processo de esportivização desses passatempos, o ingrediente fundamental passa ser o equilíbrio da tensão entre excitação e o controle da violência, por meio das regras. A instabilidade também faz parte do equilíbrio, pois do contrário, as práticas seriam monótonas e perderiam a graça. A peça central dos personagens envolvidos no esporte, sejam espectadores ou praticantes, é a simulação de um confronto, com as tensões por ela produzidas controladas e, no final, com a catarse, a liberação da tensão (ELIAS; DUNNING, 1992, p. 235). Neste aspecto reside a função canalizadora do esporte, pois ocorre a liberação de tensões que não podem ser extravasadas durante as atividades rotineiras, pois são vistas, numa sociedade com um maior grau de civilidade, como anormais, indesejáveis

e nocivas à obediência das normas sociais. Ou seja, a catarse só deveria ocorrer de forma disciplinada, como acontece na prática esportiva.

Do ponto de vista historiográfico, Sevckenko (1994), por exemplo, aponta a rapidez e extraordinária expansão do futebol entre as massas populares no contexto das cidades industriais como um dos aspectos mais importantes da história do esporte. O frenesi, o poder de sedução e difusão “epidêmica” do futebol coincidem com a expansão das cidades, a partir da Revolução científico-tecnológica, encontrando lugar nas práticas de lazer das massas trabalhadoras em expansão que nos centros urbanos se instalaram em sucessivas e gigantescas ondas migratórias. Elas estavam

na sua busca de novos traços de identidade e de solidariedade coletiva, de novas bases emocionais de coesão que substituíssem as comunidades e os laços de parentesco que cada um deixou ao emigrar, essas pessoas se veem atraídas, dragadas para a paixão futebolística que irmana estranhos, os faz comungarem ideais, objetivos e sonhos, consolida gigantescas famílias vestindo as mesmas cores (SEVCENKO, 1994, p. 35).

Embora não tenha sido o primeiro trabalho a tomar o futebol como fenômeno social no Brasil, o volume organizado por Roberto DaMatta (1982a), *Universo do futebol*, de certa maneira funda o campo de estudos sociais e culturais do esporte. DaMatta destaca o caráter ritualístico do futebol como drama⁴ da sociedade brasileira⁵, observando-o como

⁴ Para DaMatta o futebol expressaria a horizontalização das relações em uma sociedade hierárquica, na medida em que a igualdade é condição para a disputa (ou jogo). O esporte supõe a igualdade formal de chances, as condições equitativas para os atores que integram o campo, o que seria um modelo ideal para a sociedade (DAMATTA, 1982b).

⁵ Tal publicação demarca o movimento de pesquisadores interessados em investigar pelo olhar da antropologia e sociologia os esportes na sociedade brasileira. Autores como José Sérgio Leite Lopes (Museu Nacional) e Simoni Lahud Guedes (Universidade Federal Fluminense) abriram um campo de reflexões que tem se mostrado fértil e agregador de novos pesquisadores. Além disso, a produção intelectual sobre o tema do futebol obteve reconhecimento da comunidade científica, assinalado pela premiação promovida pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), de melhor dissertação de 1994 para Luiz Henrique de Toledo (Universidade Federal de São Carlos) e melhor tese para Arlei Damo, em 2005 (Universidade Federal

expressão da identidade nacional. Wisnik (2008, p. 28) assinala, nessa direção, que “para o bem e para o mal, uma das mais reconhecíveis maneiras pelas quais o país *se fez ser* foi o futebol”, sendo ele ao mesmo tempo veneno e remédio, problema e solução de nosso modo de ser.

Já nos anos 1930, no entanto, o futebol marcava presença na discussão intelectual brasileira. Um breve ensaio de Gilberto Freyre (1938), intitulado *Football Mulato*, de 1938, influenciou os primeiros pesquisadores interessados no futebol como fenômeno merecedor de investigações nas ciências sociais. Embora Monteiro Lobato, Lima Barreto, Alcântara Machado, Graciliano Ramos, Oswald de Andrade e outros tivessem escrito sobre o futebol, *Foot-ball mulato* é primeiro texto de um intelectual brasileiro que identificou um estilo próprio do brasileiro jogar, tentando ilustrá-lo a partir de traços culturais dos negros, ou seja, de uma parcela da população. Além do mais, expressava e definia tal estilo como “o” tipicamente brasileiro de praticar o esporte bretão em face o estilo europeu, sobretudo o de seus inventores (BARRETO; MORAIS, 2008). O destaque para a obra de Gilberto Freyre advém também da influência que teve na crônica esportiva – da qual fizeram parte, mais tarde, Mario Filho, Nelson Rodrigues e José Lins do Rego –, além de nas publicações, nas últimas décadas, de pesquisadores como Simoni Lahud Guedes, Antonio Jorge Gonçalves Soares, José Miguel Wisnik, Arlei Damo e outros, que dialogam com a obra, adotando ou contestando seu ponto de vista.

Com base em dissertações e teses, bem como trabalhos em revistas acadêmicas que publicaram dossiês sobre futebol e/ou esporte, Giglio e Spaggiari (2010) mapearam a produção brasileira sobre futebol de 1990 a 2009 e concluíram que, embora a produção acadêmica sobre o tema já seja significativa, falta ainda um maior diálogo e intercâmbio das informações dos trabalhos produzidos e dos grupos consolidados que se propõem a discutir e a pesquisar sobre o tema.

Fensterseifer (2016) investigou e analisou o estado do conhecimento em futebol nas dissertações e teses produzidas no Brasil de

do Rio Grande do Sul), ambas sobre futebol. Houve também empenho de outros pesquisadores que se engajaram no debate para consolidar e ampliar os espaços de discussão em diferentes fóruns acadêmicos, como por exemplo, os grupos de trabalho na Associação Brasileira de Antropologia (ABA), na Reunião de Antropologia do Mercosul (RAM), na Sociedade Brasileira de Sociologia (SBS), na Associação Latino-Americana de Sociologia (ALAS), na Asociación Latinoamericana de Estudios Socioculturales del Deporte (ALESDE) e na própria ANPOCS (RATTON; MORAIS, 2011).

1987 a 2014 e que estão disponíveis no banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dentre as considerações derivadas dos dados bibliométricos e quali-quantitativos dos 1258 resumos das dissertações e teses identificadas e avaliadas, o autor assinala a ausência de estudos sobre a análise da produção do conhecimento e destaca o crescimento da produção científica do futebol enquanto tema, que é estudado pelas 9 grandes áreas e por 84 áreas do conhecimento, concentradas nas regiões Sudeste e Sul. Os estudos sobre torcidas organizadas e Copa do Mundo são os temas de maior frequência. As dissertações correspondem a 82% da produção, sendo que os dados mostram ainda que 82,8% das pesquisas se concentram nas Ciências da Saúde, Humanas e Sociais Aplicadas; nas áreas de Educação Física, História, Comunicação, Administração, Sociologia, Psicologia, Educação e Letras. O autor salienta que o tema futebol produziu um conhecimento científico robusto, com certa desconexão do campo científico, recorrência e fragmentação, e propõe uma produção interdisciplinar do conhecimento sobre futebol com um projeto coletivo, com integração das áreas.

Ainda que haja vasta produção acadêmica sobre futebol na área das Humanidades, para Wisnik (2008, p. 18), contudo, a maior parte delas fala de futebol sem falar *de futebol*, ou, no limite, ignora a própria razão de ser do jogo, tendendo apenas a analisar o “entorno, aquilo que cerca, mobiliza, reage, produz, envolve, explora o mundo do jogo”, ou seja, as relações políticas, empresariais, ou outros tipos de conflitos catalisados pelo futebol, esquecendo-se do jogo em si, de sua natureza singular. Neste aspecto, o autor aponta a dificuldade dos pesquisadores tratarem o tema, já que a interpretação partiria “de fora”.

Tratando ainda do caráter interdisciplinar do esporte, em geral, e do futebol, em específico, do ponto de vista literário e filosófico, a abordagem do cineasta e escritor italiano Pier Paolo Pasolini, por exemplo, racionaliza e poetiza o futebol, considerando-o um sistema de signos. Pasolini (2005)⁶ faz uma distinção técnica, assumindo que pode haver um futebol jogado em prosa e outro em poesia. Aquele em prosa “alicerça-se na sintaxe, ou seja, no jogo coletivo e organizado: quer dizer, na execução racional do código”. Já o futebol em poesia caracterizar-se-ia por talentos individuais, marcas de gênio pessoal e inspiração de

⁶ O texto citado foi originalmente escrito meses depois da Copa de 70, no “IL Giorno”, em 3/1/1971.

jogadores excepcionais apoiados numa sólida organização coletiva⁷. O futebol-prosa teria as vertentes “realista”, representada por países como a Inglaterra ou a Alemanha, e a “estetizante”, a cargo da França ou da Itália. Em contrapartida, o Brasil apresentaria um futebol de poesia e centrado no drible e no gol. O futebol europeu tenderia, por natureza, a ser mais prosaico, enquanto o sulamericano mais poético, mas todas as seleções que atuam no futebol prosa teriam jogadores de futebol poesia, e viceversa.

Ainda segundo Pasolini (2005), no futebol há momentos exclusivamente poéticos, como o gol e o drible. O primeiro seria sempre uma inversão, uma subvenção ao código, sendo uma “fatalidade, fulguração, espanto, irreversibilidade”, precisamente como a palavra poética, quando o artilheiro de um campeonato é convertido no melhor poeta do ano. O drible é essencialmente poético, assim como frequentemente acontece com a ação do gol. Se é possível imaginar algo sublime no futebol, é sonho compartilhado entre jogador e espectador, de partir da metade do campo, driblando todos os adversários para marcar o tento, o que, no entanto, segundo Pasolini, “nunca acontece. É um sonho”.

Para Wisnik (2008), o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes, narrativas e estilos diferentes e opostos, parecendo conter vários jogos em um. Em comparação com qualquer outro esporte, o processo de racionalização não seria completo, pois nele persistiriam elementos não contabilizáveis, impossíveis de ser resumidos em estatísticas, permitindo abrigar combinações raras de finalismo e gratuidade, de lógica e acaso, de momentos “vazios” de acontecimentos e de máxima excitação.

Gumbrecht (2007), na obra *Elogio da beleza atlética*, discorre sobre a consagração e o fascínio do esporte moderno em nossa sociedade e se propõe a estimular a capacidade do espectador em considerar o esporte em toda a sua exuberância estética, sem fazer menções a aspectos extrínsecos ou estranhos a ele. A obra busca elucidar parte da paradoxal apatia e negligência frequente no meio acadêmico, em assumir a legitimidade estética frente à importância e o impacto cultural do esporte. Segundo o autor, os acadêmicos não têm “disposição afetiva e tom de escrita” (GUMBRECHT, 2007, p. 25) para tratar da beleza atlética, o que mostra uma incapacidade intrínseca de analisar o “esporte como esporte”, concentrando-se nos corpos dos atletas e não em aspectos exógenos ao

⁷ Todavia, Wisnik (2008, p. 14) alerta que a “prosa pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a poesia, imprevista, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo”.

esporte, ou seja, sem “abandonar o tópico do esporte para ‘interpretar’ esses fenômenos como uma ‘função’ ou uma ‘expressão’ de alguma outra coisa” (GUMBRECHT, 2007, p. 31).

No campo da educação, por exemplo, Rocha et al. (2011) observaram que os atletas de categorias de base de futebol adotam diferentes estratégias de conciliação entre as rotinas escolares e de treinamento, que é mediada por mecanismos de flexibilização – que são adotados pelos estabelecimentos de ensino e/ou professores, em concordância dos pais. Marques e Samulski (2009) apontam que a maioria dos atletas demonstra dificuldade em conciliar estudos e rotinas de treinamento e que sua formação esportiva inicial se deu principalmente na prática do futebol de rua. Outro dado importante da pesquisa dos referidos autores é que maioria dos atletas afirma planejar aspectos específicos de sua carreira esportiva, exceto com relação aos estudos.

Bartholo et al. (2011) tratam do impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros, sugerindo que em ambos os países o futebol não é um empecilho para a permanência na escola, ainda que, do ponto de vista do investimento de tempo, quando comparamos os dois contextos, há uma inversão de prioridades, já que a carga de trabalho média⁸ (treinamentos, jogos, deslocamentos e escola) dos atletas da cidade do Rio de Janeiro é superior (18%) à observada nos atletas de Castilla y León (Espanha).

Damo (2005a) aborda o futebol de espetáculo a partir do processo de formação de atletas profissionais. O autor busca elucidar a trama simbólica que confere à profissão certo poder de sedução, e as redes de agenciamento que se beneficiam, dada a oferta abundante de dons/talentos e praticamente nenhuma atenção pública à exploração desse mercado de trabalho e de pessoas (DAMO, 2005a, p. 15). O autor considera que o processo de formação de futebolistas “é uma etapa que sucede a aquisição das técnicas elementares, não raro realizada à margem das instituições clubísticas, e antecede o exercício da profissão propriamente dita” (DAMO, 2005a, p. 14).

Na esteira dos estudos sobre o corpo, corporalidade e questões sobre o esporte, o Laboratório de Pesquisas em Educação do Corpo (LABEC/PPGE-UFRJ) e Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e

⁸ Segundo os autores, nos clubes espanhóis, a carga horária semanal destinada aos treinamentos no futebol corresponde a 27% do tempo de atividades do jovem, enquanto no Brasil 52% do tempo são destinados aos treinamentos e jogos.

Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq)⁹ desenvolvem em parceria estudos que abordam a formação esportiva de jovens atletas e sua relação direta com a escolarização. O projeto amplo é proposto pelo LABEC e se intitula “Escolarização e formação de jovens atletas”, dedicando-se a analisar como jovens atletas de diferentes modalidades esportivas conciliam as atividades relativas à formação profissional no esporte e os estudos, sobretudo em um período da vida escolar que exige maior dedicação destes estudantes-atletas. Dentre as pesquisas que foram desenvolvidas em parceria com o Núcleo de Estudos e Pesquisa Educação e Sociedade Contemporânea (CED/UFSC/CNPq), grupo no qual a presente pesquisa se insere, destaca-se duas. Klein (2014) buscou compreender as expectativas que cercam as possibilidades de profissionalização de jovens atletas masculinos que estão inseridos em categorias de base de futsal em clubes catarinenses, focalizando suas rotinas de treinamentos e de escolarização, apoio familiar, condições sociais, plano de carreira e, principalmente, as estratégias de compatibilização entre os treinamentos/viagens e a escolarização básica. Conceição (2015) investigou o modo como jovens atletas de futebol, com idades entre 14 e 17 anos, integrantes das categorias de base de dois clubes profissionais da cidade de Florianópolis, compreendem e se relacionam com a formação e o espaço escolar ao realizarem sua inserção profissional no futebol de maneira simultânea ao período de escolarização.

Tratando especialmente do futebol, vale ainda destacar o livro organizado por Vaz e Dallabrida (2014), que expõe aspectos da história do futebol catarinense desde a realização do primeiro jogo público de futebol em Santa Catarina, em 1910, até 2014, ano de Copa do Mundo no Brasil e participação inédita de três clubes catarinenses na Série A do Campeonato Brasileiro, o “*ano de ouro do futebol catarinense*” (VAZ; DALLABRIDA, 2014, p.15). De acordo com os autores, os onze textos assumem responsabilidade acadêmica, entretanto busca dialogar com um público mais amplo, não necessariamente especialistas, mas interessados

⁹ O núcleo possui vários trabalhos publicados e pesquisadores envolvidos no estudo interdisciplinar sobre o esporte (BASSANI; TORRI; VAZ, 2003; BASSANI et al. 2008). Muito se pesquisou e ainda se pesquisa sobre atletismo (GONÇALVES, 2007), ginástica rítmica (BOAVENTURA, 2011; 2016), capoeira (MWEWA, 2005), futebol (CONCEIÇÃO, 2015), futsal (KLEIN, 2014), karatê (TURELLI, 2008), rúgbi (GONÇALVES, 2014), skate (STABELINI, 2016) e praças esportivas (SCARLATO GARCÍA, 2015).

na história do futebol em Santa Catarina. Com distintas trajetórias e representando regionalmente “*a paixão nacional*”, a história de cada clube mostra continuidades e rupturas do percurso do futebol catarinense no período. Os cinco capítulos publicados dedicados à clubes de Florianópolis, com recorte temporal no período em que os clubes são organizados ainda de forma amadora na cidade, lamentavelmente não fornecem elementos sobre os demais que não se profissionalizaram¹⁰. A investigação sobre a prática futebolística no Colégio Catarinense entre 1944 e 1954 apresenta algumas referências genéricas sobre a disputa do campeonato de futebol amador de Florianópolis (DALLABRIDA, 2014).

Mesmo com a ampliação nos estudos e reconhecimento da comunidade científica,¹¹ os trabalhos que tomam o esporte como objeto de estudo, e o futebol em especial, têm como enfoque a versão espetáculo propagada maciçamente pelos meios de comunicação de massa. É o caso das posições de todos os grandes intelectuais até agora citados, bem como dos pesquisadores, em sua esmagadora maioria, que a ele têm se dedicado no Brasil¹². Deste modo, veremos na próxima seção que é crescente a produção acadêmica que aborda a diversidade de formas de praticá-lo e vivenciá-lo para além do viés profissional, não sendo possível justificar a ausência de publicações sobre o tema.

¹⁰ O Paula Ramos Esporte Clube, fundado em 1937 e que chegou a se profissionalizar foi citado.

¹¹ No que tange aos estudos que tratam do esporte interdisciplinarmente, a busca no portal de periódicos da CAPES do termo *futebol* na área das Ciências Sociais resultou em 1599 registros na língua portuguesa, refinados por Artigos revisados por pares nos diversos temas: gestão no futebol, aspectos técnicos e táticos, fisiologia, nutrição e outros temas das ciências biológicas, esporte com fins educacionais, desempenho e treinamento, esporte e mídia, crônicas esportivas, dentre outros. Há também artigos que fogem aos temas supracitados e procuram analisar o futebol como elemento da cultura: violência, torcidas, futebol e estética, futebol e política, identidade, gênero, relações de poder etc. No Scielo, encontramos 471 artigos publicados em português considerando todas as áreas temáticas. Na base Scopus (Acesso privado), são 671 artigos em português considerando todas as áreas temáticas. (Consulta realizada em outubro de 2017).

¹² Para citar algumas importantes exceções: Rigo, Jahnecka e Silva (2010); Myskiw (2012); Oliveira, Souza e Machado (2012); Pimenta (2009).

3. O FUTEBOL AMADOR

Este estudo trata do futebol amador, modelo praticado em bairros urbanos, comunidades rurais, clubes populares, praticado de forma organizada por clubes e federações, mas sem o vínculo profissional de seus participantes, configurando o esporte em sua radicação local, aparentemente subterrânea, pouco visível, se considerarmos a importância material e simbólica da prática profissional. Também chamado futebol de várzea nas regiões sul e sudeste do País, materializa-se em competições que apresentam organização e regras próprias, mesmo que, em muitos aspectos, inspiradas no futebol profissional (DAMO, 2003). Nele encontramos uma série de particularidades, como a procura pela promoção de saúde e a representação comunitária como espaço de sociabilidade, constituindo-se também como prática de reconversão profissional¹³ e espaço para atletas profissionais se manterem ativos e com visibilidade em períodos de desemprego, situação às vezes transitória entre a disputa de dois torneios. Para Souza et al. (2008), o capital formativo adquirido no futebol é de difícil reconversão no caso de uma profissionalização frustrada ou até mesmo no momento da aposentaria do jogador. O futebol amador se configura como um dos possíveis espaços para a reconversão do capital adquirido ao longo de anos de treinamento e competição. Os clubes não profissionais representam um mercado para ex-profissionais e para aqueles que não chegaram a se profissionalizar em clubes, tendo sido dispensados ainda durante a frequência às categorias de base ou ao final delas. Nestes casos, é importante destacar que as trajetórias de ex-profissionais, diferentemente do estrelato internacional, podem significar a volta ao “subúrbio” e à prática do futebol comunitário (GUEDES, 1982). Lembre-se que mais de 80% dos jogadores profissionais brasileiros recebem até dois salários mínimos mensais (RANGEL, 2002), mas que mesmo no amadorismo pode haver algum

¹³ Parece-nos incoerente afirmar que atletas profissionais buscam no futebol amador a manutenção da profissão, já que, em tese, não é remunerado. Mas não é incoerente se considerarmos que há uma espécie de “falso amadorismo”, tomando como referência a prática comum de remunerações por partida ou até mesmo um pagamento no início da temporada para o atleta (ou ex-atleta) jogar por determinado clube. O que ora denominamos “falso amadorismo” sucede o “amadorismo marrom”, prática semelhante que ocorria quando o esporte ainda era de cunho amador, ou seja, não profissional.

tipo de remuneração, frequentemente por jogo ou na forma indireta de benefícios.

Mais de uma década após a divulgação dos dados referentes a 2001 a situação se manteve, tendo em vista que o levantamento¹⁴ realizado em 2015 pela Diretoria de Registro e Transferência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) aponta que 82,4% dos jogadores do futebol brasileiro ganhavam até R\$ 1.000 mensais e que 96,08% não passava de R\$ 5.000. Estes números mostram a disparidade salarial dos 28.203 jogadores registrados no país, pois deste total, são 23.238 os que ganham até R\$ 1.000 mensais.

Os estudos sobre o futebol de caráter não profissional, apesar de ainda não constituir um campo consolidado de investigação, vem crescendo substancialmente nos últimos anos¹⁵, embora ainda em pequena quantidade, se considerarmos que a prática amadora do futebol é massivamente presente em todas as regiões do Brasil. Percebe-se uma multiplicação de trabalhos e de pesquisadores que tomam o futebol na vertente não profissional como objeto de estudo, produzidos, de modo geral, em programas de pós-graduação em diferentes áreas do conhecimento (principalmente Educação Física, Educação, Sociologia e Antropologia). Os trabalhos acadêmicos materializados em teses, dissertações, monografias e artigos representam um esforço no sentido de consolidar a produção do conhecimento e que buscam pensar o futebol para além dos discursos hegemônicos, como por exemplo, os estudos de Santos (2001), Gonçalves (2002), Damo (2003), Gallego Campos (2010; 2015), Rigo, Jahnecka e Silva (2010), Stédile (2011; 2013), Pereira (2012), Pimenta (2013), Cunha et al. (2013), Scifoni (2013), Spaggiari (2015), Pimenta (2009), Oliveira, Souza e Machado (2012) e Myskiw (2012). Dentre as produções citadas, destacam-se as três últimas, que apresentam uma diversidade de características pertinentes e de alguma forma correspondentes. Salienta-se que a aproximação e distanciamento entre os estudos realizados no Recife e nas três capitais da região sul – Curitiba, Porto Alegre e Florianópolis – é relativizado pelas

¹⁴ Diretoria de Registro e Transferência da Confederação Brasileira de Futebol (2016).

¹⁵ A busca do termo Futebol + Amador /Várzea resultou em 30 artigos na base de dados Scopus, a partir do acesso privado. Na base Scielo foram 674 em todas as áreas do conhecimento – 476 Ciências da Saúde, 156 Ciências Humanas, 53 Ciências Sociais Aplicadas e 5 Multidisciplinar. (Consulta realizada em outubro de 2017).

singularidades de cada prática, reconhecendo a visão de heterogeneidade no esporte¹⁶, um olhar para diversidade cultural desse fenômeno (STIGGER, 2005).

Em termos metodológicos, as pesquisas citadas acima são produzidas por meio de etnografias e, embora com estratégias parecidas, há uma diversidade de conceitos e teorias empregadas pelos pesquisadores que utilizam diferentes termos, como *amador*, *várzea* e *comunitário* para definir as manifestações que não possuem caráter profissional, atribuindo certa coesão às práticas. Compreendendo a diversidade de práticas e também a multiplicidade de conceitos, que por ora não cabe debater por não se relacionar diretamente ao objeto e não implicar nas análises, o presente estudo, conforme apontado na introdução, combina os termos “amador” e “não profissional” em diferentes momentos do texto, reflexo da expressão do próprio objeto em investigação. Entendemos que no campo estudado, como se verá no decorrer do texto, a prática é de caráter híbrido, que combina diferentes características, já que em termos institucionais, considerando o grau elevado de organização, o futebol é de caráter *não profissional*, mas do ponto de vista da prática, considerando os contrastes entre os clubes da Primeira Divisão, a natureza é amadora.

No geral, tais pesquisas possuem em comum o fato de construírem seu discurso tangenciando o futebol profissional, porém buscando entender as particularidades de cada prática. Para Campos (2010, p. 147), não é possível separar as lógicas do futebol amador e profissional, entretanto, afirma que não há dicotomia entre as elas, mas uma gama de significações simbólicas que se aproximam mais do espaço de representação do futebol profissional e outras que se situam mais próximas do amador. Segundo o autor, esta “gama de significações promove uma espessura no espaço de representação do futebol, que é um híbrido entre o futebol amador e profissional”.

De certo modo, as pesquisas refletem a própria constituição do objeto, já que as práticas amadoras transitam entre os polos amador e profissional, ou ainda, se constituem a partir da profissional, seja reproduzindo ou negando-a, flutuando entre as duas primeiras matrizes

¹⁶ O futebol de várzea praticado nas diferentes cidades pode diversificar conforme o contexto. O futebol de várzea em Porto Alegre (MYSKIW, 2012) é diferente do praticado no Amazonas (GALLEGO CAMPOS, 2015), da Suburbana disputada em Curitiba (OLIVEIRA; SOUZA; MACHADO, 2012) e do futebol varzeano em São Paulo (SPAGGIARI, 2015).

da diversidade futebolística apontada por Damo (2003, p. 136): “Futebol Profissional” (espetáculo, alto rendimento, performance) e “Futebol Comunitário”, que corresponderia ao Futebol Amador ou de Várzea. As outras duas matrizes representativas da diversidade do futebol, segundo o autor, são o “Futebol de Bricolagem” (pelada, racha) e “Futebol Escolar” (dispositivo pedagógico de uso alargado e transformado em conteúdo da Educação Física Escolar ao longo do século XX). Entre suas formas e dimensões, a vertente espetacularizada é a que ocupa a preferência da cobertura midiática.

O autor ressalta que o objetivo destas matrizes não é a construção de modelos no qual os dados empíricos sejam encaixados, mas representa a tentativa de compreender a complexidade da diversidade, com certas fronteiras, ainda que porosas e frequentemente transgredidas, que vão do espaço físico à cultura (DAMO, 2003, p.147). As matrizes são conexas, mas cada qual com sua especificidade, sendo que a distinção é permitida não propriamente pelo significado atribuído à prática, mas ao espaço, ao tempo e a morfologia social – composição do público, redes específicas de relações e interesses, divisão social do trabalho dentro e fora do espaço-tempo de jogo e conexões diversas para além do futebol, do esporte e das práticas corporais (DAMO, 2003, p.136). Deste modo, há uma estrutura a partir da qual as práticas futebolísticas podem ser reconhecidas universalmente onde quer que se esteja praticando um jogo nomeado com o equivalente ao termo futebol, que possuem em comum uma espécie de “Unidade Futebolística”, caracterizada por

- a) duas equipes (princípio da coletividade); b) perseguindo objetivos idênticos, porém assimétricos (princípio do conflito); c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo-a-corpo); d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo, e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso das mãos, salvo exceções, sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes). (DAMO, 2005a, p.36)

A partir desta unidade detectável em quase todos os futebolis¹⁷ articulam-se diferentes maneiras de praticá-lo. O futebol profissional ou *matriz espetacularizada* é caracterizada pela organização, divisão social

¹⁷ Exceto o futevôlei e futebol de mesa ou de botão e suas variantes (DAMO, 2005a, p. 36).

do trabalho e excelência performática. A organização é de forma monopolista, globalizada e centralizada através da Fédération Internationale de Football Association (FIFA) que exerce o controle da prática intermediada pelas federações nacionais, estaduais e locais. Caracterizam também essa matriz a divisão social do trabalho, dentro e fora do campo de jogo, a distinção entre praticante e quem assiste, além de uma trama de outras especialidades – profissionais, especialistas, torcedores e dirigentes. Por fim, a excelência performática é exigência imposta ao futebol de espetáculo de fora para dentro, mediada por interesses diversos – do público, dirigentes, críticos ou ainda de patrocinadores (DAMO, 2005b, p. 13).

A *matriz bricolada* seria o futebol praticado no estilo “pelada”, não é controlado por nenhuma instituição e abarca diversas possibilidades de adaptação nas regras, uma vez que joga-se com o que se dispõe. Esse modelo é caracterizado pelo improvisado e, de modo geral, é praticado no tempo de lazer dos praticantes. Ainda segundo o autor, a matriz escolar é o futebol praticado nas escolas, integrado ao conteúdo da disciplina de Educação Física, todavia não o jogado em outros momentos, como por exemplo no recreio, que tenderia para o bricolado em razão do pátio ser um espaço menos institucionalizado.

A *matriz comunitária* é vinculada ao tempo de lazer dos praticantes, sendo um modelo intermediário entre o espetacularizado e bricolado. Nele está presente quase todos os componentes do espetáculo, mas em menor escala. Há um sistema de organização estruturado na forma de associações e ligas, a divisão social do trabalho é precária e não exige dos atletas o mesmo capital corporal do profissionalismo. Esta categoria de fronteiras porosas pode também se apresentar de forma organizada e controlada, mesmo que indiretamente pela FIFA, já que são organizadas pelas ligas locais que são vinculadas as federações. Os principais veículos de comunicação ignoram esta prática, podendo também ser espaço de reconversão profissional. Para o autor, esta matriz é rica em diversidade de personagens, formas de organização e de significados – atribuídos quer à prática futebolística, quer à sociabilidade (DAMO, 2005b, p. 15).

Com as transformações de cunho econômico, político e cultural nas cidades, o futebol amador tenderia a ser apropriado pela lógica econômica. A expansão urbana e especulação imobiliária justificariam o possível fim do futebol de várzea. Para Pimenta (2000), a restrição dos espaços de prática de futebol amador motivada pela especulação imobiliária tem reflexo direto da urbanização desarticulada e acelerada, impulsionadas no período dos governos militares. Todavia, para Aduato

(1999), as mudanças geográficas, políticas e culturais dos espaços públicos modificaram o futebol de várzea, mas isso não fez com que ele morresse, a exemplo da cidade de São Paulo, onde numerosas equipes disputam anualmente diversos torneios, um deles patrocinado por uma grande marca de cerveja e que conta com a participação de ex-profissionais outrora presentes em importantes clubes de futebol do Brasil e da Europa¹⁸. Do mesmo modo, Rigo, Jahnecka e Silva (2010) observaram que o futebol de várzea na cidade de Pelotas (Rio Grande do Sul) está longe de acabar, reinventando-se como prática de lazer esportivo das camadas trabalhadoras da cidade. O futebol amador está presente nas cidades modernas e não é uma exclusividade das grandes metrópoles, pois, de modo geral,

as práticas do futebol como lazer continuam a ter uma forte presença, tanto nos grandes centros urbanos como nas médias e pequenas cidades brasileiras, ou ainda nas comunidades pertencentes à zona rural, onde, não raramente, ele é um dos poucos acontecimentos de lazer dos finais de semana (RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010, p. 156).

Na revisão bibliográfica sobre o futebol de várzea/amador realizada por Oliveira (2016), ao analisar os artigos científicos produzidos por Chiqueto (2014), Jesus (2002), Magnani (1996), Myskiw (2015), Myskiw, Neto e Stigger (2015), Myskiw e Stigger (2014a; 2014b), Oliveira (2013), Pimenta (2013), Santos (2006), Schifnagel (1979), Spaggiari (2008) e Stigger (1997), a autora verificou que as questões de identidade, violência, gênero e sociabilidade foram os assuntos mais abordados. Acerca da identidade relacionada ao futebol destaca-se a identidade cultural, já que está presente na constituição dos circuitos de

¹⁸ Após quase 20 anos de patrocínio e promoção, com 17 competições realizadas neste período, a última edição patrocinada pela empresa proprietária da marca de cerveja Kaiser ocorreu em 2014 (com 192 equipes participantes). A Copa Kaiser se destaca não apenas pelos jogadores que já atuaram profissionalmente (como no caso de Ricardo Gomes, atleta que passou pelo Steua Bucareste e que disputou a Copa Kaiser de 2013), mas também os que tiveram passagem na competição amadora e profissionalizaram-se depois (Leandro Damião, Rildo e Ricardo Oliveira são exemplos mais recentes), além do treinador campeão em 2014 que em 2015 integrou a comissão técnica de equipe profissional que disputa a série A-3 de São Paulo (DORO; ABRAMVEZT, 2013; ROCHA, 2014).

lazer e no desenvolvimento de seus integrantes. Segundo a autora, os estudos analisados mostram que nesses circuitos as questões comunitárias se fazem presentes e se equivalem aos temas do universo esportivo, estabelecendo assim uma identidade própria da várzea e que estaria fortemente vinculada a matriz comunitária, denominada por Damo (2005b). Em termos de organização, há uma diversidade de formas, seja interna de times, de campeonatos, de ligas ou ainda dos grupos que se reúnem regularmente para a prática do futebol. Há uma multiplicidade de fatores, dentre elas a divisão de categorias por idade, gênero e principal e segundo time. Há organizações nos moldes do futebol profissional, mas também campeonatos e times mais voltados para o futebol em sua matriz bricolada. A violência se manifesta de diferentes maneiras, como por exemplo nos modos de jogar em campo – mais duros e agressivos –, os xingamentos ao árbitro por parte da torcida e dos jogadores ou ainda em invasões a campo. As questões de gênero surgem principalmente do fato do ambiente varzeano ser marcado pela distinção de gêneros, seja pela discriminação demonstrada pelos homens quanto às atitudes das mulheres, ou ainda pela escassez de oferta da prática na modalidade feminina. Neste sentido, a presença feminina se dá, sobretudo, como expectadoras das competições masculinas e em grande medida motivadas pela sociabilidade. Este último tema está presente na várzea e se manifesta nas redes de sociabilidade que se formam internamente nos grupos ou times, nas relações entre clubes, expectadores e torcidas, marcadas pelo fator motivacional na participação desta atividade. Segundo a autora, a sociabilidade

acarreta o fortalecimento de alianças, de relações de amizade, de parentesco e até mesmo de trabalho. Estes circuitos de lazer levam em consideração os aspectos da sociedade e as práticas cotidianas dos seus frequentadores, mesclando estes com as questões do universo futebolístico para construção desses ‘circuitos de lazer varzeanos’ (OLIVEIRA, 2016, p. 40).

Oliveira, Souza e Machado (2012) pesquisaram a “Suburbana”, tradicional competição amadora institucionalizada (Federada) realizada na cidade de Curitiba (PR) desde 1941, que ocupa um espaço particular, porém fronteiro entre o profissionalismo e o lazer descompromissado. Os autores identificam que a competição apresenta elementos do futebol espetáculo, como por exemplo as brigas, o preparo físico, a torcida,

rituais, porém sempre em menor escala, como se o espetáculo e a Suburbana fossem variações ou transformações do mesmo modelo. Como metáfora, para entender o que é a Suburbana e, por extensão, a prática do futebol amador na cidade, os autores ponderam que se trata de um tipo de fenômeno urbano que sempre ocupa a contracapa dos jornais, o lado “B” (OLIVEIRA; SOUZA; MACHADO, 2012, p. 10). As relações comunitárias e de reciprocidade envolvidas, as pequenas redes sociais e econômicas acionadas na prática deste futebol, o lugar deste na história e na configuração urbana de Curitiba e os diferentes atores sociais que operam no futebol amador (jogadores, treinadores, jornalistas, torcedores) são algumas das dinâmicas internas deste importante espaço de sociabilidade apresentadas pelos autores, que compreendem a prática como excelente porta de entrada para novas experiências da e na cidade.

A tese de Myskiw (2012), pesquisa de fôlego que teve como desiderato artigos publicados em diferentes periódicos, objetivou seguir o futebol na cidade de Porto Alegre e região metropolitana a partir de um circuito de futebol – o municipal da várzea. A competição é organizada em parceria entre Ligas Amadoras da cidade e a Gerência de Futebol da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SME) de Porto Alegre e, segundo o autor, trata-se de um campeonato de grandes proporções que, no período da investigação, agregou entre 264 e 315 equipes masculinas em duas categorias (a livre e a de veteranos) separadas em duas divisões. Em etnografia realizada de 2009 a 2011, o autor apresenta a constituição do circuito como um espaço simbólico singular, problematizando as categorias clássicas das configurações esportivas – organização, times, torcedores e disciplina. Ao longo do texto, recorrendo ao que chama de “controvérsias”, o autor mostra que os significados do futebol neste circuito particular implicam e estão implicados no paradoxo entre o movimento de purificação – enquanto arena fechada – e o movimento de hibridização, no qual as tramas e trajetórias de vida são imprescindíveis. Embora se trate de competição não federada, as controvérsias assinaladas pelo autor proporcionam certo diálogo, principalmente as relacionadas à organização e as divergências na lógica esportiva.

Pimenta (2009) investigou as diferenças entre o futebol amador e as peladas, destacando a dinâmica das regras e a comparação destas na cidade e no sertão. O trabalho de campo etnográfico foi desenvolvido a partir de “grupos de pelada” e de dois campeonatos realizados durante a pesquisa, o “Campeonato Futebol Participativo” em Recife (março a dezembro de 2005) organizado pelo poder público, e a Copa Integração em Sobral (abril a agosto de 2006), que é realizado por iniciativa individual. Tendo como referência teórica Pierre Bourdieu, Norbert Elias

e Harnols Garfinkel, partindo da dinâmica figuracional dos jogos, o estudo analisou de que forma as regras são construídas, negociadas e atualizadas pelos próprios jogadores durante os jogos, concluindo que a elasticidade e incompletude das regras são fundamentais para a dinâmica do jogo.

Os estudos citados demonstram que o futebol amador é uma prática esportiva amplamente difundida em nosso país¹⁹. Do mesmo modo, está presente em Santa Catarina, com um campeonato estadual e Ligas em diferentes municípios. A Grande Florianópolis, formada por 21 municípios, com população estimada em cerca de 1 milhão de habitantes, já teve importantes torneios de futebol amador, como a Copa Arizona, nos anos de 1970, Copa Dreher e Copa Metropolitana, nos anos de 1980. Na cidade de Florianópolis, atualmente o futebol amador se materializa a partir das competições organizadas pela Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF), filiada à Federação Catarinense de Futebol (FCF). Desde 1996 a entidade organiza a competição oficial da categoria adulto, campo de investigação entre os anos de 2013 a 2015 que será apresentado no próximo capítulo, após os apontamentos sobre o início do futebol em Florianópolis.

Nas próximas páginas apresentaremos o desenvolvimento e institucionalização do futebol em Florianópolis²⁰, especialmente na sua vertente amadora. Para compor um retrato do futebol não profissional na capital de Santa Catarina, analisamos documentos e entrevistamos um dos dirigentes da entidade que regulamenta a prática na cidade, a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF). Organizamos o texto de modo que, na primeira parte, são apresentados alguns apontamentos sobre o início do futebol em Florianópolis, desde a primeira partida pública, a fundação e disseminação dos clubes, até a criação e estruturação de entidades organizadoras para a prática. Em seguida, apresentamos um retrato do não

¹⁹ Por exemplo em Porto Alegre/RS (STIGGER, 1997; MYSKIW, 2012; STÉDILE, 2011; 2013), Pelotas/RS (RIGO; JAHNECKA; SILVA, 2010), Curitiba/PR (OLIVEIRA; SOUZA; MACHADO, 2012; OLIVEIRA, 2013), Recife/PE e Sobral/CE (PIMENTA, 2009; 2011; 2013), Juazeiro do Norte/CE (GONÇALVES, 2002), Manaus/AM (CHIQUETO, 2014), Amazonas (GALLEGO CAMPOS, 2010; 2015), São José do Norte/RS (CUNHA et al., 2013), Belo Horizonte/MG (GOMES, 2013), São Paulo (MAGNANI, 1996; SANTOS, 2001; JESUS, 2002; SPAGGIARI, 2008; 2015; PEREIRA, 2012; SCIFONI, 2013).

²⁰ A tese retoma em diferentes trechos dos resultados parciais obtidos no decorrer da pesquisa publicados em Invernizzi, Vaz e Bassani (2017) e apresentados em Invernizzi et al. (2015).

profissional em Florianópolis, descrevendo a estrutura e funcionamento da entidade que regulamenta a prática na cidade. Na sequência descrevemos o percurso metodológico, seguido dos resultados produzidos e organizados em quatro categorias de análise.

3.1. APONTAMENTOS SOBRE O INÍCIO DO FUTEBOL EM FLORIANÓPOLIS

O jogo de futebol teve este ano animação extraordinária. Grandes esforços empenharam os alunos para se aperfeiçoar nesse jogo, que, quando moderado; representa um útil e salutar e também agradável divertimento. Os seus esforços foram premiados e coroados com uma brilhante vitória. Achando-se nesta capital por motivos do concurso da 1ª entrância, diversos moços de São Paulo e Rio de Janeiro desafiaram os alunos do Ginásio para um *match* de futebol. Escusando-se estes, por não estarem bem familiarizados com todas as regras desse belo jogo, o distinto moço [...] teve a gentileza de ensaia-los diferentes vezes. Chegado o dia 14, efetuou-se, na praça General Ozório, às 2 horas da tarde, o *match*. Era a primeira partida desse jogo esportivo que se realizava nesta capital, e o Campo do Manejo [local do atual Instituto Estadual de Educação] estava repleto de espectadores. Apresentaram-se em campo os dois *teams* uniformizados: os alunos de branco, com faixa vermelha à cintura, e os adversários de camisa azul e calção branco. Depois de renhido combate, coube a vitória aos alunos do Ginásio, que venceram com 2 *goals* contra 1 (GINÁSIO SANTA CATARINA, 1910 apud JORGE, 2013, p. 45).

O excerto acima se refere à primeira partida pública de futebol em Florianópolis, realizada em 1910 entre o time do Ginásio Catarinense (atual Colégio Catarinense) e um combinado de jovens cariocas e paulistas que estavam de passagem pela cidade prestando concurso público (DALLABRIDA, 2001). O futebol já estava, no entanto, presente em Florianópolis desde 1906 no próprio Ginásio como atividade esportiva e recreativa de alunos internos e externos, porém restrito aos muros do colégio. Segundo Jorge (2013) há indícios que apontam a mobilização social para organização de um Club de Foot-Ball na Ilha de Santa Catarina já em 1904.

Posterior ao “jogo monumento” (JORGE, 2013, p. 142), em 1911 surge o primeiro clube de futebol em Florianópolis, o Brazilian Foot-Ball Club, já extinto. Nos anos seguintes são fundados o Club Sportivo

Florianópolis, em 1912 - inicialmente chamado de Anita Garibaldi (ALMEIDA, 2010), o Humaitá Foot-ball Club²¹, em 1913 e o Sport Club Palmeiras em 1915, todos igualmente não mais existentes (PAVAN, 2008). Em 1921 é criado o Figueirense Futebol Clube e em 1923 o Avahy Football Club. Ainda não se vislumbrava a profissionalização, porém, estes dois últimos clubes, juntamente com o Paula Ramos Esporte Clube, seriam os únicos clubes de Florianópolis que viriam a se profissionalizar no futebol. Os dois primeiros disputam a Série B e A do Campeonato Brasileiro, o terceiro até 1943 participou apenas de competições amadoras, mas em 1944 profissionalizou-se e nos anos de 1947 e 1948 conquistou o bicampeonato do torneio municipal de Florianópolis. Em 1948, foi vice-campeão estadual e hoje é apenas um clube social (PAVAN, 2008). Naquele momento de desenvolvimento e difusão das práticas esportivas na cidade, a preferência dos esportistas era pelo remo, ficando o futebol em segundo plano, ambos ainda restritos à elite cidadina (VAZ; BOMBASSARO, 2010; ZANCA, 2008).

A prática do futebol, assim como boa parte de outras atividades sociais e culturais na época (VEIGA, 2010) se concentrava na região central da cidade. Na década de 1930, o esporte dissemina-se geograficamente na capital, com a fundação do Bandeirante Recreativo Futebol Clube, no que hoje é o distrito de Ribeirão da Ilha, e o Esporte Clube Corinthians²², no bairro Pantanal, em 1931, ambos ainda ativos. Em 1947 o futebol chega ao norte da Ilha, com a fundação da Associação Recreativa Cultural e Esportiva Avante²³, em Santo Antônio de Lisboa, e

²¹ Localizado igualmente no centro, extinto. Em 04 de outubro 1924, junto com o Figueirense, Anhatomirim, Atalaia, Catarinense e Palestra, fundaram a Associação Catharinense de Sports (ACS), entidade que não saiu do papel (PAVAN, 2008).

²² Clube amador também em atividade, foi campeão da Taça Arizona de Futebol Estadual Amador em 1978 e campeão cidadão da 2ª divisão em 1994 (PAVAN, 2008).

²³ Clube tradicional na cidade, vencedor de diversos títulos no futebol amador, com destaque para o hexacampeonato amador de Florianópolis da 1ª divisão (1989, 1990, 1991, 1997, 1998, 2010), Campeonato Amador de Florianópolis 2ª Divisão (2000), Bicampeonato da Copa Floripa (2009 e 2011), Campeonato regional da grande Florianópolis 2ª divisão (1988) e 1ª divisão (1989), além do Campeonato (invicto) do Norte da Ilha em 1987 e Copa Delfim de Pádua Peixoto Filho – 1990. O Clube não se resume ao futebol, organiza atividades que se caracterizam como importante espaço de sociabilidade na comunidade, como por exemplo, o tradicional baile de carnaval de rua de Santo Antônio de Lisboa, que

em 1958 o Jurerê Esporte Clube²⁴ na praia de mesmo nome. Em 1957 é fundado o Barrense Futebol Clube, na Barra da Lagoa²⁵, porção leste da Ilha de Santa Catarina (onde se localiza a maior parte do município de Florianópolis), alcançando assim todas as regiões da cidade. Outros clubes foram criados no decorrer dos anos citados, como por exemplo, o hoje extinto Ipiranga Futebol Clube, em 1941, no bairro Saco dos Limões, e o Juventus Futebol Clube, em 1961, em Capoeiras, na parte continental da cidade.

Inicialmente apropriado pela elite catarinense como elemento de distinção social, praticado de forma amadora, a partir da década de 1920 em Santa Catarina o futebol se consolida e começa a experimentar alguma expansão democrática que vem a reboque da profissionalização. Conforme vai ganhando espaço na vida social de Florianópolis – com destaque cada vez mais crescente nos periódicos da época – e a com a proliferação de clubes, emerge a necessidade de organização e formalização da prática por meio de alguma entidade que pudesse criar regras e normas, além de legitimar as disputas que ocorriam na cidade. Em 1924 é então criada a Liga Santa Catarina de Desportos Terrestres (LSCDT), entidade com fins de organizar os torneios de atletismo, tiro ao alvo e futebol, com sede no Ginásio Catarinense, embrião da Federação Catarinense de Desportos (FCD), surgida em 1927.

Com a representatividade de uma entidade reguladora, o futebol perdia em parte seu caráter de amadorismo e tornava-se formalizado e mais competitivo. Com sua consolidação e a evolução das demais

conta com a participação de mais de vinte cinco mil pessoas por noite de desfile dos Blocos Carnavalescos e de Maracatu convidados. Estabelecido naquela comunidade, atende também moradores dos Bairros Cacupé, Sambaqui e Barra do Sambaqui, cujo montante é superior a 15 mil habitantes. Suas instalações são frequentemente utilizadas em disputas de jogos organizados pela Liga, sendo inclusive cedidas para disputas em que tomam parte agremiações das comunidades próximas. A relação entre clube, bairro e futebol será discutida posteriormente.

²⁴ O clube pertencia a AMOJU (Associação dos Moradores do Jurerê) e foi extinto em 1999, quando se desligou da associação e originou o Jurerê Futebol Clube, ainda em atividade.

²⁵ Os bairros que compõem a cidade são usualmente enquadrados em 5 regiões: sul, centro, leste, norte, continente. Apesar de pertencer à região norte, Santo Antônio de Lisboa está localizada no limite entre ela e a central, uma espécie de *entrelugar* que não pertence a nenhum deles em específico, podendo se caracterizado como um novo lugar.

modalidades regidas pela FCD, emergem paulatinamente entidades regulamentadoras específicas para cada uma, e em 1951 a FCD é substituída pela atual Federação Catarinense de Futebol (FCF).

Este movimento de institucionalização do futebol em Florianópolis demarca a passagem da prática amadora para a profissional. Apesar do desenvolvimento do profissionalismo, o amadorismo permaneceu em muitos clubes de Florianópolis.

Novos clubes eram fundados na capital, principalmente rivalizando com os que já estavam em atividade nos bairros. Em 1955, por exemplo, constituem-se a Sociedade Esportiva e Recreativa Campinas²⁶, no sul da Ilha, e o Canto do Rio Futebol Clube, no Ribeirão da Ilha, além da Sociedade Esportiva Palmeiras, em 1962, e a Associação Cruz de Malta, em 1964, ambos à leste. Mesmo com o crescimento do número de clubes, naquele período ainda não havia competições organizadas e regulamentadas, mas apenas partidas amistosas. Nas décadas de 1970 e 1980 o futebol alcança o extremo norte da Ilha, com as fundações da Sociedade Esporte Clube Florianópolis, Grêmio Esportivo Cachoeira, Náutico Futebol Clube e Vila Futebol Clube. Por apelo dos clubes distribuídos pela capital, a FCF passa a organizar o campeonato municipal de Florianópolis, com a participação de clubes de todas as regiões da cidade, bem como de municípios vizinhos (LEMOS, 2011).

Simultaneamente foi criada a Comissão Organizadora do Futebol Amador do Norte da Ilha (COFANI)²⁷, que empreende, em 1984, o primeiro campeonato amador daquela região. Com esta competição em vigor e o interesse cada vez menor da FCF em organizar certames amadores, surge no cenário a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF). A primeira iniciativa da LIFF para fortalecimento do futebol amador em Florianópolis foi a realização de um curso de arbitragem. Em 1997 foi organizado, nos novos tempos, o primeiro campeonato municipal da cidade de Florianópolis, desta vez apenas com clubes locais.

A partir desse momento os torneios organizados pela LIFF e CESANI ocorrem concomitantemente, cada qual com calendário próprio,

²⁶ Os clubes amadores doravante mencionados continuam em atividade.

²⁷ Atualmente denominada Comissão do Esporte Amador do Norte da Ilha (CESANI), que segue realizando campeonatos na cidade, com organização própria e não filiada à FCF. Maycon Cassimiro Oliveira (2016) resgatou a história do futebol amador no Norte da Ilha apresentando as 23 finais realizadas a partir de dezenas de documentos, fotos, além de entrevistas com atletas e técnicos que participaram da trajetória do Campeonato do Norte da Ilha entre os anos de 1984 e 2007.

tendo sido o Campeonato Amador do Norte da Ilha inicialmente o que detinha maior prestígio entre os clubes e a imprensa local. A denominação de Campeonato Municipal e a filiação junto à FCF conferiram maior prestígio à LIFF, que paulatinamente ampliou o número de clubes filiados. Este movimento, que se intensificou nos anos seguintes, requereu a criação de campeonatos em diferentes categorias e divisões e uma organização mais complexa da LIFF, que será mais bem explicada na sequência do texto.

3.2. RETRATO DO FUTEBOL NÃO PROFISSIONAL EM FLORIANÓPOLIS

A LIFF foi criada em 1996 quando a Federação Catarinense de Futebol (FCF) teve sua sede transferida para Balneário Camboriú, cidade litorânea a cerca de 90 km ao norte de Florianópolis. A LIFF entende-se como uma entidade sem fins lucrativos ou vinculação política, e organiza em Florianópolis, desde 1997, campeonatos oficiais de futebol na categoria *não profissional*. É filiada à Federação Catarinense de Futebol²⁸, reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e declarada de Utilidade Pública²⁹. Possui um estatuto social e um regulamento geral de competições, ambos correspondentes às normas da FCF. Em 2010 a Liga reeditou o Regulamento Geral das competições para adequar-se às disposições do Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Seu organograma é composto por presidente, vice-presidente e conselheiros fiscais efetivos e suplentes³⁰. Possui um departamento responsável pelo gerenciamento técnico-administrativo das competições, além de departamentos de arbitragem³¹, jurídico, financeiro, registro e ainda uma comissão disciplinar³².

A sede da LIFF está localizada nas dependências de um centro comunitário no bairro Saco dos Limões (entre as regiões central e sul da Ilha), ocupando uma sala que funciona como secretaria, com expediente

²⁸ No estado de Santa Catarina, são 37 Ligas filiadas a FCF (2017).

²⁹ A declaração de utilidade pública garante o reconhecimento como instituição sem fins lucrativos e prestadora de serviços de interesse da sociedade. Isso não assegura quaisquer direitos ou vantagens na relação com a municipalidade, exceto nas celebrações de convênios. Um benefício diz respeito às doações recebidas, já que elas podem ser debitadas do imposto de renda do doador, ampliando as fontes de arrecadação de recursos para execução de projetos. Um dos requisitos para a titulação é que haja uma cláusula no estatuto que estabeleça o não recebimento de remuneração por parte dos dirigentes, diretores e associados.

³⁰ A eleição ocorre a cada dois anos.

³¹ Para integrar o quadro de árbitros é necessário estar registrado à LIFF e, entre outros, ter concluído o curso reconhecido pela Federação Catarinense de Futebol. A arbitragem possui uma organização independente, definida pela Associação de Árbitros da Liga Florianopolitana de Futebol (AALIFF).

³² A comissão disciplinar é o órgão de primeira instância do Tribunal de Justiça Desportiva do Futebol Catarinense, responsável por julgar as questões de descumprimento de normas, inclusive disciplinares, relativas às competições desportivas.

diário exercido por uma funcionária. Utiliza ainda uma sala para reuniões e um depósito com arquivos e materiais esportivos. Além do endereço físico, a LIFF mantém uma página em rede social e um *website*³³, os quais dão visibilidade às atividades, estrutura a organização da entidade, orienta os clubes e divulga documentos e resoluções tomadas pela diretoria e departamentos.

O material publicado demonstra a complexidade que envolve a organização do futebol não profissional, com documentos de caráter administrativo (tabela de taxas de emolumentos, ficha de manutenção cadastral de clubes, modelos de fichas de inscrição, transferência e reversão de categoria, orientações para filiação de árbitros, editais de convocação, relatórios e resoluções) e orientadores (Regulamento Geral de Competições, Livro de Regras Oficiais 2012/2013 da CBF e o livro Estádios de futebol: Exigências e recomendações técnicas – FIFA). O departamento técnico publica o calendário de atividades, regulamentos específicos das competições, e a Comissão disciplinar noticia as atas, pautas e sessões de julgamentos. Há ainda documentos diversos, como o histórico da LIFF e a lista anual de campeões e vices desde 1997.

O Regulamento Geral das Competições da Liga Florianopolitana de Futebol é o documento que rege todas as competições oficiais promovidas pela entidade. A redação versa sobre as disposições gerais e administrativas e também sobre a organização das competições, como inscrição e participação das equipes, tabelas dos jogos, alteração nas datas das partidas, premiação, segurança durante os torneios, registros e faixa-etária dos atletas referentes a cada categoria, uniformes, arbitragem, transmissão dos jogos pela mídia, disposições financeiras, infrações e penalidades.

Em 2014 estavam filiados à LIFF 50 clubes, dos quais 45 estavam em atividade e 5 em licença, portanto ausentes dos campeonatos da temporada³⁴. O número de clubes filiados em atividade oscila de ano a ano, provavelmente pelos custos de manter a filiação ou manutenção das

³³ LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL. Florianópolis: Liga Florianopolitana de Futebol. Disponível em: <http://www.liff.com.br/>. Acesso em: 25 mar. 2018.

³⁴ De acordo com a LIFF, em fevereiro de 2014 havia ainda 26 clubes filiados inativos. Em 2013, 37 estavam em atividade, mesmo número de participantes das competições disputadas em 2015. Em outubro de 2017, conforme planilha de controle de pagamento das mensalidades disponibilizada pela LIFF, 25 estavam em atividade, 2 licenciados e 7 clubes não prestaram esclarecimentos sobre a participação nas competições e possuíam dívidas com a instituição.

demaís atividades dos clubes. Um exemplo é a Associação Vila Futebol Clube, integrante da Primeira Divisão, que solicitou licença³⁵ justificada pelo presidente do clube como um “misto de falta de planejamento e cansaço pelos cinco anos à frente do clube. Investimos muito no futebol e quase nada no patrimônio [do clube]” (BLOG AMADOR FC, 2013). Para ser filiado, o clube precisa cumprir uma série de requisitos, entre eles, ter sede em Florianópolis, no mínimo 3 anos de registro no Cartório de Títulos e Documentos, possuir estatuto social registrado em cartório e manter as taxas de funcionamento em dia (filiação, manutenção cadastral anual à FCF e mensalidade à LIFF).

Cada município pode ter apenas uma Liga filiada à Federação Catarinense de Futebol. Esta condição significa primazia e reconhecimento na organização de competições. Por ser filiada à FCF, todos os atletas vinculados aos clubes da LIFF são registrados na FCF e CBF. Os atletas que são registrados em algum clube também recebem o registro junto à CBF, recebendo um número geral, sendo que a reversão de categoria, entre a profissional e não profissional, entre clubes, ligas ou Estados deve ser feita mediante solicitação à LIFF, que se responsabiliza pelos trâmites junto à FCF.

Em 2014 foram organizadas 7 competições, nas categorias Adulto (1ª, 2ª e 3ª divisões), Copa Floripa, Juvenil, Juniores e Infantil, cada uma com regulamento específico. De acordo com o relatório do Departamento Técnico, no ano de 2014 foram realizados 435 jogos entre os 85 times inscritos, com participação de 2320 inscritos³⁶ nas 7 competições realizadas, envolvendo 26 árbitros/assistentes filiados.

Dentre as 7 categorias organizadas pela LIFF, cada clube pode inscrever uma equipe, exceto Adulto, na qual é preciso estar em apenas uma das divisões (1ª, 2ª ou 3ª). Desta forma, as 85 equipes representam um total de 36 Clubes, já que alguns deles participam de mais de uma categoria, como por exemplo, o Bandeirante Recreativo Futebol Clube, que inscreveu equipes nas 5 categorias permitidas.

A LIFF se mantém com recursos oriundos das taxas de emolumento pagas pelos clubes (alvará de funcionamento, filiação, certidão negativa, mensalidade, fornecimento do escudo da LIFF, recursos junto à comissão disciplinar e outras ações) e árbitros

³⁵ Em 2017 o clube cessou a licença e retornou às competições promovidas pela LIFF.

³⁶ O número se refere ao total de inscrições e não de atletas, já que o mesmo atleta pode ter disputado mais de uma competição.

(mensalidade), além de financiamentos obtidos junto a órgãos públicos, como o convênio firmado com a Prefeitura Municipal de Florianópolis, além do recebimento de um percentual (1%) da renda líquida³⁷ da bilheteria de cada partida de Avaí e Figueirense, os dois clubes profissionais da capital. De acordo com o dirigente da Liga entrevistado, todos os recursos são revertidos para o fortalecimento do futebol não profissional da capital, como na distribuição de materiais para os clubes, tais como: redes para traves, bolas, uniformes, maleta de primeiros socorros, maca. Quando dispõe de recursos, a LIFF isenta os clubes mandantes dos jogos do pagamento das taxas de arbitragem, cerca de 90% dos gastos de organização de uma partida. As demais despesas são com escritório de contabilidade, remuneração de uma funcionária (secretária) e pagamento por processo para os auditores da comissão disciplinar. Não há gastos com manutenção de estrutura física, já que sua sede ocupa, como dito acima, uma sala localizada em um centro comunitário. Desta forma, em 2014³⁸ as despesas de um clube para participar dos campeonatos se resumiam à filiação e manutenção das taxas em dia (anual de cadastro e mensalidades). Sob esse aspecto, todos os filiados possuem condições básicas iguais para participar das competições, sendo que os demais gastos dependem dos investimentos e recursos que o clube pode e deseja oferecer aos atletas, como materiais esportivos (chuteiras, tênis, caneleiras etc.), toalhas de banho nos vestiários, transporte, uniformes novos a cada jogo ou confraternizações. Neste sentido, as condições de participação podem variar muito de um clube para outro, ainda mais se considerarmos que nem todos possuem sedes próprias, mas utilizam campos de outros quando mandantes, na maioria das vezes com pagamento ao clube proprietário.

Um levantamento das áreas físicas e equipamentos dos clubes filiados à LIFF realizado por Lemos (2011) aponta que 21 deles possuem campo próprio, sendo que desses apenas 14 detêm também sede social,

³⁷ De acordo com os Relatórios Anuais, em 2013 a receita proveniente das partidas profissionais foi de R\$ 23,384,00; R\$ 27,708,00 em 2014 e em 2015 R\$ 45.699,00. A subvenção da Prefeitura foi de R\$ 219.000,00 em 2013 e 2014, além de R\$186.000,00 no ano seguinte. (LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL, 2013; 2014; 2015).

³⁸ Em 2017 a subvenção da PMF foi reduzida e com isto os clubes passaram a ser coparticipantes no pagamento de arbitragem. As mensalidades foram ajustadas para R\$ 100,00 de janeiro a março e R\$ 200,00 de abril a dezembro. Taxas para novos registros e transferências passaram a ser cobradas, assim como a apresentação de atestados médicos – o que gera despesa para os clubes.

espaço de relação entre clube e comunidade. Os espaços sociais do clube são ocupados de diferentes formas: para realização de eventos festivos promovidos pela própria entidade, para gerar receita de manutenção, na locação para cerimônias de terceiros, como casamentos, aniversários e formaturas, bem como salão de festas cedido gratuitamente para os eventos da comunidade. Os 21 clubes³⁹ pesquisados possuem campo de jogo de tamanho oficial cercados⁴⁰, vestiários para mandante e visitante, além de para a equipe de arbitragem, conformando a estrutura mínima exigida pela LIFF para as competições. Os clubes que não têm sede esportiva própria, quando mandantes de partidas, utilizam os cedidos ou alocados junto àqueles que o possuem ou, ainda, fazem uso de campos comunitários em bairros próximos, geralmente vinculados à associação de moradores daquelas comunidades.

Em relação ao desenvolvimento dos campeonatos, estes seguem a dinâmica e legislação do futebol profissional, como regras oficiais, trio de arbitragem, delegado (representante da LIFF), policiamento etc. Sob este aspecto, malgrado as muitas existentes, não há diferenças significativas entre o segmento não profissional e o profissional. A principal diferenciação se dá, sobretudo, na ausência de remuneração aos jogadores e comissão técnica – e, portanto, na não aplicação da legislação trabalhista –, e na discrepância de nível técnico dos futebolistas, mesmo com os clubes agregando cada vez mais atletas que já foram profissionais. Segundo o diretor da LIFF entrevistado, haveria ainda a diferença nas punições, já que, por se tratar de clubes não profissionais, as penalidades da justiça desportiva equivalem à metade daquelas aplicadas aos clubes e atletas profissionais. É nestes termos de proximidade – mas também de distanciamento – com a prática profissional, tanto nos aspectos técnicos quanto organizacionais, que o diretor da LIFF afirma enfaticamente, em entrevista, que a entidade se ocupa do “futebol não profissional” e não do “amador” na cidade de Florianópolis.

Conforme apontado anteriormente, os adjetivos “amador” e “não profissional” serão empregados levando em conta a forma como o

³⁹ Segundo Lemos (2011), dentre os 21 pesquisados, alguns clubes dispõem de outras instalações e equipamentos para seus frequentadores, como bar (21), parque infantil (7), espaço específico para imprensa (4), arquibancada para cerca de mil torcedores (2), sauna e campo de futebol de areia (3), academia (2), campo de futebol sintético (1), hidromassagem (1), pista de skate (1), quadra de futsal (1), sala de informática (1), salas para diversos cursos (2).

⁴⁰ O campo delimitado por cerca visa impedir o acesso da torcida ao gramado.

discurso nativo se refere à essa prática do futebol, ou seja, conforme os diferentes usos a eles atribuídos⁴¹. Essa opção busca captar as diferentes representações e ambiguidades que os sujeitos atribuem ao futebol, por vezes querendo expressar a diferenciação em relação a formas diferentes, as vezes se referindo ao caráter mais estruturados dos campeonatos promovidos pela LIFF – e por isso a expressão “não profissional” –, noutras ocasiões empregando indistintamente o termo “amador” para se referir tanto ao tipo de futebol que se pratica quanto ao praticante.

A opção pelo emprego da categoria nativa diz respeito à sua importância e significado para dirigentes e praticantes dessa modalidade de futebol em Florianópolis. O emprego do termo “não profissional” ao invés de “amador” tem a ver com a proximidade – real e simbólica –, especialmente em termos de regulamentos e gestão, à vertente profissional do futebol. Além disso, conforme se pode observar a partir da entrevista com o dirigente da LIFF, a expressão “não profissional” parece conferir mais seriedade e legitimidade aos eventos da entidade, distanciando-os de outros torneios e eventos de futebol, bastante comuns em muitas cidades brasileiras, inclusive em Florianópolis

Diferentes veículos de comunicação de massa se encarregam de disseminar as informações sobre o futebol não profissional de Florianópolis. São colunas de jornais populares, *blogs* e *websites* que acompanham as competições, além de emissoras de rádio que esporadicamente transmitem partidas ao vivo ou apresentam as informações da rodada. Dentre tantos, no meio eletrônico há o veículo “*Bate Bola*”⁴², que faz a cobertura do futebol amador/não profissional de 5 Ligas da Grande Florianópolis (Liga Florianopolitana, Liga de Palhoça, Liga de Santo Amaro, Liga de São José e Liga de Biguaçu), o “Amador

⁴¹ Cabe salientar que o debate sobre as categorias amador/não profissional se insere em uma lógica dicotômica tradicional no campo das práticas esportivas que é marcado pelo “monopólio de imposição da definição legítima da prática esportiva e da função legítima da atividade esportiva, amadorismo contra profissionalismo, esporte-prática contra esporte-espetáculo, esporte distintivo - de elite - e esporte popular - de massa” (BOURDIEU, 1983, p.142).

⁴² Lançado em 2002, o jornalista Sandro Machado é o responsável e publica em diferentes canais: *website* (<http://batebolasc.com.br/>). Além das matérias escritas disponibiliza um canal de rádio; *Canal no Youtube* (https://www.youtube.com/channel/UC_uuZ0IefPIP_vLdHZ2fg4g/featured); *Facebook* (<https://www.facebook.com/sandrobateola/>); e *Twitter* (<https://twitter.com/sandrobateola>). Acessados em 25 marc. 2018.

Futebol Clube”⁴³, ND (Notícias do Dia), “*Daqui na rede*”⁴⁴ e os *blogs* “*Tvplacar*”⁴⁵, “*Desprovidos de Fama*”⁴⁶ e “*O Cancheiro*”⁴⁷.

Na mídia impressa, há colunas no jornal “Hora de Santa Catarina” (Grupo NSC)⁴⁸ e “Notícias do Dia” (Grupo RIC)⁴⁹. No rádio, a cobertura do amador/não profissional da Grande Florianópolis é realizada pelas rádios Guarujá, Record e CBN Diário. O Grupo RIC SC, além de acompanhar o futebol não profissional nos veículos da rede, também apoiou a Copa Interligas, competição realizada anualmente desde 2001 entre clubes das diferentes ligas das cidades que integram a região da Grande Florianópolis, que passou a se chamar Copa RIC Interligas entre os anos de 2011 a 2016, período no qual o apoio foi firmado. A linguagem utilizada pelos veículos se assemelha à empregada na cobertura jornalística e de entretenimento do futebol profissional, com matérias que tratam de transferências de jogadores, contratações, histórico da carreira de atletas etc. Também neste quesito, portanto, apresenta-se o modelo do futebol profissional, de espetáculo.

⁴³ O Blog era administrado por Michael Gonçalves e, após a mudança do jornalista para outra emissora, foi descontinuado em 3 de junho de 2016. O acervo está disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube>>.

⁴⁴ Administrado pelo jornalista e historiador Celso Martins, foi descontinuado por tempo indeterminado em 2017. Publicava uma versão impressa e realizava a cobertura de três clubes do distrito de Santo Antônio de Lisboa participantes das competições promovidas pela LIFF. Disponível em: <http://daquinarede.com.br/>. Acessado em 17 out. 2017.

⁴⁵ Disponível em: <<https://tvplacarweb.blogspot.com.br/>>. Acesso em 25 mar. 2018.

⁴⁶ Criado em agosto de 2014 por Mateus Pereira, disponível em: <<https://desprovidosdefama.wordpress.com/>>. Possui conta nas redes sociais *Facebook* (<<https://www.facebook.com/desprovidosdefama/>>) e *Instagram* (<https://www.instagram.com/desprovidos/>>).

⁴⁷ Criado em junho de 2015, é gerenciado por Lucas Gabriel dos Santos Cardoso, com foco nos times profissionais que disputam as divisões inferiores do sul do país, porém o amador também ganha espaço. Disponível no *blog* (<<https://ocancheiro.com/>>), *Facebook* (<https://www.facebook.com/ocancheiro/>>) e no *Instagram* (<<https://www.instagram.com/ocancheiro/>>).

⁴⁸ Descontinuada, a coluna era publicada pelo mesmo jornalista do Blog Amador Futebol Clube. O jornal segue publicando no caderno de esportes as notícias sobre o futebol amador que vai galgando espaço à medida que a competição avança para as fases finais.

⁴⁹ As matérias também são publicadas na versão *online*. Em janeiro de 2017 o jornalista Fábio Machado passou a assinar a coluna.

4. NOTAS SOBRE O TRABALHO DE CAMPO

Para responder ao objetivo central do estudo⁵⁰, a investigação foi realizada a partir de diferentes instrumentos e estratégias de inspiração etnográfica, considerando os anos de 2013 a 2015, envolvendo: a) observações participantes (registradas em diário de campo por via escrita e imagética⁵¹); b) análise documental de arquivos e documentos da Liga Florianopolitana de Futebol e de publicações da mídia que fazia a cobertura das competições observadas ; c) questionários⁵² e entrevistas semiestruturadas (apêndice A e B) com os personagens que compõem o cenário dos clubes (árbitro, atletas, comissão técnica e dirigentes). Além disto, participamos de cinco reuniões⁵³ oficiais da LIFF (ocasião em que os clubes eram convocados para discutir e aprovar relatórios técnicos e/ou prestação de contas); entrevistas⁵⁴ e conversas informais com membros da gestão da LIFF (presidente, secretária, tesoureiro e delegado), além de duas visitas à sede da instituição para a análise de documentos impressos relativos aos dados de transferências e reversão de categoria.

O desdobramento metodológico de cada instrumento será descrito abaixo. O recorte temporal da pesquisa contemplou as competições na categoria não profissional adulto promovidas pela LIFF nos anos de 2013 a 2015, sendo que 2014 ocupa a centralidade, já que neste período foram realizados os questionários e entrevistas, além de ser a base para análise dos dados de trânsitos dos atletas entre os clubes.

O processo de aproximação ao objeto de investigação se deu em 2013, com a elaboração do retrato do futebol não profissional em

⁵⁰ O estudo foi submetido à apreciação e aprovado pelo Comitê de Ética em pesquisa com Seres Humanos - CEPESH da UFSC, parecer número 799.633 (Anexo A). De acordo com os critérios éticos, os nomes dos sujeitos foram substituídos pela função exercida e os nomes dos clubes foram empregados apenas nos casos em que não representam possíveis constrangimentos.

⁵¹ As imagens reproduzidas no texto são de caráter ilustrativo. Devido à qualidade e ângulo de visão em comparação com aquelas registradas durante as observações, as fotos foram selecionadas de publicações disponíveis online – exceto a primeira.

⁵² O instrumento questionário foi adaptado da pesquisa realizada por Bartholo et al. (2011).

⁵³ As reuniões ocorreram nos dias 22/05/2014; 10/06/2014; 07/12/2015; 08/12/2015 e 28/03/2016.

⁵⁴ Entrevistas realizadas em 03/05/2013 e 28/03/2016.

Florianópolis⁵⁵. Além de entrevista com um dirigente da LIFF e análise documental, deu-se início ao trabalho etnográfico, que consistiu na observação participante de 52 partidas de futebol dos quatro campeonatos adultos das três divisões organizados pela LIFF (1ª, 2ª, 3ª divisões e Copa Floripa)⁵⁶ em 16 campos de futebol, contemplando todas as regiões da ilha⁵⁷.

No Campeonato Municipal da Primeira Divisão de 2014, recorte da pesquisa em relação aos participantes (jogadores, dirigentes, árbitros, treinadores etc.) para responder o questionário e conceder entrevistas, participaram doze agremiações divididas em dois grupos, de acordo com a localização geográfica, ou seja, um da região norte da ilha e outro da região sul. Na primeira fase a disputa ocorreu em turno e retorno entre as equipes mais próximas de cada região e, na segunda fase do campeonato, enfrentaram-se os clubes localizados em bairros mais distantes⁵⁸.

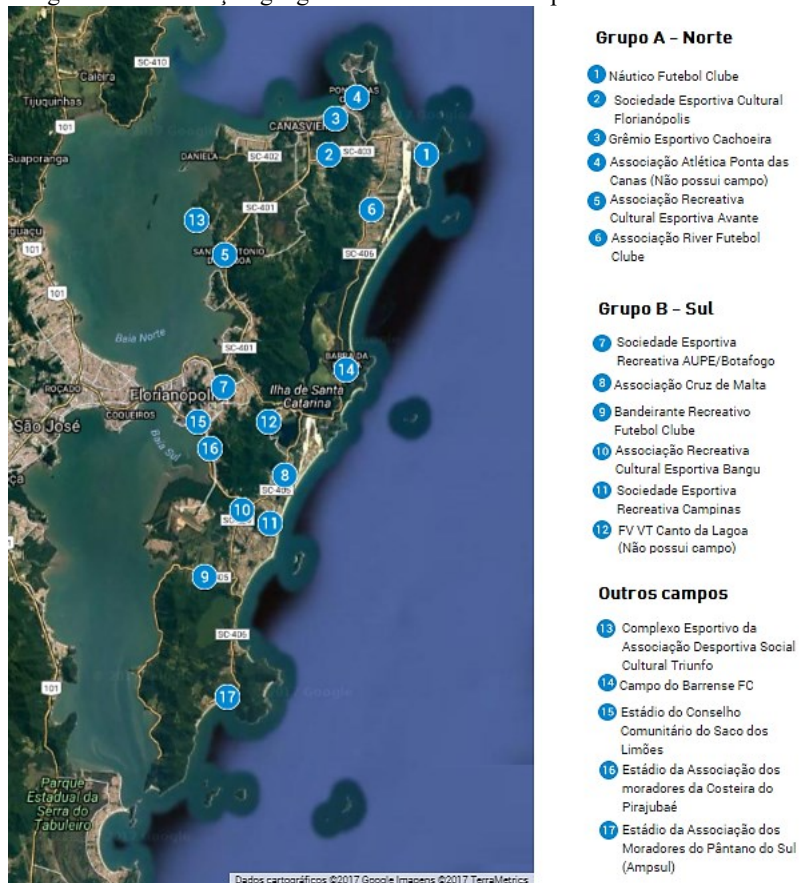
⁵⁵ Invernizzi, Vaz e Bassani (2017).

⁵⁶ O Apêndice C apresenta a lista completa com as informações dos jogos observados. Das 52 partidas, 22 ocorreram em 2013, 25 em 2014, além de 6 em 2015. Houveram inúmeras partidas que não foram registradas e consideradas como fonte de dados. Além da motivação pessoal, estes jogos eram considerados momentos de estar no campo, porém de forma menos ordenada, instrumentalizada. Nestes jogos, permitia-se ser torcedora, fruir do momento do jogo como as demais pessoas que estavam no campo.

⁵⁷ Nos bairros da região continental nenhum clube disputa a categoria adulto. Pelo menos um jogo foi observado em cada campo, todavia, por conveniência, os situados na região norte foram privilegiados, mas sem interferir na produção e análise de dados, já que os clubes circulam na cidade.

⁵⁸ Até 2013 o campeonato era disputado em turno único com partidas entre todas as equipes, porém, em 2014, a fórmula foi alterada por decisão dos clubes. A motivação seria diminuir os gastos e tempo com deslocamentos dentro da cidade. Em 2016 a competição retornou ao formato anterior.

Imagem 1 - Localização geográfica dos clubes e Campos



Legenda: Números de 1 a 6 - clubes do Grupo Norte e de 7 a 12 do Grupo Sul. A Associação Atlética Ponta das Canas não possui campo e quando era mandante disputou as partidas no campo do Grêmio Esportivo Cachoeira e da ARCE Avante. Da mesma forma, o FV VT Canto da Lagoa mandou seus jogos no campo do Bandeirante Recreativo Futebol Clube. Demais números indicam os campos dos clubes que não disputavam a Primeira Divisão em 2014 mas que foram contemplados na observação dos jogos disputados nas outras divisões e Copa Floripa.

Fonte: Google Maps (2017).

A proposta de acompanhamento das partidas consistiu na observação sistemática dos acontecimentos antes, durante e após os jogos, procurando regularidades e dissonâncias do próprio campo e em relação

à prática profissional do futebol. A observação teve inspiração nas *três artes do etnógrafo* descritas por Yves Winkin (1998): a *arte de ser, estar* no campo de forma neutra e sem interferência, mas procurando saber os motivos para determinadas expressões, a *arte de ver* não apenas o que acontece no jogo, mas também tudo o que ocorre em seu entorno e, por fim e mais complexo, a *arte da escrita*, ou seja, converter em palavras a experiência de ver e estar.

Desta forma, a observação dos jogos seguia uma rotina básica de observação que considerava: acontecimentos ANTES dos jogos (como os atletas chegavam, a movimentação do público na sede, quesitos técnicos, como aquecimentos/alongamentos, prováveis rituais de entrada); DURANTE dos jogos (situações ocorridas em campo – observação técnica e tática – na medida do possível considerando o falado e o observado, e fora dele – o comportamento do público, como por exemplo as maneiras de ver o jogo e estar na sede) e APÓS os jogos (rituais de retirada, se era possível identificar possíveis confraternizações - nas sedes ou fora delas).

Deste período de observação foram selecionados 4 casos concretos para ilustrar aspectos do futebol não profissional em Florianópolis. Assim sendo, para mais bem retratar o campo, selecionamos jogos que, desde nosso ponto de vista, condensassem os dados que foram produzidos no decorrer da pesquisa. A partir desses jogos emblemáticos e típicos, construímos uma narrativa em que as demais questões presentes no cenário do futebol amador fossem contempladas, mobilizando dados produzidos no decorrer de toda a pesquisa, sejam do diário de campo, das publicações na mídia (online e impressa), súmulas e ainda redes sociais dos clubes que disputavam a respectiva partida. Para a produção na narrativa, dispusemos dos dados da partida em questão e também todos os dados referentes a ela. Tais casos concretos serão relatados na sequência do estudo e têm como fio condutor as seguintes questões:

a) Futebol no plural: entre a pelada e o profissional

A narrativa foi construída a partir de um jogo de final de primeira divisão, considerada o suprassumo das competições na qual estão presentes todos os elementos que compõem o futebol não profissional (Diário de Campo, Jogo 49, 03/10/2015).

Ementa: Estabelecimento de relações entre o futebol profissional e não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo. Aprofundamento das dissonâncias e similitudes, tanto nas questões de dentro do campo quanto fora dele. Descrever e interpretar como se relacionam o imaginário e a

materialidade do futebol espetáculo (televisão, expectativas criadas por clubes profissionais etc.) com as práticas amadoras, em especial no que se refere às formas de jogo esteticamente construídas.

b) A relação clube e comunidade: o alento do resgate, repatriação e reconfiguração

Exposição de um jogo no qual que não há elementos e eventos que tornem o contexto atrativo, pois não é decisivo na competição e também não se configura como um “clássico”, pois não há rivalidade entre os clubes, mostrando ainda as diferentes maneiras do público ver o jogo e estar na sede (Diário de Campo, Jogo 50, 24/10/2015).

Ementa: Compreender, em clubes amadores integrantes da Primeira Divisão da capital, como se estruturam as relações com a comunidade em que se radica. Exposição das relações de poder que se firmam no futebol não profissional. Compreender como se configuram os clubes na rede do futebol local, compondo uma cadeia de interdependências. Futebol não profissional produzido e consumido por eles.

c) “Eles são do bairro, porém não são daqui”: todos iguais, mas uns mais iguais que os outros

Narrativa de um clássico que apresenta casos globais que se reproduzem no contexto local, como injúria racial e comportamento das torcidas (Diário de Campo, Jogo 42, 10/08/2014).

Ementa: Estudo das dicotomias no enfrentamento de características de antiguidade e tradicional e a rivalidade norte x sul da Ilha. Compreender as relações que se estabelecem entre os sujeitos que aparentemente são iguais, mas simbolicamente diferentes quando comparados os “nativos” da comunidade e os “forasteiros”, “daqui” e “de fora”.

d) Trânsitos, projetos e sentidos

Exposição de uma partida na qual o trânsito dos atletas entre os clubes e concorrência com outra modalidade influencia na dinâmica do jogo e da competição. A partir de uma partida com número reduzido de atletas trata dos projetos pessoais e sentidos para a prática (Diário de Campo, Jogo 19, 05/10/2013).

Ementa: Trânsitos e permanências nos clubes dos sujeitos que compõem o campo. Estabelecimento de relações entre a circulação dos atletas/dirigentes e as motivações para a continuidade e transferências. Circulação dos clubes e atletas na cidade. Identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional. Descrever como esses personagens conciliam o tempo dedicado ao

futebol com o das demais atividades, como o trabalho, a universidade, a família, o tempo livre etc. As percepções, sobretudo de jovens adultos, sobre as expectativas de profissionalização e inserção no mercado do futebol.

De volta à descrição dos instrumentos da pesquisa, a análise documental compreendeu os principais documentos da entidade, de caráter administrativo e orientadores, como o Regulamento Geral de Competições; Relatórios do Departamento Técnico⁵⁹; Regulamentos Específicos; Ofícios, circulares, atas, pautas e sessões de julgamentos; calendário de atividades; Fichas de manutenção cadastral dos clubes; Modelos de fichas de inscrição e transferência e reversão de categoria; Atas das reuniões da Liga; Relatórios da comissão de arbitragem e departamento de registro, além de documentos diversos como o histórico da LIFF, a lista anual de campeões e vices desde 1997, a tabela de taxas de emolumentos, e ainda as súmulas eletrônicas das partidas.

Analisamos as 495 súmulas publicadas pela LIFF nos anos de 2013 a 2015, considerando as competições na categoria adulto, que serviram como suporte para a produção de dados a partir do diário de campo. Quando disponibilizada online, a súmula era consultada e caso houvesse alguma questão relevante (sobre eventos dos jogos – principalmente dissonantes) relatada pela equipe de arbitragem, o tema era incluído no diário de campo.

Dentre os meios de comunicação que acompanharam o futebol não profissional em Florianópolis no período em questão, a partir dos dados apresentados nos questionários identificamos o veículo reconhecido no campo por parte dos sujeitos investigados. Desta maneira, elegemos como fonte de pesquisa a versão online do Blog “Amador futebol Clube”, que além das matérias online, publicava⁶⁰ versões impressas na coluna Amador FC, mantida pelo Jornal Hora de SC. Durante os anos de 2013 a 2015 o Blog publicou 4492 postagens online, das quais 1480 foram selecionadas para compor o banco de dados da pesquisa. Todas as postagens foram previamente analisadas, sendo que o critério de inclusão consistiu nas publicações que abordassem o futebol não profissional de Florianópolis, seja das competições promovidas pela LIFF, ou ainda casos relevantes de clubes filiados a entidade ou da grande Florianópolis.

⁵⁹ Liga Florianopolitana de Futebol (2010; 2012; 2013; 2014; 2015).

⁶⁰ Conforme informado anteriormente, com a mudança do jornalista para outra emissora, o blog foi descontinuado em 3 de junho de 2016.

O blog “Amador Futebol Clube”, um dos espaços de discursos locais que expressa as relações sociais cotidianas, é uma das principais formas de divulgação do futebol não profissional de Florianópolis. A análise dos dados mostra que a linguagem e as pautas do Blog se assemelha à empregada na cobertura jornalística e de entretenimento do futebol profissional. As matérias tratam de transferências de jogadores, contratações, histórico da carreira dos atletas amadores, além de informações dos clubes, da competição e da Liga. Mesclando aspectos pessoais (vida privada, trabalho) e currículo futebolístico, a publicação de matérias sobre o perfil dos atletas que disputam a competição não profissional é esperada com expectativa, pois segundo o atleta entrevistado⁶¹, ter uma reportagem sua no blog significaria a “valorização e reconhecimento” do “seu futebol”. O uso de termos como “acerto”, “contratações”, “reforços” e transferência de atletas, comissão técnica e dirigentes são temas recorrentes. Dentre as postagens, há ainda a valorização do vínculo comunitário e pertencimento ao clube do bairro em que os atletas e dirigentes residem, a rotatividade entre os clubes da cidade e região e os valores sociais do esporte, como por exemplo o discurso frequente da relação entre esporte e drogas. O sonho de ser jogador de futebol profissional, reportagens de atletas que conseguiram se profissionalizar e outros que fizeram o caminho inverso também são assuntos amplamente abordados nas postagens. Os aspectos financeiros aparecerem nas cifras das transações entre clubes e recebimento de benefícios pecuniários por parte de atletas, ou ainda na falta de apoio nos casos de lesões. Nos comentários das publicações, os leitores contestam algumas contratações dos clubes – principalmente quando o atleta é “de fora”, manifestam apoio ou críticas aos jogadores e ao blog, pois também contestam informações que constam nas matérias.

A proposta de pesquisa foi apresentada para os dirigentes dos clubes participantes da Primeira Divisão (categoria adulto) de 2014 em reunião de congresso técnico na LIFF antes do início do campeonato. Na ocasião, o presidente da entidade oportunizou a apresentação da investigação, sinalizou o apoio da LIFF e reiterou aos clubes a importância da pesquisa. Os dirigentes presentes colocaram os clubes a disposição e se comprometeram em auxiliar no que fosse necessário para o desenvolvimento da pesquisa. A proposta inicial de contribuição dos clubes consistia em incentivar os atletas a responderem a um questionário que seria dirigido por uma equipe de pesquisadores antes ou após os jogos, segundo a preferência de cada clube. Durante a exposição, um

⁶¹ GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014.

dirigente propôs que os questionários fossem entregues para os clubes, que providenciariam então o preenchimento por parte dos atletas. A requisição partia de dois pressupostos: querer auxiliar na pesquisa e/ou para evitar interferência na dinâmica em dias de jogos, já que, por conhecerem o grupo de atletas, previam que não seria possível realizar a proposta apresentada inicialmente na pesquisa.

Considerando que a participação era voluntária e que aquela era a forma que alguns clubes estavam dispostos a colaborar, a primeira opção disponibilizada em contato com os dirigentes foi a administração dos questionários por parte dos pesquisadores diretamente com os atletas e, como segunda opção, a disponibilização para algum integrante da comissão técnica ou diretoria que se comprometesse na entrega e recolhimento dos questionários junto aos seus atletas. Em função dessa alternativa que não estava prevista, as perguntas do questionário foram ajustadas com notas explicativas e exemplos, já que haveria oportunidades que os atletas preencheriam sozinhos e, portanto, não haveria a possibilidade de sanar dúvidas em relação ao que estava sendo perguntado – ainda que no termo de consentimento e na explicação do instrumento constasse o endereço e telefone para contato. Também foi proposto que os clubes informassem os contatos dos atletas, no intuito de organizar o preenchimento do questionário de forma individual, porém, esta alternativa não foi escolhida por nenhum dos clubes.

No universo de doze clubes participantes da Primeira Divisão (categoria adulto) de 2014, sete optaram em receber os questionários e providenciar o preenchimento por parte dos atletas. Cada clube então recebeu um total de 18 questionários impressos na primeira rodada do campeonato, totalizando 216 questionários, dos quais, 127 retornaram respondidos. Durante todo o período foi mantido contato com os responsáveis nos clubes com vistas a sanar dúvidas e auxiliar em possíveis dificuldades. Segundo os responsáveis, o processo de recolhimento foi moroso, pois o contato com os jogadores se dava apenas em dias de jogos, portanto, finais de semana, e também em função da entrega e solicitação se dar apenas nas partidas realizadas na sede do clube mandante do jogo.

No caso de outros três clubes, uma equipe de pesquisadores⁶² esteve presente em partidas disputadas quando eles eram mandantes, abordando os atletas após a partida, situação que julgávamos favorável para essa finalidade, em razão do jogo acontecer no campo/sede do clube

⁶² Mestrandos e doutorandos do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea que estiveram presentes em 3 jogos.

elegido para a sessão de questionários, já que é de praxe a realização de confraternização após o jogo e os atletas permanecerem no campo/sede por algum tempo após o encerramento da partida. Contudo, dias de jogos não se mostraram oportunidades favoráveis para indagar os atletas, já que, como se tratava de um momento de confraternização, de sociabilidade, algumas vezes único momento de encontro de toda a equipe, no qual conversam sobre lances dos jogos e/ou sobre o futebol em geral, preferiam não ser abordados durante esse período e evitavam o contato com os pesquisadores. Além disso, se o resultado da partida não agradava o time da casa, o ambiente não era propício para a realização de perguntas. Em um dos clubes, os questionários foram entregues diretamente para os atletas em partida como visitante e recolhidos na semana seguinte, quando era mandatário do jogo.

Em outro clube que, diferentemente dos demais, por vezes realiza treinamentos no decorrer da semana, inquerimos 4 atletas, já que o momento era oportuno para a pesquisadora abordar os jogadores (Diário de Campo, Treino, 16/07/2014). A realização dos questionários com os demais atletas estava agendada para após uma das partidas que seria disputada na sede, entretendo o agendamento foi suspenso e remarcado em razão da ocorrência de uma briga generalizada entre torcedores, que acabou por encerrar o jogo antes do tempo regulamentar e, portanto, tornou o momento inapropriado para a abordagem dos atletas (Diário de Campo, Jogo 42, 10/08/2014).

A estimativa inicial abrangia no mínimo onze atletas⁶³ de cada clube, representando assim um total de cento e trinta e dois questionários a serem respondidos. Entretanto, como a participação era voluntária, esse número não foi plenamente atendido em todos os clubes. Obtivemos um total de cento e vinte sete questionários respondidos, o que representa cerca de um terço do total de trezentos e oitenta e sete atletas que disputaram a Primeira Divisão em 2014. Destes, consideramos válidos cento e dezenove questionários, sendo oito deles excluídos pois sete

⁶³ Consideramos o número de atletas que formam a equipe titular para a disputa, ou seja, 11 jogadores. Segundo as regras oficiais, o número mínimo para iniciar um jogo é de 7 atletas por equipe. Somando titulares e suplentes, cada equipe pode ser formada por até 18 jogadores. Nem sempre as equipes estão completas, como por exemplo, em uma partida em que um dos times acabou com um jogador a menos por falta de suplente (Diário de Campo, Jogo 19, 05/10/2013), ou ainda na encerrada no primeiro tempo em razão de uma das equipes não ter o número mínimo de atletas, já que iniciou o jogo com 10, dois saíram lesionados e 2 foram expulsos no decorrer do jogo (BLOG AMADOR FC, 10/08/2015).

foram identificados como tendo sido preenchidos pela mesma pessoa (dirigente) e outro era de um colaborador do clube, ou seja, não era atleta.

O objetivo inicial deste instrumento foi traçar um perfil geral dos sujeitos da pesquisa e a partir deles, esquematizamos “perfis típicos-ideais” do que, na nossa visão, representaria o campo de investigação. Destes perfis, selecionamos sujeitos para a realização de entrevistas semiestruturadas.

A diversidade cultural traça o perfil dos atletas a partir dos múltiplos sentidos e significados atribuídos à prática⁶⁴. A diversidade é uma característica que dá coerência ao sistema e integra partes ao todo. Em linhas gerais, a síntese dos dados demonstra que atletas de todos os 12 clubes que disputavam a competição responderam ao questionário, sendo seis o mínimo e 18 o máximo de representantes por clube, perfazendo, como dissemos antes, 119 questionários validados. Sobre o perfil dos atletas, possuem 25 anos (mediana), 75 declara-se branca (63,03%), 83 de religião católica (69,75%), 77 solteiros (64,71%), 26 possuem um filho (21,85%), 62 jogam em clubes do bairro (52,10%), 45 residem na região sul da ilha (37,82%) e nove fora do município (7,56%). O grau de escolarização de 58 deles é o Ensino Médio (48,74%), há 12 que cursaram Ensino Superior (10,08%) e, no momento, 91 deles não estudam (76,47%). A ocupação profissional é diversificada, agregando um médico, um advogado e 21 trabalhadores da indústria e prestação de serviços em geral (17,65%)⁶⁵, 74 com jornada de até 44 horas semanais (62,18%), sendo que 107 (89,92%) informaram que não há vinculação entre a ocupação e o futebol. A faixa salarial de um a três salários mínimos é declarada por 73 atletas (61,34%) e de três a seis salários mínimos por 16 deles (13,45%). A análise da trajetória no futebol mostra que iniciaram aproximadamente entre os 8 e 9 anos de idade, 85 (71,43%) deles jogaram em categorias de base e destes, 28 (32,94%) iniciaram em clubes não profissionais da cidade de Florianópolis e 40 em Clubes Profissionais do Estado de Santa Catarina (47,06%). Apenas 19 (15,97%) tiveram experiência no futebol profissional, todos com passagens em clubes de Santa Catarina e destes, 15 (78,95%) em até quatro clubes (independentemente do Estado) e oito (42,11%) em apenas Clubes Profissionais do Estado de Santa Catarina, sendo que sete deles jogaram por até três anos/temporadas (36,84%). Dentre os que não tiveram experiência no futebol profissional, exceto os dez que não tiveram a

⁶⁴ Em conformidade com as considerações de Velho (1980, p. 355) *apud* Sabino (2007, p. 153), ao abordar o censo comum que envolve o “mundo das drogas”.

⁶⁵ Como por exemplo, serviços gerais e *barman*.

intenção de se profissionalizar, as principais motivações foram a falta de empresário (26 – 18,06%) e a dispensa nas categorias de base (27 – 18,75%). Em média jogam há cinco anos no futebol amador, com passagens por três clubes e estão aproximadamente há dois anos no clube atual, motivados principalmente pela amizade com diretores, comissão técnica ou outros jogadores (90 – 75,63%). Além do futebol de campo, 76 (63,87%) jogam Futebol Sete e 43 disputam competições desta modalidade (36,13%). Jogam em média três vezes na semana, demandando aproximadamente quatro horas semanais (26,89% – 32). Setenta e cinco (63,03%) gostariam de jogar mais vezes, mas 51 destacam a impossibilidade devido à falta de tempo (68%). Além do futebol, 86 (72,27%) praticam outra atividade física, sendo a corrida, academia e musculação as mais realizadas. Sobre questões econômicas, 35 (29,41%) alegaram ter gastos enquanto que 30 (21,21%) lucraram jogando futebol amador, sendo que 76 atletas informaram não receber nenhum benefício financeiro do clube (63,87%). Dentre os 37 que alegaram receber benefícios pecuniários (31,09%), caso o clube cessasse o pagamento, 12 continuariam no clube, 13 não responderam e doze procurariam outro que oferecesse melhores benefícios. O deslocamento em dias de jogos geralmente é realizado de carro 74 atletas (62,18%) e especificamente nos realizados em outros bairros, pelo menos um atleta de cada clube informou receber auxílio em dinheiro ou transporte, ainda que haja informações divergentes entre atletas do mesmo clube – 49 alegaram não receber auxílio ou transporte (41,18%), 47 (39,50%) disseram que o clube oferece transporte e 23 (19,33%) afirmaram receber auxílio financeiro. Os 12 clubes oferecem algum material esportivo, nove deles não realizam treinamentos (físico, técnicos e táticos) e 93 (78,15%) informaram que há “palestra” antes do jogo, confraternização e conversa com diretores após. Vinte e quatro (20,17%) jogadores nunca se machucaram e, segundo o total de atletas, 11 clubes pagam as despesas médicas e de fisioterapia nos casos de lesões, sendo que 56 (47,06%) informaram que utilizam recursos próprios e 39 disseram que o clube arca com as despesas. Quando lesionados, 42 (35,29%) disseram acompanhar frequentemente o clube na competição. Setenta e nove (66,39%) não possuem familiares que jogam ou atuam no futebol amador, sendo que 55 (46,22%) atletas informaram que as vezes a família costuma assistir aos jogos. Cento e nove (91,60%) acompanham as notícias sobre o futebol amador na mídia e 113 (94,96%) possuem contato com os demais jogadores fora do ambiente do futebol amador. Sessenta e três (52,94%) afirmaram que o clube oferece outras atividades sociais além dos jogos e 56 (47,06%) disseram que não, todavia, há respostas divergentes em relação ao mesmo clube o que

demonstra o desconhecimento ou baixo envolvimento dos atletas para além das atividades vinculadas ao futebol. Sobre a importância do futebol, 89 (74,78%) declararam que o jogo é muito importante e ficam chateados caso não tenha. Noventa e nove (83,19%) informaram que deixaram de realizar atividades sociais com amigos e compromissos familiares em razão do futebol, porém 59 (49,57%) nunca faltaram ao trabalho por este motivo. Sobre o tempo livre, as principais atividades informadas pelos atletas foram a utilização do computador (internet), televisão e prática de esporte fora do clube.

A análise⁶⁶ das respostas dos questionários revela que há características que se combinam em diferentes perfis. Assim, escolhemos atletas que correspondessem a esses perfis gerais para realização de entrevistas semiestruturadas. As características desses perfis e dos sujeitos entrevistados são apresentadas a seguir:

Dispensado: atleta que buscava a profissionalização e que fora dispensado. Desse perfil entrevistamos um atleta de 19 anos que foi dispensado das categorias de base de clube profissional e disputava a primeira temporada no futebol amador;

JF, Atleta: 19 anos, branco, solteiro, manobrista, ensino médio incompleto. Jogou em categorias de base de clubes profissionais e foi dispensado na sub-20. Alimenta o desejo de profissionalização. Primeiro ano no futebol amador e atuou em 2 clubes, ambos no norte da Ilha e vinculados à comunidade em que reside. Entrevista realizada na casa do atleta. Joga também Futebol Sete e dedica 8 horas semanais ao futebol (JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014).

Profissional: atleta que fez carreira profissionalmente como jogador de futebol. Entrevistamos um atleta que atuou profissionalmente em clubes de expressão no Brasil, conquistou diferentes títulos, encerrou a carreira e disputava campeonatos amadores havia dois anos;

MB, Atleta: 35 anos, branco, casado, ex-atleta profissional, empresário – proprietário de um centro de treinamento de futebol para jovens talentos e campo society para locação. Jogou profissionalmente de 1997 a 2012, atuando em clubes de expressão do Brasil e do exterior, conquistando títulos importantes, como o Campeonato Brasileiro e Taça Libertadores da América. Joga a segunda temporada no futebol não profissional, com passagens por 2 clubes de Florianópolis, um da região sul – próximo ao bairro de residência, e um da região norte da Ilha, no qual foi campeão da

⁶⁶ A tabulação dos resultados está disponível no Apêndice I.

Primeira Divisão. Dedicar 3 horas semanais ao futebol. Entrevista realizada no escritório do entrevistado (MB, Atleta. Entrevista 9, 15/08/2014).

Amador: atleta reconhecido no campo e que não se profissionalizou. Entrevistamos dois⁶⁷ atletas que disputaram apenas competições amadoras, sendo que um deles conseguiu se profissionalizar e outro não; MA, Atleta: 39 anos, negro, casado, ensino médio completo, contratado como gerente na Prefeitura Municipal de Florianópolis, atleta de clube localizado no Norte da Ilha, mora em bairro da área continental de Florianópolis, distante cerca de 24km. Jogou nas categorias de base do Avaí onde se profissionalizou e foi emprestado à outros 2 clubes do estado para disputar a Segunda Divisão de profissionais. Atuou em 10 clubes amadores da grande Florianópolis. Entrevista realizada na sede do clube antes de uma partida. Joga há 2 anos no mesmo clube e dedica 5 horas semanais ao futebol (MA, Atleta. Entrevista 5, 09/08/2014).

DA, Atleta: 33 anos, branco, casado, empresário, ensino médio completo. Tentou se profissionalizar, mas se *desiludiu*, preferindo o emprego. Jogou no Sub-15 do Figueirense e sub-17 do Joinville. Joga em Clube do Norte da Ilha, mas mora em outro bairro. Atuou em 10 clubes amadores e jogou 10 temporadas no clube atual. Joga também a modalidade de Futebol Sete e dedica 6 horas semanais ao futebol. Entrevista realizada na sede do clube antes de uma partida (DA, Atleta. Entrevista 4, 09/08/2014).

Amador rodado: disputou campeonatos amadores por diferentes clubes da cidade. Entrevistamos um atleta que jogou em 16 clubes amadores de Florianópolis;

EB, Atleta: 29 anos, negro, solteiro, promotor de eventos, ensino médio completo. Atuou em 16 clubes diferentes, atualmente no clube da comunidade, no sul da ilha. Não jogou em nenhuma categoria de base e *não se interessou* em ser atleta profissional. As trocas de clube foram motivadas por questões financeiras. Já havia parado de jogar mas retornou ao clube da comunidade. Dedicar 2 horas semanais ao futebol. Entrevista realizada próximo à casa do entrevistado (EB, Atleta. Entrevista 12, 18/08/2014).

⁶⁷ Durante a realização da entrevista agendada com o *Atleta Amador*, que ocorreu em dia de jogo do clube em que atua, o treinador da equipe sugeriu que ela fosse realizada também com outro atleta da mesma equipe, pois considerava que ele também se caracterizava por atuar em clubes amadores por um período de tempo considerável (Diário de Campo, Jogo 41, 09/08/2014).

Estudante: jovem estudante de Educação Física. Entrevistamos um atleta de 25 anos que estudava Educação Física em Florianópolis; GV, Atleta: 24 anos, mulato/pardo, solteiro, estudante de Educação Física e professor de escolinha de futebol. Tentou seguir carreira profissional, mas segundo ele, “*não se realizou*”. Está há 3 anos no mesmo clube do leste da ilha, único no qual disputou competições promovidas pela LIFF. Dedicar 2 horas semanais ao futebol. Entrevista realizada por telefone (GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014).

Amador identificado com um clube: atleta que disputa campeonatos durante vários anos por um mesmo clube. Entrevistamos um atleta que jogou 9 temporadas no mesmo clube.

FB, Atleta: 32 anos, branco, casado, advogado, ensino superior completo. Jogou futsal na categoria juvenil, mas não se profissionalizou. Jogou em 4 clubes e atualmente reside no sul da ilha e atua em clube da região central desde que o mesmo iniciou a disputar as competições da LIFF, há 9 anos (na ocasião da pesquisa, pois seguiu no clube e em 2017 são 12 anos). Paga mensalidade para jogar no clube e dedica 5 horas semanais ao futebol de campo e sete. Entrevista realizada em uma cafeteria no centro da cidade (FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014).

Além desses sete atletas de seis clubes, entrevistamos também três dirigentes (dois clubes da região sul e um da região norte), um árbitro (que atuou em partidas profissionais e é filiado à LIFF desde o princípio – 1996), três membros de comissão técnica (um que já foi atleta, outro com formação em Educação Física, além de um experiente que já desempenhou diferentes papéis no futebol⁶⁸), bem como com um diretor da LIFF, totalizando 15 entrevistados, com os seguintes perfis:

VA, Árbitro: 54 anos, formado em Educação Física e em Nutrição. Trabalha em academia de musculação, apita jogos do futebol amador,

⁶⁸ Neste mesmo dia, um treinador reconhecido no campo e que acabara de ser dispensado de um clube e estava assistindo a referida partida, aceitou conceder uma entrevista. Apesar de não prevista inicialmente, a participação desse treinador produziu um conjunto de dados importantes para a pesquisa, já que se trata de personagem considerado referência no futebol amador de Florianópolis. O entrevistado indicou para participar da pesquisa um atleta que não desejou ser profissional, já rodou em diferentes clubes e joga há pelo menos oito anos no mesmo clube, segundo ele, “por amizade” (Diário de Campo, Jogo 41, 09/08/2014; RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014).

ministra seminários sobre arbitragem e desde 2005 é avaliador e observador da CBF. Jogou 8 anos no futebol amador, tentou a profissionalização no Avaí e Figueirense. Esteve no quadro de arbitragem da CBF por 11 anos, atuando em aproximadamente 180 partidas de clubes profissionais, na série A do Campeonato Brasileiro, Campeonatos Estaduais, final da Taça Nordeste e Final do Campeonato Brasileiro. Somando profissional e amador, foram aproximadamente 960 jogos, com a meta de encerrar a carreira na marca dos 1000 jogos oficiais. Atua na LIFF desde a fundação (1996). Entrevista realizada no local de trabalho – Academia de musculação (VA, Árbitro. Entrevista 14, 22/08/2014).

RP, Comissão Técnica: 31 anos, promotor de eventos e recepcionista, Treinador do clube do bairro, região norte. Joga futebol desde pequeno, jogou no sub-15 no Avaí e em 11 clubes amadores da grande Florianópolis. Não possui formação esportiva. Entrevista realizada via WhatsApp (RP, Comissão Técnica. Entrevista 3, 08/08/2014).

GA, Comissão Técnica: 27 anos, Graduação em Educação Física e Especialização em Fisiologia do Exercício. Treinador de clube do Norte da ilha e morador da cidade vizinha, a uma distância de aproximadamente 30km. Jogou no infantil do Figueirense, em times universitários e em 2 clubes da comunidade em que reside. Acompanha futebol desde os 5 anos de idade pois o pai é vinculado ao clube do bairro. Entende que a oportunidade de trabalhar no futebol profissional já passou, mas “*na vitrine do futebol amador, quem sabe?*”. Entrevista realizada na sede do clube antes de uma partida (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

EDB, Dirigente: 55 anos, branco, casado, ensino superior completo, diretor de esportes de clube do Sul da Ilha. Jogou no clube da comunidade desde os 7 anos de idade e aos 18 anos começou a atuar no departamento de esportes. Clube com cerca de 360 sócios ativos, 180 alunos que participam das categorias de base e 30 homens no time principal adulto. O clube disputa todas as categorias promovidas pela LIFF. Entrevista realizada na sede do clube (EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014).

IVT, Dirigente: 29 anos, branco, solteiro, ensino superior incompleto. Atleta e dirigente de clube particular do leste da ilha, com 150 sócios, 10 atletas na categoria Veterano A, 25 na Veterano B, 23 na principal adulto e 20 na categoria Sub-20. O clube não possui campo próprio e disputa a Primeira Divisão adulto e sub-20 promovidas pela LIFF. Filho de

dirigente do clube da comunidade, tentou se profissionalizar sem sucesso, atuou em cinco clubes amadores da capital e mesmo transferindo-se, regressa para disputar as competições pelo clube no qual que é dirigente. Entrevista realizada no local de trabalho (IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014).

GN, Dirigente: 32 anos, branco, solteiro, ensino superior em andamento, gerente de qualificação e capacitação na Secretaria de Turismo da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Nativo do bairro, filho de dirigente e fundador do clube, jogou desde a infância e em todas as categorias do clube. Chegou a atuar 2 anos em clubes profissionais, entretanto “*não deu certo*”. Como atleta amador, iniciou em 1999, atuou em 6 clubes e conquistou todos os títulos possíveis da categoria: municipal, regional e estadual. O clube da comunidade, a qual atualmente exerce a função de presidente, conta com 120 alunos na escolinha (6 a 16 anos), 35 jovens na categoria sub-20, 25 homens na categoria veterano, e 35 na categoria principal. As categorias adulto e sub-20 disputam as competições promovidas pela LIFF. Semanalmente, cerca de 800 pessoas usufruem da sede em diferentes atividades oferecidas. Entrevista realizada no campo do clube durante treinamento da categoria Infantil (GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014).

RTD, Comissão Técnica: 61 anos, branco, casado, aposentado. Foi atleta, fundador de liga e outras atribuições, árbitro assistente e atualmente atua como treinador (fora dispensado na semana da entrevista). Jogou em 12 clubes amadores da grande Florianópolis e foi treinador em 5 deles. Em Florianópolis, atua como treinador desde 2004, com passagens por 8 diferentes clubes. Possui curso de arbitragem e atuou como assistente no campeonato estadual profissional. Campo do Avante, durante partida de outros dois clubes válido pelo campeonato da Primeira Divisão (RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014).

LIFF, Diretor: 60 anos, branco, aposentado. Um dos fundadores da liga e presidente desde 1996. Em 2012 foi homenageado com a medalha “Manezinho da Ilha Aldírio Simões”, honraria entregue pela Câmara de Vereadores a pessoas de destaque na comunidade – Cidadãos, nascidos ou criados em Florianópolis (LIFF, Diretor. Entrevista 1, 03/05/2013; Entrevista 16, 28/03/2016).

No estágio proporcionado pelo Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior (PDSE) realizado na Espanha, conforme anunciado na introdução, buscou-se agregar e analisar um conjunto de fontes referentes ao futebol *Aficionado* na cidade de Palencia/Espanha. Em Palencia, observamos uma competição local e realizamos entrevistas semiestruturadas⁶⁹, além de consultas a outras fontes, como sítios e regimentos de clubes de futebol *aficionado*, portais de notícia, jornais locais, sítios e blogs de jornalistas e de torcedores. Em trabalho anterior,⁷⁰ descrevemos e analisamos a prática do futebol na sua dimensão não profissional nos dois contextos (Florianópolis/Brasil e Palencia/Espanha), com destaque para estrutura e organização institucional, perfil e funcionamento dos clubes, vinculação e relação dos atletas com os clubes, investimentos de tempo e financeiro e sentidos da prática em cada contexto. Conforme anunciado, os dados produzidos no estudo desenvolvido em Palencia não compuseram as fontes que resultaram nas categorias de análise e são agregados no decorrer do texto – principalmente sob a forma de notas de rodapé –, tendo em vista que operamos com eles no sentido de mais bem compreender a prática na cidade de Florianópolis.

A título de orientação metodológica, destaca-se que as entrevistas não se restringiram a fazer perguntas e esperar as respostas, mas tratou-se de uma conversa interessada, orientada pela pesquisadora e, dessa forma, houve questões que não se apresentaram em todas as entrevistas.

Os dados produzidos a partir dos diferentes instrumentos foram analisados qualitativamente com auxílio do software Atlas.ti 7. A partir do cruzamento dos dados com os objetivos da pesquisa, condensamos os resultados em conceitos articuladores reunidos nas 4 categorias de análise que apresentamos na sequência.

A categoria “*Futebol no plural: entre a pelada e o profissional*” discute o estabelecimento de relações entre o futebol profissional e não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo, aprofundando as dissonâncias e similitudes, tanto nas questões de dentro do campo quanto fora dele.

⁶⁹ Na Espanha, um treinador, um delegado e três atletas foram entrevistados.

⁷⁰ O texto se intitula “Aproximações e dissonâncias entre o Futebol Não Profissional em Florianópolis/Brasil e Aficionado em Palencia/Espanha” e foi apresentado na modalidade de comunicação oral no I International Congress of Physical Activity. The Contact With Nature, Privileged Intervention of Future – 28, 29 and 30 of May 2015 – Idanha-a-Nova – Portugal. O resumo foi publicado em Invernizzi et al. (2015).

Descreve e interpreta como se relacionam o imaginário e a materialidade do futebol espetáculo (televisão, expectativas criadas por clubes profissionais etc.) com as práticas amadoras, em especial no que se refere às formas de jogo esteticamente construídas.

A segunda categoria, nomeada “*A relação clube comunidade: o alento do resgate, repatriação e reconfiguração*” discorre como se estruturam as relações dos clubes amadores integrantes da Primeira Divisão da capital com a comunidade em que se radica. Expõe as relações de poder que se firmam no futebol não profissional e como se configuram os clubes na rede do futebol local, compondo uma cadeia de interdependências.

“*Eles são do bairro, porém não são daqui: todos iguais, mas uns mais iguais que os outros*” mostra as dicotomias no enfrentamento de características de antiguidade e tradicional e a rivalidade norte x sul da Ilha. Discorre sobre as relações que se estabelecem entre os sujeitos que aparentemente são iguais, mas simbolicamente diferentes quando comparados os “nativos” da comunidade e os “forasteiros”, “daqui” e “de fora”.

Na quarta e última categoria, intitulada “*Trânsitos, projetos e sentidos*”, discute-se o estabelecimento de relações entre a circulação dos atletas/dirigentes e as motivações para a continuidade e transferências. Mostra dados sobre a circulação dos clubes e atletas na cidade, além de identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional.

5. EPISÓDIO 1

A grande Final
Jogo 49 – Primeira Divisão
03 de outubro de 2015, Sábado, 15 horas
Campeche, Sul da Ilha

O primeiro final de semana de outubro foi intenso nos gramados amadores de Florianópolis. Além das partidas válidas pela Segunda Divisão, no sábado finalmente ocorreu a disputa da partida final da Primeira Divisão da competição, que fora adiada nos dois finais de semana anteriores – uma devido à falta de efetivo da polícia militar que estava assegurando a partida do Avaí válida pelo Campeonato Brasileiro de futebol profissional, e outra em virtude da falta de condições do gramado que estava completamente alagado em razão das fortes chuvas que caíram nos dias que antecederam a partida.

A principal competição de futebol não profissional de Florianópolis encerrava-se transcorridos 4 meses desde o seu início, com 68 partidas disputadas e 369 atletas devidamente registrados nas súmulas. No decorrer da competição cenas de anos anteriores se repetiram: jogos cancelados em razão das chuvas; partidas que não iniciaram no horário previsto devido ao atraso do policiamento; desentendimentos dentro e fora do campo; arbitragens polêmicas; confraternizações dos atletas após as partidas; partida suspensa por número de atletas insuficientes; manifestações controversas dos leitores em postagens do principal veículo de comunicação que faz a cobertura da competição, etc. No que concerne à disputa dos jogos, em termos técnicos a competição agrupou diferentes características: jogos de qualidade técnica refinada – com equipes taticamente bem organizadas, jogadas trianguladas, lances e gols esteticamente belos; outros de menor qualidade técnica e disputados na força física ou ainda partidas pouco atrativas e de baixa qualidade técnica – excesso de passes errados, raras chances de gols, jogadas pouco trabalhadas, excesso de faltas e consequente interrupção no jogo. Neste aspecto, destaca-se a influência da situação irregular dos gramados, já que nem sempre – ou raramente – apresentavam boas condições para a prática de futebol.

Como em todas as edições, em 2015 houve peculiaridades, como por exemplo, a punição das 12 equipes participantes por não disputarem a segunda rodada da competição, agendada para um feriado. Na ocasião, as equipes não compareceram aos jogos mesmo após a negativa do STJD

do pedido conjunto de alteração da data e foram multadas em cerca de R\$ 500,00 cada.

No sábado, a decisão era especial e as duas equipes se reuniram horas antes da partida. Ambas ofereceram almoço aos jogadores, a mandante na sede e a visitante em um espaço privado. Previsto para as 15 horas, cerca de 1 hora e meia antes do início da partida a equipe da casa já estava reunida no centro do gramado e exatamente 1 hora antes iniciou o aquecimento. Faltando 30 minutos para iniciar a disputa, a equipe visitante chegou em ônibus turismo acompanhada de torcedores que se deslocaram em um ônibus urbano locado pelo clube. Os atletas desembarcaram do ônibus devidamente uniformizados e os torcedores munidos de bandeiras, faixas, papel picado, megafone, sinalizadores e instrumentos musicais.

Dentre as faixas fixadas pela torcida local, além da publicidade dos colaboradores, o tradicional incentivo aos jogadores e outra relembrando um confronto anterior no qual venceu o adversário, uma se destacava ao rememorar o imaginário presente no esporte amador: “Amor pela camisa não tem preço”. Havia ainda uma faixa com os nomes, apelidos e caricaturas de dois atletas: Capitão e Pitbull.

Fotografia 1 – Faixas da torcida local



Fonte: Arquivo pessoal. Autora (2015).

Nota: Faixas da torcida local penduradas antes da chegada do público.

A tarde fria não foi impedimento para as cerca de 300 pessoas que acompanharam a disputa. Apesar de não ter arquibancadas e espaços específicos para cada torcida, a divisão espacial era facilmente observada.

Em uma das laterais do gramado observava-se a torcida local enquanto que na linha de fundo estava a visitante. Entre elas estavam atletas e dirigentes de outros clubes amadores da capital e grande Florianópolis, estes visivelmente identificados por suas vestimentas. Havia ainda um grupo de homens, provavelmente moradores do bairro e integrantes da diretoria da equipe local, que permaneceu na copa antes, durante e após o jogo. A torcida organizada provocava a rival lembrando que a classificação para a semifinal se deu por erro da arbitragem e em troca escutavam “*para de chorar*”.

Após a tradicional reza e foguetório, dando início ao protocolo de encerramento de competição, ambas equipes entraram em campo enfileiradas, alguns atletas carregando crianças no colo e saudaram as respectivas torcidas que replicavam com aplausos e sinalizadores. Posicionadas no centro do gramado ao lado dos presidentes de todos os clubes que disputaram a competição ouviram a fala do presidente da LIFF e em seguida cantaram o hino nacional, findando a solenidade de abertura do jogo final. Havia rostos familiares em relação ao ano anterior – alguns atletas eram os mesmos enquanto que outros haviam trocado de time, inclusive um que fora entrevistado e que na ocasião defendia as cores de outro clube, além dos que já atuaram profissionalmente. Após o recolhimento das bandeiras do Brasil, Santa Catarina, Florianópolis, LIFF e dos clubes, estava tudo pronto para o apito inicial.

Fotografia 2 – Protocolo de Encerramento



Fonte: Michael Gonçalves/Amador Futebol Clube⁷¹.

Nota: Equipes postadas aguardando a execução dos hinos.

⁷¹ Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube/2015/10/31/todos-pelo-gremio-cachoeira-no-estadual/?topo=52,2,18,,284,e284>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

Durante o jogo as torcidas incentivavam os times que disputavam todos os lances. O jogo era pegado, de forte marcação e muita reclamação dentro e fora do campo sobre o desempenho do trio de arbitragem. Sobre a seleção dos cânticos da torcida da equipe visitante, logo no início do jogo uma torcedora comentou no grupo das mulheres “*hoje na humildade*”, prevendo que o jogo seria difícil considerando o empate na primeira partida da final, realizada em “casa”. Ainda assim, os cânticos eram provocativos e ofensivos à outra equipe. O batuque e os rojões aliados aos cânticos dificultavam a escuta das falas das torcidas e atletas. Ambos os bancos de reservas estavam do lado oposto, onde o acesso de torcedores não era facilitado, sendo possível apenas ver os treinadores gesticulando durante todo o jogo.

A copa esteve ocupada durante todo o jogo com grande circulação de pessoas e, atendidos pelo presidente do clube, consumiam lanches e bebidas, dentre elas alcóolicas. Havia torcedores que consumiam e retornavam para o entorno do gramado. Enquanto aguardavam o atendimento, o olhar era fixo no jogo, tentando não perder nenhum lance. Já outros jogavam carteadado e pareciam estar indiferentes ao acontecimento, assim como 3 mulheres que estavam dentro de um carro – sem visibilidade para o campo e que estavam se protegendo do vento e provavelmente a presença delas se dava por acompanhar algum jogador.

No intervalo entre o primeiro e segundo tempo as pessoas circulavam, consumiam algo na copa e reencontravam conhecidos, geralmente falando algo sobre o futebol amador ou assuntos da comunidade. A fila do sanitário masculino era grande, oposto ao feminino, no qual poucos minutos de espera era suficiente. Em direção aos vestiários, quando as equipes passavam pelo portão da cerca que separa os torcedores do campo de jogo, os atletas recebiam cobranças em relação ao empenho e desempenho, falas de incentivo ou ainda uma “corneta” – pelo corte de cabelo ou pela falta dele, por exemplo.

No segundo tempo, o jogo seguia disputado em campo e sem grandes lances de ataque, ainda assim emocionante por ser o jogo final, até que aos 83 minutos a equipe visitante, que jogava pelo empate, marca o tento da vitória. Na comemoração, o atleta que fez o gol correu na direção da torcida, tirou a camisa e subiu no alambrado, enquanto que torcedores comemoraram e provocavam fazendo gestos – alguns obscenos – na direção da torcida rival.

Após o gol ambas as equipes seguiam organizadas taticamente. A que estava vencendo adotou uma postura tática mais defensiva para garantir a posse de bola. Já a outra equipe estava posicionada ofensivamente e procurava atacar acelerando o ritmo de jogo. Após o

apito final, alguns jogadores da equipe vice-campeã cercaram o trio de arbitragem reclamando de alguns lances e um dos atletas disse ao árbitro: “*não marcou um pênalti no 1º tempo, seu ladrão, roubasse da gente seu merda!*” e, em seguida, tentou agredir um dos assistentes, mas foi contido pelos 4º e 5º árbitros – conforme relatado em súmula.

A equipe campeã se reuniu próxima ao alambrado defronte à sua torcida para falas do presidente do clube, treinador e alguns jogadores comemorando o feito, acompanhados pela lente da mesma câmera que filmou a partida. Enquanto isso, o presidente da LIFF aguardava no centro do gramado para a entrega dos troféus e medalhas. Do lado de fora, visivelmente embriagado, um torcedor estava ajoelhado, chorando.

A torcida campeã vibrava com o título enquanto uma briga entre torcedores locais era apaziguada pela Polícia Militar, esta aliás, era presença obrigatória em todos os jogos da competição. Quando não havia efetivo disponível, a segurança era feita por contratados da Liga, mas nenhuma partida ocorria sem alguém que pudesse garantir a segurança – a título de exemplo, em 2014 um jogo válido pela Terceira Divisão não foi disputado pois o árbitro não aceitou apitar sem seguranças ou policiamento.

Finalizada a partida, entrega dos troféus de artilheiro, destaque, goleiro menos vazado, equipe mais disciplinada e do campeão e vice, cerca de 200 pessoas continuaram no local do jogo conversando principalmente sobre os lances da partida ou ainda outros assuntos gerais da comunidade. Aos poucos a torcida dispersou e na sede permaneceram apenas os atletas e dirigentes do clube local. Os campeões embarcaram no ônibus rumo a sua sede – distante 38km – e seguiram em carreata pelas ruas do bairro. A confraternização seguiu até tarde da noite e podia ser acompanhada pelas frequentes postagens em rede social, que além das fotos da festa, divulgava também o almoço dos atletas e familiares realizado antes do jogo. Dentre os vídeos postados, um deles provocava o adversário por ser vice uma vez mais. Já o vídeo da preleção com duração de 28 minutos mostrava os familiares dos atletas enviando mensagens de motivação, mostrava imagens dos jogos anteriores, resgatava as lesões dos companheiros ocorridas no decorrer da competição, imagens do campeonato anterior e, ainda, falava sobre o *sonho de jogar futebol*.

No dia seguinte manchetes em jornais locais publicavam a conquista, além da informação de que o ônibus da torcida visitante havia sido quebrado pela local. O clube publicava notícias sobre o título em seu *website*, rede social e na mídia local. Uma semana após a conquista, o título ganhou espaço na televisão e foi mencionada durante o meio dia,

em quadro apresentado por um comentarista. Os atletas receberam a faixa de campeão em jogo amistoso contra uma equipe profissional local que disputaria a Segunda Divisão do Campeonato Catarinense.

5.1. FUTEBOL NO PLURAL: ENTRE A PELADA E O PROFISSIONAL

A relação futebol profissional – *não profissional/amador*⁷² esteve presente em todas as fontes produzidas na pesquisa desde o ponto de partida. Logo na primeira reunião realizada com um diretor da Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF)⁷³, à cada pergunta que fazia e mencionava a palavra *amador*, enfaticamente ele respondia que se tratava do futebol *não profissional* de Florianópolis e não do *amador*. Já neste primeiro contato direto com a LIFF o diretor explicou o funcionamento da instituição, desde a composição e eleição da diretoria, organização das competições e ainda o registro dos atletas na Federação Catarinense de futebol (FCF) e, conseqüentemente, na Confederação Brasileira de Futebol (CBF), destacando ainda a necessidade de o nome do jogador “*sair no BID*”⁷⁴ para disputar a competição, mesmo procedimento adotado no futebol profissional. A preocupação esteve centrada em mostrar que se tratava de uma instituição “*séria, pois tem o respaldo da federação*” e deste modo estaria assegurada juridicamente, do contrário, a título de exemplo, qualquer pessoa que se sentisse prejudicada com a competição poderia entrar na Justiça Comum e paralisar o campeonato, dispensando os Tribunais Desportivos teoricamente isentos. A segurança jurídica foi utilizada como argumento também para frisar que a LIFF promove apenas competições oficiais. Organizado tal qual foi apresentado anteriormente, desde o princípio, em termos institucionais, o futebol não profissional em Florianópolis se assemelhava – ou espelhava – ao modelo profissional.

A presença de quase todos os elementos do futebol profissional – porém em menor escala – leva a entender que ambas as práticas se assemelham, todavia, elas possuem diferenças que promovem deslocamentos significativos que procuramos identificar a partir das falas

⁷² Deste capítulo em diante passamos a utilizar a categoria nativa, de acordo como cada sujeito a representa. Lembrando que conforme explicado anteriormente, *amador* e *não profissional* são utilizados como sinônimos, como por exemplo na expressão de um dos entrevistados, ao afirmar que “*é não profissional, mas pra nós, nós ainda costumamos dizer que é futebol amador*” (RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6. 09/08/2014).

⁷³ LIFF, Diretor. Entrevista 1. 03/05/2013.

⁷⁴ Boletim Informativo Diário da Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

dos sujeitos⁷⁵ entrevistados que compõem o campo de investigação. Por um lado, identificaram que as diferenças residem na estrutura física, recursos financeiros, dedicação, treinamento de base⁷⁶, cobertura midiática, torcedores, falta de oportunidade e capital corporal⁷⁷ (preparo físico e técnico). De outro modo, houve os que não identificaram quaisquer diferenças, como por exemplo, na fala de um atleta que teve experiência em clubes de pouca expressão catarinense⁷⁸, ao afirmar que “Dentro de campo não há diferença entre os campeonatos profissionais e os amadores. Isso porque todos buscam o mesmo objetivo, que é a vitória” (BLOG AMADOR FC, 16/05/2014).

Corroborando com os que identificam as diferenças, o atleta que atuou em clubes de expressão no Brasil e no exterior enfatiza que

É muita diferença, não há nem comparação, não dá nem pra comparar. Primeiro que não treina todo dia, segundo que a forma de jogar é totalmente diferente, terceiro que o cara que joga, pode ser o melhor do amador, provavelmente nunca vai jogar no profissional, porque parte tática não tem nenhuma [...] parte de coordenação motora, parte de cognição, velocidade de pensamento lenta demais, campos horríveis, tem alguns que até dá

⁷⁵ Os clubes não foram identificados para garantir o anonimato dos entrevistados. Ao longo do texto foram utilizadas citações longas, porém necessárias para destacar o discurso do campo sobre ele mesmo. Por vezes não foi possível evitar o uso das notas de rodapé (explicativas e de referência), que foram utilizadas para agregar informações ao conteúdo e ainda como recurso metodológico para não interromper a leitura e raciocínio do leitor, além de fornecer as referências das citações advindas das entrevistas, o que por vezes acabaria “poluindo” o texto e dificultando a fluidez na leitura.

⁷⁶ Treinamento de base entendido como aprendizagem dos fundamentos técnicos e táticos do futebol em instituições especializadas, tais como escolinhas e clubes profissionais de futebol. Especificamente sobre a constituição do saber futebolístico em uma escolinha de futebol vinculada ao universo varzeano, ver Sapaggiari (2015).

⁷⁷ Rial (2008, p.24) apresenta uma forma de capital inerente ao meio do futebol: o capital futebolístico, que é representado pela “soma de conhecimentos particulares ao campo futebolístico, sendo eles conhecimentos corporais (saber como empregar o corpo nas performances futebolísticas), sociais (conhecer pessoas importantes para a ascensão no campo) ou econômicos (saber administrar contratos e inversões monetárias)”.

⁷⁸ O atleta de 30 anos teve experiência em clubes que disputaram a Segunda Divisão do Campeonato Catarinense.

pra jogar, mas não pode comparar em nada, futebol amador com o profissional não se compara, não tem comparação (MK, Atleta. Entrevista 9, 15/08/2014).

O discurso nativo também reconhece a dificuldade de um atleta amador atuar no profissional. Dois torcedores que acompanhavam a uma partida da Segunda Divisão comentavam sobre um atleta de um clube da Primeira que faria um teste em uma equipe do México. Segundo eles, *“não tá com essa bola toda [...] daí tá forçando né, não tem tanta moral [...] jogador comum [...] no amador o cara é bom, mas não tem qualidade pra jogar no profi”* (Diário de Campo, Jogo 51, 15/11/2015).

Sobre a dinâmica de jogo, o atleta que fora dispensado destaca que no amador

Mais é motivação, tática não dá pra passar muito pra gente porque uns não vão ter um grande entendimento, mas é o básico ali né, vamos jogar 4x4x2, vamos esperar eles vim ou vamos marcar pressão, mas é o bem o básico mesmo. Tática como no clube que treina todo dia, as táticas mesmo, vamos isso, vamos fazer aquilo, aí não tem, mas é mais focado no motivacional mesmo, assim (...) Vamos correr pra ganhar, vamos dar a vida, vamos acabar com os cara aqui e pá, que temos que ganhar o jogo, hoje é mais isso aí mesmo, loucura, amador é loucura (JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014).

Não se trata de comparar o incomparável ou de definir juízo de valor determinando que uma é melhor ou pior, mas sim de apontar a interdependência das práticas a partir dos interlocutores, na qual nota-se sempre uma relação de insuficiência do amador no que se refere ao profissional, ou seja, falta de recursos, de técnica, estrutura etc. O excerto acima descreve as faltas e também destaca diferença significativa na forma de jogar. Para os atletas, membros da comissão técnica, dirigentes e árbitro entrevistados, há diferenças no estilo de jogo, que está relacionado à falta ou insuficiência em relação à vertente profissional – capital futebolístico –, mas também há outros detalhes que dão contorno ao que se consideraria uma partida amadora no que se refere à forma de jogar, como por exemplo na alegação de um atleta de que *“futebol profissional é mais fácil jogar que futebol amador [...] porque tem vários*

*espaços pra ti jogar, o futebol amador é muito pegado*⁷⁹”. Embora não tivera experiência em clubes profissionais, a fala é importante para entendermos como os atletas amadores relacionam as práticas a partir do imaginário do futebol profissional e da prática efetiva no amador. O atleta estudante corrobora afirmando que no profissional há

mais espaço pros jogadores né [...] o jogador tá com a bola, ele tem muito mais espaço pra pensar, é um jogo que talvez não é tão, tão rápido [...] e no amador ali já é, como a gente não treina, não tem uma tática assim estabelecida, um treinamento durante a semana, então tu pegou a bola é sempre uma correria, é sempre todo mundo marcando (GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014).

Há ainda outro atleta que diz

Acho que às vezes no amador tem cara que até tem mais técnica que no profissional, mas não tem nenhum pingo da força que (...) além da preparação que os cara tem né, porque vem da base. O amador não tem muita estrutura de base né, profissional é uma coisa direcionada pra aquilo e quem sobra do profissional vem pro Amador (DA, Atleta. Entrevista 4, 09/08/2014).

Se por um lado o ex-atleta profissional afirma que o melhor do amador não jogaria em clubes profissionais, de acordo com o atleta identificado com o clube, o contrário se realizaria, porém não sem algumas especificidades

O cara que sai do profissional e vem pro Amador, dentro de campo o nível é mais ou menos o mesmo, entendeu. É lógico que o profissional tem mais a questão da forma física né, da capacidade física e técnica por tá treinando todos os dias [...] enfim, a questão técnica também é mais refinada pelo treinamento diário né, mas caiu no amador é nivelado (FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014).

O discurso nativo aponta que apenas o capital corporal e futebolístico não seria suficiente para o atleta que fora profissional se

⁷⁹ EB, Atleta. Entrevista 12, 18/08/2014.

destacar no amador, porém as diferenças são perceptíveis e não necessariamente um profissional *seria nivelado*, pois para quem acompanha futebol e têm como referência o profissional, basta um toque na bola para identificar o atleta que teve preparação de base, tal qual ocorreu nas atuações de ex-atletas e relatadas da seguinte maneira

Em comparação aos demais atletas a diferença técnica é visível. Apenas no domínio de bola já se percebe o capital corporal adquirido ao longo de anos de treinamento. Em jogadas individuais o atleta sempre levava vantagem, porém, no conjunto, como a equipe não tinha tanta qualidade técnica, o jogador pouco pôde contribuir. Se destacava em jogadas individuais, estava sempre bem posicionado, porém faltava um meia de qualidade que pudesse passar a bola no espaço em que [o atleta] estava posicionado ou se deslocando. Ainda assim, individualmente se destacava (Diário de campo, Jogo 32, 22/06/2014).

Pela batida na bola, movimentação e posicionamento, percebia que [os ex-profissionais] tinham melhor qualidade técnica, mas junto aos demais, ao menos neste jogo, não conseguiram se destacar. Um deles, o atacante do [Clube], por exemplo, estava fora de forma – acima do peso (Diário de Campo, Jogo 9, 01/06/2013).

Cabe lembrar que a estreita relação entre profissional e amador também esteve presente na ótica da pesquisadora, já que para caracterizar um jogo *bonito* ou *feio*, no início das observações o critério era a sensibilidade forjada a partir do consumo de jogos profissionais. No decorrer da pesquisa houve deslocamento do parâmetro ao considerar o que poderia ser proporcionado de acordo com as competências que um jogo não profissional pudesse oferecer. Não poderia exigir velocidade no toque de bola em um campo que apresentava “*grama irregular, grama alta nas laterais e linhas quase apagadas*”⁸⁰ ou também naqueles em que “*a bola não rolava, quicava. Nos locais destinados aos goleiros não havia grama*”⁸¹. Também não poderia esperar que atletas estivessem bem

⁸⁰ Diário de Campo, Jogo 8, 19/05/2013.

⁸¹ Diário de Campo, Jogo 16, 08/09/2013.

distribuídos respeitando o esquema tático no campo que possuía as dimensões mínimas exigidas⁸², com alambrado próximo que dispensava a presença de gandulas e que “*mais parecia um jogo de Futebol Sete*” pois havia “*muita gente para pouco campo*”⁸³. Em contraste, no “*melhor gramado natural*”⁸⁴ que fora plantado recentemente, ou ainda no gramado sintético – único que oferecia condições de jogo em dias de chuva – sempre esperava um jogo mais atrativo, entretanto, ainda assim houve os que não se confirmaram, pois não ocorreram

[...] lances perigosos, apenas uma bola na trave e o jogo concentrado no meio de campo. Foi uma partida truncada e de muita marcação de ambas as equipes, mas por ser uma final de campeonato entre as ligas da Grande Florianópolis esperava que a qualidade técnica fosse melhor neste jogo, principalmente pelo gramado sintético e haver atletas que já atuaram profissionalmente em ambas equipes (Diário de Campo, Jogo 9, 01/06/2013).

Considerando as particularidades e limitações – tais como a falta de preparação, recursos financeiros, qualidade técnica e do gramado, etc. – a expectativa era esperar apenas o que estivesse no horizonte de possibilidades que uma prática com estas características pudesse oferecer e então, a partir deste redirecionamento aos poucos era possível identificar uma gramática própria presente no futebol não profissional em relação ao estilo de jogo e também às emoções que despertava – havia jogos que não acontecia absolutamente nada, parecendo um “*jogo de compadres*”⁸⁵, como disse um torcedor. Outros, de equipes niveladas tecnicamente ou ainda os considerados “*clássicos locais*” devido à rivalidade presente e mediados pela participação da torcida, gerava-se certa expectativa e mexia com as emoções dos expectadores que seguravam firme o alambrado e gritavam euforicamente para os jogadores

⁸² A dimensão mínima é de 45x90 metros. A dimensão recomendada e utilizada nos campos utilizados no campeonato brasileiro é de 105m de comprimento e 68m de largura.

⁸³ Diário de campo, Jogo 32, 22/06/2014.

⁸⁴ Diário de Campo, Jogo 42, 10/08/2014.

⁸⁵ Jogo de compadre é aquele em que duas equipes não querem fazer gol para não correr riscos. Também chamado de “Banho Maria”, jogo desinteressante no qual ambos os times não atacam (RIBOLDI, 2008).

e trio de arbitragem. Houve jogos que não eram esteticamente belos para se ver tamanha a quantidade de passes errados e falta de qualidade técnica de ambas as equipes para criar qualquer jogada que pudesse resultar em ameaça de gol – além da falta de qualidade havia a condição climática que tornava a observação do jogo um desafio particular⁸⁶. Em outras partidas as equipes estavam bem postadas em campo, sendo possível identificar o esquema tático utilizado, com poucas infrações cometidas e ainda jogadas popularmente consideradas belas, como por exemplo dribles, fintas, gols de *voleio*, *olímpico*, *na gaveta* (como ilustra a foto abaixo, referente a um jogo da Primeira Divisão) e de *bicicleta*⁸⁷.

Fotografia 3 – Na gaveta



Fonte: Betina Humeres /Agência RBS/Amador Futebol Clube/Hora de Santa Catarina⁸⁸.

Nota: O gol registrado na foto não foi presenciado, todavia, outros semelhantes foram apreciados nas observações realizadas no decorrer da pesquisa.

⁸⁶ Partidas realizadas em dias frios e chuvosos, por exemplo.

⁸⁷ Dribles e fintas: jogada visando superar o marcador. Gol olímpico: feito a partir da cobrança de um escanteio em que a bola entre diretamente no gol. Bicicleta: chute no ar em que o jogador, de costas para o gol, dá uma pedalada no ar e acerta a bola. Voleio: Quase uma bicicleta. O jogador acerta a bola com os dois pés suspensos, só que em posição lateral com relação ao chão. Na gaveta: quando a bola entra no ângulo formado entre o travessão e a trave.

⁸⁸ Disponível em:

<<https://web.facebook.com/amadorfloripa/photos/a.496328410427993.1073741825.412148772179291/604763512917815/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

O diário de campo está repleto de registros de lances esteticamente belos, como por exemplo, o gol de *voleio* em um jogo⁸⁹ em que ambas as equipes apresentavam um nível de futebol superior às demais integrantes da competição; o gol *olímpico*⁹⁰ em um jogo que acabou com o placar de 10 a 1 para a equipe da casa; gols nos quais os atletas acertaram a *gaveta*, ou ainda dribles, fintas e jogadas ensaiadas. Nas narrativas publicadas no Blog Amador FC e do ponto de vista dos torcedores também houve jogos considerados belos, ilustrados, por exemplo, no comentário de um leitor “Rapaz que jogão esse 4X3, [Clube] 3 vezes atrás do placar e ainda conseguiu virar o jogo com gol olímpico e tudo... que loucura vai da coisa heim...”⁹¹, ou ainda do jornalista – “Quatro minutos mais tarde, o improvisado [Atleta] acertou o ângulo e fez um golaço da intermediária”⁹².

Fotografia 4 – O drible



Fonte: Lucas Gabriel Cardoso/O Cancheiro⁹³.

Nota: Lance em que um atleta ficou no chão após ser *driblado*. Barranco com espectadores ao fundo.

⁸⁹ Diário de Campo, Jogo 42, 10/08/2014.

⁹⁰ Diário de Campo, Jogo 19, 05/10/2013.

⁹¹ Blog Amador FC, 19/08/2013.

⁹² Blog Amador FC, 08/05/2013.

⁹³ Disponível em: < <https://ocancheiro.com/2016/03/14/campinas-quase-se-complica/>>. Disponível em: 13 abr. 2018.

Compreendendo o espetáculo como um jogo esteticamente bonito de se ver no futebol não profissional, os sujeitos entrevistados manifestaram que um jogo bom é o ofensivo, sem agressões, respeitando o adversário e, naturalmente, que mantenha a lógica do esporte, ou seja, que a equipe vença. Apesar da extensão, vale a leitura das citações extraídas de diferentes fontes, reproduzidas da seguinte forma

Jogo bom é o que a gente ganha né, o jogo é bom quando o time joga bem né, quando sai tudo certo e quando se ganha né. Acho que a vitória é mais importante do que o espetáculo em si né, do que um jogo bonito, acho que os 3 pontos é que tão em jogo né (RP, Comissão Técnica. Entrevista 3, 08/08/2014).

Jogo *feio* e sem muitos atrativos no qual ambas equipes apresentaram baixa qualidade técnica. O jogo não fluía devido ao excesso faltas cometidas e chutes – frequentemente a bola *ia para o mato*, rua ou casas próximas e obrigava um senhor da equipe da casa correr para resgatar. Por duas vezes a reposição de bola demorou pois todas haviam sido chutadas para longe do campo e ainda não tinham sido recuperadas. Neste dia acho que o senhor que atuou como gandula correu mais que os atletas (Diário de Campo, Jogo 3, 03/03/2013).

Vejo que quem fala mal do Jogo está com inveja do bairro que tem dois times no amador fazendo belas campanhas e se revezando em títulos disputados [O jogo] é um clássico e isso leva a um jogo disputados, teve muita emoção [e] no seu fim de jogo teve belos gols [...] QUER ESPETÁCULO VAI PARA O TEATRO (BLOG AMADOR FC, 12/05/2013, grifos do autor).

Ah, pra mim um jogo bom é quando eu vejo dois times atacando, buscando o gol, claro que sem bola, futebol moderno de hoje né, exige muita marcação, mas quando um time marca, marca, marca, mas que não sai pra jogar, ele vai perder toda vida. Eu prevaleço sempre o futebol ofensivo, pra mim joga pra frente, toma 4 gol, faz 6, ah! Mas e o saldo de gol? Se eu tô ganhando pra quê eu preciso de saldo de gol? Eu vou classificar por

pontos, não vou classificar por critérios [Jogo bom é quando] duas equipes se preocuparam em jogar futebol, é um jogo bonito, se torna o jogo bonito, é um jogo lindo, o nosso jogo lá até com a derrota foi um jogo bonito, não teve butinada, não teve paulada, não teve indisciplina, não teve agressão, certo, perdemos de cabeça erguida, como o próprio [Clube] perdeu pra nós respeitando sempre, respeitando não importa o resultado [...] Um ótimo jogo tem que ter todos esses objetivos, essa qualidade e realmente as duas equipes se respeitando, preocupando jogar futebol que daí nem o árbitro aparece (RTD, Comissão Técnica, 09/08/2014).

Um jogo bom de apitar no amador é quando as equipes só querem jogar futebol, e os ruins quando eles fazem o contrário, eles querem ganhar, fazer falta, ganhar na violência, fazendo com que o esporte perca a graça que é a esportividade. Ruim é isso, querer ganhar na marra, querer ganhar no grito, e o árbitro nesse ponto ele é de fundamental importância, ele tem que saber coibir essas situações (VA, Árbitro. Entrevista 14, 22.08.2014).

Uma das diferenças e dificuldades mais citadas foi a não realização de treinamento durante a semana, o que desencadeia uma série de questões, pois sem ele não é possível ensaiar jogadas, não há entrosamento entre os atletas, há dificuldade em definir o esquema tático e, com a falta de base – mencionada nas entrevistas – fica mais difícil o treinador orientar o sistema tático antes das partidas, além da titularidade ser conquistada apenas nos jogos oficiais ou pelo reconhecimento simbólico – aqueles atletas valorizados no campo pelas atuações em competições anteriores ou ainda os que recebem algum benefício para jogar.

A falta de base foi apontada como uma das diferenças entre o amador e o profissional, embora na análise das publicações no Blog Amador FC identifica-se que muitos dos atletas que disputam a competição não profissional já tenham atuado profissionalmente. De acordo com os dados do questionário realizado no início da pesquisa, 85 (71,43%) atletas frequentaram escolinhas de futebol ou categorias de base de clubes profissionais. Neste aspecto, não necessariamente é a falta de base que justifica a dificuldade na orientação tática, mas talvez esta seja

implicada pela falta de treinamento. Um dos treinadores corrobora afirmando que

Muitos atletas hoje no futebol amador fizeram base, muitos, muitos. Se tu pegar no [Clube], de 11 jogadores titulares dois ou três não fizeram base no futebol profissional em Avaí e Figueirense, poucos, poucos. São atletas que tentaram a carreira profissional como muitos tentam, não dão certo, acabam tendo que se sustentar na vida, começam a trabalhar e desistem do futebol forte igual o profissional e começam a disputar o futebol amador. A questão do treinamento é o principal fator, principal fator [...] se um time amador pudesse treinar 3 vezes na semana que seja, segunda, quarta e sexta e jogar no domingo, daria pra fazer outras variações táticas (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

Alguns clubes realizam esporadicamente treinamentos, mas a preparação para a competição – quando há – na maioria das vezes ocorre na disputa de jogos amistosos. A dificuldade em reunir os atletas para treinamento durante a semana foi apontada como um dos principais empecilhos, pois é difícil conciliar trabalho, família e treinos. No período da pesquisa casualmente um dos clubes realizava treinamentos às quartas-feiras, sendo que na observação⁹⁴ realizada estiveram presentes apenas 8 atletas e que, segundo o presidente e atleta do clube, é a média obtida nestes encontros durante a semana. Sobre os treinos vinculados à preparação e formação da equipe, um treinador afirmou que

Nós fazíamos uns jogos de preparação aqui contra juniores do Avaí à noite nos amistosos [...] Vamos fazer que nós dois somos titulares, só que você trabalha e eu estudo, nós não vamos poder treinar, certo, aí o coitado – e nós somos titulares, considerado titulares – e aí aquele que não é considerado titular vai pra lá e aí chega no dia do jogo, ele treinou a semana toda e vai ficar no banco? [...] como a maioria não vem, os considerados titulares eu tenho que botar até

⁹⁴ Observação realizada no dia 16/07/2014. Vale destacar que os 8 atletas presentes eram moradores do bairro. Dentre eles, 5 eram da equipe principal e 3 da sub-20.

porque tem a qualidade técnica, mas eu não acho justo, os caras tão lá todo dia da semana e chega no bem bom os caras ficam de fora. Ah mas vão ter mais, vão ter oportunidade, mas quando? O campeonato curto desse vão ter oportunidade quando? (RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014).

A baixa adesão igualmente observada foi citada por um membro da comissão técnica de outro clube ao relatar a experiência anterior com treinamentos, afirmando que não ocorrem em razão dos

Compromissos particulares de cada um [...] muitos trabalham durante o dia e estudam à noite, alguns, outros não. Outros trabalham tipo das 8 da manhã às 6 da tarde e à noite procuram ficar com a família ou por lazer e a última opção deles é ir treinar entendeu. Talvez eles venham com obrigação [de] treinar [...] Dois anos atrás a gente fez isso, alguns treinos durante a semana, mas a presença, assim (...) de 20 atletas, vinham 8-9 atletas. Uns estudavam, outros tinham compromisso com a família, outros trabalhavam à noite. Também não é todo mundo que trabalha no horário comercial durante o dia, tem gente que trabalha à noite (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

Não obstante, um dirigente relacionou o treinamento ao recebimento de benefícios por parte dos jogadores ao afirmar que *“quando tu paga, tu tem como tu exigir, tá pagando, eu quero treinar à noite”*⁹⁵, o que gera certa resistência na adesão ao treinamento por parte de alguns atletas ao estabelecer o dinheiro como forma de controle. Os supostos benefícios serão retomados em outro trecho do texto, já que se trata de um tema complexo que perpassa com pesos distintos as quatro categorias de análise produzidas. Aqui cabe destacar que o fator financeiro favorece o desequilíbrio de forças entre os clubes. Os que têm maior poder aquisitivo podem oferecer melhores condições e contratar os jogadores mais técnicos, tornando assim a equipe superior às demais. Isso não é regra, pois há atletas de boa qualidade técnica que atuam nos clubes que possuem algum vínculo – de parentesco, de amizade ou de localidade – como por exemplo o atleta entrevistado que está no clube há 12 anos.

⁹⁵ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11.08.2014.

Contudo é preciso considerar que a centralidade é o futebol e então os atletas desejam jogar nos clubes que oferecem melhores condições para a prática.

De outro modo, na busca de desempenho esportivo, a partir da dificuldade em formar equipes competitivas com atletas das redondezas, Myskiw (2012, p. 175) aponta como o processo de selecionamento passou a ser mediado pelo dinheiro. O problema não estava no tipo de arregimentação de jogadores (na formação de seleções), mas sim no inflacionamento dos custos que era resultado de uma lógica de oportunismo dos bons jogadores que passaram a escolher seus times pelo dinheiro, mesmo que ficassem no banco, sem jogar. Além disso, a reclamação era de que a mediação do dinheiro determinava um desequilíbrio mais acentuado entre os times, já que com o selecionamento os “*bola boa*”⁹⁶ deixavam de estar distribuídos em muitas equipes.

Mas se o treino é elemento fundamental do futebol espetáculo, inclusive na opinião de nossos depoentes, por que treinar para jogar futebol amador? Ainda que não ocorram treinamentos nos clubes, há jogadores que se preparam individualmente durante a semana, praticando exercícios físicos, frequentando academia ou jogando Futebol Sete. Conforme dados do questionário, 79 atletas (66,39%) destinam mais de quatro horas semanais para a prática de futebol, o que ultrapassa as duas horas dos jogos oficiais realizados aos finais de semana, sendo o tempo excedente destinado às seguintes práticas futebolísticas.

Tabela 1 – Participação em outros times

Prática	Número de Sujeitos	Percentual
Futebol Sete	76	63,87%
Não joga	17	14,29%
Não respondeu	8	6,72%
Futebol Sete, Futebol de Salão	6	5,04%
Futebol Sete, Futebol de Areia	4	3,36%
Futebol Sete, Futebol de Campo	3	2,52%
Futebol de Areia	2	1,68%
Futebol de Campo	1	0,84%
Futebol de Salão	1	0,84%
Futebol Sete, Salão, Areia	1	0,84%
Total Geral	119	

Fonte: Elaborada pela Autora (2014).

⁹⁶ Neste contexto, os jogadores reconhecidos por sua habilidade futebolística são definidos como os que “*tem bola*” ou “*os bola boa*”.

O capital corporal dos atletas profissionais é infinitamente superior aos amadores/peladeiros⁹⁷. Há os que buscam a preparação em práticas individuais, como o atleta que informou na entrevista que *“hoje, por exemplo, eu tava treinando, fui treinar de manhã num campo aqui no Campeche, e faço academia de segunda à sexta, aí agora terça e sexta tô fazendo preparação física”*⁹⁸. Ao ser questionado sobre o treino e preparação no dia de jogo, o atleta respondeu

Treino, treino bastante, daí cuidado com a alimentação também. No dia do jogo procuro dormir bem (...) comer bem de manhã, depois ao meio dia almoço sempre macarrão e procuro fazer a preparação (...) deixo as coisas prontas e tal pra chegar bem na hora do jogo. No dia do jogo não me alimento muito, [mas] é macarrão, banana, e também tomo um suplemento antes do jogo (GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014).

O futebol enquanto prática esportiva está pautada na lógica das comparações objetivas e da sobrepujança (no sentido de vencer)⁹⁹. No futebol não profissional, ainda que lazer e competição estejam entrelaçadas, o código vitória/derrota assume papel fundamental, principalmente no campo observado, no qual a performance media as relações e hierarquias nos clubes e entre eles. Treinar tem como objetivo aprimorar a técnica, investimento implicado no capital corporal que, conforme veremos adiante, é importante para a inserção e permanência dos sujeitos no futebol não profissional em Florianópolis.

Nem todos os atletas ou equipe de arbitragem estão em plena forma física para a prática futebolística. Nos jogos era recorrente a presença em campo de atletas acima do peso ou ainda quando observei que *“o árbitro não possuía condição física, não acompanhava as jogadas de perto e estava acima do peso”*¹⁰⁰.

Com 95 quilos, o atacante [Nome], 25 anos, é o Walter do futebol amador de Florianópolis. A exemplo do centroavante do Atlético Paranaense, o

⁹⁷ Peladeiro no sentido daquele que disputa peladas, jogos não institucionalizados com infinitas possibilidades de adaptação.

⁹⁸ GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014.

⁹⁹ Sobrepujar é a necessidade de vencer e comparações objetivas são as medidas objetivas de rendimento (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2005).

¹⁰⁰ Diário de campo, Jogo 4, 31/03/2013.

atacante do [Clube], do bairro Costeira do Pirajubaé, também está acima do peso para um atleta (BLOG AMADOR FC, 02/09/2015).

No futebol profissional os clubes realizam a pré-temporada, um período de preparação para as competições, em contrapartida, no futebol não profissional ocorre uma organização no início do campeonato – ou durante – sendo que alguns clubes sequer têm 18 atletas a disposição na primeira rodada¹⁰¹, problema amenizado em alguns casos com a entrada de dirigentes e colaboradores do clube – que estão devidamente registrados e inscritos em anos anteriores – para compor o quadro de atletas.

Guardadas as diferenças entre os clubes, no geral o capital corporal e futebolístico dos atletas que disputam a Primeira Divisão da competição não profissional não é tão desenvolvido e preparado quanto o profissional, mas melhor preparado comparado a um peladeiro. Não é regra, mas foi possível observar que essa característica diminui proporcionalmente em comparação às outras divisões¹⁰², ou seja, na Segunda Divisão os atletas são menos preparados e na Terceira identifica-se facilmente a falta de preparo (jogadores com sobrepeso, queda de rendimento no segundo tempo, etc.). Também há relação com a idade, pois visivelmente identifica-se que conforme diminui a Divisão os atletas são mais velhos. Um dos atletas apontou a relação entre jogadores que disputam competições profissionais, não profissional e outras práticas

[No amador] o nível do futebol é bem alto comparado com as que não são [competições oficiais], por exemplo, quem olha de fora o futebol amador, tu olha, tu pode olhar daqui e falar assim, 'qualquer um joga', mas ali dentro é muito, muita diferença de quem não joga o amador [...] Compara o amador com profissional, quem olha o profissional da arquibancada também diz, que cara ruim! Eu jogaria ali, mas não sabe nem um pingão

¹⁰¹ Na abertura do campeonato da primeira divisão de 2014 o presidente que atua no time de veteranos foi escalado (Diário de Campo, Jogo 30, 19/06/2014). Na arquibancada torcedores comentavam que *o time não está fechado* e que vão chegar reforços, mas que ainda não tinham saído no BID (Diário de Campo, Jogo 11, 14/07/2013).

¹⁰² Exceto dos jogadores que transitam entre os clubes e atuam em mais de uma divisão, inclusive havendo casos nos quais disputam as três divisões oficiais promovidas pela LIFF – por 3 clubes diferentes.

do que está se passando ali dentro, é muita força, é muito preparo, os caras se preparam a semana inteira, é muita diferença (...) física né, técnica não, física (DA, Atleta. Entrevista 4, 09/08/2014).

Da mesma forma, na competição amadora disputada em Curitiba os corpos são menos padronizados fisicamente que no futebol profissional. Oliveira, Souza e Machado (2012, p.24) relatam que o corpo, verdadeiro capital cada vez mais exigido no futebol profissional não tem valor tão central. Deste modo, o preparo físico é um diferencial, porém a pressão sobre a forma física não se coloca de forma tão intensa e permite maior atividade de jogadores de mais idade ou porte físico avantajado.

No futebol espetacularizado a boa condição física é elemento do trabalho de um atleta profissional que dedica boa parte dos treinamentos semanais para aprimorá-la. A excelência performática é pré-requisito, exige preparação específica para os jogos e especialização em relação ao uso das técnicas corporais (DAMO, 2003, p.149). Teoricamente, um atleta não profissional é trabalhador e não pode se dedicar tanto, não dispõe de tempo, mas ainda assim algumas vezes acaba ajustando na sua rotina um período para melhorar a condição física. Cabe destacar que segundo Damo (2007), para a formação do capital futebolístico de um atleta profissional ao longo de 10 anos de preparação de base são investidas de cerca de 5000 horas para o domínio de técnicas corporais e psicológicas para a prática esportiva. Quando adultos, a categoria profissional demanda investimento integral, pois os treinamentos são diários, algumas vezes em dois períodos e requer ainda tempo de recuperação.

Partindo desta explicação simplista – já que há outras questões relacionadas ao preparo físico – o atleta não profissional estaria distante do profissional, ainda que integre o futebol institucionalizado que se espelha nele. Por outro lado, não se aproxima dos que disputam “*peladas*”¹⁰³ ou partidas informais, pois essas práticas não institucionalizadas são caracterizadas pela espontaneidade na

¹⁰³ Para Pimenta (2009, p.17) nas “*peladas*” há ainda outros itens que podem ser dispensáveis de acordo com os recursos (ou a falta destes): uniforme, chuteiras, caneleiras, traves, redes, árbitros, iluminação”. Além disso, “nas cidades onde é preciso alugar ou negociar um espaço para a ‘pelada’, um ou mais jogadores ficam responsáveis por esta atividade e quem organiza a ‘pelada’ também participa dos jogos” – enquanto que no futebol não profissional há uma instituição federada encarregada pela organização.

organização dos jogos, adaptando regras e recursos materiais – basta uma bola, campo e jogadores (PIMENTA, 2009, p.17). As peladas se caracterizam pela auto-organização e o aprimoramento físico é relativizado, pois a participação não se dá, necessariamente, pela performance esportiva, mas é permeada por outras motivações, tais como sociabilidade¹⁰⁴ e espaço de construção da masculinidade (DAMO, 2007). Esse autor aponta que a pelada se configura como um futebol de bricolagem, de múltiplas possibilidades de adaptações, sujeitando as regras oficiais aos contornos locais, ao espaço, tempo, material, psíquicos, sociais e também dos contornos físicos dos praticantes. Nos jogos informais nos quais um grupo de amigos forma equipes, aluga espaços e disputam jogos nos moldes do não profissional, tal prática também não requer tanto investimento físico, já que a performance esportiva é apenas um elemento que motiva tal prática, mas não o principal. Assim, o vigor físico, a idade, barriga protuberante e baixa qualidade técnica – os chamados *pernas-de-pau* – não representam empecilhos para participar do jogo e ainda, no caso de cansaço, o jogador é substituído e sai naturalmente, podendo regressar tão logo alguém peça substituição.

Não é o caso do futebol não profissional praticado em Florianópolis, embora ter baixa condição física não seja exclusividade das práticas informais. No decorrer da pesquisa foi observado em diversos jogos atletas com câibras, diminuição do ritmo de jogo no segundo tempo e goleiros, zagueiros e trio de arbitragem visivelmente acima do peso. Por outro lado, houve árbitros que acompanhavam as jogadas e estavam sempre próximos aos lances, jogadores que aparentemente estavam mais bem preparados, com porte atlético e musculatura dos membros inferiores bem definida, ou ainda os que corriam durante os 90 minutos sem diminuir a intensidade.

¹⁰⁴ Como por exemplo o significado do futebol amador no meio rural, estudo no qual Pimenta (2013, p. 113) aponta que este pode ir além da prática esportiva ao possibilitar uma “ampla rede de sociabilidade, fortalecendo as relações interpessoais, reforçando os sentimentos de pertença e de solidariedade, e apesar da “falta de apoio” do poder público se constitui como uma importante prática social e cultural para a comunidade local”.

Fotografia 5 – Preparo físico



Fonte: Michael Gonçalves/Amador FC105.

Nota: Uma das equipes compareceu com apenas 7 atletas e, aos 23min de jogo, um deles acabou lesionado. Sem substituto no banco de reservas, o jogo foi interrompido por não ter o mínimo de jogadores.

Suportar um jogo mantendo a performance durante os dois tempos está vinculado não apenas ao condicionamento físico, mas também ao sistema tático utilizado. Um time bem postado em campo faz a diferença entre trabalhar a bola ou correr atrás dela. Deste modo, retorna o tema do estilo de jogo e esquema tático adotado no futebol não profissional. Houve jogos em que ambos os times estavam bem posicionados em campo e era possível observar o padrão de jogo e prever a realização de algumas jogadas. Sem dúvida estes foram os jogos considerados os melhores para assistir. Vejamos algumas diferenças relatadas no diário de campo

Que belo jogo! Esquema tático muito bem orientado pelo treinador do [Clube], atletas realizando as funções designadas e equipe compactada explorando a velocidade dos alas. Diversas chances de gols, duas bolas na trave e 3 gols convertidos (Diário de Campo, Jogo 46, 24/08/2014).

¹⁰⁵ Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclubes/2015/05/25/avante-goleia-garcia-em-23-minutos/?topo=52.2,18.,284,e284>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

Esta foi a primeira observação em jogos da Primeira Divisão e esperava melhor qualidade técnica de ambas equipes. Ainda assim, a partida foi superior na preparação física se comparada aos 10 jogos anteriores observados. Percebe-se que os atletas apresentam melhor forma física (em relação ao peso) e também correm por mais tempo, enquanto que nas outras partidas já no final do primeiro tempo as equipes demonstravam cansaço, todavia neste jogo o ritmo foi intenso durante os 90 minutos (Diário de Campo, Jogo 11, 14/07/2013).

O sistema tático é indecifrável, não apresenta padrão de jogo, ora a marcação é por zona e depois individual. Não sei se os treinadores reposicionam ou os próprios atletas se distribuem em campo. Os dois zagueiros estão visivelmente acima do peso e ficam sempre na sobra dando condições de jogo aos atacantes que nunca ficam em posição de impedimento (Diário de Campo, Jogo 47, 20/09/2015).

A não identificação de um sistema tático¹⁰⁶ não significa que o futebol não profissional apresentado em Florianópolis seja desorganizado taticamente, pois havia uma auto-organização em campo, os atletas alternavam a função dependendo do momento do jogo, em uma dinâmica intensa de movimentação sincronizada entre os jogadores do mesmo time e adversários – mas não porque o treinador orientou. No decorrer das competições disputadas pelos 12 clubes integrantes da Primeira Divisão, no mínimo três deles apresentaram padrão de jogo¹⁰⁷ bem definido nos três anos observados, gerando expectativa de grandes jogos nestes embates – e que se confirmava com a apresentação de um futebol veloz, de boa qualidade técnica, de movimentação dos jogadores, variação do esquema tático, proposta de jogo e com a realização de ações pré-

¹⁰⁶ Esquema (Sistema) tático se refere ao posicionamento, a forma de escalar a equipe em campo. Por exemplo, o 4x4x2 significa escalar o goleiro, 2 laterais, 2 zagueiros, 4 Meio-campistas e 2 atacantes, sendo que dois são meias de defesa – volantes.

¹⁰⁷ Padrão de jogo é o conjunto das ações coletivas que as equipes repetem jogo após jogo o mesmo padrão. Por exemplo, a equipe que joga com sistema defensivo compactado mantendo a linha de defesa formada e próxima o máximo de tempo possível.

determinadas, como jogadas ensaiadas nas bolas paradas, passagens pelas laterais do campo e triangulações para surpreender o adversário. A intenção aqui é mostrar que há diferenças substanciais entre os times e que foram relatadas por um treinador conhecedor do campo, que estuda futebol e busca constante aperfeiçoamento

No futebol amador as coisas são mais feitas nas coxas, empurrado com a barriga. Muitos treinadores tãõ ali muito tempo na casa ou é torcedor que vira treinador, que acompanha, que ajuda e acaba virando treinador. São poucos clubes em Florianópolis[...] que têm treinador que estuda, que vai em outros jogos. Por exemplo eu sou um, sou uma pessoa que vou ver vários jogos de futebol amador [...] não são todos, alguns treinadores né (...) eu digo 50% eles fazem o tradicional 4x4x2, que é a formação tática e vão embora pro jogo, fala duas, três palavras de incentivo ali no vestiário e vão embora. Outros clubes que eu vejo hoje diferente, principalmente [2 Clubes] como o nosso. O treinador do [Clube] que é meu amigo fora de campo nos campeonatos, a gente conversa bastante sobre isso, ele se preocupa com essa parte que te falei, fisioterapia pro jogador, de ver jogos tanto amador como profissional, faz um curso ou outro quando tem disponibilidade, se preocupa com aquilo ali, trata o amador como um profissional, essa que tá a diferença. Um clube ou outro que leva nas coxas como te falei, não desmerecendo nenhum clube, não desmerecendo, porque as vezes dá certo (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

O sistema de jogo adotado por dois times pode ser observado no relato dos treinadores, um deles explicando que “*Eu jogo com 4x4x2 com um losango no meio campo, com 3 volantes, um meia só armando*”¹⁰⁸ e, por outro lado

Pra mim é o 4x4x2, quando tu tem os jogadores com uma qualidade diferente [eu] tava adotando um esquema do 4x4x2 mas ele [o atleta] dentro do campo, na hora do jogo a gente alternava, porque

¹⁰⁸ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

ele é um jogador que tem muita velocidade, é uma meia que quando nós temos a posse de bola ele se transforma em um atacante, então, dentro do jogo a gente alternava. Saía de dentro do vestiário definido isso, nós de posse de bola altera no esquema 4x4x2 para o 4x3x3 que o [Atleta] ia ser o terceiro atacante. Perdemos a bola ele recompõe o quadrado da meia cancha (EDB, Comissão Técnica. Entrevista 8, 11/08/2014).

Contar com um treinador qualificado e preocupado com a disposição tática nem sempre é garantia de que ela será colocada em prática pelos atletas em campo, visto que um dos treinadores diz que os jogadores “*respeitam muito bem*”, entretanto, “*se a tática sai como a gente quer já não posso te dizer porque como a gente não treina, às vezes não sai como desejamos né*”¹⁰⁹. Outro treinador aponta que “*o problema é conscientizar os jogadores de tal formação*”¹¹⁰. Deste modo, os relatos no diário de campo apontando a falta de posicionamento e organização tática não necessariamente estão vinculados à falta de preparo ou orientações dos treinadores, mas está relacionado, sobretudo, à ausência de treinamento e qualidade tática dos jogadores. Em um jogo válido pela Primeira Divisão de 2014

Não identifiquei sistema tático das equipes, mas os treinadores disseram que ambos jogavam no 4x4x2 – isso teoricamente, pois não decifrei. Me parece que há um estilo próprio, não há um esquema definido, os atletas se organizam e reorganizam frequentemente em campo. A fala do treinador, em alguns casos, parece ser mero detalhe. Os atletas com base mais sólida são os que orientam o posicionamento em campo (Diário de Campo, Jogo 31, 21/06/2014).

5.1.1. Estrutura física e disparidades

Foi triste ver um cenário de abandono de um clube de tradição como o [Clube]. Gramado ruim, vestiários sujos e apertados como sempre, entulhos no estacionamento, bar sem comida para receber os visitantes (BLOG AMADOR FC, 12/10/2014).

¹⁰⁹ RP, Comissão Técnica. Entrevista 3, 08/08/2014.

¹¹⁰ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

A diferença de estrutura física entre os clubes de futebol não profissionais em Florianópolis nas três divisões ou ainda entre elas é significativa, semelhante ao que ocorre entre os clubes profissionais. A estrutura oferecida pelo Corinthians é diferente da oferecida pelo Avaí que é diferente do Guarani de Palhoça, todos clubes que disputam competições profissionais. Mas há diferenças não só de instalações físicas, mas também nos recursos que pode oferecer, pois

Quando você tá num time grande, você tem todas as coisas né, na parte de musculação, de nutricionista, fisiologista e quando a gente vai também pra clubes menores a gente não tem, não tem essa disponibilidade. Então a pessoa que está passando por essa transição de 18 a 24 anos, provavelmente você não se machuca, mas quando você passa um pouco da sua idade, você tem que ter um treinamento diferenciado. Eu também conheci vários profissionais que não tinham competência nenhuma de tá exercendo aquilo ali (MB, Atleta. Entrevista 9, 15/8/2014).

Nos clubes que disputam a competição não profissional em Florianópolis é semelhante, há os mais bem estruturados e outros que se resumem basicamente ao time que disputa a competição, não possuem campo e a sede registrada é a casa do presidente do clube. Para a disputa das competições oficiais todos os clubes¹¹¹ dispõem da estrutura mínima exigida pela LIFF, caracterizada principalmente pelo campo de jogo de tamanho oficial (com alambrado que separa o campo da torcida¹¹²), vestiários para o clube mandatário, visitante e para a equipe de arbitragem. Ademais das exigências, as disparidades entre os clubes produzem contrastes significativos em termos de estrutura física, qualidade do time e princípios norteadores. Dentre as diferenças individuais, identifiquei que há clubes¹¹³ que oferecem uma ampla sede

¹¹¹ Exceto os dois clubes que não possuem campo e que usam o espaço adequado de outro clube.

¹¹² Diferentemente de Florianópolis, em Palencia as instalações não possuem grade que separam o campo de jogo do público e é cobrada uma entrada no valor de 2€.

¹¹³ O levantamento realizado por Lemos (2011) aponta as diferenças entre as instalações de 21 clubes filiados que possuem campo próprio: vestiários grandes e confortáveis e outros minúsculos; arquibancada para o público; bar e sede;

para confraternizações, banheiros adequados, arquibancada, frutas para os atletas nos dias de jogos, confraternização entre atletas e comissão técnica, que oferece fisioterapia em caso de lesões, vestiários com bancos divididos e com as camisas de cada atleta pendurada, além de outros benefícios, ao passo que há clubes que nem campo possuem¹¹⁴. Em certa medida, as diferenças estruturais acabam ecoando na qualidade técnica na formação dos times, já que os que detêm melhores condições agregam os jogadores considerados “melhores”, implicando também nos princípios para formação dos clubes pois há equipes montadas por uma seleção da região, enquanto que outros são formados prioritariamente por atletas vinculados ao bairro ou por relações de amizade, compondo assim a identidade do clube – ser do bairro/comunidade ou “de fora”¹¹⁵.

Abordando as configurações dos clubes que disputavam o Municipal da Várzea em Porto Alegre, Myskiw (2012, p. 42) identificou que existiam concomitantemente “*clubes tradicionais*” em atividade e outros “*montados*” a partir de um “*fardamento*” (camisa, calção e meióes) – como por exemplo, o formado por um líder comunitário que pretendia concorrer ao cargo de vereador. Havia times que refletiam arregimentações estáveis, mas também outros denominados “*ajuntamentos*”, operados basicamente para disputar uma competição, configurações que fomentavam uma distinção entre “*clubes*” e “*times*”, tendo em vista que de um lado estava a “representação do ‘clube’ ou de ‘agremiação’ enquanto uma instituição propriamente esportiva, [e] de outro a do ‘time’ como um ‘ajuntamento’ de pessoas para jogar, sem compromisso de institucionalização”. Um dos principais problemas identificados pelos interlocutores do estudo foi que os “*ajuntamentos*” se inscreviam e posteriormente desistiam, dificultando as cobranças e punições. Em estudo posterior, Myskiw (2015) apresenta um conjunto de questões na análise de invenções sociais que não denotam a tradição dos “*clubes esportivos*”, mas que se materializam “*nos times*” e conferem

oferecimento de atividades para a comunidade; academia; sauna e hidromassagem; parque infantil; espaço para a imprensa; pista de skate; quadra de futsal e sintético. Acrescentaria a qualidade do gramado, bar com outras ofertas além de cerveja e refrigerante e as diferentes condições dos banheiros – ou ausência deles.

¹¹⁴ No contexto espanhol investigado, normalmente os clubes que disputam a divisão *Aficionada* não possuem campo de futebol ou sede social particulares e desfrutam dos espaços cedidos pela administração pública – campo de futebol e sala que funciona como sede (INVERNIZZI et al. 2015).

¹¹⁵ Este tema será abordado na próxima categoria de análise.

sentido ao pertencimento e à circulação dos jogadores. As “*outras tradições*” são entendidas como lugares-personagens – conhecidos do futebol, grupos-famílias, diretorias e os diferenciados, “*tradições varzeanas*” que colaboram no entendimento dos “*times*” como justaposições de distintas mobilizações, materializando uma infinidade de arranjos de lugares-personagens (MYSKIW, p.167, 2015).

Em Florianópolis encontramos uma organização institucional distinta, pois conforme exposto anteriormente, ao se filiarem à LIFF preenchem uma série de requisitos¹¹⁶ burocráticos que tendem a evitar a participação dos “*ajuntamentos*” – nos termos de Myskiw (2012; 2015).

Fotografia 6 – Gramado sintético



Fonte: Michael Gonçalves/Amador Futebol Clube¹¹⁷.

Notas: Um dos clubes possui campo com gramado sintético, único utilizado em dias de chuva intensa.

As diferenças estruturais entre os clubes repercutem diretamente no desenvolvimento da competição e conseqüentemente na configuração do futebol não profissional em Florianópolis. Alguns jogos não eram considerados atrativos pelo desequilíbrio de forças entre os clubes

¹¹⁶ Relembrando o exposto anteriormente, dentre os requisitos para filiação, o clube deve ter sede em Florianópolis, no mínimo 3 anos de registro no Cartório de Títulos e Documentos, possuir estatuto social registrado em cartório e manter as taxas de funcionamento em dia (filiação, manutenção cadastral anual à FCF e mensalidade à LIFF).

¹¹⁷ Disponível

em: <<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube/2013/09/22/entre-amigos-dispara-na-terceirona-da-capital/?topo=52,2,18,,284,e284>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

provocado pelas diferenças qualitativas que afetam o equilíbrio entre tensão e excitação. Para Elias e Dunning (1992), a emoção de um jogo é determinada também pelo equilíbrio entre tensão e prazer. Todavia, o equilíbrio de tensão não pode ser produzido e conservado se uma das equipes é muito mais forte, o que torna a partida desinteressante – por exemplo a partida que terminou 10 a 1¹¹⁸. Por outro lado, com demasiado equilíbrio de força e habilidade o jogo pode arrastar-se de forma enfadonha. A boa dinâmica se dá entre o equilíbrio e a busca em desfazer o equilíbrio para vencer o jogo, do contrário, pode-se dizer que “Foi um jogo sem emoção, com poucas chances reais de gols, frustrando a numerosa (e rara) torcida no estádio Henrique de Arruda Ramos, em Santo Antônio de Lisboa” (MARTINS, 2013).

A divisão da competição em categorias (Primeira, Segunda e Terceira Divisão) é uma das maneiras de tentar produzir certa equidade entre as equipes, mas ainda assim há diferenças entre os clubes. Ainda que não prevista de antemão com esta finalidade, uma mudança na fórmula de disputa produziu aparente igualdade na primeira fase da competição. Os clubes foram divididos em duas chaves de acordo com a localização geográfica e tal distribuição acabou por reunir na chave Sul os que o discurso nativo considerava como mais “fracos” tecnicamente e, na chave Norte, os “mais fortes” ou que ofereciam melhores recursos.

Tal fórmula de disputa foi aprovada pelos próprios clubes no conselho técnico e não tinha como objetivo nivelar as equipes, mas diminuir as distâncias de deslocamento dentro da cidade e conseqüentemente os gastos com transporte, entre outros. Esta medida foi criticada por torcedores e membros de comissão técnica ao alegaram que

Estão acabando com o Futebol Amador ou Futebol Não Profissional [...] Vamos ter Campeão sem ser adversário de dois ou mais clubes [...] continuaremos tendo um Campeonato para duas ou três equipes e as demais meros participantes (BLOG AMADOR FC, 05/12/2013).

[...] só porque tem time que não quer investir mais em jogadores criaram essa fórmula sem graça, se não querem jogar fora da casinha que não participem do torneio. [O] futebol amador está limitado em três equipes que pagam seus jogadores, agora em duas somente e do norte da ilha (BLOG AMADOR FC, 05/12/2013).

¹¹⁸ Diário de Campo, Jogo 19, 05/10/2013.

Muita gente anda falando sobre as diferenças dos Grupos A e B na Primeira Divisão da Capital. Para a maioria das pessoas com quem conversei, o Grupo A, formado por clubes do Norte da Ilha, foi o mais forte e competitivo. Em compensação, três times do Grupo B jogam por dois resultados iguais nas quartas. Relacionando os quatro primeiros colocados de cada chave pela sua colocação, a avaliação é que somente o [Clube Grupo A] foi melhor do que o [Clube Grupo B] pelo saldo de quatro gols. O Grupo B classificou as equipes da segunda a quarta posição com mais pontos que os concorrentes com a mesma colocação da outra chave (BLOG AMADOR FC, 18/09/2014).

Outro exemplo relacionado ao tema é o discurso do jornalista que realizava a cobertura da competição, de que na primeira fase o nível do Grupo Sul teria sido superior por ter conquistado maior número de pontos do que as equipes do Norte. Mesmo considerando que a pontuação na primeira fase é produto do nível interno dos grupos, o que impede este tipo de comparação, no embate entre eles em todas as fases eliminatórias se classificaram para a etapa seguinte o mesmo número de equipes de cada grupo. Para que o discurso nativo de superioridade do Grupo Norte se confirmasse, no primeiro enfrentamento das quatro equipes classificadas de cada grupo deveriam se classificar as integrantes do denominado “mais forte”, entretanto, classificaram-se duas de cada grupo. O mesmo ocorreu na fase decisiva, que foi disputada por um clube de cada região. O discurso nativo de que havia superioridade de um grupo não se confirmou, mas a competitividade foi constatada nos jogos observados e registrados no diário de campo, pois de fato eram melhores tecnicamente e mais atrativos para os expectadores.

A disparidade entre os clubes não deriva apenas das condições financeiras, mas também é produto da tradição e antiguidade do clube¹¹⁹ que estabelece hierarquias simbólicas. Coloca-se então outro foco de interpretação, já que ao considerar a disparidade decorrente da tradição, há clubes considerados protagonistas e coadjuvantes.

Na arquibancada, um grupo de homens conversavam sobre outro jogo do campeonato. Um deles comentou: “*visse que absurdo o jogo do [Clube]? Querem que ele seja campeão mesmo*”.

¹¹⁹ Este tema será abordado na terceira categoria de análise.

O outro respondeu: “*tá muito descarado isso, sempre fazem de tudo pra eles ganharem*” (Diário de Campo, Jogo 4, 31/03/2013).

De acordo com os dados produzidos na pesquisa, relacionando os diários de campo, postagens no *blog*, entrevistas e reuniões na Liga, identifica-se que os protagonistas são os que possuem maior poder aquisitivo, os que são considerados tradicionais ou ainda os que possuem certa influência ou apoio político – estabelecido por meio de relações de apadrinhamento de diferentes agentes (vereadores, secretários municipais, cargos comissionados da estrutura municipal, etc.). Estes clubes são os que já iniciam as competições como favoritos e acabam beneficiados inclusive pelo regulamento. Cabe lembrar que o favoritismo no geral tem se confirmado nos últimos anos com a presença destes clubes entre os finalistas. Nestes casos, o protagonismo advém da performance na competição, que é reforçado pelo próprio regulamento que estabelece peso distinto aos melhores classificados na votação da fórmula de disputa nos Conselhos Técnicos. Deste modo, o regulamento da competição acaba sendo estabelecido por aqueles clubes que são os vencedores e que buscam manter esse favoritismo, aprovando a fórmula que melhor se adequa ao clube e não à competição como um todo.

5.1.2. Ambivalências: organização, visibilidade e relações entre os agentes

Por ser uma competição organizada porque almeja algum título, almeja ser campeão, tu almeja chegar em algum lugar, tá aparecendo, os outros times estão vendo. E no mais assim, é meio que eu gosto de jogar futebol, eu poderia tá jogando sintético e tal mas é ali no campo, é o que eu gosto de fazer, e por ter essa organização, por ser um campeonato organizado e aquela coisa legal, tem hora pra chegar lá no campo, tem horário do jogo direitinho, tem segurança, tem polícia, tem maqueiro, tem torcida, tem juiz, tem todas essas coisas assim que envolve, que acaba criando um contexto legal pra quem queria ser atleta profissional por exemplo. É bom tá num ambiente assim entendeu, que é bem organizado (GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014).

Dentre as várias questões importantes relatadas no excerto acima cabe destacar a organização, visibilidade e expectativa de profissionalização, concorrência com outras práticas e presença de elementos que compõem a prática do futebol profissional.

O artigo 3^o do Regulamento Geral das Competições da LIFF estabelece que os clubes deverão

Cumprir, obrigatoriamente, nos termos do inciso 1 do art. 217 da Constituição federal, os Estatutos e demais Normas da Federation Internationale de Football Association (FIFA) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) o disposto no presente Regulamento e demais Normas da FCF e Liga, no Regulamento Específico da respectiva competição, bem como, as disposições constantes na legislação federal e estadual, observando o disposto no Código Brasileiro de Justiça Desportiva (CBJD). (LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL, 2010, p.3).

A organização é o argumento mobilizado pelos sujeitos que compõem o campo do futebol não profissional em Florianópolis para afastar da *pelada* e o aproximar do *profissional*. De certo modo, a institucionalização da prática e conseqüentemente adoção do modelo de organização sujeitando-se às mesmas normas a coloca em igualdade com a profissional. As 17 regras oficiais regem ambas as categorias, utilizam o Sistema de Gestão Web de Registro e Transferência da CBF, há comissão disciplinar e, dentre outros atos normativos, ambas recorrem ao Tribunal de Justiça Desportiva (TJD).

Equiparando ainda mais os quesitos normativos, em 2017 a CBF determinou a cobrança de inscrição na entidade e atestado médico de aptidão para a prática de futebol de cada jogador em todas as competições federadas, conforme consta no Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol – como já era feito com os profissionais. A LIFF promovia até 2016 três divisões na categoria adulto, mas o cumprimento da resolução da CBF reduziu o número de equipes para apenas duas séries. Com a desistência de 11 Clubes que alegaram os altos custos na obtenção dos atestados, em 2017 houve a unificação da Segunda e Terceira Divisão com a participação de doze clubes e apenas oito na Primeira. Em 2014 a Copa Floripa reuniu vinte clubes e em 2017 não foi disputada. Sob a mesma justificativa, a competição entre os campeões das Ligas da Grande Florianópolis (Copa Interligas) que

ocorreria entre 12 clubes no início de 2017, esteve ameaçada e foi realizada em setembro com a participação de apenas 4 equipes, iniciando a competição já na fase semifinal.

Em referência aos custos da competição para os clubes de Florianópolis e Palencia em vigor no ano de 2014, para disputar a “Primeira División Provincial de Aficionados” de Palencia – competição sob responsabilidade da “Delegación Provincial en Palencia de la Federación de Castilla y León de Fútbol” – anualmente os gastos federativos referentes a “Mutualidad”¹²⁰ são de 46€ do Clube, 107€ por atleta (máximo de 22 inscrições), 72€ por Delegado (exigência de 2 por equipe), além de 160€ de inscrição na competição. No início da temporada o clube deve depositar 395€ de caução referente a sanções financeiras¹²¹ que poderão ser aplicadas no decorrer do campeonato. Há ainda a taxa de arbitragem no valor de 160€ que é paga pela equipe mandante. Em Florianópolis, em 2014, os gastos federativos se resumem a doze mensalidades de R\$100,00 e uma taxa de R\$500,00 de inscrição na competição, totalizando aproximadamente 500€ (1€ = R\$ 3,40), não havendo pagamento de arbitragem, pois esta é paga LIFF. Em ambos os contextos, além desses gastos para participar das competições, há despesas gerais decorrentes dos jogos (água e medicamentos), de manutenção dos clubes, materiais esportivos (bolas, roupas, chuteira etc.), deslocamentos (quando o clube disponibiliza) e possíveis benefícios, como auxílio para transporte e alimentação. Estar mais tempo em atividade disputando uma competição demanda mais gastos em deslocamentos e pagamentos de arbitragem. Além da questão econômica¹²², cabe destacar que há também um maior investimento de

¹²⁰ Os aficionados – como os profissionais – são sócios da “Mutualidad de Previsión Social de Futbolistas Españoles a Prima Fija”, entidade cujo objetivo é a cobertura sanitária dos riscos que possam ocorrer em decorrência da prática do futebol. Em Florianópolis os atletas não têm qualquer garantia e os gastos decorrentes de uma possível lesão são pagos, na maioria das vezes, com recursos próprios dos atletas ou pelos clubes, quando estes possuem disponibilidade financeira.

¹²¹ Exemplos de sanções financeiras aplicadas: cartão amarelo 4,75€, vermelho 6,75€, não apresentação de delegado 6€, não cumprimento da normativa de numeração do uniforme 10€.

¹²² Quando um clube é campeão da competição Provincial, para efetivar a ascensão de categoria, a questão econômica é avaliada pelo clube já que as despesas para disputar a categoria superior – Regional Preferente – são de aproximadamente 40.000€ anuais, não sendo raro a renúncia da vaga à categoria

tempo por parte dos jogadores que atuam em Palencia, já que além dos treinamentos no decorrer da semana, durante cerca de 9 meses dedicam seus finais de semana à disputa das partidas, ao contrário do que acontece em Florianópolis¹²³, onde o campeonato dura 2 ou 4 meses, conforme a progressão das equipes no torneio e, conforme se verá adiante, geralmente não há treinamentos.

Clubes que jogam com atletas irregulares são penalizados com a perda de pontos¹²⁴, há punições para atletas que são aplicadas em jogos ou dias e também para os clubes com a perda do mando de campo ou ainda financeira. Abaixo uma reprodução que exemplifica a aplicabilidade das normas na qual um dirigente foi punido com a suspensão de 172 dias e multa de R\$ 150,00.

O mencionado dirigente foi denunciado pela Procuradoria de Justiça por ter infringido três infrações disciplinares previstas no CBJD, quais sejam, incitação à violência durante a partida, enquanto permanecia nas cabines de rádio (art. 243-D); Ofensa Moral ao árbitro (art. 243-F), bem como ameaça ao árbitro (art. 243-C), sendo que as duas últimas infrações foram cometidas, segundo relato da arbitragem, após o final da partida, ocasião em que o denunciado invadiu o campo de jogo, indo na direção do árbitro e proferindo palavras de baixo calão em atitude ameaçadora.

superior. Ascender de categoria significa elevar consideravelmente os gastos financeiros, o que tem efeitos diretos na participação nas competições federadas, como por exemplo, a desapareição de alguns clubes que não conseguem se manter financeiramente e o crescimento de ligas privadas (Futebol Sete e Futebol Onze) que demandam menor investimento financeiro. Sobre estes efeitos e os gastos financeiros em categorias regionais (também chamadas de *fútbol modesto*), ver Gil (2015).

¹²³ Em 2014, de 19 de junho a 1 de novembro, foram celebrados um total de 74 jogos, sendo que cada equipe de Florianópolis disputou entre 10 a 18 partidas. Em Palencia, a competição foi realizada em grupo único de 16 equipes com enfrentamentos em turno e retorno, sendo o campeão a equipe que acumulou o maior número de pontos. Nenhuma equipe descendeu, pois não havia divisão inferior. Na temporada espanhola, iniciada em 20 de setembro de 2014 e encerrada em 10 de maio de 2015, cada equipe disputou 30 partidas de um total de 240 jogos celebrados (INVERNIZZI et al., 2015).

¹²⁴ Em 2013 um clube foi rebaixado *no tapetão* após perder pontos por escalação de atleta irregular.

[...] vale frisar que de acordo com o art. 282, § 3º, do CBJD, o dirigente da entidade desportiva, ainda que não mencionado na súmula, está exposto às sanções previstas na legislação desportiva, o que muitas vezes não é do conhecimento de todos (BLOG AMADOR FC, 23/05/2013).

Outro exemplo foi a punição imposta, já anteriormente referida, aos 12 Clubes que disputavam a competição de 2014 e se recusaram jogar a segunda rodada em final de semana de feriado prolongado. Em ação coletiva os clubes solicitaram que a rodada fosse transferida, mas a LIFF não aceitou, sendo então o caso julgado pelo TJD que negou o mandado de garantia e determinou a realização da rodada. Nenhum clube compareceu aos jogos previstos na categoria adulto e sub-20 e foram punidos pela Comissão Disciplinar da Liga a pagar multas de R\$ 400,00 a R\$ 500,00 para cada categoria – assim alguns clubes pagaram no total R\$ 1000,00.

Clubes desafiam a Liga na Primeirona [...] Todo o cenário estava montado para a segunda rodada da Primeirona nesta quinta-feira (4.6), estádios, arbitragem escalada, mesários, seguranças e PMs, só não apareceram os 12 times para disputar os seis jogos previstos na tabela da competição. O Mandado de Garantia impetrado pelos clubes junto ao TJDSC pedindo a suspensão da rodada, foi negado no final da noite de quarta-feira. [...] *'Tudo isso vai para a comissão disciplinar'*, disse o presidente da LIFF no início da noite. *'O mais provável é que seja enquadrado como WO e os clubes percam três pontos e paguem multas'* (MARTINS, 2015).

O grau de organização foi citado pelos entrevistados como uma das principais motivações para a disputa de competições oficiais e também identificada nas reuniões da Liga na argumentação dos representantes dos clubes sobre a necessidade de sua manutenção nas competições. Em 2014 um dos clubes da Primeira Divisão pediu licença e então o terceiro colocado da segunda reivindicou a vaga na elite municipal. Na discussão sobre o assunto, os presidentes dos clubes assinalavam que as normas deveriam ser seguidas “*senão vira bagunça*”.

A LIFF ostenta a organização ao tornar público¹²⁵ súmulas, atas, requerimentos, ofícios, resoluções, editais de convocação, escalas de arbitragem, pautas e atas da comissão disciplinar. Nas reuniões¹²⁶ o dirigente chamava a atenção para questões administrativas, informando que *“apenas os presidentes ou com procuração podem se manifestar”*, fazia uso de linguagem própria para a ocasião, conforme *“a ordem do dia”*, *“em regime de votação”*, *“questão de ordem”* e alertava que *“Não se esqueçam que o regulamento é claro de que nenhum clube poderá participar das competições da liga em débito com o Departamento Financeiro, da Comissão Disciplinar e inscrição na federação”*.

A Liga é bem clara no seu posicionamento de *“fazer cumprir o regulamento”* e salienta que *“as questões jurídicas devem ser respeitadas, [pois] são diferentes do administrativo”*. Na contramão, os clubes pedem mais flexibilidade, reclamam que *“não pode ser a ferro e fogo [...] uma coisa é ser amador, outra é ser profissional”*. Se por um lado os clubes desejam que a organização seja mantida – inclusive é uma das motivações para a prática federada, por outro pedem certa condescendência, entretanto, a Liga mantém seu posicionamento¹²⁷ alegando que *“Mas isso aí é legislação oficial. Vocês participam de competição oficial, então tem que seguir a legislação”*¹²⁸. Neste aspecto se estabelece uma questão complexa, pois os clubes buscam se aproximar do futebol profissional na medida em que reivindicam organização e cumprimento das normas, mas, por outro, também buscam afastamento, alegando a necessidade de flexibilidade por não serem profissionais.

Na relação entre o global e o local, o futebol não profissional em Florianópolis apresenta elementos da estrutura macro (representado pelo futebol profissional – FIFA), que penetram nas redes sociais estruturais e

¹²⁵ Reformulado em 2018, o subtítulo publicado no *website* da instituição é *“Competência e transparência”*. O lema da diretoria eleita para o biênio 2014/2016 era *“Dedicação e Transparência – Continuidade”*. Sobre a publicação das súmulas em meio eletrônico, a ferramenta foi valorizada pelos clubes e, na opinião de um jornalista, *“O dispositivo deu transparência para o futebol amador e possibilitou que dirigentes e torcedores tenham acesso as relações de atletas dos clubes e aos relatórios da arbitragem”* (BLOG AMADOR FC, 03/07/2014).

¹²⁶ As citações neste parágrafo e no seguinte se referem à reunião do Conselho Técnico realizado no dia 07/12/2015.

¹²⁷ Segundo Guttman (2004 *apud* Almeida, 2011), a organização burocrática é uma exigência do esporte moderno com a perspectiva de que seja realizado dentro de um sistema de organização, com hierarquia e funções, sendo a partir dela que a quantificação dos resultados e a superação de recordes são garantidas.

¹²⁸ Reunião do Conselho Técnico, 07/12/2015.

que operam no nível micro – das relações cotidianas, da família, dos vizinhos do bairro, do pequeno comércio, etc. O futebol profissional seria o vértice da pirâmide e o não profissional a base, e que se constitui em uma dupla relação: ele se coloca no intervalo entre a informalidade pessoal da *pelada* e a formalidade impessoal do profissionalismo.

O grau de organização estrutural do futebol não profissional é valorado pelos sujeitos que compõem o campo, todavia, as exigências burocráticas necessárias para tal acaba afastando diversos clubes que não preenchem os requisitos mínimos, tornando alguns mais amadores que outros. Mesmo os que apresentam as condições necessárias para filiação e disputa da competição, a exigência de pagamento de inscrição, os atestados médicos de aptidão para a prática do futebol de cada jogador em todas as competições federadas e a diminuição da subvenção da prefeitura aumentou sobremaneira os custos de participação na competição.

“*Estão acabando com o futebol amador*”, publicação na página da LIFF em sua rede social ao postar informações da reunião na FCF e, conseqüentemente, das novas exigências, indica de antemão possíveis afastamentos dos clubes e esvaziamento das competições, pois a instabilidade das condições financeiras de alguns clubes é de conhecimento da entidade. Deste modo, a alta carga de demandas burocráticas e financeiras para disputar uma competição federada em 2017 foi decisiva para o afastamento de clubes e fez com que as não oficiais ganhassem força na cidade. A realização de “festivais” promovidos pelos clubes já ocorria, porém, a partir da decisão de não participar da competição oficial, mais clubes aderiram aos torneios que já eram realizados e estimulou a organização de outros.

De forma semelhante, na Copa Kaiser de Futebol Amador disputada na cidade de São Paulo, a burocracia afasta os clubes menos organizados. Spaggiari (2015, p. 104) relata que há a exigência de inúmeros documentos para a inscrição dos jogadores, como cópias de RG, fotos 3x4, atestado médico e taxas. Além disso, os clubes precisam ter CNPJ e registro em cartório, ser filiados à Federação Paulista de Futebol (FPF) como agremiações amadoras. Seja por indisposição ou por incapacidade de cumprir os requisitos administrativos, muitos clubes não disputam a Copa Kaiser e participam de outras competições regionais, torneios de bairro, festivais ou somente amistosos. Já em Porto Alegre, Martins (2016) relata o movimento de organização do campeonato municipal e destaca que, na medida em que se aproxima do futebol profissional, a burocratização afasta os clubes da várzea.

Em menor escala, a aproximação com o futebol profissional se dá também pelo caráter semiprofissional e sazonalidade que os atletas

estabelecem ao transitar entre as categorias amador e profissional. Na prática não profissional a ausência de relações monetárias estabelecidas entre atletas e clube é descaracterizada nos casos em que os clubes *contratam* jogadores. O recebimento de valores pecuniários estabelece uma relação de semiprofissionalismo – velado – no qual atletas e treinadores recebem para *assinar* ou ainda por partida disputada.

Os dados sobre recebimento de benefícios foram de difícil acesso para a pesquisa, entretanto, o objetivo não é provar se há ganhos financeiros, mas sim como os atores do campo elaboram a questão, até porque os que efetivamente recebem não falam abertamente sobre o assunto¹²⁹, os que não recebem gostariam de receber como demonstração de valorização do capital corporal, e os que também não ganham nada mas afirmam receberem para não assumir que são inferiores aos demais que recebem – pois são os melhores que ganham.

No universo da “Suburbana”, em Curitiba, há a percepção de que se trata de um “tema tabu”, tendo em vista que se situa na fronteira entre o amadorismo e o profissionalismo e cruzá-la significaria adentrar em outro território. O tabu se mostra não por ser proibido, mas porque mantém esta separação. Apesar de receberem algumas respostas diretas e divergentes sobre os valores, os autores relatam que a narrativa estava sempre envolta de cuidados e mecanismos de afirmação de si – em falas de “aqui se paga muito pouco” – ou de denegação do adversário – “lá se paga muito” (OLIVEIRA; SOUZA; MACHADO, 2012, p. 66).

Profissional ou não, ambas as práticas comungam do mesmo sistema de organização e estão submetidas às mesmas normas de Federações e da FIFA, porém separadas no organograma. Enquanto que os atletas podem transitar entre as práticas mediante conversão e reconversão, os clubes permanecem nas categorias, pois o vencedor da competição não profissional não garante uma vaga e ascenderá para uma competição profissional. Em países como França (DAMO, 2007)¹³⁰ e Espanha, ambas as práticas estão integradas no mesmo sistema federativo, sendo possível desde um pequeno clube de bairro, através de

¹²⁹ Um dos atletas entrevistados relata que “no meu caso eles pedem pra eu não falar, não falo pros outros colegas que recebo, porque às vezes eles podem até se sentir mal né. Por que ele recebe e eu não? Mas eu acho que se eles souberem que eu recebo e eles não, vão ficar um pouco chateados” (JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014).

¹³⁰ O autor explica que se tentarmos percorrer a estrutura da FIFA em direção ao Brasil, chegaremos, numa cidade como Porto Alegre, no máximo aos clubes da Segunda Divisão estadual, mas jamais aos clubes comunitários da cidade.

sucessivas divisões, disputar uma competição profissional. Seria uma espécie de pirâmide com o não profissional na base, passando por diversas categorias e com o profissional no topo.

Para ilustrar esta diferenciação, destacamos o estudo anterior¹³¹ que teve como objetivo investigar as aproximações e dissonâncias entre as práticas correlatas no Brasil e na Espanha, tendo como enfoque a prática de futebol *não profissional* materializada em competições nas cidades de Florianópolis/Brasil (Campeonato Municipal de Futebol Não Profissional/Categoria Adulto 1ª Divisão) e Palencia/Espanha (Primera División Provincial de Aficionados 2014/2015). Dentre os resultados, destacamos que a principal diferenciação se dá, sobretudo, na organização institucional das federações que regulamentam as práticas. No Brasil, as competições amadoras são estruturas paralelas ao formato profissional. Na Espanha, as competições amadoras e profissionais estão na mesma estrutura, sendo a competição aficionada de Palencia a sexta categoria do futebol Espanhol, autorizando a ascensão às competições profissionais. Um exemplo é o Club Deportivo Palencia Balompié, fundado em 2011, que disputou a categoria Primera Provincial de Aficionados de Palencia, classificando-se para a disputa da Regional Preferente em 2012/2013 e ascendendo para a Terceira Divisão em 2013/2014. Na temporada 2016/2017 disputou a Segunda División B. No caso de Florianópolis, ainda que o vencedor da Primeira Divisão municipal vencesse a etapa regional, a estadual e nacional, não seria concedida vaga para disputar competições profissionais, ou seja, se manteria na mesma posição, pois não há hierarquia entre as práticas, sendo elas paralelas no sentido institucional.

5.1.3. Público e diferentes lugares de manifestações da violência

Apesar de todo o clima criado durante a semana, rivalidade existente entre as equipes e tensão envolvida durante a partida, não foi registrado nenhuma confusão entre torcedores. Se tratando de futebol amador, onde não há divisão entre as torcidas e muito menos revista por parte da segurança, vocês deram um espetáculo (BLOG AMADOR FC, 29/04/2014).

¹³¹ Invernizzi et al., (2015).

A presença de público nos campos acanhados do futebol não profissional não se compara em quantidade aos profissionais, mas os sentimentos e comportamentos se reproduzem. As torcidas organizadas uniformizadas com enormes bandeiras estouram foguetes quando o time entra em campo, incentivam, gritam e cantam durante os jogos e, exceto na quantidade, pouco se diferem das que torcem pelas equipes profissionais. Há aqueles torcedores que permanecem junto ao alambrado assistindo aos jogos com um copo de cerveja na mão, outros pequenos grupos que interagem conversando entre si e com os que estão no campo, e ainda os que acompanham distante, dentro dos carros, da copa ou em cima de muros que separam a sede das casas. Nas partidas observadas, a média de público era de cerca de 20 a 30 pessoas, passando por jogos em que apenas eu estava efetivamente acompanhando, outros com aproximadamente 200 pessoas e um – a final anteriormente referida – com 300. A frequência dos expectadores estava atrelada ao vínculo que o clube tem com a comunidade – se há atletas do bairro ou “de fora” – às condições climáticas¹³² ou ainda à fase da competição. Os clubes apoiados pela comunidade, dias de sol e jogos decisivos eram os que mobilizavam maior número de pessoas à campo. Outros clubes contavam com poucos, mas fiéis torcedores, como no caso de um grupo de mulheres que não estiveram em apenas um jogo dos dezesseis¹³³ que assisti deste time – ausência provavelmente justificada por ser um jogo realizado às 20 horas de uma noite fria de sábado.

¹³² A chuva em Florianópolis e frio/neve em Palencia claramente interferiam na presença de público nos jogos – números semelhantes em ambas as cidades.

¹³³ O acompanhamento deste número de jogos da equipe em questão se deu pelo vínculo com um dos atletas que jogava no clube e atuou como informante na tentativa de captar dados “de dentro” do campo. É uma equipe participativa no futebol de Florianópolis: em 2013/2014 disputou a Terceira Divisão e 2015 a Segunda. Em 2016 conseguiu o acesso para a Primeira Divisão, entretanto não disputou em 2017 devido ao aumento nos gastos causados pela necessidade de pagamento de novas inscrições e atestados médicos. Disputou a Copa Floripa nos três anos em que a pesquisa foi realizada.

Fotografia 7 – Público fiel em jogo decisivo



Fonte: Celso Martins/Daqui na Rede.

Nota: Jogo decisivo de um clube que não possui campo próprio e utilizava as instalações de outro localizado no mesmo bairro, o que colaborou para mobilizar maior número de pessoas da comunidade à campo.

Fotografia 8 – Público concentrado



Fonte: Adanir Gonçalves Kacai¹³⁴

Nota: Torcedores se concentram na lateral e sede para acompanhar a cobrança das penalidades máximas em jogo eliminatório.

¹³⁴ Disponível

em: <<https://web.facebook.com/photo.php?fbid=565241050257106&set=a.565234583591086.1073741960.100003136491762&type=3&theater>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

Fotografia 9 – A torcida organizada



Fonte: José Tiago de Albuquerque¹³⁵.

Nota: Torcida organizada e “barulhenta” ocupando o barranco comemorando a classificação.

As torcidas nem sempre ocupam lugares materialmente separados e, apesar de em alguns campos estarem dispostas lado a lado, elas estão simbolicamente separadas, o que gera certa tensão quando as provocações jocosas ultrapassam certos limites. Há diversos relatos de brigas entre torcidas, entretanto, curiosamente, mesmo sendo requisito obrigatório para a realização dos jogos, passível inclusive de suspensão da disputa, a presença obrigatória do policiamento ou seguranças privados contratados pela LIFF se dá para garantir a integridade da arbitragem e não dos expectadores – em um dos jogos nem do trio, pois permaneceram dentro da viatura e foram embora minutos antes do apito final. Em outro, o árbitro criticou a atuação do policiamento ao registrar na súmula que “*não fez o que foi solicitado, quando no momento da agressão o [Atleta] aos 24' 2º tempo, deveria pegar o mesmo e já conduzi-lo a delegacia, mas no entanto preferiu apaziguar e o atleta se mandou para casa*”¹³⁶. Em contrapartida, na decisão da Copa Floripa de 2014 disputada entre equipes que mantêm certa rivalidade, reconhecendo a eminência de possíveis

¹³⁵ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/LigaFlorianopolitanaDeFutebol/photos/a.860049707381913.1073741878.435177173202504/898137953573088/?type=3&theater>

>. Acesso em: 13 abr. 2018.

¹³⁶ Diário de Campo, Jogo 7, 11/05/2013.

conflitos em campo, o policiamento demonstrou zelo pela integridade física do árbitro, pois ao cumprimentá-lo um dos policiais disse: “Boa tarde [Árbitro], se precisar qualquer coisa a gente está aí”¹³⁷.

Dentre os jogos acompanhados e conforme relato nas súmulas, era frequente o atraso no início das partidas por falta de policiamento e, inclusive uma delas, já com as equipes preparadas para o apito inicial, foi suspensa pois o árbitro se recusou a apitar sem segurança¹³⁸. A negativa da equipe de arbitragem não é sem motivo. Relatos de agressões não faltam e se reproduz um imaginário de que o futebol amador seria um espaço trivial de manifestação da violência¹³⁹, reflexo, em grande medida, da atuação da mídia que realiza cobertura restrita das competições, mas que dá grande repercussão e visibilidade diante de uma ocorrência de agressão.

A violência não é exclusividade da prática amadora e está presente na vertente profissional, todavia, a diferença é que neste contexto tende a se organizar de forma a evitar os conflitos, coibir a violência e enaltecer o *fair play* em nome de uma civilidade que exige a renúncia diante de determinadas situações. De acordo com o árbitro entrevistado, a segurança no futebol amador é precária, “porque são dois ou três policiais que estão presentes e os jogadores se aproveitam dessas situações para causar um tumulto um pouco maior”. Todavia, complementa que os casos de violência têm diminuído devido ao Estatuto de Defesa do torcedor (BRASIL, 2013)¹⁴⁰ que procura aumentar o grau de segurança por meio das devidas punições aos clubes e atletas – amadores ou profissionais. O árbitro comenta ainda que o registro na súmula das competições não profissionais contribui para a diminuição das ocorrências, e que o

Mais importante de tudo é o registro da conduta dos atletas [...] as observações caso ocorra alguma briga de torcedor, pra que a comunidade entenda que o futebol é o lazer, não pra ser guerra como a gente vê às vezes aí fora até nos jogos profissionais né, às vezes até morte com torcedores, então isso tem que ser visto e o árbitro tem que colocar caso aconteçam essas situações (VA, Árbitro. Entrevista 14, 22/08/2014).

¹³⁷ Diário de Campo, Jogo 25, 10/05/2014.

¹³⁸ No dia 07/09/2014 o árbitro decidiu não apitar o jogo válido pela Terceira Divisão por falta de policiamento.

¹³⁹ O episódio 3 narra um caso de violência ocorrido no decorrer da pesquisa.

¹⁴⁰ A lei foi sancionada em 2003 (Lei 10.671) e atualizada em 2010 (Lei 12.299).

Fotografia 10 – Policiamento acionado



Fonte: Celso Martins/Daqui na Rede¹⁴¹.

Notas: No intervalo da partida os atletas de uma das equipes “partiram para cima” da arbitragem, que acabou solicitando a entrada à campo do policiamento. Ao término do jogo, o árbitro e assistentes saíram do vestiário e foram escoltados pela polícia militar até os respectivos veículos.

Em Florianópolis, conforme se verá mais adiante, no Episódio 3, e identificado na mídia local, a violência também esteve presente, porém, durante a realização da pesquisa figurou mais como manifestação simbólica e sua interdição. A presença do policiamento e a rigidez nas regras impostas pela LIFF, ao penalizar os clubes envolvidos, davam contorno para a necessidade na manutenção da sensação de segurança e inibição de possíveis conflitos. O tema estava sempre à espreita e deveria ser evitado por todos os sujeitos, principalmente quando relacionado ao consumo de bebida alcoólica. A título de exemplo, semelhante ao futebol profissional¹⁴², as copas são impedidas de vender bebidas em vasilhas de vidro, mas podendo servir em copos plásticos, do contrário, a equipe mandante é multada. Em um dos jogos observados¹⁴³ um torcedor ocultava uma garrafa de cerveja (vidro) dentro de uma lixeira instalada próxima ao alambrado, disfarçando para que não fosse vista pelo árbitro

¹⁴¹ Disponível em: <<https://fotosdodaquinarede2.wordpress.com/page/15/#jp-carousel-5022>>. Acesso em 13 abr. 2018.

¹⁴² Em Santa Catarina, proibida desde 2008, lei 17.477/2018 autoriza a venda e o consumo de cerveja em estádios de futebol do estado, desde que servidas em copos plásticos com capacidade máxima de 600ml, quantidade permitida por compra (ESTADO DE SANTA CATARINA, 2018).

¹⁴³ Diário de Campo, Jogo 26, 18/05/2014.

e delegado de jogo, de modo que poderia significar punições para seu clube.

A violência ocupa diferentes lugares no contexto do futebol amador, tema recorrente nas pesquisas. Na revisão bibliográfica da produção acadêmica acerca desse tema, Oliveira (2016) mostra que as manifestações de violência no futebol de várzea são identificadas nos estudos de Chiquetto (2014), Myskiw, Neto e Stigger (2015), Oliveira (2013), Pimenta (2013), Rigo, Jahnecka e Silva (2010), Schifnagel (1979), Spaggiari (2008) e Stigger (1997). Ao citar e analisar o tema nos estudos, a autora relata que as relações de violência se manifestaram nos diferentes modos de jogar em campo (verbal ou fisicamente mais duros e agressivos) e que havia diferentes configurações de jogo, nas quais poderia haver rigidez ou tolerância. A violência é um dos aspectos que figura na várzea nas relações de reciprocidade, de modo que se um jogo violento ocorreu, deve ser devolvido na ocasião seguinte. Na análise da autora, a violência adquire caráter próprio no ambiente varzeano, por ser influenciada pelas relações comunitárias – como por exemplo nos ajustes que podem ser feitos para o jogo se desenrolar de forma mais “pegada” ou não, ou ainda a pressão da torcida e o fator do jogo ser em “casa”.

Em Curitiba, as constantes paralisações, discussões, faltas marcadas ou não, e acusações mútuas de violência conferem tensão constante, criando a sensação de que a qualquer momento um conflito pode irromper. Todavia, Oliveira, Souza e Machado (2012, p.32) destacam que do ponto de vista dos seus participantes, a competição não é violenta, já que apenas responde a códigos de condutas e relações sociais marcados por valores comunitários, tradicionais, onde “*o que é dado deve ser devolvido*”. Esses códigos demarcam os extremos no futebol amador, os momentos de conflito e os momentos de relações sociais mais harmoniosas, representadas pelo futebol enquanto lugar de encontro das pessoas. Em ambos os momentos “*impera*” o princípio da reciprocidade, de que “*o que foi dado deve ser devolvido*”, um tipo de relação que marca o futebol de modo geral, do amador ao profissional, desde o relacionamento entre os jogadores até entre as torcidas. No futebol profissional, no entanto, condutas mediadas no sentido de “revide” e “vingança” são escamoteadas.

No interior do Ceará, Pimenta (2009) destaca que a violência era manifestada nas reclamações dos torcedores direcionadas aos árbitros, como por exemplo nos tradicionais gritos de “juiz ladrão”, porém não identificou ocorrências em campo que pudessem caracterizar um jogo como violento. As faltas não eram agressivas e tampouco as reclamações dos jogadores em resposta às marcações do árbitro eram exaltadas.

Já na competição disputada em Porto Alegre, o tema da violência dentro e fora de campo que ocorria entre os sujeitos envolvidos diretamente na dinâmica de jogo ocupa lugar-chave nas análises de Myskiw (2012). A colaboração financeira de “*patrões do tráfico*” para a manutenção de algumas equipes agregava elementos para a insegurança, principalmente em razão dos problemas que poderiam gerar nos jogos, justificados pela possibilidade de estarem levando seus “*soldados*” e armas para a beira dos campos. Nesse mesmo contexto, especificamente sobre a violência em campo, Myskiw, Neto e Stigger (2015) apresentam interessante análise acerca das manifestações de violência que se manifestaram na forma de uma série de elementos identificados nos jogos observados. A partir do enfoque analítico dos personagens empíricos “*guri*” e “*nego véio da várzea*”, os autores buscaram compreender as dinâmicas de constituição das noções de violência, mostrando que faz parte daquele ambiente, mas é “administrada” pelos participantes através de algumas nuances dos equilíbrios de tensões dos jogos – “*Jogar na bola*”, reconhecendo e respeitando as regras do jogo, sobretudo em relação aos aspectos disciplinares que tratavam de proteger física e moral; “*Jogo amistoso*”, sabendo ‘tirar o pé’, ou seja, esquivando-se das disputas que ofereciam maiores riscos a si e aos adversários, sendo comuns as situações nas quais os jogadores, treinadores e árbitros se posicionavam de maneira autocontrolada uns em relação aos outros e às normas, o que justificava a prudência do modo de “*Jogar fugindo*” dos contatos corporais mais bruscos e que, nessa configuração, eram tomados como ‘violentos’; O “*Jogo pegado*”, que exigia firmeza, disposição, empenho ou doação intensa dos que entravam em campo, e que normalmente envolvia um “*Jogo de pressão*”, manifestado na forma de revides e contrarrevides de caráter intimidatório direcionados aos corpos dos adversários, especialmente daqueles que disputavam a bola, e que poderia antecipar o que se tratava de “*Jogos fumaceira*”, isto é, efervescentes, emocionalmente quentes; O “*Jogo perigado*”, não tão frequente, mas importante para compreensão da violência, quando os jogadores prioritária e deliberadamente deixavam de “*visar a bola*” e passavam a “*visar o adversário*”. Os autores concluíram que, diferentemente dos “*guris*”, os “*nego véio da várzea*” sabiam avaliar, deslizar e comportar-se entre/nesses diferentes equilíbrios de tensões, jogando “*fugindo*”, “*pegando*” e “*na pressão*” de acordo com as configurações.

No “*jogo pegado*”, quando a maneira de disputar a bola e os espaços era firme, porém na bola, nas situações em que se notava a eminência de briga generalizada, os próprios jogadores com a

colaboração dos árbitros tratavam de reelaborar os limites em vista da continuidade do confronto, fazendo isso aos gritos, gesticulações, ameaças e xingamentos. Ainda assim, a partir das conversas com os donos de ligas, escutando e lendo as notícias sobre elas, o autor relata que se deparava com os recorrentes relatos de brigas generalizadas entre jogadores (por vezes com os torcedores) e das agressões aos árbitros, fatos diretamente relacionados à noção de violência e, por sua vez, ao desaparecimento das competições (MYSKIW, 2012, p. 328).

O prognóstico acabou se concretizando em 2014 com a suspensão por tempo indeterminado da Categoria Livre¹⁴⁴ devido à violência que vinha ocorrendo dentro e fora dos campos de várzea. Segundo Martins (2016), com base em publicações em meios de comunicação, em 2013 houve muitas confusões e brigas nas categorias Livre A e B, principalmente agressões aos árbitros. A violência que se manifestava nos jogos estava relacionada à extensão da cadeia de interdependência do campeonato que envolvia outras dimensões da vida dos seus participantes, principalmente a conexão de equipes com o mundo das drogas, envolvimento que foi se acentuando e repercutindo cada vez mais no futebol. Com muitas equipes sendo dirigidas por padrões do tráfico, as Ligas foram paralisando as competições da categoria Livre, assim como a Secretaria de Esportes do Município de Porto Alegre também decidiu suspendê-la a partir de 2014, tendo como fator decisivo o homicídio de um torcedor durante uma partida de futebol da competição.

5.1.4. Interação entre atletas, árbitros e torcida

Havia também certa relação de reciprocidade entre torcedores, trio de arbitragem e atletas que se manifestava no estabelecimento de breves conversações.

[Torcedor] — *Hoje não vai roubar né?*

[Árbitro] — *Eu nunca roubei e não vai ser hoje.*

[Torcedor] — *Que barrigüinha sexy [...] passou protetor na careca bandeira?*

[Assistente] — *Não passei, tem um aí pra emprestar?*

[Torcedor] — *Tá cego filha da mãe? Não viu a falta?*

[Árbitro] — *Teve contato, mas foi na bola. Se tivesse pego o cara não jogava mais.*

¹⁴⁴ Idade mínima de 16 anos.

E quando o assistente se equivocou e marcou impedimento na cobrança de tiro de meta, torcedores disseram “*tu é novo ainda, tem muita coisa pra aprender [...] tem outro aquecendo pra te substituir*”, o bandeira imediatamente tratou de responder “*achei que era um bago*”¹⁴⁵. Em determinados momentos a torcida até era solidária, conforme relatado no diário de campo

Assim como em outras rodadas da Primeira Divisão antes do jogo entre as equipes principais adulto foi disputada uma partida entre as categorias sub-20 dos clubes. Neste dia chamou a atenção o fato do trio de arbitragem ser o mesmo em ambas as partidas, ou seja, o trio que apitou o jogo do sub-20 também apitou o da equipe principal, apenas alternando as funções entre um bandeira e árbitro. Esta observação é importante se levarmos em conta que é comum haver reclamações por parte de atletas e torcedores acerca de marcações da arbitragem. Nestes casos, há torcedores que comentam que parte dos equívocos se dá pelo fato de serem os mesmos que apitam jogos seguidos e que consequentemente estariam cansados. Este comentário, em certa medida, nos remete a uma questão que jamais ocorreria no esporte profissional: em parte os torcedores defendem a arbitragem ao dizer que a culpa não é deles, mas da organização que os faz trabalhar dois jogos seguidos – sem contar os casos de até 3 jogos diários se considerarmos que alguns apitam partidas das categorias inferiores disputadas no período matutino. Já no futebol profissional os árbitros são sempre os culpados e não há pretexto que possa justificar o erro (Diário de Campo, Jogo 43, 16/08/2014).

Dependendo da dinâmica do jogo, o comportamento da torcida¹⁴⁶ em relação ao trio de arbitragem oscilava entre um clima amistoso e

¹⁴⁵ Chute violento, conforme dicionário “Cabeça de bague: termos, expressões e gírias do futebol” publicado por Riboldi (2008). Neste contexto, a expressão se refere à um chute potente do goleiro na direção do ataque.

¹⁴⁶ O vocabulário demarcado por gírias e expressões ofensivas que geralmente sugerem injúria racial, sexual e familiar e que normalmente é utilizado por

desrespeitoso. Ameaças e insultos justificavam a presença de seguranças, pois em jogos mais disputados e em momentos tensos, nem sempre a conversação foi comedida, principalmente em relação ao desempenho dos árbitros

Torcedores que estavam próximos ao bar e alambrado reclamavam o tempo todo do assistente com os dizeres: *'é por isso que tu não deu certo no profissional'*– *'Por isso que lá tu não apita nada'*– *'Aqui tu não vai se criar, seu merda'*. *'Nem no amador tu consegue apitar'*– *'Não sabe nem se posicionar direito'*. O assistente respondeu à um torcedor *'Por isso que tu desistiu da arbitragem, pra apitar tem que ter inteligência'*. O torcedor que foi árbitro se referia ao assistente que já havia atuado no campeonato catarinense de futebol profissional (Diário de Campo, Jogo 39, 02/08/2014).

Em um jogo de muitas reclamações por parte da torcida, alguns visivelmente sob efeito do álcool ameaçavam e ofendiam o árbitro *'seu viado, tu é gaúcho ainda por cima seu viado'*. (Diário de Campo, Jogo 51, 15/11/2015).

Entre a torcida e atletas, por sua vez, o clima era mais harmonioso, remetendo a uma relação de proximidade nas tradicionais *“cornetas”*, mesclando brincadeiras e cobranças de desempenho. A torcida assídua não é anônima, é formada basicamente por pessoas que possuem alguma vinculação aos atletas ou ao clube. São familiares, esposas, amigos, moradores do bairro e simpatizantes do clube que comentam o jogo e o desempenho em campo, fazem piadas, riem das faltas cometidas e dos lances errados chamando os atletas pelo nome. As brincadeiras se referiam à aspectos físicos (*“Cadê o cabelo”*, *“Que topete”*, *“Só os gambito”*) de comportamento (*“Bebeu todas”*, *“Tá fraco porque foi pra noite”*, *“A mulher tá te matando”*) e também da performance esportiva (*“Já deu, vai jogar no veterano”*, *“Vamo nhaca”*, *“Vai pra cima”*, *“Vontade caralho, parece time de bunda mole porra do caralho”*, *“Eu aí mesmo com quarentão dou um banho”*). Em contrapartida ouviam *“Paga*

torcedores nos espaços destinados ao futebol profissional, também foi identificado nos jogos observados, todavia, optou-se pela não reprodução ou supressão desse tipo de linguagem nos diálogos mobilizados no texto.

uma gelada e uma picanha depois”, “*Vem aqui tu e faz melhor*”, “*Jogou onde, fera?*”. O comportamento de torcedoras de um clube chamava a atenção nos jogos: sempre que o atleta adversário carregava a bola e ia na direção do ataque, na eminência da sua equipe sofrer um gol, gritavam “*Sai bruxa, amarra os pés dele bruxa*”¹⁴⁷. A interação da torcida era com os jogadores do clube, sendo que os adversários ouviam apenas alguns comentários e que ficavam limitados, no geral, aos goleiros – dependendo do espaço disponível para a torcida, sendo provocados à cometerem falhas. Havia relação entre os atletas dos times, mas era difícil captar, sobretudo porque se dava em cumprimentos e conversas isoladas antes, durante e após os jogos.

Fotografia 11 – Interação torcedores e atleta



Fonte: Lucas Gabriel Cardoso/O Cancheiro¹⁴⁸.

Nota: Torcedores confeccionaram um cartaz com pedido à atleta.

¹⁴⁷ Dentre tantos registros, Diário de Campo, 06/10/2013. No debate sobre as diferentes concepções de “*ser manezinho*” – tema abordado no capítulo 7 – Fantin (2000, p.156) aponta que, dentre outras características, o autêntico *manezinho* do interior da ilha seria aquele que possui um repertório de narrativas recheadas de bruxas e outros personagens estranhos.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://ocancheiro.files.wordpress.com/2015/08/csc_0766-e1440303706248.jpg>. Disponível em: 13 abr. 2018.

Em seu estudo, Pimenta (2009, p. 194) relata que a interação entre jogadores e torcedores ultrapassa os alambrados e que apenas os membros do grupo conhecem os limites das relações jocosas ou ainda percebem quando as brincadeiras ofensivas não se caracterizam como ofensa. Neste caso, poderia se constituir como ofensa na medida em que pode revelar a incapacidade em dominar o contexto da situação, visto que somente transitam no campo com propriedade e segurança os que detêm o “sentido do jogo”, pois incorporam as regras que orientam essas relações. Ofensas direcionadas aos jogadores da equipe adversária não eram aceitas, sendo que frases que em muitos grupos seriam o estopim para conflitos – por exemplo “*Ei corno chuta logo!*” – não repercutem desse modo nesse contexto, pois os sujeitos sabem o que é ou não permitido. Assim, o não dito orienta as condutas dos sujeitos envolvidos, pois os torcedores sabem exatamente quem eles podem ou não xingar e provocar, bem como os diretores e jogadores ao responder ou não.

Nos jogos em que o público era reduzido aos torcedores seguidores do clube, minha presença não passou despercebida. A frequência aos jogos estabelecia uma rede na qual todos se conheciam e, neste caso, o fato de eu estar ali deveria ter alguma motivação e que gerava certa curiosidade. Nas primeiras observações percebi olhares de desconfiança dos torcedores ao perceberem o uso de um bloco de anotações – que logo foi substituído por um aparelho celular. No acompanhamento de uma equipe específica eu era reconhecida pelo vínculo com um dos atletas e então identificada pelo campo como “torcedora”. Em outra situação

Ao observar que eu estava com um bloco de anotações um senhor veio na minha direção e perguntou se eu era “*olheira*” de algum time. Eu disse que não e então ele falou: “*que pena, aqui iria encontrar muitos meninos bom de bola*”, referindo-se a equipe da casa que era formada basicamente por jovens. O senhor disse que ele já havia jogado antigamente e que tinha muito conhecimento sobre futebol. Também comentou que tinha contato no Avaí e que iria “*levar*” o lateral do [Clube] pois “*era bom de bola*”. Esse tem “*futuro*”. O tal lateral é da equipe sub-20 mas joga da categoria adulto. A torcida o apelidou de “Cris” em referência ao atleta profissional Cristiano Ronaldo (Real Madrid) por usar corte de cabelo no mesmo estilo e também pela qualidade técnica nos dribles (Diário de Campo, Jogo 39, 02/08/2014).

5.1.5. As expectativas de profissionalização e a mídia

A profissionalização dos atletas é tema recorrente e se apresenta no futebol não profissional em Florianópolis como um dos objetivos. A expectativa de conversão se apresenta nas reportagens que publicam os casos em que a profissionalização se confirmou ou ainda nos que ainda desejam. Também se coloca como algo palpável a partir dos exemplos de atletas que transitam entre clubes amadores e profissionais. Um atleta amador, ao responder o questionário sob minha supervisão, informou que sua ocupação profissional era “Atleta” e acrescentou que *“iria se profissionalizar”*. O campo contribui para a expectativa na medida em que se reconhece como catalizador por supostamente ser um espaço de visibilidade – a chamada vitrine. Há ainda a expectativa de ascensão gerada por pessoas que se dizem agenciadores, como verificado na fala de um membro da comissão técnica¹⁴⁹ ao alegar que *“eu tava no Rio, lá no CT do Flamengo levando um garoto de 10 anos, e tá lá, graças a Deus ficou lá o rapaz, foi lá pra peneira e ficou”*. E prossegue comentando que

Aproveitando que o [Clube] tinha um rapaz filmando eu pedi pra ele fazer uma filmagem [...] Aquele guri tem 18 anos, fez agora em março, ele tem mais praticamente 3 anos no sub 20. Vê se aproveitam aqui? eles não aproveitam, então eu fiz isso, hoje antes de vir pra cá tava preparando *email*, certo, pra mandar pros meus amigos no Rio de Janeiro pra eles darem uma olhada e ver se é viável, se cabe ele ir pra lá, naqueles clubes como América, Olaria, Madureira, os clubes assim menores na categoria de base deles, categoria sub 20 [...] aquele garoto se botar uma preparação, pegar uma equipe boa ele vai se criar, é um garoto com um potencial elevado [...] tu não vê um olheiro de Avaí e Figueirense nesse campeonato nosso aí,

¹⁴⁹ Reconhecido no campo, em 2016 concedeu entrevista de 43 minutos ao jornalista Sandro Machado - Canal “Bate Bola”. Publicada em duas partes, na primeira fala de sua trajetória nos clubes amadores da Grande Florianópolis. Na outra, comenta a copa interligas, estadual de amadores e os projetos que desenvolveu em prol da modalidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-y9xJzrKoHI> (parte 1); <https://www.youtube.com/watch?v=p4UV8r9h-1Q>. (Parte 2). Acesso em: 25 mar. 2018.

não tem. Agora eu sei que em Palhoça tem dois olheiros do Flamengo do Rio de Janeiro e aqui não tem ninguém [...] os caras saem de lá, ligaram pra mim [e disseram] que receberam [a informação] que é o melhor campeonato, mais disputado aqui da grande Florianópolis (RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014).

[...] é totalmente difícil um cara do amador que já passou pelos seus 16, 17 anos fazer teste em algum lugar e ficar, porque não tem como, não tem condições, só se o cara for acima da média e o poder dele de cognição ser acima da média de inteligência pra, pra tá jogando profissionalmente, parte física, tudo no geral. [A profissionalização] de 10 à 13 anos é o limite, vamos botar 14, passou disso, difícil (MB, Atleta. Entrevista 9, 15/08/2014).

No período da pesquisa não identifiquei a presença de “olheiros” nas competições. O desinteresse pelos jovens que atuam nos bairros pode ser exemplificado a partir da constituição dos grupos de um dos clubes profissionais de Florianópolis, pois do total de aproximadamente 120 atletas¹⁵⁰ que compõem as 5 categorias de base, 95 deles são procedentes de outras cidades e/ou estado. Sem observadores, a única chance dos jovens locais seria na competição infantil organizada pela LIFF e que conta com a participação dos dois clubes profissionais. Entre os não profissionais também há certo desinteresse pelos atletas da categoria sub-20, pois após a atingir a idade permitida naturalmente deveriam “subir” para o time principal¹⁵¹, entretanto, no geral, não é o que acontece.

¹⁵⁰ Dados fornecidos pela assistente social do Clube referente às categorias Sub13, Sub14, Sub15, Sub16, Sub17 e Sub20 em 2017. Nenhum dos 22 atletas do elenco sub-20 que disputou a Copa São Paulo de Futebol Júnior pelo Avaí Futebol Clube em 2018 nasceu em Florianópolis.

¹⁵¹ Em São Paulo, o desinteresse foi identificado por um coordenador de escolinha que participou da pesquisa realizada por Spaggiari (2015, p. 184), ao relatar que “a diretoria não recruta os melhores ex-jogadores e alunos excedentes da escolinha para abastecer das equipes varzeanas Esporte (ou ‘time A’, ‘time da Kaiser’) e Segundinho (ou ‘time B’)”.

Senhores, todos que participam das categorias de base têm como sonho um dia vestir a camisa do primeiro time, vamos pensar no futuro do clube! Repensem suas atitudes. Pois o futebol amador possui vários exemplos de clubes que fecharam suas portas em função da mesma prática utilizada por vocês (BLOG AMADOR FC, 21/04/2014).

Meu sonho era ser um atleta profissional, mas como já passei da idade, quero jogar em alto nível no futebol amador_revelou (BLOG AMADOR FC, 03/02/2013).

[Atleta] ganhou a confiança do técnico e, atualmente, é um dos principais atletas da equipe do Norte da Ilha. Mesmo afastado dos clubes profissionais, o volante pretende retomar a carreira. ***O sonho nunca morre!*** (BLOG AMADOR FC, 28/06/2014, grifo meu)¹⁵².

A expectativa de profissionalização entre os sujeitos que compõem o campo é um dos elementos que aproxima o futebol amador do profissional¹⁵³. Os casos isolados noticiados na mídia, a suposta visibilidade na disputa de uma competição federada e os ditos agenciadores alimentam o sonho de profissionalização dos atletas, que reconhecem a dificuldade, mas mantêm o desejo latente, ainda que em clubes que disputam a Segunda Divisão do Campeonato Catarinense com contrato de 3 meses. Segundo o relato do ex-atleta profissional, a profissionalização inicia cedo, mas conforme dados acima, os garotos dos

¹⁵² Atleta jogou em 3 clubes da Segunda Divisão de Santa Catarina.

¹⁵³ Em 2016, o caso de um menino de 9 anos que foi selecionado para clínica de futebol promovida pela Escola Oficial do Barcelona (FCB Escola) ganhou destaque na mídia local (Televisão, jornais impressos e *online*). Na primeira reportagem de um jornal *online* e impresso, na matéria intitulada “Sonho de criança”, aparece o reconhecimento no bairro após ganhar a bolsa, a indicação do menino por um empresário, a relação com a escola, aspectos familiares, inserção no futebol e a expectativa do menino: “Se eu passar, vou ajudar quem não tem casa pra morar, e os meus pais eu vou levar pra Espanha – sonha”. Na segunda matéria é apresentada a experiência nos treinamentos, a dificuldade no deslocamento e após o treinador “não dar esperanças” ao dizer que o objetivo não era observar um talento e “levar” para Barcelona, o menino diz: “Quando eu voltar pra escolinha do Saco dos Limões, vou surpreender eles com novos chutes a gol – garante” (BRUNO, 2016a; 2016b).

clubes de bairro não são selecionados pelos profissionais, tampouco a categoria adulta, o que significa pouca ou nenhuma visibilidade.

A influência do futebol profissional aparece no campo de forma sutil, pois não ecoa em todos os times do mesmo modo e intensidade. Em termos estéticos, essa influência aparece, por exemplo, nos cortes de cabelo, tatuagens, calções dobrados para encurtar o tamanho – deixando coxas expostas (estilo Cristiano Ronaldo) – e no reconhecimento da presumida semelhança técnica dos dribles de atletas profissionais e performance em campo. Observa-se ainda nos equipamentos utilizados, como o uso de fones de ouvido antes dos jogos, as chuteiras mais utilizadas na Copa do Mundo de Futebol de 2014, uniformes de passeio, *nécessaires* com pertences pessoais, camisas *coladinhas* (Térmica) e ainda nos comportamentos em campo, por exemplo as comemorações de gols, simulação de faltas, *catimba* e *fair play*. Em termos de “*rituais*”, a moldura profissional se reproduz na oração antes do início da partida, na entrada em campo com o pé direito, no aquecimento/alongamento, na roda com orientações motivantes proferidas pelo capitão, nas comemorações de gol, na foto e saudação à torcida e nos cumprimentos no término do jogo.

[...] do momento que começa a ver um jogo profissional, tu começa a tentar identificar o que tu pode fazer mais ou menos parecido no (...) passar pro amador mais ou menos parecido o que vem do profissional em relação à preparação física, o treinamento com bola [...] então eu procuro ver o que os treinadores tão fazendo, tão se aperfeiçoando pra poder colocar em prática no final de semana, seja com a base de treinamentos ou alguma outra estratégia assim (..) seria de posicionamento (GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014).

Eu acho que eles gostam de imitar muito, parte de chegar com fone na orelha, *cortinho* de cabelo, parte de comemoração, essas coisas assim, que eu possa dizer mas do restante, ou botar um *esparadrapozinho* aqui no pulso, faz parte, que eles olham na televisão e tentam fazer (MB, Atleta. Entrevista 9, 15/08/2014).

A influência do futebol profissional é sempre notória, por quê? Porque os atletas que são amadores eles costumam acompanhar os jogos pela televisão ou vão ao campo assistir os jogos profissionais, então tudo de bom e tudo que não é bom é copiado. O ideal que fosse copiado somente coisas boas né, e o futebol profissional por ser *profissional* ele deveria ser assim, mas infelizmente aí no profissional a gente encontra muitos problemas, jogadores que às vezes cometem atitudes muito graves, antidesportistas, brigas, confusões, agressões e brigas de torcidas e isso no amador ele não quer, não é que faça igual, mas em alguns momentos ele copia essas situações (VA, Árbitro. Entrevista 14, 22/08/2014).

Fotografia 12 – Antes do jogo



Fonte: Celso Martins/Daqui na Rede¹⁵⁴.

Nota: Ritual que antecede o início do jogo.

A própria cobertura da mídia, em termos estruturais, utiliza a mesma linguagem do futebol profissional na publicação de matérias informativas de notícias das competições não profissionais, dos clubes e da Liga, mesclando aspectos pessoais (vida privada, trabalho) e pública (referente ao trabalho e futebol). Os termos empregados são “*clube*

¹⁵⁴ Disponível em: <<https://fotosdodaquinarede2.wordpress.com/#jp-carousel-11080>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

contratou; a equipe terá reforços; time cai de quatro; empate no duelo de gigantes; atleta acerta com o clube; o atleta defendeu o clube; jogador bom de bola; na trajetória esportiva defendeu”. De acordo com um atleta entrevistado, as matérias pessoais são esperadas pelos jogadores com expectativa, pois “*ter uma reportagem minha no blog significaria a valorização e reconhecimento do meu futebol*”¹⁵⁵. Há ainda na versão impressa a publicação do pôster do campeão da Primeira Divisão.

Dentre os que utilizam ferramentas digitais para aproximar o clube dos seus torcedores, as publicações nos *websites* e redes sociais adotam o modelo de comunicação na mídia utilizado no futebol espetáculo. São publicações informativas dos assuntos do clube, calendário de atividade, desempenho na competição, informações sobre o elenco, publicação de vídeos com entrevistas antes e após os jogos, preleção, palestras motivacionais antes dos jogos, etc. Um bom exemplo da influência do modelo de reprodução dos veículos de comunicação ocorreu em um jogo¹⁵⁶ no qual um atleta *pediu música* por ter convertido três gols em uma partida, semelhante ao que ocorre aos domingos no programa Fantástico (Rede Globo), quadro no qual os atletas profissionais que disputam o Campeonato Brasileiro conquistam tal “direito”. A música “pedida” na ocasião, inclusive, foi do mesmo gênero que costumeiramente os profissionais indicam para reprodução enquanto o vídeo mostra os gols marcados.

¹⁵⁵ GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014.

¹⁵⁶ Intitulado “Conquistando o impossível pela fé” sobre o jogo classificatório para as quartas-de-final disputado em 01/12/2015, o vídeo está disponível em: <<https://serauebotafogo.blogspot.com.br/2015/11/conquistando-o-impossivel-pela-fe.html>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

6. EPISÓDIO 2

Fora de casa, um jogo dentre tantos
Jogo 50 – Segunda Divisão
24 de outubro de 2015, Sábado, 20horas
Santo Antônio de Lisboa, Norte da Ilha

O mando de campo era da equipe do B, entretanto, o clima interferiu em mais uma rodada da competição. O campo do clube, que já não é dos melhores, não apresentava condições de jogo após as fortes chuvas que caíram no decorrer da semana. A solução para completar a rodada foi a disputa da partida às 20h de sábado, em campo alugado. Esse horário, incomum no futebol amador da capital pois normalmente são marcadas para as tardes de sábados e domingos, só não supera a partida disputada em 2013 válida pela Copa Floripa, na qual duas equipes se enfrentaram às 22h30min de quarta-feira, *horário inacreditável* conforme assinalado na postagem do Blog Amador FC¹⁵⁷.

A publicação no Blog destaca que caso algum atleta dependesse de ônibus após o jogo, não teria como voltar para casa. Em relação ao transporte, conforme verificado nas partidas observadas ao longo de 2013, 2014 e 2015, no geral os atletas já costumam efetuar os deslocamentos de carro e/ou carona em pequenos grupos, entretanto, tal questão é válida se pensarmos que são jogadores trabalhadores e não atletas profissionais, e que no dia seguinte deverão atuar em seus trabalhos de ofício normalmente. Além disso, o campo de jogo alugado está localizado em um bairro distinto à sede de ambos os clubes.

Em relação ao jogo que me propus a assistir, quando cheguei nas dependências do clube, aproximadamente às 19 horas, havia uma partida de futebol acontecendo e algumas pessoas circulavam na sede, onde há um bar, mesa de sinuca e espaço social para realização de churrascos e outras confraternizações. O televisor estava sintonizado no SporTV, transmitindo o jogo entre Figueirense e Santos, partida válida pelo campeonato nacional da Primeira Divisão. Alguns homens acompanhavam atentamente ao jogo, já outros jogavam sinuca, enquanto que algumas mulheres estavam sentadas conversando. Escorado no

¹⁵⁷ Disponível em

<<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube/2013/03/27/horario-inacreditavel-na-copa-floripa/?topo=77,1>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

balcão havia um senhor vestindo uma camisa com o símbolo do clube proprietário da sede. Perguntei à ele se estava ali para ver o jogo do time do bairro vizinho e ele disse que não, que costumava frequentar a sede para encontrar os amigos no bar e jogar carta. Ao ser perguntado sobre o escudo do clube na camiseta que vestia, respondeu que era sócio, mas que não assistia aos jogos, que era associado para usufruir da sede. Para finalizar o bate-papo, disse ainda que *“a comunidade já não participa mais como antigamente. Antes tinham os parentes e vizinhos jogando, agora são todos de fora, naquele tempo sim era bom”*.

Após circular na sede, acompanhei a movimentação em campo. As equipes que estavam jogando eram da categoria Veterano (Acima de 40 anos) e a partida não era válida por nenhuma competição oficial, se tratava de um jogo de amigos que formam um time, alugam o campo e marcam jogos com outras equipes de veteranos, prática comum entre homens que gostam de jogar futebol e que optam por não disputar competições. Nesse caso específico, observa-se que o futebol é o elo de ligação entre os homens, porém o desempenho futebolístico já não ganha centralidade como nos campeonatos oficiais promovidos pela LIFF. Ainda que a equipe de veteranos dispute a competição oferecida pela CESANI¹⁵⁸, o tradicional campeonato de veteranos do norte da ilha, há provavelmente outros sentidos e significados que perpassam a performance futebolística.

Na sede, confraternização dos envolvidos no jogo anterior. Em campo, no jogo válido pela Segunda Divisão, pouco a pouco os atletas titulares assinaram a súmula, se posicionaram e cada um fez seu pequeno aquecimento – nem todos, alguns apenas davam aquela puxadinha na ponta do pé simulando um alongamento. Não há arquibancada e era possível ver o jogo detrás de ambas as linhas de fundo, do antigo bar localizado sobre os vestiários – próximo a um dos cantos do campo – ou ainda desde uma das laterais, porém há desnível de terreno e a visibilidade é prejudicada. Nos outros jogos realizados nesta sede a presença do público é pequena e os que assistem geralmente são do clube visitante – torcedores que se deslocam de outros bairros da cidade. Tais expectadores ocupam a lateral apoiados nos carros estacionados ou no alambrado. A visão privilegiada é de dois vizinhos que costumam observar momentos do jogo desde casa, apoiados no muro que demarca os terrenos.

Nesta noite a visibilidade do jogo era precária devido ao mal funcionamento dos refletores e não houve cobertura do jornal local que geralmente acompanha um dos times. Na copa, enquanto os

¹⁵⁸ Comissão do Esporte Amador do Norte da Ilha.

remanescentes seguiam confraternizando, nenhum alimento disponível para compra e consumo, apenas bebidas. Nesta sede pelo menos os sanitários são novos, diferentemente da realidade da maioria das outras instalações nas quais frequentei o banheiro apenas nos casos de extrema necessidade.

No início do segundo tempo a sede foi fechada e todos foram embora. Em campo os atletas jogavam sendo observados pelo delegado, treinadores, atletas reservas e eu. O jogo não fluía, típico jogo *morno*¹⁵⁹, sem emoções, poucas chances de gols e dribles, e a sucessão de passes e lançamentos errados fazia com que nenhuma equipe conseguisse manter a posse de bola por muito tempo. Com o passar do tempo os atletas demonstravam pouco preparo físico e diminuía ainda mais o ritmo, demonstrando cansaço. As redes ao redor do campo favoreciam para que a bola fosse reposta em jogo rapidamente, o que não parecia ser preferência de ambas as equipes, pois naquele momento do jogo, a cada falta, os atletas insinuavam que estavam lesionados – tudo para ganhar alguns segundos de descanso. Na linha de fundo, bem próximo de onde eu estava, em uma das faltas duras do jogo, um dos atletas disse ao outro: “*Calma pô!, amanhã tenho que trabalhar*”. O atleta que fez a falta pediu desculpas e estendeu a mão para que o adversário pudesse levantar.

Nas laterais os treinadores observavam a partida e os jogadores reservas estavam sentados conversando. Todos eles entraram no jogo, alguns sem qualquer aquecimento. Aos 90 minutos o único gol da partida e apito final. Os atletas se cumprimentaram, alguns fizeram o sinal da cruz e foram para os vestiários e de lá saíram perfumados, cabelos alinhados e combinando “em qual balada” iriam naquela noite. O zelador pressionava para que todos deixassem a sede, o que logrou poucos minutos após as 22h, quando todos saíram e ele pôde, finalmente, fechar o portão.

¹⁵⁹ Partida de futebol em que os atletas não se expõem ao adversário, não há disputa; ocorre quando o placar é previamente acertado, normalmente o empate que favorece ambas equipes (RIBOLDI, 2008).

6.1. A RELAÇÃO CLUBE – COMUNIDADE: O ALENTO DO RESGATE, REPATRIAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO

“No hay nada menos vacío que un estadio vacío.
No hay nada menos mudo que las gradas sin nadie”.
(GALEANO, 1995)

O futebol não profissional em Florianópolis se organiza a partir de clubes vinculados às comunidades¹⁶⁰ em que se localizam. Os clubes surgem a partir do agrupamento de pessoas que vivem dentro de uma mesma área geográfica (Bairro), vinculados pela consanguinidade (laços familiares) ou relações de amizade, unidas por interesses comuns (neste caso, o futebol) e que participam das condições gerais de vida¹⁶¹. Nos diferentes bairros de Florianópolis, partilhando o gosto pelo futebol, grupos de pessoas fundaram os clubes que disputam a competição de futebol não profissional. Ainda que a prática esportiva ocupasse centralidade desde o princípio, inicia-se uma vida social e comunitária em torno do clube com a auto-organização que concentrava oportunidades de lazer para a comunidade, seja jogando, assistindo futebol ou participando de outras atividades sociais, como almoços, eventos e bailes que eram promovidas pelos diretores do clube, com atuação efetiva destes na organização e não apenas como “convidados”. Apesar da centralidade do futebol nas atividades, o clube não se resumia a ele, mas era também ponto de encontro da comunidade e quiçá possibilitava uma vida social

¹⁶⁰ Considerando o debate das Ciências Sociais sobre o “Pensamento da Comunidade” (DUARTE, 2011), o qual destaca o caráter polissêmico da noção, ou seja, que comporta uma diversidade de sentidos, neste texto *comunidade* será considerada a partir das reflexões de Bauman (2003). Bauman (2003 *apud* DUARTE, 2011) enfatiza os sentimentos ambivalentes e contraditórios do homem contemporâneo em relação à comunidade, para quem ela seria simultaneamente objeto de nostalgia, ansiedade e temor. Para Bauman (2003), o homem contemporâneo não se cansa de procurá-la e mesmo de tentar estabelecê-la, almejando ansiosamente por um “lugar ‘cálido’, um lugar confortável e aconchegante” para defender-se das inseguranças e instabilidades da vida social em tempos de “modernidade líquida”. (BAUMAN, 2003, p. 7). De outro modo, há a busca insistentemente de escapar às demandas e exigências constitutivas da vida comunitária, assumidas como um peso insuportável que constrange e limita a liberdade individual.

¹⁶¹ Segundo Costa e Maciel (2009, p. 63), “O bairro pode ser compreendido como o espaço físico e afetivo no qual ocorrem as relações sociais cotidianas do sujeito”.

em conjunto. Todavia, na atualidade a relação do clube e comunidade parece ter ganho outros contornos, pois

Nossa intenção mesmo é resgatar a comunidade para o futebol amador né, que antigamente tinha o campeonato norte da ilha onde o [Clube] levava muita torcida e isso com o tempo foi acabando (RP, Comissão Técnica. Entrevista 3, 08/08/2014).

Infelizmente o futebol amador está se profissionalizando [...] Antigamente os clássicos eram lotados de torcedores. Hoje nem meia dúzia vão [...] vários garotos do bairro têm vontade de jogar nos times, mas não jogam porque não são valorizados, trazem jogadores de fora, pagam para estes gasolina, o dinheiro pro jogo, o churrasco e até um bicho por fora. E o jogador criado no clube fica chupando o dedo. Por isso não tem mais jogador do bairro. Isso faz com que o clube perca identidade com o bairro, afastando desta forma sócios, colaboradores locais e torcida. Uma pena isso. Tem que incentivar e valorizar a rapaziada do bairro, porque isso que é legal, eu ver um amigo meu jogar no primeiro time e não somente gente de fora que vem só pela grana. Com certeza não tem a mesma pegada que a do jovem do bairro (BLOG AMADOR FC, 26/02/2015).

No conjunto de dados produzidos na pesquisa emerge o discurso latente de que a relação entre clube e comunidade *se perdeu*¹⁶², expressado pelo saudosismo de que antigamente a comunidade participava mais, que havia mais público nos jogos. Todavia, considerar “antigamente” pode ser relativo, pois se tomarmos como critério de envolvimento a presença quantitativa de público, em 2012 – ano anterior ao que delimita o início do período da pesquisa – na final da Segunda Divisão o estádio estava lotado, “as 500 pessoas das duas torcidas amontoadas no barranco, somam-se a outras 300 que ficam ou atrás de

¹⁶² Discurso presente nas entrevistas: RTD, Comissão técnica, 09/08/2014; RP, Comissão Técnica, 08/08/2014; EDB, Dirigente, 11/08/2014; IVT, Dirigente, 15/08/2014; GA, Comissão Técnica, 16/08/2014; MA, Atleta, 09/08/2014; DA, Atleta, 09/08/2014; EB, Atleta, 18/08/2014; FB, Atleta, 11/08/2014; JF, Atleta, 19/08/2014.

um dos gols ou no pequeno bar do clube, único local coberto” (INÁCIO, 2012, p.15)¹⁶³.

Ainda que do ponto de vista quantitativo a participação seja pequena e, portanto, pareça pouco visível no universo urbano, para os envolvidos, o futebol não profissional ocupa centralidade. Para Oliveira, Souza e Machado (2012, p. 14), os campeonatos de futebol amador permitem a observação de um dos estilos de vida possíveis no meio urbano, uma forma distinta de viver a cidade. Myskiw (2012, p. 20) aponta que se trata de um fenômeno da cultura urbana que tem pouca visibilidade na mídia, mas que ocupa importante lugar na vida da cidade de Porto Alegre, sobretudo nas regiões mais periféricas.

Na teia de relações de interdependência entre os personagens, há pessoas que ocupam diferentes funções, como jogadores, familiares, simpatizantes, dirigentes, jornalistas e moradores do bairro e que motivados pelo futebol investem boa parte do tempo livre para acompanhar a versão não profissional pela cidade. O cotidiano da prática é marcado por deslocamentos entre os bairros, encontros sociais nos clubes, rivalidades, desentendimentos em campo, ofensas aos árbitros, afirmações de tradicionalidade e orgulho da longevidade, além de acusações de profissionalização de clubes que, fundamentada na prática do pagamento de benefícios pecuniários, acarretaria a perda de identidade, vínculo e pertencimento comunitário.

Para os personagens envolvidos diretamente no gerenciamento dos clubes, o vínculo com o bairro é fundamental e, provavelmente motivados pela importância que a prática opera no cotidiano, reclamam a “perda”. A questão da origem, identificada a partir da ausência ou presença de pessoas do bairro na composição do elenco principal, é avaliada em uma relação de causa e efeito do distanciamento

[Em casa] lotava o estádio, só da nossa torcida. Hoje não, antigamente a gente quando jogava fora ia quatro ônibus. É que depois o [Clube] passou a ter um tempo com pouco jogador daqui, então hoje a gente tá repatriando aqueles associados que têm filhos que jogam aqui. E é assim, se tem filhos jogando, atletas da família jogando, eles vêm prestigiar, e se não tem, se são atletas de fora, aí eles passam, bem poucos vêm (EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014).

¹⁶³ Relato da final de 2012 publicado no Jornal Laboratório Zero, disponível em: <https://issuu.com/zerojornal/docs/zero_issuu>. Acesso em: 25 mar. 2018.

Deste modo, o discurso nativo assinala que o afastamento se deu em função da participação no time de pessoas que não eram da comunidade, já que agregando atletas “de fora” deixaram de ser comunitários – argumento central que será retomado diversas vezes no decorrer do texto. Se em outra época houve uma suposta relação mais próxima, a motivação para os clubes adotarem tal prática se explica a partir da lógica esportiva da sobrepujança. A combinação do impulso para a quantificação com o desejo de vitória, ligado à ideia de comparação¹⁶⁴ e progresso entre os clubes, jogou para segundo plano o vínculo comunitário, dando primazia ao desempenho técnico, pois *“qualquer clube da cidade não tem condições de formar um time competitivo com jogadores do bairro”*¹⁶⁵, tendo em vista que *“ninguém disputa a Primeira Divisão pra perder, ou alguém aqui quer cair pra Segunda?”*¹⁶⁶

O atleta identificado com o clube também considera o quesito técnico como motivador para o distanciamento, entendendo que devido ao pagamento de atletas e a baixa participação de pessoas do bairro no elenco favorece a perda da identidade, pois devido aos

[...] atletas estarem buscando uma remuneração para jogar e tal, perde um pouco a identidade do atleta com a comunidade né, então isso afasta um pouco a comunidade do campo. Antigamente se tinha um pouco mais a comunidade junto justamente porque tinha uma pessoa, ou um grupo de pessoas daquela comunidade que representava aquele time né. Hoje em dia em virtude disso, de tá buscando um cara – tenho amigos que moram no Ribeirão que jogam lá no Rio Vermelho¹⁶⁷ porque os caras pagam um X reais pro cara jogar – então lá ninguém conhecem eles, só tá porque são bons jogadores enfim, isso acaba né desprestigiando talvez um cara que resida lá mas é inferior tecnicamente, e que acaba não sendo relacionado (FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014).

¹⁶⁴ Semelhante à definição de “recorde” formulada por Guttman (2004 *apud* Almeida, 2011), que, ao diferenciar o esporte moderno de outras práticas, considera como características a secularização, igualdade, especialização, racionalização, organização burocrática, quantificação e recorde.

¹⁶⁵ GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014.

¹⁶⁶ Fala de um presidente na reunião do Conselho Técnico (07/12/2015).

¹⁶⁷ Os bairros são praticamente opostos, distante cerca 35km a 50km, dependendo do trajeto utilizado.

O discurso da mídia também engendra a relação entre atleta, clube e bairro, alimentando o imaginário de pertencimento, identificação, vínculo e origem. Esses ingredientes são valorados nas publicações sobre a formação do time que representará o clube na competição, ou ainda nas narrativas que abordam a trajetória de atletas. O trecho abaixo mais bem representa a questão

Fico impressionado como os atletas de Santo Amaro da Imperatriz [cidade da grande Florianópolis] são leais aos clubes do município. Estrela Azul e Cometa, que disputarão a Copa Interligas, estão repatriando jogadores de alguns clubes favoritos ao título da competição. Em comum, o depoimento dos atletas que justificam o desejo de atuar próximo de casa (BLOG AMADOR FC, 06/03/2014).

Ao focar a lealdade dos atletas como prática incomum, há o reforço do oposto, ou seja, reproduz a ideia de infidelidade como algo habitual, algo a ser repellido. A supervalorização pode ainda ser identificada nas matérias que ressaltam que o atleta “*só jogou no clube do bairro*”, que “*a fidelidade dos jogadores com o time faz a torcida ficar ainda maior*”¹⁶⁸ ou ainda nas acusações de “*mercenário*” comentadas pelos torcedores nos anúncios de transferências. Do ponto de vista profissional, “*rodar*” entre os clubes é valorizado pelos jogadores e tratado como uma forma de capital simbólico (RIAL, 2008). Já no contexto do futebol amador, a troca não é proibida, porém não é bem aceita. Segundo Rigo (2007), a transferência de jogadores apresenta singularidades no futebol de bairro, pois há resistências quando ocorre entre times rivais, porém quando se trata de deixar o time para ingressar no futebol profissional, a transferência é aceita e até mesmo comemorada.

No futebol profissional existe a crença de que os *pratas da casa*, ao receberem no processo de formação investimento emocional, terão maior facilidade de identificação com o clube e com a torcida que representa. Deste modo, no processo de formação, além da *performance*, se coloca também o elemento do pertencimento clubístico, o qual formaria não apenas atletas, mas atletas-torcedores. Para os torcedores, é importante que haja vínculos afetivos que facilitem a identificação com os símbolos dos clubes desde as categorias de base, uma vez que o

¹⁶⁸ Blog Amador FC, 10/05/2014.

imaginário é que “o processo de formação, prolongado e realizado no interior do clube, seria a estratégia para forjar jogadores com sentimentos de torcedor, os únicos verdadeiramente capazes de entregar-se de corpo e alma à causa coletiva” (DAMO, 2007, p.50). Neste aspecto, os dirigentes dos clubes dos bairros reproduzem a exigência dos torcedores em relação ao atleta profissional, ou seja, que antes de serem atletas devam ser torcedores, o que exigiria fidelidade, pois a esse não lhe é permitida a troca de clube. Assim, no futebol não profissional, a troca de clubes é vista como falta de fidelidade e, conseqüentemente, de pertencimento.

Embora tenha uma pequena, porém constante cobertura por parte da imprensa local, o futebol amador não tem a mesma visibilidade do futebol profissional publicado “*na capa*”, mas tem a linguagem reproduzida “*na contracapa*”¹⁶⁹. As informações das rodadas, escalações, retrospectos, transferências, casos peculiares, trajetória dos atletas e sobre a administração dos clubes atualizam e mantém informados os interessados, que se manifestam em comentários que valorizam o sentimento de pertencimento, amor à camisa, raça, dedicação, identidade e as virtudes de “*humildade, simplicidade, respeito e profissionalismo [e] que acima de tudo sirva de exemplo*”¹⁷⁰, são valores destacados em ambos contextos. Conforme destaca Damo (2008), os torcedores apreciam atitudes dos atletas que denotam entrega irrestrita na busca da vitória. Contudo, é preciso lembrar que as narrativas selecionam, editam e classificam as informações de acordo com o contexto dominante ou da correlação de forças (SOUTO, 2002 *apud* SOARES; HELAL; SANTORO, 2006, p. 87) e, neste caso, o futebol profissional é referência nos discursos e que paradoxalmente acaba aproximando ou afastando o amador. Aproxima do profissional na medida em que reproduz a lógica esportiva do rendimento e afasta ao ressaltar valores amadores de identificação dos atletas com os clubes do bairro e põe sob suspeita as trocas¹⁷¹.

¹⁶⁹ Metáfora proposta por Oliveira (2013, p. 115) para pensar o lugar do futebol amador na cidade de Curitiba.

¹⁷⁰ Blog Amador FC, (15/05/2015).

¹⁷¹ Algumas transferências divulgadas no Blog Amador FC são constantemente comentadas por torcedores que assinalam a “falta de amor à camisa” e classificam os jogadores como mercenários. Um exemplo dentre tantas manifestações: “Tenho pena dos Sócios que contribuem mensalmente para a manutenção dessa sociedade para ver um bando de Mercenários jogando no time...UMA VERGONHA...UMA TRISTEZA...UMA DECEPÇÃO ver essa sociedade dissolvendo-se lentamente” (BLOG AMADOR FC, 03/02/2013, grifos do autor).

Na mídia local, o subtítulo “*O lar do verdadeiro futebol*”¹⁷² e a manchete “*O espírito do amador*”¹⁷³ contrastam com a legenda “*Tratando o futebol amador com profissionalismo*”¹⁷⁴. Por um lado, impera o profissionalismo, vinculado à seriedade, enquanto que por outro, valores como humildade e amizade são valorados, principalmente quando os atletas “*deixaram a vaidade de lado*”¹⁷⁵, gesto mencionado quando três atletas tiraram o excesso de água do gramado com rodos antes da partida ou ainda quando o ex-atleta profissional foi exemplo, pois “*ficou no banco por quase todo o campeonato e não tumultuou o ambiente*”¹⁷⁶.

Fotografia 13 – Preparação do gramado



Fonte: Betina Humeres /Agência RBS/Amador Futebol Clube¹⁷⁷.

Nota: Na publicação, a fotografia é intitulada “Espírito do futebol amador” e a legenda “Jogadores deixaram a vaidade de lado”.

¹⁷² Disponível em: <<https://desprovidosdefama.wordpress.com/>> Acesso em: 25 mar. 2018.

¹⁷³ Blog Amador FC, 13/03/2013.

¹⁷⁴ Disponível em: <<http://batebolasc.com.br>> Acesso em: 25 mar. 2018.

¹⁷⁵ Blog Amador FC, 13/03/2013.

¹⁷⁶ Blog Amador FC, 27/11/2013.

¹⁷⁷ Disponível em:

<<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube/2013/03/13/espírito-do-futebol-amador/?topo=52,2,18,,284,e284>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

É evidente que não é “privilégio” do futebol ter significados construídos pela mídia. Ela opera esta mediação como regra, construindo uma “noção de realidade” própria, que evidencia determinados fatos sob determinados enfoques, em detrimento de outros (GASTALDO et al., 2005).

A mídia publica um retrato do que quer apresentar, constrói sua narrativa a partir dos melhores momentos, do discurso elaborado a partir do recorte da memória dos personagens que relatam um tempo em que havia maior vínculo e participação comunitária. Deste modo, as publicações na mídia são um reforço das categorias nativas, ou seja, uma representação sobre o fenômeno, prática que muitas vezes reproduz a expectativa do próprio campo.

Nas entrevistas reproduzidas os dirigentes avigoram os discursos dos princípios do que constituiria um clube comunitário, como por exemplo na ocasião de dificuldade financeira, ao receber uma proposta de investimento de um ex-diretor na “aquisição” de jogadores renomados e que exigia em contrapartida a dispensa da comissão técnica, justificada porque “*Não podemos misturar amizade com um objetivo competitivo*”, o dirigente rebateu que “*Ninguém vai se vender. É claro que precisamos de dinheiro como qualquer outra entidade, mas temos os nossos valores de amizade*”¹⁷⁸. Com a negativa da proposta, o diretor passou a atuar no maior rival – clube do mesmo bairro e que utiliza o mesmo campo – ou seja, “*virou a casaca*”¹⁷⁹, mesma expressão dada aos atletas nos casos em que opera a rivalidade.

O discurso saudosista de outrora e a circulação de jogadores também emergiu no futebol de várzea praticado em São Paulo. Spaggiari (2015, p.30) aponta que as narrativas plurais e diversificadas do futebol de várzea de Guaianases (SP) revelam um passado nostálgico e romântico¹⁸⁰, rememorado a partir dos sentidos conferidos no tempo presente a um conjunto de eventos e percepções do que “era” o futebol de

¹⁷⁸ Blog Amador FC, 03/02/2014.

¹⁷⁹ Blog Amador FC, 02/03/2014.

¹⁸⁰ O autor destaca que “os varzeanos afirmam que não são nostálgicos e, ao mesmo tempo em que refutam acusações de que teceriam uma visão romântica de outros períodos, defendem que não existe mais a várzea, ou, como dizem, a ‘várzea dos bons tempos’ [...] Outros defendem que o futebol de várzea não acabou por causa dos veteranos, que mantêm a ‘verdadeira várzea na ativa’, seguindo os valores tradicionais, vinculados principalmente às relações familiares, de amizade e vizinhança” (SPAGGIARI, 2015, p.36).

várzea. Os interlocutores veteranos (40 anos ou mais) narram “uma várzea que não existe mais” ou uma “várzea que já acabou”, expressões pouco presentes nas falas dos futebolistas mais jovens. Em comparação ao vivenciado em outras épocas, “quando a várzea já foi melhor”, o autor identificou que o cenário varzeano atual é abordado, porém de forma crítica. O futebol praticado em outras épocas era diferente no que diz respeito à dedicação e lealdade aos clubes, que a prática era mais técnica do que física, além das diferenças na rotina, objetivos, expectativas e projeções de carreira no futebol. Sobre o trânsito de atletas, o autor destaca a fala de um veterano de que naquela época se jogava por amor, prazer e por gostar do clube, não para ganhar dinheiro, pois este seria ganho nas profissões.

Épocas quando as equipes eram representadas por jogadores do próprio bairro, que moravam próximo ao campo e tinham mais credibilidade que os jogadores de outras localidades. Embora essa “fidelidade” seja citada e valorizada, vários depoimentos revelam a circulação dos jogadores por diferentes times, jogando sábado por uma agremiação, domingo por outra. Portanto, a circulação de jogadores, observada e realçada atualmente, já era prática consolidada no futebol varzeano, porém com outra dinâmica (SPAGGIARI, 2015, p.34).

Conforme relatado por Spaggiari (2015, p.36), a circulação de atletas já era comum na “várzea de antigamente”, porém as principais formas de sociabilidade do bairro estavam entrelaçadas às atividades dos clubes, enquanto que atualmente o futebol de várzea se resume à prática do esporte. Do mesmo modo, em Florianópolis, os clubes eram uma das poucas formas de lazer nos bairros, promovendo festas, bailes e outras atividades sociais¹⁸¹, o que não se apresentaria no presente, todavia, segundo dois dirigentes, ainda assim atualmente em algumas comunidades o futebol não profissional continua sendo uma opção de lazer de muitas pessoas¹⁸², um espaço em que

¹⁸¹ Gonçalves (2002, p.82) destaca que “o futebol amador constitui-se como uma das mais importantes expressões culturais do lazer das comunidades de baixa renda da cidade de Juazeiro do Norte”. Salienta ainda que “o futebol amador é um modo de coesão da comunidade e uma forma simbólica de resistência ao processo de exploração a que estamos submetidos”.

¹⁸² GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

Além de ser pros bairros mais uma atração, uma opção gratuita, porque a gurizada eles vão pra shopping, eles saem pra show à noite e no outro dia dormem até tarde, mas pro pessoal mais veterano dos bairros, das comunidades, se não tivesse um futebolzinho amador iam fazer o quê? (EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014).

A configuração dos clubes é distinta em cada comunidade, e apesar de alguns relatarem o vínculo não tão próximo com o bairro em que se localizam, outros entendem que resistem, como por exemplo no discurso do mesmo dirigente que anteriormente destacou a competitividade, ao relatar que o clube em questão fez um movimento inverso

O [Clube] hoje ele tá com uma relação excelente com a comunidade, porque há 5-6 anos atrás, na minha época de atleta ele era apenas um time de futebol, jogava sábado veterano, jogava domingo o time principal, fechava as portas, só abria no próximo sábado. Hoje a gente tem atividades de segunda à segunda no clube, então o clube hoje ele é da comunidade, a gente tem por exemplo aí a escolinha com 120 crianças, você pode ver mães e pais aqui presentes, a gente tem dois grupos de ginástica de senhoras com 35 senhoras cada grupo, a gente tem um grupo de amigas que neste momento está reunida (que é quarta-feira) com 30 senhoras também, a gente tem um grupo de capoeira com 70 crianças, a gente tem as categorias sub-20, adulto, escolinha, veterano, [Outro Clube] que englobam um número de mais de 300 pessoas por semana, além disso a gente tem uma feirinha, que é essa feira do agricultor, toda a quinta-feira, das 6h e 30min às 11h da manhã, aqui no pátio do clube, feirinha essa que passam em média de 300 a 400 pessoas da comunidade por quinta. Então isso tudo é dentro do [Clube], então a comunidade está dentro do [Clube]. E a gente recuperou a sede, arrumou, tá sendo alugada para casamentos, aniversários, chá de fralda, enfim, todo o tipo de atividade a sede está sendo usufruída pela comunidade, claro, tem um custo, mas a comunidade tem hoje onde fazer um evento (GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014).

Dentre os 12 clubes que disputam a Primeira Divisão, há um caracterizado como *particular*¹⁸³, no qual só participam os atuais 150 associados em dia com as mensalidades de R\$ 20,00. Segundo o diretor, “*ele não é um clube da comunidade, ele faz parte da comunidade*”, ainda que a associação deva ser votada e aprovada em reunião. Deste modo, não basta o desejo de pertencer ao clube, é necessário também ser “aceito” pelos pares, mesmo processo no qual os atletas estão sujeitos, porém há uma facilitação mediada pela rede de relações, inclusive com promoção de eventos para garantir o pagamento da associação dos atletas. O trecho abaixo ilustra o funcionamento da associação

Funciona assim, por exemplo, vou lá, tem uma pessoa que tem interesse de entrar no clube, toda semana tem reunião e aí eu vou lá e levo essa indicação. O presidente coloca na pauta, ele pergunta se tem sócios novos e tal, a gente vai lá e fala, passa os nomes e aí depois é votado por todos dirigentes que estiverem no dia né, e se a maioria aprovar a pessoa entra, é cobrado uma joia para entrar, entendeu, um valor x, e aí depois começa a pagar mensalidade normal [...] não vou dizer que o time principal é assim é (...) claro que o time principal a aprovação é, ela é um pouco mais acessível né, entendeu, porque aí tipo vem de uma indicação de uma pessoa ou de um atleta que tem assim um, vamos supor, um vínculo bom, que é de confiança, entendeu, então ele vai lá, indicou um tal jogador, e mesmo a diretoria não conhecendo, por essa pessoa ter indicado eles vão lá e aceitam, entendeu, mas assim, tem todo um custo pra esse atleta entrar. O dinheiro ele tem que entrar no caixa, não interessa a forma que vai entrar, entendeu, se o atleta vai pagar ou se eles vão fazer uma rifa (IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014).

O contraste entre clubes da Primeira Divisão sobre o envolvimento com a comunidade relacionada à estrutura e promoção de atividades pode ser ilustrado a partir de como se configura em três deles. O primeiro é o descrito anteriormente, que supostamente fez o movimento de aproximação com a comunidade, clube que promove diversas atividades, oferece escolinha para crianças e jovens de 6 a 16 anos (120

¹⁸³ Um clube *particular* não pode receber recursos públicos.

participantes), categoria sub 20 (35 jovens), adulto (35 adultos) e veterano (25 homens), fundado em 1983, com campo e sede em terreno cedido pela prefeitura, descrito pelo diretor como *popular*¹⁸⁴. O segundo, o clube *particular*, fundado em 1981, é centrado no futebol, formado pela categoria adulto (23 atletas), time B (25 integrantes), veterano (10 homens)¹⁸⁵ e sub 20 (20 jovens), não possui campo próprio e oferece aos 150 associados uma festa de encerramento no final de ano, uma sede “*que devido à crise financeira necessita de reformas*”¹⁸⁶, além de promover eventos para arrecadar fundos, como bingos, festas e um campeonato de Beach Soccer. Já o clube *tradicional* fundado em 1930, oferece aos 360 sócios: academia de musculação, ginástica, treinamento funcional, aulas de alongamento, Jiu-Jitsu, escolinha de futebol (aproximadamente 200 participantes nas 6 categorias), time adulto (29 atletas), veterano (não informado), empréstimo de campo e gramado sintético, sauna, aluguel de salão de festas, além de diversos eventos sociais, como almoços, jantares, festa junina, feijoada, bailes etc¹⁸⁷.

Para o dirigente do clube *particular*, os envolvidos são “*peçoas da comunidade que pagam porque gostam mesmo de participar, de estar junto, conviver com o time porque a maioria são torcedores e são filhos de atletas*” e, mesmo que a participação do pessoal tenha “*caído bastante*”, o dirigente afirma que a relação com a comunidade é “*boa*” e

[...] de dois jogos pra cá que está começando a voltar, o pessoal tá voltando a se enturmar novamente, a se alegrar e ir nos jogos, porque no começo do campeonato não estava indo ninguém praticamente. Só de repente o irmão de algum atleta assim e tal pra ir ver o jogo, mas a torcida assim pra levar bandeira, essas coisas, foguete, não estava indo quase ninguém, então de dois jogos pra

¹⁸⁴ GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014.

¹⁸⁵ Categoria acima de 40 anos que segundo o diretor está defasada. Os atletas acabam atuando no time B, assim como os que acabam não sendo aproveitados na equipe principal.

¹⁸⁶ IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014.

¹⁸⁷ A mensalidade custa R\$ 90,00 e os sócios são isentos nestas atividades, exceto o Jiu Jitsu (R\$ 30,00), aluguel de salão de festas (R\$ 500,00 carência de 5 meses) e ingresso de valor reduzido nas festas. Os não sócios podem participar apenas da musculação, ginástica e sauna (R\$ 15,00 aula “avulsa”), escolinha de futebol (R\$ 20,00) e aluguel do salão de festas (R\$ 1200,00), além dos eventos no qual participam mediante pagamento de ingresso de valor maior ao praticado aos sócios (Preços em exercício em 2017).

cá que já tá começando a voltar [...] cerca de 20 pessoas estão indo (IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014).

As relações que alguns clubes dos bairros estabelecem com a comunidade transforma-os em uma referência do lugar, em “*agenciadores de sociabilidade*” (RIGO, 2007, p. 90). Todavia, determinados fatores podem enfraquecer os vínculos de pertencimento constituídos anteriormente e que, no caso dos clubes de Florianópolis, segundo o discurso presente nas fontes, estaria associado à incorporação de pessoas não pertencentes aos bairros em detrimento dos moradores locais. Outro argumento seria o processo de modernização que favoreceu que muitos moradores da comunidade passassem a frequentar outras opções de entretenimento e lazer na cidade e diminuíssem a sua participação nas sedes e nos campos de futebol locais, processo semelhante ao identificado por Cunha et al. (2013, p. 74) no Sport Club Barrense, localizado no município de São José do Norte (RS). Os autores destacam que, segundo os entrevistados, o enfraquecimento foi influenciado pelo aumento do uso das drogas e da violência, maior acesso às novas tecnologias domésticas (internet, TV a cabo, etc.), além da pavimentação do acesso da comunidade ao centro do município, o que facilitou os deslocamentos, possibilitou a frequência a outras opções de lazer e entretenimento, diminuindo o interesse dos moradores nas promoções do clube.

Poderíamos prever que o envolvimento com a comunidade também estaria relacionado à disponibilidade de atividades, mas como observamos na configuração dos três clubes citados, em dois deles ambos os dirigentes declaram a baixa participação da comunidade. Enquanto que o clube *particular* pouco ou nada oferece além do futebol, no caso do que proporciona diversas atividades, segundo o dirigente, a associação de membros se deva basicamente para usufruir da estrutura e eventos do clube, havendo pouco interesse no futebol. Segundo um atleta desse clube, atualmente “*futebol é uma coisa, a comunidade é outra, bem diferente*”¹⁸⁸.

O dirigente¹⁸⁹ do clube *popular* sustenta o argumento de que jogadores “de fora” afastam a torcida e, comparando ao que ocorre nos demais, reflete que antigamente eram muitos times em duas divisões, sendo a maioria formados por jogadores do bairro, então havia maior

¹⁸⁸ EB, Atleta. Entrevista 12, 18/08/2014.

¹⁸⁹ GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014.

participação de torcedores, enquanto que seu clube é *popular*, está rodeado de casas e não “*sentiu tanto*” o afastamento por ser “*da comunidade*”, por ser o único do bairro e composto em sua maioria por atletas residentes – dos 35 jogadores, 9 não moram no bairro. A propósito, se trata do mesmo dirigente que informou a impossibilidade de formar um time competitivo apenas com atletas locais. O clube entende que ao ter no elenco apenas 9 atletas oriundos “de fora” combina competitividade¹⁹⁰ e prestígio na comunidade. Entretanto, apesar da minoria, vale ponderar que são esses atletas que representam o clube efetivamente na competição, ou seja, a equipe é formada em sua maioria por atletas do bairro, mas dentre os que jogam como titulares prevalecem os “de fora” – os do bairro participam, enquanto que os “de fora” disputam. Na opinião de um torcedor, “*com esses atletas da casa ou não, é uma maneira de manter o clube em atividade, o clube fez uma galeria que não cabe mais troféus, e isso tudo em apenas 3 anos*”¹⁹¹.

Fotografia 14 – A localização do campo no bairro



Fonte: Lucas Gabriel Cardoso/O Cancheiro¹⁹².

Nota: A foto não se refere ao campo do clube popular, entretanto, mostra a proximidade das casas, sede e campo de uma associação de moradores que é utilizado por diferentes equipes nas competições.

¹⁹⁰ O clube possui títulos nas diferentes divisões promovidas pela LIFF, vencendo ainda a Interligas e o Estadual de Amadores.

¹⁹¹ Blog Amador FC, 04/02/2013.

¹⁹² Disponível em: < <https://ocancheiro.com/2015/10/20/rodada-dupla-na-costeira/>>. Acesso em: 17 abr. 2018.

O campo distingue o lugar que o futebol e a comunidade ocupam no universo do clube. Para disputas de competições ou partidas amistosas, os clubes mantêm as equipes e, do mesmo modo, promovem diferentes atividades no âmbito social. Os que possuem sede oferecem regularmente churrascos, festas e eventos – como por exemplo o *costelaço* e *feijoada* que são repetidos anualmente –, outros organizam ações pontuais nos bairros, ou, ainda, há os que se caracterizam apenas por atividades internas.

A gente perdeu a nossa praça de esportes né [...] único evento que a gente faz mesmo é após os jogos entre jogadores, comissão técnica e diretoria (RP, Comissão Técnica. Entrevista 3, 08/08/2014).

É em parceria, a gente organiza junto né, e está aberto para quem quiser [...] tem a festa da Associação de Pescadores, a festa junina da creche, a escola fez um evento aqui de lançamento dos jogos escolares. Todos esses eventos o clube não cobra das escolas, não cobra das crianças porque são da comunidade, então é a parceria que a gente vê (GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014).

Na primeira fala reproduzida acima, o membro da comissão técnica aponta que não há atividades sociais para além da confraternização entre os atletas após os jogos, enquanto que o dirigente de outro clube relata as parcerias estabelecidas com outras instituições do bairro. De outro modo, outros dois dirigentes entrevistados afirmam que não há parcerias firmadas com outros órgãos da comunidade (escolas, igrejas, associação de moradores etc.). Existem atividades colaborativas nas quais alguns grupos ocupam o espaço social do clube (grupo de idosos) ou ainda o empréstimo de outras estruturas e materiais (campo de futebol para as escolas, mesas e cadeiras). A separação entre comunidade e futebol pode ser ponderada na fala de um dos dirigentes, que, ao responder sobre a realização de atividades de confraternização entre atletas, dirigentes e torcedores, salientou que

No grupo acontece final de ano é feito uma, um (...) **eu tô falando de futebol né?** Que é a (...) no final de ano tem o almoço. Do clube são todas as categorias, sub15, sub 17, 20 e o adulto [...] convidam os pais, os casados trazem as esposas, então sempre, todo final de ano a sede é reservada

numa data que é pra festa de confraternização dos jogadores, e o veterano também faz a deles, mas daí é eles que organizam (EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014).

Mesmo ocupando dimensões distintas nos clubes, o futebol parece operar em todos os espaços, considerando que não raro os eventos organizados têm como finalidade a captação de recursos para financiar a equipe nas disputas das competições, como por exemplo o clube *particular* que realiza bingos e uma competição de *Beach Soccer* e, em 2011, com o acréscimo de jogadores da redondeza, “*a gente foi lá e fez bingo, a gente fez alguns eventos pra poder pagar a entrada desses atletas*”¹⁹³.

Na reportagem publicada pelo Blog Amador FC, a postagem reproduz o discurso nativo acerca da relação idealizada entre atletas, time e comunidade. Um atleta do clube *particular*, que é nativo, jogou apenas no clube do bairro e entende que a fidelidade dos atletas estaria vinculada ao aumento da torcida, salienta que esse seria “um dos nossos pontos fortes [...] não importa onde estamos jogando, porque sempre parece que estamos em casa pelo apoio dos torcedores que comparecem em massa comemorou”¹⁹⁴. A particularidade que encontramos no discurso do atleta é que o clube não possui campo, ou seja, teoricamente não há jogo *em casa*. O comparecimento *em massa* seria a presença das 20 pessoas citadas pelo dirigente, ou seja, a quantidade de seguidores parece ser indiferente, já que os poucos são suficientes para registrar a imagem que o clube constrói acerca de si mesmo. Na opinião do dirigente do clube *particular*

a comunidade na realidade acho que tem um orgulho grande do [Clube], porque desde 2010 pra cá a gente tá nessa crescente e (...) tá todo mundo apoiando o clube entendeu, até mesmo gente que não é da comunidade [...] porque gostam do clube e dos jogadores, da diretoria entendeu, então, a relação é bem boa assim mesmo, uma família na realidade (IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014).

O vínculo entre clube e comunidade, a construção de uma forja de sentimento de origem, pertencimento e sua tentativa de “resgate”

¹⁹³ IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014.

¹⁹⁴ Blog Amador FC, 10/05/2014.

retrata a representação que os clubes têm de si mesmos. A relação é ambígua, uma vez que os clubes entendem estar “buscando” ou “resgatando” uma noção de pertencimento que não corresponde ao presente e tampouco ao passado. Há o lamento por uma perda e a busca por uma ilusão que opera como um discurso legitimador das escolhas, bem-sucedidas ou não – tanto para valorizar as conquistas quanto para justificar as derrotas. Essa narrativa é homogênea no campo, no entanto, ainda que o dirigente saliente que *“é bem difícil a gente fazer essa relação social”*, o clube *popular* parece mais bem se relacionar com a “comunidade”, na medida em que a imagem que tem de si mesmo é da *relação familiar*, do *orgulho* e *boa relação com a comunidade* e que, *“ainda que sejam poucos, colaboram sempre que necessário”*¹⁹⁵. São vínculos pontuais, mas efetivos – o clube se mantém. Por outro lado, a baixa participação, o lamento da “perda” e a necessidade do “resgate” se configuram em uma narrativa circular, encoberta por um discurso moderno sobre a comunidade – sustentado porque os clubes ancoram suas identidades em um passado romântico e nostálgico e que acaba por assombrar o presente.

Resgatando o ideal de um primeiro time formado por garotos da casa (...) A equipe comandada por Edinho venceu por 3 a 1, mesmo ainda sem o entrosamento ideal. Sábado é pra valer, quando começa a Copa Floripa (...) convidamos à todos, principalmente àqueles que também ansiavam pela **volta do Bandeirante sendo Bandeirante** (BANDEIRANTE, 2014, grifos meus).

6.1.1. O reconhecimento simbólico e os vínculos

Quem joga a Segunda Divisão joga com um único objetivo: ir para a Primeira Divisão. Por isso o campeonato da Segunda ele tem mais público e tem mais disputa que o da Primeira, porque realmente tem a disputa e tem um sucesso ao almejar tal coisa. Agora o que que tem o da Primeira Divisão? (Reunião do conselho Técnico da Primeira Divisão, 07/12/2015).

¹⁹⁵ IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014.

Ser campeão da Primeira Divisão é apenas um reconhecimento simbólico, já que não há qualquer premiação além de troféu e medalhas. Para o presidente de um clube, *“se trata do reconhecimento e coroação da dedicação e trabalho desenvolvido ao longo do ano”*¹⁹⁶. Para a demonstração da superioridade futebolística, um dos clubes montou um elenco formado por uma seleção de atletas oriundos de diferentes bairros da cidade e que recebiam para jogar. Conquistou o título, entretanto, *“não tinha retorno, não valeu a pena”*¹⁹⁷, disse o dirigente, pois implicou na redução da participação da comunidade. O dirigente deste clube relata que

O time é de fora torcedor não vem, não faz pressão [...] tem aqueles torcedores mais antigos, uma dúzia que aí eles conversam com a gente no bar à noite ou final de semana, *pow pra que tudo aquilo de jogadores de fora se nós temos guri tudo criado, pra quê?* [...] Não vale a pena eu estar me incomodando, primeiro que eu tinha que estar todo final de semana no patrocinador pegando a verba que eles cobravam né, terminou o jogo eles cobravam [...] Mas acho que mais desmotivou porque nós perdemos o título dentro de casa aos 47 minutos, em 2012 nós fomos campeão, no 2013 acho que desmotivou muito ele [Presidente] foi porque nós fomos eliminados dentro de casa nas quartas de finais pra um time que não pagava, pra um time que faz um trabalho que a gente sempre fez, aí paramos e voltamos a fazer. O [Clube] 90% também são garotos ali, ali da comunidade, aí eles eliminaram o nosso Clube dentro da nossa casa e nós investindo um monte¹⁹⁸.

Nos termos do mesmo dirigente que fez o relato acima, estamos *“repatriando meninos do bairro”*¹⁹⁹ representa o movimento de aproximação dos clubes com a comunidade, propósito que parece estar em processo, pois nos diferentes jogos que presenciei, apenas as partidas finais e os realizados na sede de um dos clubes mobilizavam público para além de 20 a 30 pessoas (alguns deles o público era inferior). Nos casos

¹⁹⁶ Conselho Técnico realizado em 07/12/2015 na sede da Liga.

¹⁹⁷ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

¹⁹⁸ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

¹⁹⁹ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

em que os clubes jogam no campo do adversário, a presença de poucos torcedores está relacionada também à distância, pois

[...] antes do jogo acompanhei muitos mandando mensagens, vi eles negociando carona pra ir [...] se fosse pertinho ia mais gente né, teria mais carro disponível pra dar carona pros torcedores [...] Queira ou não queira, tem custos né, só que muitos não têm condições, então eles não vão por esse motivo assim de gasolina e tal, porque a maioria são jovens também (IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014).

A mudança do vínculo do clube com a comunidade estabelece outra relação entre esta e os atletas. Se antes o time era composto por pessoas do bairro que defendiam as cores do clube de sua comunidade, ao estabelecer o desempenho esportivo como critério para a formação da equipe, o capital futebolístico passa a atuar como moeda de troca, transformando o clube em um time – no sentido de agrupamento de camisas e funções técnico-táticas. No discurso de um dirigente, esta relação nem sempre é mútua, pois *“essa boledada, eles incomodam muito, terminou o jogo eles já querem aquele troco”*. Além disso, ano passado *“nós tínhamos no time titular 3 garotos da casa, eles recebiam uma marrequinha e eles corriam pelos outros, pelos que vieram de fora”*. Segundo o dirigente, os atletas “de fora” não são tão comprometidos com o clube, já *“os guris da casa não, menino da casa termina o jogo eles ficam horas no vestiário, lamentam”*²⁰⁰. Formar a equipe que disputará a competição por atletas que não são do bairro *“não significa que os da casa não tenham oportunidade, pelo contrário, eles até têm preferência se a qualidade técnica for a mesma”*²⁰¹.

Há o discurso de que quando o atleta é *da casa* haveria outra relação deste com o time e que seria mediada pelo desempenho, pois *“se empenham muito mais, se dedicam muito mais, o pai vai cobrar quando chegar em casa”*²⁰². O atleta que joga no clube do bairro lamenta a baixa participação e confirma certo comprometimento ao dizer que quando *“tu está representando nosso bairro então tem que ir jogar pra caramba,*

²⁰⁰ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

²⁰¹ GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014.

²⁰² EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

*temos que ganhar e tal, não tem isso, isso faz falta, seria mais legal se nós tivéssemos o pessoal te cobrando, torcida*²⁰³.

Ainda relação ao envolvimento e comprometimento dos atletas com o clube é exemplar o episódio de três atletas que, alegando problema com as distâncias, deixaram a equipe nas partidas decisivas válidas pelas semifinais da Primeira Divisão para atuar em um clube de outra cidade. Nos comentários publicados no *blog* que informou o acontecimento, os atletas foram chamados de *mercenários*, pois *enrolam* os clubes em busca de *migalhas*, criticados pela falta de *compromisso, palavra e vergonha na cara*, além da *falta de respeito* aos amigos que lá fizeram ao deixar a comunidade *na mão*²⁰⁴.

O argumento da mudança na relação entre clube e comunidade, que seria encadeada pela presença de atletas “de fora” e que modificaria também a relação destes com o clube, pode ser posta em questão a partir das respostas dos atletas no questionário e nas falas das entrevistas. Dos 119 atletas que responderam ao questionário, 63 informaram que o clube promove outras atividades sociais além dos jogos, todavia, nota-se respostas divergentes de atletas que atuam no mesmo clube, indicando que desconhecem as atividades para além do futebol. “*Com a comunidade (...) é eu não, não vivo muito lá assim, mas é (...) eu acredito que a relação é boa*”²⁰⁵, respondeu um atleta, enquanto que outro, apesar de não residir no bairro, respondeu que “*eu não vejo muito aqui as pessoas da comunidade aqui do bairro com o clube, a gente até fica admirado por causa de uma estrutura belíssima que tem aqui e a comunidade não participa muito*”²⁰⁶. Por ser um clube tradicional, no sentido de antiguidade (fundado em 1947) e trajetória futebolística (oficialmente primeiro campeão da competição), localizado em bairro

²⁰³ JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014.

²⁰⁴ Blog Amador FC, 12/10/2014.

²⁰⁵ GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014.

²⁰⁶ MA, Atleta. Entrevista 5, 09/08/2014.

nobre²⁰⁷, este não seria direcionado à comunidade e não haveria identificação do clube com o bairro²⁰⁸.

Ainda que haja exceções, se outrora os jogos nos bairros eram a única opção de lazer e uma das formas de transitar na cidade, com o desenvolvimento urbano novas ofertas despertaram o interesse dos moradores do bairro que passaram a buscar outras formas de lazer na própria comunidade ou fora delas. Também os atletas se interessam por buscar outras maneiras de se relacionar com os clubes e seu capital futebolístico em troca de benefícios. Neste movimento, o fato de ser “de fora”²⁰⁹, aliado ao pagamento de benefícios, é a explicação do campo para justificar o afastamento da comunidade.

6.1.2. A entrada e permanência no campo

Sou de Curitiba (PR) e não jogo amador porque tive uma experiência no futebol profissional na Polônia. Para eu jogar no amador, alguém precisa pagar mais de R\$ 700 para reverter a carteira (BLOG AMADOR FC, 26/03/2014).

²⁰⁷ O bairro é um dos mais valorizados de Florianópolis, edificado por condomínios e casas luxuosas, com um núcleo histórico e grande interesse turístico – ligado principalmente ao seu *glamour* do antigo com forte apelo à origem luso-açoriana, assim como pela gastronomia à base de frutos do mar. Foi um dos primeiros núcleos a surgir na cidade, colonizado inicialmente por portugueses no século XVII e densamente povoado no século seguinte por imigrantes açorianos, mistura que resultou num conjunto arquitetônico representativo, com características luso-açorianas (CARDOSO, 2012, p. 72). Principalmente a partir dos anos 1980, os recém-chegados buscaram o local para fixar residência, dada sua paisagem tranquila, riqueza patrimonial e proximidade com o centro da cidade. Toner (1985) *apud* Cardoso (2012) definiu os novos moradores como sendo pertencentes a uma “classe média estritamente urbana, mas romanticamente bucólica”. O bairro é um dos locais em que emerge a tensão colocada entre os “nativos” e os “não nativos”, tema do capítulo a seguir. Sobre as tensões identitárias no local, ver Cardoso (2012).

²⁰⁸ DA, Atleta. Entrevista 4, 09/08/2014.

²⁰⁹ Conforme já dito acima, a questão ser “de dentro” e “de fora” do bairro será abordada na próxima categoria de análise.

O excerto citado destaca a intenção do atleta de entrar no *circuito*²¹⁰ do futebol amador e que, em Florianópolis, se dá por duas vias: pelo vínculo estabelecido com o clube – relações de parentesco e amizade – ou pelo capital futebolístico. O campo não está aberto para qualquer atleta, pois ele só participa de um clube nestas condições e, quando não há vínculos, em alguns clubes os atletas só adentram a partir do momento em que comprovam o desempenho em campo. Ainda assim, há clubes em que a performance na competição não encobre os vínculos de pertencimento e rede de relações, sendo alguns restritos e que não aceitam pessoas “de fora”, e há outros que privilegiam os moradores do bairro, mas toleram integrantes “de fora” a partir da rede de relações entre os participantes. Os que não possuem ou que *perderam vínculo*²¹¹ necessitam de uma oportunidade para demonstrar o capital futebolístico

Imagina ter um goleiro importado no seu clube. Isso pode virar realidade com o atleta [Nome], de 25 anos, que procura uma equipe para defender nesta temporada. Natural de Zaragoza, na Espanha, ele está há dois anos no Brasil. Sem conhecidos na Grande Florianópolis, o goleiro de 1,86 metros é o primeiro personagem nos classificados da bola de 2014 (BLOG AMADOR FC, 29/01/2014).

Independentemente de ser da comunidade ou pertencer à rede de relações, os atletas se integram a algum clube a partir do desejo de jogar futebol. As equipes são formadas por 25 atletas em média, sendo que a cada jogo apenas 18 podem ser relacionados e, destes, 11 entram em campo inicialmente, mais as 5 substituições possíveis no decorrer da partida. Deste modo, há aqueles que pouco ou nada jogam, ponto que levanta conflitos entre clubes e atletas. Quando o atleta busca inserção no futebol amador ele necessita comprovar o capital futebolístico e acionar a rede de relações – em alguns casos ambos – para efetivamente jogar. Fazer parte do grupo de atletas é importante, valorizado principalmente

²¹⁰ Para Magnani (2014, p. 8) o circuito seria “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo”.

²¹¹ O predicativo vale também para a comissão técnica, como por exemplo no caso de um treinador ao comentar que “Acabei perdendo o contato com as pessoas do futebol amador e estou disposto a colaborar mais uma vez” (BLOG AMADOR FC, 28/01/2014).

quando o clube é campeão, todavia a prioridade é jogar, já que é a modalidade esportiva escolhida para praticar. *“Fiquei praticamente o campeonato inteiro entrando no segundo tempo. Falei com o [treinador] que estava incomodado com a reserva e precisava de uma oportunidade”*²¹², alegou um atleta. Nem sempre os atletas estão satisfeitos em apenas compor o elenco e, nestes casos, paulatinamente deixam de ir aos jogos.

Com a chegada de outros garotos que estavam fora eles perderam o espaço [...] passaram dois jogos e não foram relacionados e aí no terceiro quando eu relacionei, peço pra eles confirmarem sim ou não, dois desses garotos botaram no grupo [WhatsApp] que *não posso*, primeiro jogo, depois ficaram dois jogos sem ir, semana retrasada chamei eles de novo, *não posso*, chegou na semana passada *não posso*²¹³.

Nestes casos há um jogo de forças entre atletas e clubes, pois enquanto os atletas não estão satisfeitos e reclamam seu espaço no time, o clube cobra certa fidelidade, repreende a indisponibilidade e afasta o atleta: *“aí já botei pra eles [atletas], só ano que vem tu vai fazer parte do grupo, esse ano tu está dispensado, pode procurar outro time pra tu jogar, é assim que funciona”*²¹⁴, conforme relato dirigente. De outro modo, os atletas entendem que as justificativas são plenamente válidas, pois *“não vou fazer 50 km pra ficar no banco”* ou ainda *“a mulher vai resmungar, deixei ela em casa para ficar no banco. Vir aqui para ficar no banco nem vinha”*²¹⁵.

De forma semelhante, mas guardadas as devidas diferenças, esta relação entre atletas e clubes é semelhante àquela estabelecida entre liberdade individual, vínculos e compromissos estabelecidos a longo prazo, conforme Bauman (2003) explica em sua obra. Para o autor, a ideia de comunidade está associada à de pertencimento, e não “ter” uma comunidade na atualidade significa não pertencer, estar desprotegido e fadado a viver uma vida de riscos e incertezas. Por outro lado, pertencer, integrar um grupo e estabelecer vínculos e compromissos de longo prazo significa ver-se comprometido com uma escolha, o que significa abrir

²¹² Blog Amador FC, 27/09/2014.

²¹³ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

²¹⁴ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

²¹⁵ Diário de Campo, Jogo 51, 15/011/2015.

mão de parcela da liberdade individual. No mundo líquido-moderno, o paradoxo que se coloca e sentimento de ambivalência é que a comunidade representa um pêndulo projetado em direção ao valor segurança, enquanto o não pertencimento comunitário representaria a liberdade individual.

Para Bauman (2003), qualquer reflexão sobre o pertencimento anuncia sérios problemas ao grupo, colocando em “xeque” a fidelidade dos indivíduos que compõem a coletividade. Trata-se de uma fidelidade ameaçada pelo fantasma da liberdade de escolha. E é essa liberdade de escolha dos atletas observada na constante troca de clubes um dos fundamentos do discurso nativo de perda do vínculo.

6.1.3. (Des) interesses e comunidade

Na visão dos agentes do campo, a baixa participação da comunidade não se dá apenas na ausência de público local nos jogos, mas também na própria administração da entidade. Dois dirigentes entrevistados citaram o desinteresse das pessoas da comunidade nos assuntos do clube, pois “*de 12 diretores no papel, trabalham 3*”²¹⁶ e que nas eleições “*quando vai fazer uma chapa, ninguém tem tempo [...] antigamente os diretores faziam tudo, hoje é tudo terceirizado [...] só vão no jantar*”²¹⁷. Por outro lado, sobre a rotina na administração, o dirigente do clube *popular* relata ter “*uma vida quase que diária no clube, quase que todos os dias com as atividades*” e comenta a participação de outros diretores no cotidiano, pois “*a gente se reveza, um corta a grama, um pinta o campo, o outro limpa o vestiário*”²¹⁸.

A estrutura dos campos segue idêntica ao que apresentava nos tempos em que supostamente a torcida comparecia, porém, pode-se dizer que a ausência de público se dá também pelo baixo interesse dos clubes em manter ou atrair expectadores. Exceto em 3 campos em que há uma pequena arquibancada, nos demais a partida deve ser acompanhada de pé, próximo ao alambrado e muitas vezes no fundo de campo, já que as laterais são pouco acessíveis – em três campos há barrancos nas laterais que permitem uma visão privilegiada. Permanecer durante todo o jogo nessas condições não é tarefa fácil e então os torcedores improvisam maneiras: apoiando-se em carros e motos, permanecendo dentro dos veículos, ocupando cadeiras do bar ou levadas de casa e também desde muros da vizinhança, ou seja, há maneiras distintas de se ver o mesmo

²¹⁶ IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014.

²¹⁷ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

²¹⁸ GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014.

jogo – *cada um se vira como pode*, relatou um torcedor. Além disso, há sedes em que os banheiros não são adequados e a oferta na copa (bar) se resume a bebidas (refrigerante e cerveja) e salgadinhos industrializados.

Fotografia 15 – Modos de ver o jogo



Fonte: Celso Martins/Daqui na Rede²¹⁹.

Nota: Nas duas imagens registradas em um jogo, os veículos eram a “arquibancada”.

Outro motivo que retrata a despreocupação do clube em relação aos seguidores é a baixa divulgação das informações dos jogos²²⁰. A LIFF publicava em seu *website* a tabela da rodada e resoluções das alterações no decorrer da semana, porém, nos dias de jogos (sábado e domingo), não havia qualquer comunicado. Deste modo, as informações só poderiam ser obtidas a partir do *Blog Amador FC* ou dos canais de divulgação dos clubes, o que acabava por deixar desinformados os possíveis interessados, pois quando chovia e os jogos eram cancelados, apenas os torcedores próximos aos atletas ou diretores do clube tomavam conhecimento²²¹.

²¹⁹ Disponível em: <<https://fotosdodaquinarede2.wordpress.com/page/12/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

²²⁰ Em 2017 houve aumento na divulgação de informações em redes sociais e *websites*. Mais uma vez, destaca-se as diferenças entre os clubes, pois há os que divulgam informações e mantém atualizadas as páginas e redes sociais, enquanto que outros tampouco possuem meios para divulgação.

²²¹ Em diversas ocasiões a pesquisadora ficou sabendo dos cancelamentos devido aos contatos estabelecidos com os presidentes dos clubes. Houve ainda um jogo que foi transferido de campo sem qualquer menção no *website* da LIFF ou dos clubes envolvidos (Diário de Campo, Jogo 43, 16/08/2014).

Fotografia 16 – Modos de ver o jogo: o conforto da cadeira “emprestada”



Fonte: Lucas Gabriel Cardoso/O Cancheiro²²².

Nota: Ao fundo, torcedores em pé escorados no alambrado, enquanto que outro aproveita a sombra de um poste sentado em uma cadeira que foi retirada da copa.

O pouco ou nenhum conforto para assistir aos jogos, reduzidas opções para consumo no bar e restrita divulgação de informações retratam certo desinteresse dos clubes em relação aos torcedores, ou seja, ao mesmo tempo em que desejam resgatar a comunidade e obter maior participação de torcedores, também não oferecem condições mínimas para atrair público. Neste sentido, o desinteresse demonstra que o futebol não profissional é produzido e consumido pelos próprios membros que compõem o campo, ou seja, interessa apenas aos que possuem vínculo direto – jogadores e diretores. Tal dinâmica é observada também na naturalidade de um membro da comissão técnica,²²³ ao relatar sobre a constituição da equipe principal por atletas que não residem no bairro e a rara participação dos moradores, destacando a importância do futebol não profissional para os atletas, pois há integração entre eles ao reunir moradores de diferentes bairros em um único time. Este argumento é válido para pensarmos a produção e consumo interno na medida em que apenas os jogadores participam, não há integração destes e seus familiares

²²² Disponível em: <<https://ocancheiro.com/2016/05/17/fundos-elimina/>>.

Acesso em: 13 abr. 2018.

²²³ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

com moradores do bairro e/ou espectadores, não há qualquer sociabilidade para além dos atletas que constituem o time²²⁴ e que é reforçada nas confraternizações realizadas após os jogos, restrita aos jogadores, dirigentes e membros da comissão técnica. A presença de familiares após as partidas foi identificada apenas quando estes eram responsáveis pela preparação da comida, sendo que nos demais casos em que as companheiras e familiares assistiam aos jogos, após seu término, geralmente iam embora com os jogadores.

O relato do jogo apresentado na abertura desta categoria mostra uma faceta do futebol não profissional que contrasta com o primeiro episódio apresentado. O registro de um jogo de final mostra os elementos do que seria considerado um jogo apreciado com a conotação de espetáculo (a presença da torcida e suas provocações, pequenos rituais, foguetes, solenidades, etc.) e que o afasta da pelada e o aproxima do profissional. No segundo episódio há outros elementos particulares que ganham força, como por exemplo as diferentes formas de estar no campo: a imagem de que não há pessoas interessadas propriamente no jogo para além dos envolvidos na prática não significa estar alheio, mas sim constitui-se uma outra maneira de fazer parte do futebol não profissional devido às diferentes experiências e significados no entorno. Se o jogo oficial não é o elemento principal, de alguma forma é a partir dele que os outros modos são possíveis – como assistir um jogo de dentro de um veículo, encontrar outras pessoas, conversar sobre assuntos diversos, ver uma partida transmitida na televisão ou consumir algo na copa. De qualquer modo, fazer parte e de que maneira isso se efetiva é uma escolha individual, que também pode ser independente dos vínculos estabelecidos com atletas, ou seja, quando ele joga, o familiar elege acompanhar ou não. Um exemplo sutil ocorreu na ocasião do não comparecimento de uma das mulheres, quando ao término do jogo, ao ser convidado para o churrasco, o atleta relata que “*A mulher tá esperando, tenho que ir*”²²⁵. Deste modo, a fala demonstra que houve uma eleição por parte da companheira que não compareceu e ficou aguardando – ainda que a ausência possa ter outras motivações (compromissos pessoais, condições climáticas, etc.).

Sem dúvida, um jogo de final representa o supramundo da competição, pois é esta partida que todas as equipes desejam disputar quando iniciam o campeonato. Um jogo decisivo simboliza a prática – principalmente porque é o “recorte” que a mídia apresenta – é uma das

²²⁴ Conforme verificado em todos os jogos desta equipe que foram observados e relatados em diário de campo.

²²⁵ Diário de Campo, Jogo 15, 07/09/2013.

formas de explicar o futebol não profissional, mas não é a única. Há outros elementos que devem ser conjugados, como as tardes em que os jogos não são centralidade entre os presentes ou ainda que sequer despertam o interesse do público, aqueles em que a qualidade técnica é limitada, quando há muita diferença entre as equipes/clubes e ainda os clássicos que exprimem a rivalidade local.

Conforme assinalado anteriormente, o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes, narrativas e estilos diferentes e opostos, parecendo conter vários jogos em um (WISNIK, 2008). Mas é preciso deixar claro que mesmo levando em conta que não há um jogo igual ao outro, também não há nenhum que possa ser considerado radicalmente diverso dos demais, pois, como afirma Damo (2005b, p. 32), “um jogo é um evento, do tipo disjuntivo, e como tal um ato epifônico, único, irreproduzível, situado no espaço e no tempo [...]. O público que ocorre aos estádios não o faz aleatoriamente, não sem interesses específicos, não sem expectativas relativamente claras”. A partir destes dois modos de ver o futebol não profissional, somado aos outros dois episódios narrados nas próximas categorias, percebe-se diferentes registros, contrastes de uma mesma realidade, fragmentos combinados que compõem o mesmo universo e constituem um panorama que explica o futebol não profissional em Florianópolis – espaço híbrido e de contrastes.

O retrato de uma relação em que o vínculo se perdeu não é exclusividade dos clubes futebol dos bairros, mas é fruto do desinteresse pela vida em comum. No caso dos clubes a centralidade está no desempenho esportivo, pois para alguns interessa mais vencer a competição do que a sociabilidade, fortalecer os laços de parentesco e pertencimento, na contramão do assinalado por Rigo (2007, p. 90) ao frisar que muitos clubes de futebol de bairro atuam como

catalisadores que concentram e reproduzem os afetos, os códigos e os conflitos que flutuam pelas ruas. Por sua capacidade de agregar e interagir com os moradores, eles se tornam agenciadores de sociabilidade, um lugar onde se forjam sentimentos e valores.

Dentre as relações nos clubes da comunidade que eram caracterizadas pela vida social em conjunto, em alguns deles restou apenas o futebol como interesse comum que agrupa as pessoas. O clube comunitário que era formado e representado pelos moradores do bairro se

resume agora aos atletas e pessoas próximas, independentemente de ter ou não vínculos comunitários. O clube do bairro se refere apenas ao endereço, não mais ao pertencimento comunitário. Se solidariedade, vizinhança e parentesco eram aspectos predominantes quando se procurava pensar a vida comunitária, hoje eles são apenas alguns dentre os muitos padrões possíveis das configurações sociais, pois dependem de laços sociais e sistemas informais de troca de recursos entre as pessoas.

A nostalgia no discurso nativo de que algo se perdeu entre o futebol não profissional e o clube mostra uma relação de débito, mas quiçá o “elo” perdido possa ser utopia, já que o passado pode não ter sido tão bom quanto se imagina, ou ainda que a comunidade sobreviva apenas como entidade imaginária, incapaz de se realizar como realidade concreta (BAUMAN, 2003).

7. EPISÓDIO 3

Na comunidade
Jogo 42 – Primeira Divisão
10 de agosto de 2014, Domingo, 16 horas
Santinho, Norte da Ilha

Na tarde fria e agradável devido ao sol que brilhava, os jovens da categoria sub-20 disputavam uma partida de futebol válida pela competição organizada pela LIFF. Na sede, a torcida chegava aos poucos e reuniu de cerca de 200 expectadores que acompanharam gratuitamente o jogo principal da tarde.

Enquanto os garotos disputavam a partida, de carro e em pequenos grupos chegavam os atletas de ambas as equipes principais, dirigiam-se para o vestiário e, quando completas, foram realizar aquecimento e alongamento em uma das linhas de fundo. Finalizado o jogo da competição sub-20, ambas as equipes ocuparam o campo, os preparadores físicos distribuíram os cones no gramado e os atletas prosseguiram correndo em *zigue-zague* até que o aquecimento passou a ser em duplas e com bola. Os goleiros de ambas as equipes realizaram aquecimento específico e um deles era conduzido por um membro da comissão técnica.

Uma torcida organizada de aproximadamente 20 pessoas ocupava o barranco, lá consumiam bebida alcóolica e fumavam, ascendiam sinalizadores com as cores do clube local e também ensaiavam cantos marcados por instrumentos musicais. O público jovem assistia detrás das linhas de fundo, algumas pessoas sentadas no muro, outras encima de brinquedos de um parque infantil de uma pracinha próxima. Na linha lateral próxima ao bar se concentrava a maior parte da torcida, escorada nos carros e agarrada ao alambrado. Na outra lateral atrás dos bancos de reservas, de difícil acesso, cerca de dez torcedores estavam sentados no muro e um rapaz da equipe de filmagem contratada pelo clube mandante. As pessoas transitavam na lateral e na copa, que no intervalo esteve lotada – da mesma forma que os banheiros.

Estacionamento lotado de veículos e motos, pessoas circulando na lateral cumprimentando-se, consumindo bebidas alcóolicas, ouvindo diferentes estilos musicais que tocavam nos equipamentos de som dos carros que estavam com o porta-malas abertos. O barulho não impediu que escutasse a reza que ecoava dos vestiários. Com o pé direito, três pulinhos, sinal da cruz e foguetório, ambas equipes foram à campo para o clássico do norte da ilha. Dentre os torcedores estava um presidente de

clube que havia confirmado conceder entrevista para a pesquisa, porém não apareceu e tampouco prestou qualquer esclarecimento – este passou o jogo inteiro esquivando-se e escondendo-se para que não fosse abordado. O encontro estava marcado para as 17h e, após diversas tentativas de telefonema e mensagens de texto, às 19h desisti e fui embora da sede e não obtive nenhum contato com ele.

Equipes saudaram a torcida, foto oficial do confronto, corridinha, saltos e alongamentos, atletas posicionados e o juiz apita o início de jogo, auxiliado pelos assistentes – que também atuaram na partida anterior. O jogo foi “disputado”, “pegado” desde o primeiro minuto, atletas falavam constantemente, quase que indicando/narrando as jogadas (às vezes parecia uma gritaria), vibravam a cada lance, seja uma roubada de bola ou um chute na direção das casas da vizinhança – ação na qual a bola era rapidamente recuperada pelos gandulas/maqueiros ou mesmo por alguém da torcida. O jogo era *falado* pelos atletas em campo e também pela torcida: *chega junto, não dá moleza, abre na ponta e não deixa virar* eram algumas das orientações dos torcedores-treinadores.

As camisas identificavam torcedores da equipe visitante, que se concentravam na lateral do lado oposto ao bar, mas que não era frequentado por eles, já que tinham um bom estoque de bebida alcoólica e energético no porta-malas de um dos carros que tocava sertanejo no volume máximo e que fora diminuído apenas após o início do jogo e aumentado no intervalo. Dentre a torcida havia oito mulheres que não estavam com a camisa do clube, mas ao lado de diretores. A maioria dos expectadores era do sexo masculino, já o feminino em número reduzido e composto principalmente por adolescentes.

Ao meu lado haviam pessoas que moram no bairro, adolescentes que conversavam sobre outros assuntos e não prestavam atenção no jogo – e que por sinal, estava esteticamente belo para quem aprecia futebol. O gramado natural, considerado o melhor dentre os campos utilizados na competição, favorecia ambas equipes, que alternavam a posse de bola atacando e defendendo, acertavam passes curtos e longos, os atletas demonstrando técnica refinada no domínio de bola e dribles, até que uma das jogadas resultou em um gol marcado em um belo voleio do centroavante. Após a marcação do gol a partida “esquentou” ainda mais, com jogadas mais duras, com os atletas *estourando* as bolas na defesa e *rachando* nas divididas.

Em uma partida de futebol sempre há acontecimentos dentro e fora de campo, sendo impossível prestar atenção em tudo – ainda mais sem *replay* e a visualização em diferentes ângulos que são oferecidos pela transmissão televisiva. Em determinado momento não vi a jogada em que

iniciou uma confusão no campo, com atletas locais cercado o árbitro. Do lado de fora um torcedor iniciou uma confusão ao jogar cerveja no assistente. No banco de reservas da equipe visitante outra confusão, que, do meu posicionamento, não era possível saber do que se tratava naquele momento. No final das contas, havia tumulto para todos os lados. Os comentários entre os presentes aumentaram até que um torcedor disse que alguém do banco de reservas visitante havia chamado de “macaco” um dos atletas da casa.

O árbitro advertiu com cartão amarelo o atacante/presidente do clube local e então um torcedor comentou que “*o presidente deveria pegar o cartão e dizer que ele mandava ali, era o dono do time*” e ainda questionou a atuação do árbitro, dizendo que estava “*apitando no grito desde o começo. Sabe o que é isso? Falta de cartão e os caras não respeitam e todo mundo começa a querer apitar no grito (...) depois que tomaram conta não tem mais controle do jogo. E também esse aí é fraco, ninguém respeita mesmo*”. O árbitro expulsou dois atletas e então do outro lado do alambrado um senhor falou “*aqui fora é reflexo do que tá no campo*”. Sobre o homem que iniciou a confusão na torcida, outro torcedor justificou que “*não são nativos, mora aqui há 10 anos mas não é nativo*”. Houve ainda outro expectador que tentou invadir o campo, mas foi contido por outros torcedores – que acabaram batendo nele.

Aos 34 minutos do segundo tempo a polícia chegou em 3 carros e acabou com a desordem e também com o jogo, além de dispersar o público presente, que relutava em ir embora, até que um policial do grupo tático disse “*Tá na hora de ir embora, tá parecendo uma favela isso aqui*”.

Neste dia eu havia agendado a realização de alguns questionários após o jogo, entretanto, devido ao ocorrido, o momento não era mais adequado. Neste sentido, em razão de ter combinado a atividade previamente, é bem provável que tenha havido alguma confraternização da equipe da casa, do mesmo modo como costumam fazer todas as vezes em que jogam em seu campo.

Na segunda-feira o jogo foi tema de diversas postagens no principal veículo de comunicação que faz a cobertura da competição. Há a postagem do jornalista e comentários de torcedores questionando os dados da matéria, além do posicionamento do dirigente de um dos clubes envolvidos. As postagens revelam que há diversas versões para o caso, muitos comentários, nenhuma certeza e quem estava no campo (eu inclusive) na realidade não entendia muito o que estava ocorrendo. O fato é que a torcida parecia estar *se divertindo* com a bagunça. Visualmente, o

que se observou foi uma confusão em campo, uma no banco de reservas visitante, além da ação do homem que jogou cerveja no assistente.

O árbitro relatou em súmula a expulsão de um atleta, do preparador físico visitante e a reclamação do jogador que fora chamado de “macaco” – destacando que não foi visto por ele, mas que a ofensa estaria gravada pela equipe de filmagem. Relatou ainda que tentou reiniciar o jogo aos 80min, mas não foi possível pois do lado de fora do alambrado havia uma briga entre torcedores locais. O árbitro registrou que, conforme regulamento da competição, aguardou por 30min a chegada da Polícia Militar, que não aceitou fazer a segurança da partida mesmo após o pedido do delegado da LIFF, encerrando assim o confronto por falta de segurança – mesmo havendo dois homens contratados pela LIFF para assegurar o jogo.

Pouco mais de 15 dias após o jogo, em julgamento da comissão disciplinar da Capital, como não houve invasão de campo e nem comprovação do suposto ato de injúria racial, todos os envolvidos na confusão foram absolvidos e o resultado de 0 a 1 para a equipe visitante foi mantido.

7.1. “ELES SÃO DO BAIRRO, PORÉM NÃO SÃO DAQUI”: TODOS IGUAIS, MAS UNS MAIS IGUAIS QUE OS OUTROS

O eventual crescimento das cidades provocado pelo dinamismo econômico ou da promessa de melhores condições de vida tende a apresentar, com o passar do tempo, um conjunto de tensões e conflitos decorrentes da aproximação entre diferentes costumes e referenciais culturais em geral. Durante as últimas décadas do século XX, Florianópolis passou por uma série de transformações que se desdobraram desde o plano urbano até o demográfico, processo que gerou tensões e, tamanha importância, foi objeto de diferentes estudos. Dias (2007) analisou as tensões socioculturais advindas do crescimento de Florianópolis a partir da década de 1970 e discutiu como elas se manifestam no desacordo da memória de três depoentes. Segundo uma moradora, que não é natural mas vive há muitos anos na capital, primeiramente ocasionado pela ação de padres católicos e depois pela presença de forasteiros, Florianópolis seria uma cidade que sofreu os efeitos de uma invasão com a abertura de estradas e facilitação dos contatos e da comunicação, transformações estas que alteraram as sociabilidades e as antigas formas de viver. Quiçá sintoma de um sentimento de nostalgia e de ressentimento, na percepção de um nativo e residente, o crescimento e a chegada de novos moradores tornaram a cidade mais complexa e anônima, perdendo assim as características que definiriam as relações sociais que organizavam a maneira de se viver na cidade. Já o afrodescendente que vive na cidade desde a infância considera que esta melhorou com a chegada dos forasteiros que dinamizaram a economia, e lembra que na década de 1970 havia clubes que permitiam apenas a entrada de brancos e que, mesmo colocando uma corda para separar os grupos, paulatinamente passaram a aceitar os afrodescendentes. Na atualidade, segundo Dias (2007), para demarcar que surfistas de outros lugares não são bem-vindos, nas praias em que o surf é praticado as tensões ganham visibilidade a partir da pichação do lema “Fora Haole!”.

A memória de uma cidade que sofreu os efeitos da imigração interna e o sentimento de nostalgia convergem com o discurso identificado nos dados da pesquisa. Não por acaso a constituição das equipes por atletas “de fora” é o argumento central no imaginário acerca das mudanças na relação entre clube e comunidade. O discurso que se manifesta no futebol não profissional procede da tensão já existente na cidade (FANTIN, 2000), “nós *versus* eles”, ou seja, os “daqui” em relação

aos “de fora”, colocada entre os nativos – que nasceram na cidade – e os que vêm “de fora” – de outras cidades e Estados. No campo do futebol não profissional, pertencer ao bairro de fundação dos clubes é fundamental para os *nativos (manezinhos)*²²⁶ e engendra os critérios de antiguidade e tradicionalidade (clube), a rivalidade entre norte e sul (cidade), o fato de ser “daqui” e “de fora” (atletas) e as relações de poder vinculadas às hierarquias. Deste modo, se estabelecem relações entre os sujeitos que aparentemente são iguais, mas simbolicamente diferentes quando comparados os “da casa” e os “forasteiros”, os “daqui” e os “de fora”.

Fantin (2000) identificou as transformações urbanas, sociais e culturais que a cidade de Florianópolis/SC vivenciou na virada do século XX para o XXI, discorrendo sobre os dilemas e as disputas simbólicas em torno do projeto de cidade, bem como a relação conflituosa entre os “*nativos*” (*manezinhos*) e os novos moradores “de fora” e que repercutem nas várias interfaces do viver a cidade. Diante da complexidade que caracteriza não apenas a dinâmica urbana, mas os discursos e disputas em torno da “vocalização da cidade” – metrópole ou cidade média –, o fio condutor estabelecido pela autora perpassa cada uma das múltiplas ocasiões em que o dilema se manifesta e suas consequências. No campo da sociabilidade, nas diferentes experiências urbanas (desenraizamento, apropriação e perda da cidade); no turismo, gerados pelos impasses na instauração e viabilização de grandes projetos turísticos e seus impactos socioambiental e cultural; nos projetos urbanos, manifestado no Plano Diretor; nos comportamentos e políticas culturais, a partir das noções de provincianismo e cosmopolitismo; ao campo da política, com o uso de símbolos como a figura do “manezinho” e manifestações de xenofobia; e até mesmo no campo das festas, como a Farra do Boi, Carnaval e festas turísticas. A autora constata que, não obstante a polarização de algumas posições – os “de dentro” e os “de fora”, os do “contra” e os “a favor” e outras variantes – os argumentos podem migrar de sentido dependendo do interesse e do contexto, sendo às vezes um argumento “conservador” em determinado aspecto e em outros conter elementos “progressistas” e vice-versa. O terreno do embate seria as “utopias urbanas”, em que as

²²⁶ O termo *manezinho* é utilizado também pela imprensa e identifica nativo/as da Ilha de Santa Catarina e carrega significados próprios. O debate acerca desta identificação iniciou-se em 1987 - manés e manezinhos – na busca de características próprias para os habitantes de Florianópolis, com artifícios simbólicos e culturais, o termo manezinho/a passou a ter conotação positiva, identificando, portanto, nativos da Ilha (FÁVERI, 2014, p. 16).

contradições são minimizadas e os elementos indesejáveis escamoteados, expressando o desejo de combinar o melhor de cada alternativa. Entretanto, segundo a autora, o problema é justamente passar do plano das utopias para os projetos e propostas políticas (FANTIN, 2000).

A etnografia de Wiggers (2006) apresenta a dicotomia *daqui/de fora*, tema recorrente nas conversas e entrevistas dos moradores e frequentadores de um bairro localizado no sul da ilha de Florianópolis. A autora analisou os sentimentos de pertença à Caieira da Barra do Sul, manifestados primeiramente pela dicotomia ser “daqui” ou “de fora”, que marca o pertencimento ou não ao bairro. O estudo expõe conhecimentos acerca de lugares próximos e distantes à Caieira, as relações de parentesco, amizade, proximidade e distanciamento, convivência da família nas *Casas*, a forma da relação entre *Casas* e entre as *Casas de praia*. O argumento explicita os elementos que compõem as noções de “daqui” e “de fora” do bairro, distintos, segundo a autora, da dicotomia *nativos e estrangeiros* que vigora no contexto político da cidade de Florianópolis. O quadro de classificações localiza e compõe as pessoas que estão em relação ao Bairro, entre os moradores “daqui” e de outros espaços da cidade – “*eu não sou daqui, sou do centro*”.

É *DAQUI* alguém que nasceu e cresceu em uma Casa na Caieira. (b) É *DE FORA* quem não nasceu ou cresceu em uma casa da Caieira. A dicotomia *daqui/de fora* refere-se à parentesco, casa, família e pertença à Caieira da Barra do Sul [...] *Daqui* e *de fora* dizem respeito ao lugar de nascença, às famílias de origem, as casas que ancoram suas práticas e suas memórias no Bairro – que são elementos fundamentais na elaboração da pertença (WIGGERS, 2006, p. 182-183).

A concepção de ser “manezinho” aporta elementos para a compreensão dessa manifestação. Lacerda e Gonçalves Santos Filho (2014) destacam que com o passar dos anos o termo afastou-se do tom pejorativo que adjetivava somente o morador do interior da ilha, de origem humilde e com pouco estudo, e passou a ser motivo de orgulho, que remete ao sentimento de pertencimento e de identificação com a Ilha. Para os autores, contribuíram no processo de valoração diversas razões, mas apontam, sobretudo, o argumento de Amante (1998), que sugere que a expansão demográfica de Florianópolis iniciada na década de 70 tenha colaborado massivamente para esse processo, o que seria um “caminhando em ritmo de metrópole”. Outro fator apontado seria a

criação do troféu “Manezinho da Ilha”, em 1987, por Aldírio Simões²²⁷, que afirma ter reconquistado “a autoestima e, hoje, a caminho do terceiro milênio, tem um orgulho desgraçado em se assumir Manezinho” (AMANTE, 1998, p.17). O esporte também exerceu papel fundamental para a mudança de sentido, tendo em vista que muitos ilhéus passaram a ostentar orgulhosamente a identidade mané após Gustavo Kuerten, um dos maiores tenistas do Brasil, vencer o principal torneio do referido esporte, o Torneio de Roland Garros (FANTIN, 2000). Para essa autora, o “manezinho” é um elemento simbólico que atua na dinâmica interna de disputa da cidade e que denota o pertencimento, revelando quem tem direito e poder para falar e agir na cidade

a **figura do manezinho é ambígua**, pode ser manipulada, pode variar de significado conforme o contexto, pode servir a um ou outro campo político. “Manezinho” é, simultaneamente, representante do atraso e do progresso. Tanto serve à direita como à esquerda. É símbolo do antigo. É a modernidade do arcaico. É também a utopia dos alternativos que querem manter o ‘jeito manezinho de ser’. É, enfim, um emblema que pode ser lido de várias formas e, dependendo do foco, vai produzir distintos olhares sobre a cidade e sua dinâmica cultural (FANTIN, 2000, p. 209, grifos da autora).

Amante (1998) apresenta três concepções do ser manezinho que, em diferentes graus, podemos identificar no discurso no âmbito do futebol praticado na cidade. Os “Nativos Residentes” são os manezinhos que, nascidos em Florianópolis, residem na capital. Os “Adotados Residentes” são os que, naturais de outras localidades, residem e se integram à vida da cidade. Os “Adotados Ausentes” são manezinhos que, embora não nascidos em Florianópolis, deixaram raízes e, mesmo residindo em outros locais, se identificam com a cidade (AMANTE, 1998). No caso do futebol, encontramos principalmente as duas primeiras percepções, de modo que poderíamos dizer que os “Adotados Residentes” são os atletas “de fora” que adentram no universo dos “Nativos Residentes”, um processo complexo que não é isento de tensões, no qual ao mesmo tempo

²²⁷ Conforme apontado anteriormente, vale lembrar que o diretor da LIFF entrevistado foi homenageado com a medalha “Manezinho da Ilha Aldírio Simões” em 2012.

em que requisitam, toleram a entrada e demarcam as diferenças. Ao ser questionado sobre quantos atletas são do bairro e quantos são “de fora”, um dirigente de clube da região norte respondeu que *“existe uma diferença entre ser do bairro e morar no bairro”*²²⁸. Mesmo que resida há décadas no bairro, o fato de não ser nativo do local ainda faz do atleta um “forasteiro”,

Porque a gente tem por exemplo [...] os guris já jogam no Clube há uns 8 anos e já moram na comunidade há 25/30 anos, **então eles são do bairro, eles são do bairro porém não são daqui**, são Paulistas, Gaúchos, são de fora mas são do bairro. O Atleta a mesma coisa, tá morando aqui há 4 anos, o único clube em que ele jogou foi aqui, é do bairro (GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014, grifos meus)²²⁹.

O dirigente²³⁰ do clube da região sul relata que há atletas que já moram há tanto tempo que são da comunidade, são *“da nossa família”*, porém aponta que para jogar no time o fato de não ser nativo, *“se for um bom jogador né, se aceitar toda essa filosofia do clube ele vai jogar, com certeza, vai jogar”*. O dirigente salienta que o atleta vindo “de fora” não terá privilégios, ainda que recebesse benefícios pecuniários no clube anterior, mas que pode ocorrer *“um ciúme da torcida”*, que se manifesta inclusive entre os moradores do bairro

Porque o clube é mais centralizado numa parte da comunidade, onde fica a associação, então a maioria dos atletas também são dali. A torcida começa a puxar saco dos jogadores dali e os outros jogadores que moram na comunidade eles não dão

²²⁸ GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014. (Nativo Residente)

²²⁹ *Guri* é um termo utilizado no estado do Rio Grande do Sul como sinônimo de menino, moleque, criança ou rapaz. O emprego do termo “guri” por parte de um nativo já indica que o tema da origem apresenta certa tensão no campo – Nós (Manezinhos) versus Eles (Gaúchos).

²³⁰ IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014. A filosofia do clube se refere ao fato de ser particular e necessitar aprovação em reunião, ou seja, além de o atleta aceitar a forma de conduta do clube, deve ser aceito pelo grupo. Além disso, conforme o dirigente, o clube não paga qualquer benefício aos atletas. (Nativo Residente)

muita bola assim, não dão muita moral como se eles dão pros atletas que moram ali [próximos à associação]. (IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014).

O atleta “Adotado Residente” entrevistado que atua nesse clube relata que o fato de não ser do bairro e da cidade origina uma maior responsabilidade, “*porque se eu não jogar bem, todo mundo vai falar, pô trouxeram aquela coisa ruim*”²³¹, enquanto que para o atleta “Nativo Residente” de outro clube, “*é mais difícil ser jogador da casa, a cobrança é maior*”²³². Neste caso, ser “da casa”²³³ não se refere à formação futebolística no clube ou tempo de atuação que pode ser adquirida pelo fato de residir há vários anos no bairro, mas remete à origem, ser “Nativo Residente”²³⁴.

Seguindo a lógica esportiva da competitividade, para que um clube forme um time com os melhores atletas da região, na maioria dos casos é preciso que este deixe de atuar no clube da comunidade, tornando-se “de fora” em relação ao outro bairro, ainda que seja um “Adotado Residente”. A polarização de algumas posições e a mudança de sentido dos argumentos dependendo do interesse e do contexto apontada por Fantin (2000) se mostra também na interface do futebol não profissional, sendo o desempenho esportivo o elemento que dá contornos para a tensão, pois, quando a equipe é vencedora, ter atletas “de fora” do bairro não é problema. Entretanto, quando o time não apresenta um desempenho satisfatório, os atletas “de fora” do bairro e a diretoria do clube são contestados pela comunidade, “*ai o barulho vem*”, pois, segundo o atleta identificado com seu clube,

Assim, tudo depende, tudo depende de como é a campanha do time né, porque as vezes tu pega um time que paga todo mundo e que não chega no resultado, então ele vai ser criticado, né, todo

²³¹ GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014. “Adotado Residente”.

²³² EB, Atleta. Entrevista 12, 18/08/2014. “Nativo”.

²³³ Wiggers (2013, p.155) aponta que “casa” é diferente de “residência”, pois casa é uma pessoa moral, detentora de direitos e deveres, enquanto residência refere-se ao prédio, à estrutura física que abriga as famílias.

²³⁴ Dentre os entrevistados, o atleta estudante, o dispensado e o ex-atleta são “de fora” (naturais de outros Estados), mas são considerados “Adotados Residentes”, bem como o membro da Comissão Técnica (Entrevista 11, 16/08/2014), que é natural da grande Florianópolis. Os demais entrevistados são “Nativos”.

mundo vai falar, *pô gastaram um monte de dinheiro e não chegaram a lugar nenhum*. Agora em contrapartida vai ter aquela situação que o time que paga e que é campeão, que é aquela festa, que vai trazer alegria pra comunidade, então a comunidade consequentemente vai acolher o time, vai acolher os atletas que foram jogar naquele time (FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014).

No exemplo abaixo, o ponto central abordado não é a constituição do clube por atletas e treinador “de fora”, e ainda que o investimento financeiro seja um problema, neste caso o questionamento se deve à possibilidade da ausência de retorno, ou seja, investir financeiramente pode não corresponder à expectativa de desempenho na competição. A decisão do clube em pagar e formar a equipe por atletas “de fora” é posta sob suspeita, todavia, se considerarmos o argumento que depende do desempenho, caso o clube fosse campeão, talvez não fosse equivocada.

O treinador do [Clube] que tá disputando a classificação, sabe quanto que ele tá custando? Oito mil reais, três que deram na mão e cinco pagaram uma dívida que ele tinha. Aí tá lá, levaram 20 jogadores de fora e **tão sujeito a perder, ele tem que ganhar de 2 a 0 senão eles estão fora**. Eles gastam R\$ 2.800 por jogo na Segunda Divisão, pra se manter, pra subir pra Primeira (RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014).

No futebol não profissional a relação entre clube, comunidade e atletas tende a ser mais próxima e estabeleceria uma espécie de código de prestação de contas entre os agentes. No intervalo de um jogo, quando o treinador do Clube passou pela torcida a caminho do vestiário, torcedores pediram para colocar na partida determinado jogador que estava no banco de reservas. Em resposta, o treinador falou que *“eu errei, eu errei [colocando a mão no peito como se estivesse assumindo alguma culpa], mas agora não posso tirar porque dei a camisa errada, mas conversei com ele já”*²³⁵. Deste modo, a proximidade entre os agentes finda na concessão de certas cobranças por parte da torcida, gerando a necessidade de resposta e justificativa por parte dos treinadores e atletas que representam o clube.

²³⁵ Diário de Campo, Jogo 26, 18/05/2014.

Nas primeiras rodadas da competição a torcida representava a mistura das marcas do futebol comunitário e profissional, pessoal e impessoal, respectivamente. Os conhecidos possuíam identidade, eram chamados pelo nome próprio ou apelidos, enquanto que os demais eram identificados apenas pelos números das camisas. Na medida em que atletas “de fora” da rede de relações adentravam no espaço do outro, o personalismo nas relações sociais neste contexto era substituído pela impessoalidade que predomina no futebol profissional. Ir à campo e torcer por um vizinho, comentar o desempenho e lances dos jogos na copa (bar) ou ainda nos locais de trabalho, no cotidiano no bairro, ou seja, em outros espaços-tempos do futebol, é parte da função integradora dos clubes comunitários, enquanto espaços de manutenção de amizades e de estabelecimento de novas relações – neste caso somente perante o reconhecimento e aceitação do agente anônimo.

Jogar em clubes rivais do mesmo bairro e conseguir aceitação em ambos é um fator valorizado, visto que “*poucos atletas fizeram história em dois clubes rivais*” e conseguiram a “*proeza*” sem perder a “*majestade*”²³⁶. Ainda que mediada pelo desempenho, o atleta que foi profissional identifica que a rivalidade entre os “daqui” e “de fora” está relacionada ao vínculo,

Porque eles têm o grupo deles né, então eles acham que aquilo ali é o mundo deles. Outra pessoa que chega é difícil, pra você entrar, pra você entrosar. Você não tem uma história ali, você não é daqui, então é mais por isso, nem em relação à maldade ou não, mas é mais por (...) tá chegando agora e quer sentar na janela! (MB, Atleta. Entrevista 9, 15/08/2014).

Gaúcho de Frederico Westphalen [...] Quando chegou à Ilha de Santa Catarina [...] acabou decepcionado com as supostas “panelas” (BLOG AMADOR FC, 17/04/2014).

Conforme exposto anteriormente, a entrada e permanência no circuito do futebol amador se dá pela via da performance ou da rede de relações. Ser de outra cidade ou ainda “de fora” do bairro é o enredo central no discurso do futebol não profissional e identifica o sujeito no circuito. As reportagens reforçam o valor simbólico ao destacar a

²³⁶ Blog Amador FC, 02/01/2013.

informação da procedência do atleta, que inclusive algumas vezes antecedem o nome, ou seja, ser gaúcho, paulista ou “do Oeste” torna-se propriedade de identificação. Seja pela performance ou rede de relações, o atleta que consegue “se entrosar” no grupo, apesar das panelas, continua sendo “de fora”, porém o discurso passa a ser de que foi “adotado” pela comunidade – um “Adotado Residente”. O trecho abaixo mostra o discurso que se manifesta no campo sobre a formação do clube e identidade, sugerindo o tempo de inserção como justificativa para um atleta “de fora” fazer parte de um grupo considerado “de dentro”.

A equipe do Bairro Rio Tavares, que utiliza basicamente atletas da comunidade, tem um “estrangeiro” em seu elenco. Trata-se do lateral-esquerdo [atleta], o Paulista. Há 15 anos, o lateral decidiu deixar a vida agitada de São Paulo (SP) e veio para a capital catarinense. Apaixonado pelo futebol e pelas artes marciais, Paulista chegou ao [clube] há nove anos (AMADOR FC, 23/08/2013).

A particularidade fundamental do futebol não profissional é a competência em conciliar diferentes características e significados. A heterogeneidade se expressa na convivência, na mesma prática, de polos que aparentemente são opostos, como por exemplo clubes com boa estrutura própria e outros que sequer possuem campo ou sede; clubes que se resumem ao futebol e outros que estão vinculados (material ou simbolicamente) à comunidade, oferecendo práticas e serviços; atletas que jogam por amizade em determinado clube e outros por motivos pecuniários; clubes com recursos para “contratar” atletas e oferecer benefícios, ao passo que em outro é preciso que os atletas paguem mensalidade, enfim, na composição de uma rede complexa de propriedades que se sobrepõem e se articulam. Da mesma forma, a tensão entre ser “daqui” e “de fora” ganha diferentes contornos dependendo não somente da cidade natal, mas também do lugar de residência. No plano local, é possível ser *nativo* e ainda assim ser considerado “de fora”, simplesmente por residir em outro bairro, ou seja, por não pertencer à comunidade de radicação do clube. Nestes casos e dos “Adotados Residentes”, a entrada e permanência é favorecida por residir nas proximidades, diferentemente de quando o atleta é “de fora” da cidade (ou estado), quando encontra uma barreira inicial que deve ser superada e afirmada pela performance. De certa forma, no caso do futebol, ser “de fora” em razão da origem é amenizada quando o atleta reside no bairro e

integra a rede de relações locais. Ainda assim a relação é complexa, pois conforme um dos dirigentes entrevistados e anteriormente citado, “*ser do bairro é diferente de morar no bairro*”²³⁷.

Ao tratar das disputas simbólicas entre nativos e os “de fora” (principalmente gaúchos) em torno do projeto de cidade e seus dilemas, Fantin (2000, p. 43) alerta que a categoria “nativo” alarga-se ou estreita-se dependendo do contexto. Muitos filhos de famílias que vieram “de fora”, mas nasceram na ilha, não são considerados “nativos” e continuam sendo classificados como “de fora”. De outro modo, há aqueles que nasceram fora do território e que moram desde pequenos em Florianópolis que são considerados “nativos”. Existe ainda a grande aproximação “identitária” entre os “nativos” e aqueles que nasceram no litoral de Santa Catarina, sobretudo os de origem açoriana. Do mesmo modo, a categoria “de fora” inclui um amplo espectro, pois há uma série de nuances na classificação dos “forasteiros”, sendo considerados “de fora”: os das camadas médias universitárias – também chamados de “estrangeiros”; os ligados às camadas populares – chamados de “migrantes”; e os da classe alta – chamados de “investidores”, “empreendedores”.

Fantin (2000) considera que a geografia da cidade (Ilha/Continente e centro/balneários) configura uma cidade espalhada, fragmentada em vários centros onde a vida acontece. Para muitos a denominação cidade representa apenas uma parte, um grupo seletivo de antigos e novos moradores com poderes e privilégios. Embora unida por três pontes, a cidade permanece separada e dividida não só geograficamente, mas também simbolicamente, pois com a valorização da figura do “manezinho”, morar na ilha passou a engendrar um estatuto superior àqueles nascidos ou que moram no continente²³⁸. Para Fantin (2000), a sensação é que os bairros do continente fazem parte de outra cidade. Além da geografia, a divisão se perpetua no futebol, com Figueirense localizado no continente e Avaí na ilha. Já na vertente não profissional, a questão torna-se um pouco mais complexa, já que em nenhuma das Divisões da

²³⁷ GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014. (Nativo Residente)

²³⁸ Cardoso e Rascke (2014, p. 26) narram a fundação do Figueirense Futebol Clube no continente em 1921, destacando a conjuntura do bairro, suas conexões e práticas em uma cidade que se modernizava e ao mesmo tempo delimitava espaços, lugares sociais e comportamentos. Segundo os autores, a região mal vista, sob constantes suspeitas e afamada por suas faces depreciativas em razão da origem humilde dos moradores, ganhou olhar positivo com a criação de um clube de futebol.

Categoria Adulto participam clubes oriundos do continente. Poderíamos supor então que a competição não seria de fato “municipal”.

A multiplicidade de significados identificada por Fantin (2000) no estudo que articula as interfaces no campo da sociabilidade, comportamentos e políticas culturais (provincianismo e cosmopolitismo), turismo, projetos urbanos, no campo da política e das festas, também se manifesta no futebol não profissional, sendo este, então, uma das vias de acesso para pensar a dinâmica urbana de Florianópolis. A luta urbana estabelecida não pode ser reduzida a uma divisão fácil entre os “contra” e os a “favor”, pois em muitos momentos assume uma configuração mais sofisticada, mais dissimulada e torna-se muito difícil colocar os diversos atores sociais no geral²³⁹ e os indivíduos em particular em um ou outro grupo. Há, de acordo com o contexto, uma curiosa mobilidade entre uma posição e outra. Estabelecendo um elo com as assertivas de Fantin (2000), no caso do futebol não profissional, a performance e a rede de relações sintonizam o lugar ocupado pelos sujeitos.

7.1.1. No *circuito*, no *pedaço* e no *campo*

O discurso acerca das mudanças na relação entre clube e comunidade reflete as transformações da antiga forma de viver a sociabilidade, tensão não totalmente resolvida na qual o discurso nativo se ampara. Enquanto alguns clubes julgam paulatinamente ter se modificado no decorrer do processo, agregando atletas “de fora” da comunidade, outros seguem proferindo o discurso nostálgico em busca do vínculo de outrora. Sem embargo, conforme apresentado anteriormente, ainda que a comunidade sobreviva apenas como entidade imaginária, ela é incapaz de se realizar como realidade concreta (BAUMAN, 2003).

Caberia então à categoria nativa superar as tensões e se harmonizar às modificações, que podem ser captadas a partir da noção de “*circuito*” e “*pedaço*”, categorias que auxiliam a pensar as novas relações colocadas entre atletas e clubes. Para Magnani (2002), o “*circuito*” é reconhecido

²³⁹ Fantin (2000, p. 17-18) identifica dois grandes grupos de atores: um vinculado a partidos conservadores, constituído pelo empresariado da indústria do turismo e do comércio, administradores públicos e agentes políticos locais; outro a partidos progressistas e alternativos, setores ligados à universidade, ONGs e movimentos sociais. Posteriormente, internamente se dividem em uma série de grupos heterogêneos e plurais, muitas vezes divergentes, mas que estão situados em campos diferenciados em relação ao projeto de cidade.

pelos usuários habituais e descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial. A noção de circuito também designa um uso do espaço e dos equipamentos urbanos e que, por conseguinte, possibilita o exercício da sociabilidade por meio de encontros, comunicação e manejo de códigos e pode ser identificado, descrito e localizado.

A noção de “*pedaço*” proposta por Magnani (2003) aponta para a existência de um espaço social intermediário entre a esfera da casa e a da rua. Com base em vínculos de vizinhança, coleguismo, procedência, de trabalho, o “*pedaço*” estabelece uma forma de sociabilidade básica e mais elástica que as constituídas em laços de família, todavia menos formal e mais próxima do cotidiano que a ditada pelas normas abstratas e impessoais da sociedade mais ampla. É no “*pedaço*” que se vive e compartilha toda sorte de vicissitudes que constituem o dia-a-dia, nos momentos de lazer, devoção, participação em atividades comunitárias e associativas, troca de favores, pequenos serviços e ainda, dos inevitáveis conflitos e disputas. A noção de “*pedaço*” aplicada não apenas na periferia, mas no contexto do centro, mostrou que as regras de sociabilidade que instaura também são encontradas em espaços desvinculados da moradia e vizinhança.

A diferença com a idéia do pedaço tradicional é que aqui os frequentadores não necessariamente se conhecem – ao menos não por intermédio de vínculos construídos no dia-a-dia do bairro – mas sim se reconhecem enquanto portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes (MAGNANI, 1992, p.195).

Circular entre os diferentes clubes é uma característica do “*circuito*” do futebol não profissional. Nos termos de Magnani (2014, p. 8), o “*circuito*” seria “a configuração espacial, não contígua, produzida pelos trajetos de atores sociais no exercício de alguma de suas práticas, em dado período de tempo”. A relatada perda do vínculo comunitário atrelado ao bairro, laços familiares ou relações de amizade e a necessidade de “pertencer a”, aliada aos interesses comuns, são questões que acabam por reunir os atletas no “*pedaço*” e, assim, mesmo transitando entre os clubes – espaços desvinculados da moradia e vizinhança –, permanecem

membros deste espaço social particular²⁴⁰. Desse modo, a mobilidade de atletas e familiares significa que pouco importa à qual clube estejam atrelados, desde que este componha o “*circuito*” do futebol não profissional e, de preferência, que dispute a Primeira Divisão. É a hierarquia entre os clubes que move os agentes – seja por clubes mais bem estruturados e/ou que estejam na “*elite do futebol florianopolitano*”²⁴¹.

A noção de “*campo*” proposta por Bourdieu (1997) possibilita pensar o futebol não profissional como um “*campo*” autônomo e específico, constituído de regras e normas próprias, de disputas e de consagrações.

[...] um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p.57).

A noção de “*campo*” atribui especial importância à dimensão simbólica ou cultural na reprodução de suas estruturas de dominação social, definindo-se em função do modo como se distribuem em dada sociedade diferentes formas de poder, ou seja, “diferentes tipos de capital”. Um deles, o “*capital futebolístico*” (DAMO, 2007), é requisito exigido para fazer parte do “campo do futebol”, pensado a partir dos escritos de Bourdieu “como uma constelação de atributos que permitem a alguém se inserir legitimamente num dado campo social” (DAMO, 2007, p.112). Essa constelação de atributos envolve

²⁴⁰ De outro modo, compreendendo a “várzea como *algo* ou como um *lugar* singular”, Myskiw, Pacheco e Stigger (2014, p. 721) ponderam que “não significa, exclusivamente, um ‘lugar intermediário’ entre os espaços mais íntimos da vida cotidiana e as grandes questões e hostilidades das cidades”, mas que cabe pensá-la, “simultaneamente, como lugares de aproximação de dimensões que, em outras esferas, estariam claramente distanciadas, mesmo que isso fosse percebido como um problema pelos seus *habitués*”.

²⁴¹ Expressão utilizada pelo Dirigente da LIFF. Conselho técnico, 07/12/2015.

um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão em particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola – malabarismos, floreios, etc. (DAMO, 2007, p.112).

7.1.2. As hierarquias

O capital futebolístico estabelece hierarquias entre os atletas. Mediado por ele ocorrem os trânsitos que diluiriam o vínculo entre atleta e clube e, ainda, estabeleceria relações de poder entre jogadores, comissão técnica e dirigentes. O capital futebolístico define os melhores atletas²⁴² que, na maioria das vezes, são os que recebem benefícios pecuniários, faz deles possuidores de relativo poder simbólico e possibilita a intervenção na atuação de outros personagens, como por exemplo na dispensa do treinador²⁴³, criticada por atletas de menor capital corporal e, portanto, sem representatividade, ou ainda em outro clube quando decidem sobre quem deve assumir o cargo.

O presidente optou por trazer outro, mas até por pressão de alguns jogadores em falar que não queriam outro treinador, pra não ter outros problemas igual teve com o [Treinador], que a melhor opção era me colocar como treinador, eu acabei aceitando (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

O treinador é um parceiro nosso, batalhador pelo futebol amador, ele foi demitido de treinador lá do [Clube] e aí abriram boca porque é um monte de suga, suga que só vem aqui pra pegar o dinheiro, enquanto os guris da casa que correm não tão ganhando nada, aí demitiram o treinador, tinha é que mandar eles embora (EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11.08.2014).

²⁴² Conforme anunciado anteriormente há exceções, pois nem todos os atletas que possuem capital corporal significativo transitam entre os clubes.

²⁴³ Vale lembrar que, assim como no futebol profissional, o desempenho também motiva a dispensa, como no caso do treinador que “caiu” por não resistir a sexta derrota em sete partidas (BLOG AMADOR FC, 06/10/2015).

No primeiro exemplo, no momento em que a força simbólica dos atletas é reconhecida ao decidirem quem será o treinador, se estabelecerá uma hierarquia entre os sujeitos, na qual o membro da comissão técnica, ao ponderar sua decisão, pareceu reconhecer a lógica interna, a estrutura das relações nativas no campo.

Eu achava que eu era muito novo e faltava mais experiência de vestiário, porque no futebol amador tu trabalha com diferentes perfis. Tem o perfil que tu conversa e ele aceita de boa, mas tem muito aquele perfil de (...) como posso dizer (sic) ah tá muito tempo aqui eu sei mais que tu que tá chegando agora. Futebol amador tem muito disso, alguns acham que por estar vivenciando isso há mais tempo eles têm maior conhecimento da causa do que uma pessoa que só estudou sobre o futebol (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

O *capital simbólico*²⁴⁴ (BOURDIEU, 1996) mediado pelo capital corporal também pode ser reproduzido e reforçado a partir do que o campo diz sobre o atleta, ou seja, são os demais sujeitos que o atribuem, que pode ser independente do desempenho no período atual. Assim, ainda que no decorrer dos anos o atleta não apresente o bom futebol de outrora que conferiu a identificação de *diferenciado*, os demais sujeitos seguem atribuindo o *capital simbólico* ao reconhecer e valorizar a presença do atleta no clube e na competição. Ter sido profissional, circular em diferentes clubes ou ainda devido aos títulos conquistados, reforça a trajetória que afiança jogar “*só pelo nome*”²⁴⁵ e atualiza o reconhecimento simbólico, como por exemplo, na eleição dos melhores jogadores do ano, na qual torcedores questionam os critérios de escolha e apontam a injustiça com alguns atletas que, na opinião deles, obtiveram melhor desempenho, porém não foram premiados porque havia um “*prestigiado devido ao nome*”.

²⁴⁴ Bourdieu (1996, p. 149) chama de “capital simbólico qualquer tipo de capital (econômico, cultural, escolar ou social) percebido de acordo com as categorias de percepção, os princípios de visão e de divisão, os sistemas de classificação, os esquemas classificatórios, os esquemas cognitivos, que são, em parte, produto da incorporação das estruturas objetivas do campo considerado, isto é, da estrutura de distribuição do capital no campo considerado”.

²⁴⁵ Blog Amador FC, 20/11/2015; 15/12/2015.

As relações de poder internas mediadas pelo capital corporal derivam das externas, ou seja, das estabelecidas entre clubes. Melhores estruturas e poder aquisitivo permitem ao clube a contratação dos melhores atletas e, conseqüentemente, demonstraria superioridade. Os clubes com poucos recursos muitas vezes se dizem prejudicados, pois quando há um atleta que se destaca, prontamente há os que oferecem benefícios para que este passe a atuar em outra equipe. Possuir os melhores jogadores para ostentar títulos representa o poder simbólico do clube no circuito do futebol não profissional em Florianópolis. Estes clubes assumem o papel de protagonistas, possuidores de poder simbólico que também é reforçado pelas equipes coadjuvantes, como por exemplo nas reuniões da liga nas quais os representantes dos clubes de maior poder simbólico se manifestavam, tendo as demandas aceitas sem questionamentos dos demais e que assim se auto-reconheciam de menor expressão no cenário do futebol não profissional da cidade. A influência de alguns clubes também pode ser assinalada a partir do relato do episódio que abre esta categoria, pois todos os envolvidos foram absolvidos no julgamento dos incidentes ocorridos no jogo entre os dois clubes rivais porque não havia como comprovar as ocorrências, já que não houve invasão no campo e não foi devidamente relatado em súmula, pois o árbitro anotou os acontecimentos de forma genérica, fragilizando assim os argumentos para a acusação²⁴⁶. Após o resultado do julgamento, alguns torcedores manifestaram no *Blog Amador FC* que todos deveriam ser exemplarmente punidos, porém devido ao peso das camisas, nada iria acontecer – o que se confirmou.

Vinculada ao argumento da origem, as diferenças entre os clubes na formação do time no que se refere à seleção de atletas se repete na constituição da comissão técnica. Nem todas as equipes possuem a figura do treinador, preparador físico e massagista, ou ainda os papéis podem variar de um jogo para outro. Em grande parte dos times as funções são desempenhadas por moradores do bairro vinculados ao clube e que gostam de futebol. Por um lado, naqueles em que o comandante é morador do bairro, ele estabelecerá um elo entre os atletas “de fora” e a comunidade. Por outro, há os clubes que selecionam o treinador assim como fazem com os atletas, independentemente de qualquer vínculo

²⁴⁶ O árbitro relatou que “após o empurrão o atleta veio em minha direção chorando dizendo que o preparador físico ofendeu ele de macaco praticando ato de Racismo não visto por mim” e que “houve uma briga generalizada fora do alambrado de torcedores identificado como da equipe da casa que estavam brigando entre eles” (Súmula do Jogo 43 da competição, 10/08/2014).

anterior. Ainda que os critérios para ocupar o posto de treinador sejam distintos, em comum há a necessidade de qualificação para a função – seja ela “empírica” e/ou “teórica”.

Os três membros da comissão técnica entrevistados relataram ter adquirido os conhecimentos necessários para desempenhar a função de treinador de maneira semelhante, mediada sempre pela trajetória esportiva no campo. Os sujeitos relatam que

Apenas com o que a gente aprendeu com a vivência do futebol mesmo (...), desde pequeno já assistindo tudo que é tipo de jogos, vivendo com vários treinadores (...), jogos na televisão e tal, mas eu não sou de estudar muito não, mais com a vivência do dia a dia e da experiência de ter jogado todos esses anos²⁴⁷.

Estudei regra certo, eu via bem os outros meus colegas, eu participei (...), fui dois anos jogador do juniores do Avaí, a gente assistia preleção dos treinadores, certo. Foi assim que eu comecei a ser treinador, aquilo que passaram pra mim, pelo o que eu lia, certo, eu lia muito aquela Revista Placar, depois aprendi muito no curso de árbitro²⁴⁸.

Sou formado em Educação Física, mas (...) não fiz nenhum curso como treinador (...). Desde pequeno eu vou à campo, é hábito. Meu pai era presidente, depois foi treinador e eu sempre gostei de futebol (...). Sempre procuro tá lendo artigo científico, tudo relacionado à gestão do futebol, tanto na preparação física, como treinador. Muitas vezes eu auxiliava [o treinador] na parte técnica, tática, grande parte das preleções era eu que fazia, fazia *scout* dos jogos, quantos chutes o time deu, quantas roubadas de bola, quantos passes errados²⁴⁹.

Treinar ou apenas orientar a equipe na beira de campo nos dias de jogos ganha outras características, não basta o amparo da rede de relações, requer conhecimento específico da prática e, assim como no futebol

²⁴⁷ RP, Comissão Técnica. Entrevista 3, 08/08/2014.

²⁴⁸ RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014.

²⁴⁹ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

profissional, a função de treinador é valorizada e confere certo poder pela prerrogativa de controle do time ao decidir sobre a escalação, substituições e organização tática. Se por um lado há o reconhecimento e prestígio simbólico da figura do treinador, por outro, semelhante ao desfecho comum que ocorre no futebol profissional após uma série de resultados negativos, há a responsabilização, já que *“o amador depende muito do resultado, então cai nos ombros do treinador né”*²⁵⁰, conforme analisa um dos entrevistados ao justificar a decisão do presidente para a troca de comando.

Conforme anunciado anteriormente, os clubes possuem estruturas e organização diferentes, possuem características particulares que talvez permita-nos estabelecer relações entre a organização dos clubes e da cidade. O discurso nativo reproduz a narrativa de que os localizados na região norte, assim como a própria região da cidade, vista como mais desenvolvida, seriam mais desenvolvidos em termos de um futebol, mais próximo do profissional, enquanto que os clubes do sul da ilha manteriam características mais tradicionais, condizentes com certa representação sobre aquela região da cidade, que manteria ainda aspectos rurais. Tal relação seria reafirmada pela organização do sistema de disputa por região, conforme exposto anteriormente. De acordo com os dados das entrevistas, no discurso do campo, ainda que não seja regra, os clubes localizados na região norte caracterizam-se pelo pagamento de atletas e é onde estariam localizados os clubes favoritos para conquista do título. Já os clubes do sul valorizariam os atletas que moram no bairro, que manteriam relações de amizade e expressariam certo comprometimento com os clubes.

Corroborando com as questões acima, um treinador entrevistado,²⁵¹ que já desempenhou diferentes funções no futebol amador, transitou por clubes distintos e, portanto, conhecedor do campo, argumenta que as diferenças entre as regiões norte e sul se resumem ao pagamento dos atletas e, conseqüentemente, à formação de equipes mais fortes. Mencionando quatro equipes do norte da ilha ordenadas pelo seu critério técnico, afirma que não há nivelamento entre os clubes que disputam a competição, que no seu ponto de vista, é feita para dois deles que selecionam os melhores atletas. Citando sua antiga equipe e comentando que iniciou a competição com o objetivo de *não ser rebaixada*, assinala que

²⁵⁰ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

²⁵¹ RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014.

Hoje é bem inferior, tem que ser realista, os outros [dois do sul da ilha] é mesma coisa, aquele timezinho da [Equipe] o pessoal é da comunidade, não pagam nada, é só no peito, na amizade, não pagam nada pra ninguém. São um mero participativo só, só participa, sabendo que, ou cai ou ficam na intermediária ali, ninguém respira (RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014).

O trecho abaixo reproduz a fala do dirigente da Liga no início do Conselho Técnico do ano de 2015 – a respeito da competição de 2016 – e representa a tensão que preponderou durante a reunião.

Então eu queria pedir aos senhores a compreensão pra que a reunião flua, e que nós dirigentes maduros que somos, vamos esquecer um pouco o ego, não tentar satisfazer o próprio ego, não tem essa, aqui é todo mundo igual, só na hora do voto que vai ter aquele voto qualitativo, mas todos terão o direito de falar, então vamos combinar isso pra gente não se desgastar (...) então eu vou dizer pra cada um dos senhores **quanto é que vocês valem**, quanto é que estão valendo aqui na reunião (Reunião do conselho Técnico da Primeira Divisão, 07/12/2015).

O apelo do dirigente remete ao protagonismo e favorecimento de clubes – citados na segunda categoria – que foram adquiridos por meio da performance na competição, tendo em vista que o regulamento estabelece peso distinto aos melhores classificados na votação da fórmula de disputa nos conselhos técnicos. Sete dos doze clubes da Primeira Divisão²⁵² que estavam presentes já haviam se reunido previamente²⁵³ para debater o regulamento da competição. O porta-voz das equipes apresentou a proposta de desfazer a regionalização, ou seja, tornar novamente o campeonato municipal, tendo em vista que a disputa de

²⁵² Um clube solicitou licença e assim seriam 11 clubes participantes da edição de 2016.

²⁵³ O dirigente da liga avaliou a atitude dos clubes: “eu até achei legal vocês se reunir pra se unir, porque o que tem de clube dificultando aquele que vai pro estadual” (Reunião do conselho Técnico da Primeira Divisão, 07/12/2015).

grupos por regiões acarretou no não enfrentamento de algumas equipes das diferentes regiões. Apesar da fórmula de disputa ser anunciada como “consenso”, no momento da fala houve conversas paralelas, porém sem manifestação “oficial” quando da solicitação de “questão de ordem” proferida pelo diretor da liga.

A fórmula de disputa em turno único significaria que haveria equipes que mandariam seis jogos enquanto que outras cinco²⁵⁴. Neste aspecto, ficou evidente a medição de forças entre os clubes e principalmente entre os protagonistas que disputavam a hegemonia do futebol não profissional na capital. O debate sobre as equipes que jogariam mais jogos em seus campos se resumia à dois clubes, sendo que os demais não se posicionavam. Um presidente sugeria o estabelecimento de ranking entre as equipes, tendo como critério o número de títulos conquistados e tempo de participação nas competições promovidas pela liga, enquanto que o outro sugeria sorteio e definição de critérios para o ano seguinte. Neste momento, um dos representantes de um clube visto como coadjuvante sugeriu que em todos os anos fosse adotado o critério de sorteio. Após defesas das três sugestões ocorreu a votação e, curiosamente, o representante do clube de menor expressão não votou na sua proposta, mas na defendida pelo que se define hierarquicamente superior e que propôs o estabelecimento de ranking. Tal posicionamento foi prontamente desaprovado pelo defensor da proposta de sorteio e critérios para o próximo ano, obtendo a devolutiva do representante que *“Nós somos todos amigos, fiquei sensibilizado com o que ele disse”*.

O representante em desacordo com a atitude alegou que neste caso a proposta deveria ser retirada e, em resposta à proposta de ranking, comentou que não iria mais argumentar, pois a reunião prévia realizada entre as equipes era

Para tentar não pensar no umbigo, hoje se nota e digo pros com mais tempo de liga, qualquer coisa eu voto na proposta 3 sendo sorteio porque o [meu clube] já foi campeão de tudo. Hoje está se pensando no umbigo, o rapaz tá pensando [...] Nada que nós fizemos lá na quinta feira valeu. De nada valeu aquilo lá²⁵⁵.

²⁵⁴ Vale lembrar que jogar em casa significa menor custo com deslocamentos e possibilidade de arrecadação financeira no bar do clube.

²⁵⁵ Reunião do conselho Técnico da Primeira Divisão, 07/12/2015.

A reunião do Conselho Técnico da Segunda e Terceira Divisão daquele mesmo ano não foi isenta de tensões, mas o debate foi menos intenso, os clubes decidiram adotar o mesmo regulamento da Primeira Divisão. Percebe-se que há hierarquia entre as divisões, pois as inferiores acatam as decisões da principal. Enquanto que as duas divisões seguem a proposta da Primeira, a Segunda se coloca hierarquicamente superior à Terceira. Na reunião da Segunda²⁵⁶, a liga sugeriu a unificação das divisões, porém não foi aceita pelos representantes. Com a desistência de um clube da divisão principal, o terceiro colocado da Segunda reivindicou o acesso e, com a negativa do diretor da liga, o representante disse que “*o problema é que a Primeira é intocável*”, fala rebatida por outro dirigente ao afirmar que o “*clube estava chegando agora da Terceira*”.

Na reunião da Terceira Divisão²⁵⁷, o diálogo foi ameno e os clubes aceitaram o regulamento da Primeira, entretanto, assinalaram que “*não queremos qualitativo, não queremos distinção, queremos tratamento igual pois entendemos que cada clube vale o mesmo*”.

Além do plano local, a hierarquia também se coloca entre os clubes das diferentes ligas da grande Florianópolis. Os protagonistas em suas ligas estão em constante duelo de forças pelo reconhecimento simbólico regional – que é conquistado na competição local e vale vaga para a etapa estadual, competição organizada pela FCF. No mesmo Conselho Técnico realizado em 2015, ao debater o calendário das competições, os dirigentes da Primeira Divisão demonstraram preocupação com a perda de jogadores para clubes de outras ligas que, por possuírem melhores estruturas, selecionariam os melhores atletas, limitando assim o leque de possibilidades de contratações destes clubes ditos protagonistas.

Os protagonistas ou ainda, “Nativos Residentes”, seriam os “*Estabelecidos*” nos termos de Elias e Scotson (2000), um grupo que se autopercebe e é reconhecido como “uma boa sociedade”, melhor, com autoridade e influência sobre as outras, capaz inclusive de promover o sentimento de inferioridade. Elias e Scotson (2000) discorrem acerca das normas de socialização e relações de poder estabelecidas em uma pequena comunidade da Inglaterra nos arredores de uma zona industrial composta por três setores que, apesar de não diferirem quanto ao aspecto econômico, sustentavam uma pluralidade latente em suas práticas e preceitos de socialização, reproduzindo sentimentos de discriminação, delinquência e exclusão entre os moradores de diferentes grupos. O

²⁵⁶ Reunião do conselho Técnico da Segunda Divisão, 08/12/2015.

²⁵⁷ Reunião do conselho Técnico da Terceira Divisão, 08/12/2015.

estudo se refere ao enfrentamento da violência física e simbólica, mas por se tratar de um modelo explicativo que traça potencialidades dos diferenciais de integração entre grupos aparentemente semelhantes, nos ajuda a pensar as relações que se estabelecem entre os clubes não profissionais dos diferentes bairros da cidade.

O discurso reproduzido no campo, conforme temos enfatizado, de que a presença de atletas “de fora” teria modificado a estrutura do futebol não profissional – com impacto direto no desenvolvimento da competição, seja pelo estabelecimento de diferenças na qualidade técnica e, logo, no desempenho, e ainda nas formas de sociabilidade, pois não se trata mais de um clube que promove atividades sociais, mas um time que joga futebol –, passa também pela autoridade dos “*Estabelecidos*”. O argumento central é que os clubes prioritariamente formados por pessoas da comunidade seriam considerados clubes de futebol amador exemplares, dotados de poder sobre os demais, que seriam os “*Outsiders*”. Todavia, a complexidade aumenta se pensarmos que no futebol não profissional a performance e a sociabilidade são ingredientes que nem sempre estão entrelaçados. Os clubes que têm no elenco atletas “*Outsiders*”, mesmo que não sejam reconhecidos pelo pré-requisito da origem, podem lograr influência sobre os demais a partir da junção entre o desempenho (tradição) e o critério da antiguidade (fundação). Dizendo de outro modo, a partir do momento em que um clube passa a ganhar títulos, também obtém certo capital simbólico e, quanto mais antiga a data de fundação, tempo de atuação na comunidade e participações na competição, de certa maneira, se torna um “*Estabelecido*”.

A configuração no futebol não profissional apresenta uma linha tênue e porosa entre “*Estabelecidos*” e “*Outsiders*”. As relações de poder presentes são interdependentes e decorrem dos reconhecimentos simbólicos que são afirmados e confirmados pelos sujeitos. Segundo Elias (2005), a interdependência é uma relação em que o poder não é exercido apenas por uma das partes envolvidas, em maior ou menor quantidade, proporcional ou desproporcional, mas sim pelo equilíbrio de poder sempre que há qualquer tipo de valor para os indivíduos envolvidos na relação. Assim, enquanto há disputas entre os “*Estabelecidos*” e “*Outsiders*”, há ainda um grupo de clubes que não se entende e nem é entendido em nenhuma das posições, são os “*meros participantes*”²⁵⁸.

²⁵⁸ RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014.

Sem demérito e desrespeito a ninguém pessoal, a questão é de direito adquirido, um ranking, que fosse respeitado o primeiro critério os clubes que têm títulos na Primeira Divisão e segundo critério os clubes que têm mais tempo de participação na Primeira Divisão. Que isso fosse respeitado, até pra valorizar também a participação de cada clube. Por que isso? Porque afinal de contas você hoje como todo mundo são tratados igual, ótimo! Que todo mundo seja tratado igual, mas que também todo mundo tenha o direito daquilo que tem feito (...) e daí o que acontece? Isto aqui passa a ser uma coisa **justa pra quem disputa e justa pra quem participa**, apesar do tratamento ser igual pra todo mundo (...) Qual a vantagem que tem aqui? Qual a vantagem que teve até hoje de ser campeão de tudo se eu não tenho nem o direito de ter um privilégio a mais na liga? Se essa elite não for valorizada (sic)²⁵⁹.

A fala acima é de um presidente que percebe seu clube enquanto protagonista, portador de capital simbólico e de qualidade *exemplar*. A partir da reivindicação da valorização dos clubes por sua participação e conquistas, pois *“nome não se conquista do dia pra noite, nome se conquista com trabalho e história”*, o discurso trata da construção de uma posição superior às demais e que deveria ter privilégios devido a sua história. Tal elaboração se dá avigorando as características que fariam o seu clube um dos privilegiados e ressaltando a pouca expressão dos demais, pois *“todos aqui têm sua história, mas tem aqueles que têm uma história maior a ser contada e a ser seguida”*. Outra forma utilizada pelo agente do campo na forja de uma hierarquia é a tentativa de tornar os demais inferiores, desqualificando-os a partir do próprio argumento da participação e das conquistas, pois *“tem hora que você tá chegando, é um mero estreante, parabéns porque chegou na força, pelo seu trabalho, mas você tá se juntando, você trabalhou pra quê?”*

Os argumentos abordados acima dizem respeito à hierarquia que se estabelece entre as divisões. Enquanto que o desempenho esportivo na Primeira Divisão agencia o reconhecimento simbólico, na Segunda, ainda que vencedor da competição, o clube é entendido pelos clubes da *elite* como *mero estreante*. Se por um lado conquistou o título e é reconhecido

²⁵⁹ Reunião do conselho Técnico da Primeira Divisão, 07/12/2015.

entre os agentes que com ele disputava, por outro, não deixa de ocupar lugar inferior.

A reivindicação do estabelecimento de um ranking levanta a dicotomia entre antiguidade e tradição dos clubes²⁶⁰. Faz parte da lógica esportiva premiar e valorizar as melhores equipes, mas não necessariamente o clube mais antigo é o que possui mais títulos. Neste caso o critério da antiguidade dá certo matiz nas disputas simbólicas, mas se difere da lógica esportiva porque, de modo geral, a antiguidade (fundação) e tradição (vencedores) se equivalem no que tange ao capital simbólico. De certo modo, a data de fundação e títulos conquistados atribuem certo poder aos clubes e, ainda que a equipe não tenha conquistado nenhum título, ainda assim é um “*Estabelecido*”.

7.1.3. Notas sobre o Episódio 3

O episódio narrado na abertura desta categoria mostra a disputa de um clássico do norte da ilha por duas equipes consideradas favoritas ao título. Dentre as questões narradas, há destaque para a briga generalizada na torcida que encerrou a partida antes do tempo regulamentar, tendo em vista que, conforme presenciado pela pesquisadora, registrado na súmula de jogo e divulgado na mídia, a motivação teria origem em uma manifestação de injúria racial de um integrante da comissão técnica da equipe visitante. Presente na sociedade em geral, tal manifestação ecoa também na vertente não profissional da prática do futebol e está intimamente ligada às tensões colocadas na cidade entre os “daqui” e os “de fora”, ressaltadas na fala proferida no alambrado de que “*Aqui fora é reflexo do que tá no campo*”, na justificativa de um torcedor de que os que teriam iniciado a confusão na torcida “*não são nativos, mora aqui há 10 anos, mas não é nativo*”, ou ainda, que na cidade “*não tem bandido manezinho*”, como afirma um pescador da Barra da Lagoa entrevistado por Fantin (2000, p. 51) ao comentar o aumento da violência em Florianópolis.

²⁶⁰ O capital simbólico originado pela antiguidade pode ser ilustrado a partir do clube fundado em 1955 e que não possui nenhum título na Primeira Divisão, além do Antigo em atividade que foi fundado em 1930 e venceu uma edição dentre as 21 disputadas entre os anos de 1997 a 2017. Já o capital simbólico obtido pela Tradição é representado a partir clube fundado em 1982 e que possui 6 títulos na elite.

Em resposta ao acontecimento narrado, segundo nos contou o presidente do clube e divulgado na mídia, a equipe do atleta que sofreu o ato racista entrou em campo na partida seguinte expondo uma faixa com os dizeres: *“Somos Iguais: por um mundo sem racismo, sem preconceito e sem desrespeito”*²⁶¹. Na ocasião, a ocorrência gerou debate nas redes sociais e também no principal blog que faz a cobertura do futebol amador da grande Florianópolis. A publicação de um jornalista gerou comentários com explicações por parte de ambos os clubes, de atletas e até mesmo de outros personagens que atuam no campo, como treinadores e atletas de outros times, todos contestando a informação apresentada na publicação. Nela, o jornalista apenas informava que a houve uma confusão no jogo e que este acabou em razão de uma briga de torcedores locais. Não houve nenhuma menção ao episódio ocorrido e, de fato, conforme presenciei, quem esteve no jogo não o reconhece naquela nota. De acordo com os comentários, o jornalista deveria publicar o que realmente ocorreu no jogo e eleger melhor suas fontes. Um dos diretores do clube local manifestou sua versão esclarecendo o ocorrido e criticou a redação do jornalista, pois *“você não estava presente ao jogo e deveria sim discursar sobre o ato de racismo e não emitir opinião sobre uma confusão que você ouviu falar”*. Outro comentário manifestou que, *“se fosse pra escrever uma matéria dessas o melhor seria não escrever nada, pois ai não tem o compromisso com a verdade do que realmente aconteceu”*²⁶².

Em sua defesa, o jornalista publicou um texto cuidadoso, afirmando que procurou os envolvidos, porém não *“avançou no assunto porque aguardava subsídios e provas mais contundentes do que a palavra de um contra o outro”*. Além disso, fez referência ao fato da suposta vítima não ter registrado Boletim de Ocorrência, o que daria início às investigações formais, visto que, se confirmado, configura-se como crime imprescritível e inafiançável e, como tal, deve ser investigado se for de interesse dos envolvidos. O jornalista finaliza o texto publicando que a *“coluna prima jornalismo responsável e está sempre disposta a divulgar qualquer incidente em campo, desde que os critérios jornalísticos e legais mencionados sejam respeitados”*²⁶³.

²⁶¹ Jogo realizado em 24/08/2014.

²⁶² Blog Amador FC, 13/08/2014.

²⁶³ Blog Amador FC, 14/08/2014.

8. EPISÓDIO 4

Cumprindo tabela
Jogo 19 – Primeira Divisão
05 de outubro de 2013, Sábado, 15h30min
Ribeirão da Ilha, Sul da Ilha

A movimentação na sede iniciou por voltas das 15h, quando paulatinamente os atletas chegavam para o jogo, em pequenos grupos, de carro, moto ou caminhando. Um deles estava acompanhado de uma mulher que permaneceu dentro do carro protegendo-se do vento. A partida era válida pela última rodada da primeira fase e ambas as equipes estavam classificadas para a próxima fase na última posição dos respectivos grupos, então não estavam ameaçadas de rebaixamento, ou seja, em termos de classificação o resultado da partida era indiferente.

Os jogadores foram para o vestiário e devidamente fardados foram à campo. A equipe da casa realizou aquecimento com e sem bola, de forma organizada e ritmada e sob o comando da figura do preparador físico, enquanto que os dois goleiros executavam fundamentos específicos. Em duas colunas, os atletas realizavam o aquecimento com bola – passes curtos, longo, com peito do pé e *de chapa*, cabeceio, condução, domínio de bola no peito e na coxa, etc.

Do outro lado do campo, os atletas da equipe visitante tomavam a iniciativa e individualmente alongavam, corriam realizando pequenos deslocamentos, chutavam para o goleiro defender ou cruzavam em direção à pequena área (*chuveirinho*), na intenção de que alguém finalizasse para o gol, até o momento em que o capitão passou a liderar o aquecimento e alongamento. Um atleta que ficaria no banco de reservas sequer aqueceu e ficou sentado em uma das laterais do campo. O goleiro, que pelo porte físico parecia ser veterano, fez seu aquecimento enquanto os companheiros tentavam acertar a meta por ele defendida. Às 15h15min a equipe visitante foi para o vestiário para trocar os coletes e vestir a camisa de jogo.

Na equipe mandatária, enquanto os goleiros prosseguiram o aquecimento, os demais jogadores estavam abraçados organizados em roda ouvindo as orientações do preparador físico e, após ouvirem atentamente as recomendações, foram para o vestiário vestir o fardamento de jogo.

15h20min – A equipe de arbitragem entra em campo e verifica as condições das redes. O árbitro usava fone e microfone para comunicação

com os assistentes e carregava na cintura um spray para demarcar a distância da barreira nas cobranças de faltas.

15h25min – A equipe visitante entra em campo com apenas 13 atletas. O treinador e dois deles foram para o banco de reservas carregando uma caixa com garrafas de água.

O campo é espaçoso, gramado alto nas laterais, mas inexistente na área dos goleiros – chão batido. O banco de reservas da equipe visitante ficava em uma das linhas de fundo, do lado oposto onde os torcedores se concentram e costumam acompanhar aos jogos, próximos à copa. A equipe da casa ocupa a casamata em uma das laterais, oposta ao bar, sendo que há um pequeno espaço no alto para a diretoria assistir aos jogos, melhor local deste campo já que não há arquibancada e nem barranco – como em outros campos –, e para sentar há apenas três bancos atrás de uma das linhas de fundo.

Refrigerante, cerveja, salgadinho e rapadura eram as opções para consumo. Neste dia comecei a perceber que não há qualquer preocupação com a torcida, pois não há espaço para poder assistir aos jogos com o mínimo grau de conforto (quase sempre em pé escorada no alambrado), e as condições dos sanitários – na maioria deles – é precária, além das poucas opções de alimentação no bar.

Todos os atletas da equipe visitante assinaram a súmula e como o regulamento prevê que sem documento de identificação não é possível jogar, um atleta aguardou até que um senhor chegou e entrou no campo para entregar a sua carteira de identidade que havia esquecido.

Antes do início da partida, quando eu estava em uma lateral do gramado, escutei um atleta que estava aquecendo falando com um torcedor sobre “*beber uma gelada*” e “*resenhar*” depois do jogo. Atleta e torcedor pareciam ter uma relação mais próxima, de amizade ou de parentesco, por exemplo.

A equipe visitante posou para a foto oficial e em seguida os atletas estavam posicionados no gramado aguardando o início do jogo.

15h30min – A equipe da casa entra e assina a súmula. Os atletas se organizam mais uma vez em roda, fazem uma oração em voz alta e em seguida o preparador físico motiva a equipe com dizeres “*Vamos*”, “*Vamos dar tudo*”, “*Vamos! Vamos! Vamos!*”. Neste momento o treinador da equipe entrou em campo – até então não havia visto ele na sede.

Após o apito inicial a equipe local demonstrava boa capacidade técnica, oposto ao time adversário, no qual os atletas erravam o tempo de bola, não acertavam passes curtos e tampouco longos. Eventualmente, em

algumas jogadas, as condições do gramado influenciava no desempenho técnico, porém, no contexto geral, particularmente entendo que pouco interferiu, considerando que o campo era o mesmo para ambas as equipes. Desde o início, identifiquei um desequilíbrio de forças gerado pela superioridade da equipe da casa, que tinha em campo jogadores tecnicamente melhores.

A cada falta o árbitro chamava os atletas pelo nome, demonstrando que já se conheciam e havia uma relação de proximidade – que pode ter sido traçada a partir de outras partidas ou competições anteriores.

15h49min – Em cobrança de escanteio o zagueiro marca de cabeça o primeiro gol para a equipe mandante, que já dominava a partida e superava técnica e taticamente o adversário.

Na torcida havia cerca de trinta pessoas, sendo três mulheres, todos torcedores do clube do bairro. Aos 20 minutos de jogo chega um atleta, assina a súmula e vai para o banco de reservas do clube mandante, procedimento permitido até o início do segundo tempo, conforme o regulamento. A equipe não utilizou o banco de reservas demarcado e os atletas, preparador físico, massagista e treinador ocuparam a outra lateral, ao lado da mesa do delegado de jogo.

15h58min – De falta, a equipe da casa amplia o placar. A bola passou sobre um atleta que estava na barreira que não saltou no momento da cobrança, sendo advertido pelo goleiro e demais atletas.

16h06min – Os treinadores estavam à beira do gramado e observaram o terceiro gol que foi marcado em um chute cruzado da entrada da área após uma bela troca de passes na intermediária do time visitante.

Não era possível identificar o esquema tático do time visitante – os atacantes marcavam os laterais e os atletas de defesa cobravam dos atacantes que marcassem pressão a saída de bola. O time que venciam a partida jogava no 4x4x2 e estava mais bem distribuído em campo, enquanto que o adversário *embolava* o meio e demonstrava ânimos exaltados.

Um integrante da diretoria local entrava no campo de jogo com frequência, primeiro para levar o fardo de água e depois para verificar as redes – o que fez várias vezes.

16h14min – O gol olímpico definiu o placar do primeiro tempo – 4 a 0 para a equipe da casa.

No **intervalo**, apenas os árbitros foram para o vestiário. O treinador do clube mandante orientou a equipe que estava sentada em uma das laterais do gramado, enquanto os reservas batiam bola na tradicional *roda de bobinho*. Na sequência, os atletas se organizaram em roda, conversaram e no final gritaram “1, 2, 3 [Nome do Clube]”.

Os atletas da equipe visitante também não foram para o vestiário, descansaram e ouviram as orientações do treinador sentados no banco de reservas.

16h33min – O trio de arbitragem retorna do vestiário, a equipe da casa faz uma roda e grita “Um, dois, três”. Dois atletas da equipe visitante foram substituídos e foram embora (para jogar Futebol Sete, como mais tarde fiquei sabendo). No banco ficou apenas o treinador, já que não havia mais suplentes. Na equipe local foram realizadas três substituições de atletas que, após o banho, permaneceram na copa acompanhando ao jogo.

16h43min – O gol em chute de fora da área amplia a *goleada*. Mais duas substituições, do goleiro e de outro atleta que, ao sair, disse “Hoje que tava uma mangaba dessa aí fui sair”.

16h53min – Penalidade máxima convertida para a equipe da casa, aumentando o placar para 6 a 0.

16h57min – O zagueiro do time visitante demonstrava sentir dores na parte posterior da coxa e abandonou a partida, deixando o time com 10 atletas em campo, pois não havia mais reservas no banco.

Durante o segundo tempo o treinador da equipe que vencia o jogo mudou o posicionamento da equipe, invertendo os meias e laterais.

17h3min – Bola rebatida na área e a equipe amplia o placar. Dois minutos depois o time visitante marcou seu único gol, fruto, segundo o goleiro que reclamou dos companheiros, do mal posicionamento dos zagueiros, mas que responderam que ele teria sido *mão de alface* e *levou um frango*.

17h13min – O jogo fica *mais pegado* e em uma jogada o atleta deixou o cotovelo para acertar o adversário. O árbitro aplicou cartão amarelo para ambos os atletas, pois na jogada seguinte a *chegada* foi devolvida. O árbitro autoriza a entrada do massagista para atendimento ao atleta que estava caído no gramado *fazendo cera* e que, em seguida, foi carregado pelos maqueiros para uma das laterais. O massagista jogou água no tornozelo e o atleta retornou para o jogo após a autorização do árbitro.

17h15min – Jogada trabalhada em triangulação do atacante e meia que ficou sozinho e apenas teve o trabalho de empurrar para as redes, sem goleiro. Neste momento já não havia expectadores, ventava forte e o treinador da equipe que vencia o jogo pelo placar de 8 a 1 disse: “*vamos lá, tem muito jogo ainda*”.

17h20min – Atacante dribla o zagueiro e goleiro e *pifa* o companheiro, para que este marque o gol, que foi muito comemorado pela equipe e principalmente pelo goleiro que disse: “*Saiu a zica agora*”. Um minuto depois o atleta marca seu segundo gol. Estes dois foram os mais comemorados pela equipe, pois o atacante não marcava gols há algum tempo. Importante dizer que ambos os atletas que deram a assistência tinham condições claras para marcar o gol, mas preferiram tocar a bola e *consagrar* o companheiro.

17h22min – Acaba o *baile*, placar de 10 a 1 para a equipe da casa. Depois do jogo os atletas da equipe visitante tomaram banho e carregando suas malas de jogo foram embora, enquanto que os *boleiros* locais permaneceram na sede confraternizando, *resenhando*, bebendo cerveja/refrigerante. Apenas o atleta que a mulher aguardava no carro não participou.

Diferentemente dos jogos anteriores, o Episódio 4 foi registrado lance a lance, estratégia que favoreceu o destaque dos muitos elementos do futebol profissional que estão presentes na vertente não profissional – lances, disputas, reclamações etc. A mulher que observou de dentro do carro reflete o que já ocorreu em outros jogos: há público que vai aos jogos, porém não estão necessariamente ali por conta dele.

A falta de jogadores de uma das equipes demonstra algo recorrente em 2014: o futebol amador vem perdendo atletas para a modalidade Futebol Sete. Também mostra que quando a equipe não tem chances de classificação na competição, os atletas *abandonam a barca*.

Fotografia 17 – Área do goleiro



Fonte: Caio Marcelo/Amador Futebol Clube/Hora de Santa Catarina²⁶⁴.

Nota: A foto não corresponde ao jogo narrado, mas o ângulo da imagem melhor ilustra a falta de gramado na área do goleiro em um campo utilizado na Primeira Divisão.

²⁶⁴ Disponível

em: <<https://web.facebook.com/amadorfloripa/photos/a.496328410427993.1073741825.412148772179291/578802778847222/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

8.1. TRÂNSITOS, PROJETOS E SENTIDOS

Os dados produzidos a partir dos questionários, súmulas, imprensa local e diário de campo indicaram notas de trabalho que foram tensionadas na análise do conjunto do material. A tensão colocada entre os “da casa” e os “de fora”, amplamente debatida anteriormente, tamanha força que se manifesta no campo, é pano de fundo para os trânsitos dos atletas entre os clubes locais e os filiados às ligas de cidades próximas. Para que existam os “de fora”, além dos que mesmo residindo no bairro e são considerados “Adotados Residentes”, é preciso que os atletas venham de outro local ou ainda que circulem entre os clubes. As trocas se confirmam nos dados obtidos nos questionários respondidos por 119 sujeitos que em 2014 disputavam a Primeira Divisão, ao mostrar que, em média, jogam há cinco anos e por três clubes diferentes. Ao acompanhar as competições *in loco*, de um ano para outro, era possível identificar visivelmente as principais trocas entre clubes e no ano vigente entre as divisões.

As transferências entre os clubes e as *contratações* de atletas são frequentemente anunciadas na mídia local e nos veículos de comunicação dos clubes. Na montagem das equipes, há certa disputa para contratar os jogadores *diferenciados*, sendo que na narrativa do campo, apresentar um *reforço de peso* para compor o elenco é ostentado pelos clubes e de antemão demarca os protagonistas da competição. Quanto maior o selecionamento de atletas, melhor qualidade técnica da equipe e, portanto, favorita nas disputas ao promover o desequilíbrio de forças.

As notícias veiculadas na mídia, a observação dos jogos e a análise dos questionários indicam claramente a existência de circulação dos atletas entre os clubes. Ainda assim, este conjunto de dados se mostra insuficiente, pois não é capaz de manifestar a intensidade das modificações, ou seja, não representa em que medida ocorrem de fato. Para complementar essa assertiva, foram produzidos dados a partir da análise das 495 súmulas de todas as partidas disputadas nas três divisões nos anos de 2013, 2014 e 2015. Cabe ressaltar que há dados que não correspondem aos apresentados pela Liga Florianopolitana de Futebol nos respectivos relatórios anuais de atividades. Conforme informação da instituição, em relação aos números de jogos, os erros decorrem do sistema interno que considera a folga de uma equipe em uma rodada como partida realizada, contabilizando assim um jogo a mais nos números finais da competição. Quanto ao número de atletas participantes, há súmulas em que o atleta está registrado duas vezes na mesma partida ou ainda como

integrante de mais de uma equipe. Segundo a instituição, essa falha ocorreu por preenchimento inadequado da equipe de arbitragem ou, ainda, como no ano de 2015, em razão do acréscimo de dois dígitos implementada pela Federação Catarinense de Futebol no registro dos atletas, acarretando assim o não reconhecimento destes pelo sistema, computando desta forma uma nova inscrição (o campo nome do atleta aparece em branco). Neste caso, o número total de atletas foi obtido a partir dos números de registro e não pelos nomes dos atletas, além da verificação dos registros com oito dígitos e possíveis repetições nos de seis. Em ambos os casos, considerando que as súmulas e tabelas das competições foram cuidadosamente analisadas pela pesquisadora e o reconhecimento das inconsistências por parte da instituição, a opção foi manter os dados obtidos diretamente das súmulas e a não utilização dos números apresentados nos relatórios gerais de atividades da Liga.

Tabela 2 – Números gerais das competições

Ano	Divisão	Período	Clubes Participantes	Jogos Disputados	Total de Atletas
2013	2	01/05 a 25/08/2013	9	50	274* 277**
	1	14/07 a 23/11/2013	11	69	352* 357**
	3	31/08 a 24/11/2013	9	42	241* 244**
	Total		29	161	867
2014	2	01/05 a 24/08/2014	10	59	287* 292**
	1	19/06 a 01/11/2014	12	74	387* 386**
	3	23/08 a 22/11/2014	9	42	233* 240**
	Total		31	175	907
2015	3	07/03 a 17/05/2014	7	27	175* 180**
	1	30/05 a 03/10/2015	12	68	369* 392**
	2	15/08 a 13/12/2014	11	64	361* 372**
	Total		30	159	905

* Dados obtidos a partir dos números dos atletas registrados nas 495 nas súmulas dos jogos. Consideramos estes números para as demais análises.

** Dados disponíveis nos Relatórios da LIFF.

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

A tabela anterior (Tabela 2) apresenta os números gerais das competições, informações do contexto do campo de investigação que auxiliam na compreensão da representatividade numérica dos clubes e atletas participantes das competições. Nos três anos pesquisados não houve oscilações significativas entre o número de atletas e clubes, o que mostra certa estabilidade na configuração do campo, que é constituído em média por trinta clubes e aproximadamente novecentos atletas inscritos.

Os números da participação dos atletas nas três divisões da categoria adulta promovida pela LIFF nos anos de 2013 a 2015 estão apresentadas nas tabelas apresentadas na sequência. Contabilizando o registro individual, também não há oscilação significativa no número total de atletas participantes. Do conjunto destes dados, ainda que grande parte dos atletas disputem apenas uma divisão no decorrer do ano, destaca-se as transferências entre elas, movimento que demonstra a possível representatividade dos melhores atletas que constituem o campo. Disputar mais de uma divisão significa obrigatoriamente a troca de clube, pois conforme exposto anteriormente, o registro na FCF/CBF é único e só é possível estar inscrito em uma delas ao mesmo tempo²⁶⁵. A elaboração do calendário das competições e o prazo para novas inscrições/transferências são formulados com a prerrogativa de conter ao máximo as trocas entre as divisões. Sem estas estratégias, é provável que haveria um maior trânsito de atletas, pois se trata de uma preocupação demonstrada pelos dirigentes dos clubes nas reuniões do Conselho Técnico. Em uma das ocasiões, um dirigente expôs ainda a concorrência entre as diferentes ligas da região e propôs a conciliação dos calendários, para que não fosse possível a troca no decorrer da competição – que ocorreriam no mesmo período e assim os atletas deveriam optar por uma equipe e não sairiam no meio da competição, “*deixando o clube na mão*”²⁶⁶.

²⁶⁵ Significa que quando há competições de divisões diferentes ocorrendo concomitantemente, o atleta não pode jogar ambas as competições por clubes diferentes, ou seja, pode jogar em apenas uma das categorias. Caso queira disputar outra divisão, como por exemplo trocar a Terceira pela Primeira, respeitando o tempo previsto no regulamento (até a 5ª Rodada da 1ª Fase /Turno), deve haver a transferência de clube e o atleta passa a disputar a Primeira Divisão, não sendo mais possível jogar pela equipe anterior, ainda que ela prossiga disputando jogos válidos pela Terceira Divisão.

²⁶⁶ Reunião do Conselho Técnico da Primeira Divisão, 07/12/2015.

Tabela 3 – Participação e inscrição de atletas²⁶⁷

2015	1 Divisão	2 Divisão	3 Divisão	Total
Total de inscrições nas 3 Divisões	369	361	175	905
Atletas inscritos em apenas uma divisão	255	244	119	618
Atletas inscritos em duas divisões	<i>Primeira e Segunda</i>			79
	<i>Primeira e Terceira</i>			18
	<i>Segunda e Terceira</i>			21
	<i>Atletas que disputaram 3 divisões</i>			17
	Total de inscritos em mais de uma divisão			135
Total de atletas participantes (<i>Contabilizando o registro individual</i>)				753
2014	1 Divisão	2 Divisão	3 Divisão	Total
Total de inscrições nas 3 Divisões	387	287	233	907
Atletas inscritos em apenas uma divisão	332	202	177	711
Atletas inscritos em duas divisões	<i>Primeira e Segunda</i>			38
	<i>Primeira e Terceira</i>			9
	<i>Segunda e Terceira</i>			39
	<i>Atletas que disputaram 3 divisões</i>			8
	Total de inscritos em mais de uma divisão			94
Total de atletas participantes (<i>Contabilizando o registro individual</i>)				805
2013	1 Divisão	2 Divisão	3 Divisão	Total
Total de inscrições nas 3 Divisões	352	274	241	867
Atletas inscritos em apenas uma divisão	252	174	185	611
Atletas inscritos em duas divisões	<i>Primeira e Segunda</i>			67
	<i>Primeira e Terceira</i>			23
	<i>Segunda e Terceira</i>			26
	<i>Atletas que disputaram 3 divisões</i>			8
	Total de inscritos em mais de uma Divisão			123
Total de atletas participantes (<i>Contabilizando o registro individual</i>)				735
Total de inscritos nos 3 anos				2679

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

²⁶⁷ Participantes se refere ao registro individual do atleta – registro único e contabiliza apenas um independente do ano ou Divisão – é o total de atletas que compõem o campo. Inscritos se refere ao número de inscrições em cada competição, ou seja, a inscrição do atleta é considerada por ano e competição, somando todas inscrições – números gerais das competições.

Tabela 4 – Registro individual da participação e inscrição de atletas

Anos na competição – Independente do Clube	
Atletas que jogaram em 2013, 2014 e 2015	306
Atletas que jogaram apenas 2013	228
Atletas que jogaram apenas 2014	203
Atletas que jogaram apenas 2015	234
Atletas que jogaram 2013 e 2014	135
Atletas que jogaram 2013 e 2015	64
Atletas que jogaram 2014 e 2015	148
Total de inscritos nos 3 anos	1318
Anos na competição – No mesmo clube	
Atletas que jogaram 2013, 2014 e 2015 – no mesmo clube	158
Atletas que jogaram 2 anos no mesmo clube	384
Atletas que jogaram apenas 1 ano em cada clube	776
Total de inscritos nos 3 anos	1318
Número de clubes por atleta	
Atletas que jogaram em 4 ou mais clubes diferentes	52
Atletas que jogaram em 3 clubes diferentes	95
Atletas que jogaram em 2 clubes diferentes	250
Atletas que jogaram em 1 clube	921
Total de inscritos nos 3 anos	1318

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

Ainda que aparentemente pareça pouco representativo em números totais, a constatação é fundamental na configuração dos clubes, pois os que atuam por mais de um geralmente são titulares. Tomando como referência o ano de 2015, do total de 753 participantes, 135 atletas (17,93%) jogaram mais de uma divisão, números suficientes para formar 12 times. Há exceções, mas estes são os reconhecidos pelo campo como *diferenciados*, os melhores atletas, que recebem benefícios em troca do capital futebolístico, alvo de disputas entre os clubes e que consequentemente alimentam a tensão entre ser “de dentro” e “de fora”.

Contabilizando o número de registros individuais de atletas nos anos de 2014 e 2015, dentre os 567 que disputaram a Primeira Divisão, 198 (34,92%) jogaram apenas em 2014 e 180 (31,74%) somente em 2015. Dentre os 189 atletas (33,33%) que participaram em ambos os anos, 119 (62,96%) permaneceram no mesmo clube e 70 (37,04%) jogaram por diferentes equipes. Cabe destacar que dos 12 clubes participantes em 2014, três deles não estiveram no ano seguinte – um solicitou licença das competições e dois deles foram rebaixados para a Segunda Divisão. Dos

70 atletas que trocaram de equipe em 2015, 24 (34,28%) foram transferidos dos três clubes ausentes. Este movimento pode indicar que os atletas almejam disputar a divisão principal, pois 21 (30%) atletas não permaneceram nas respectivas equipes com o descenso para a Segunda. Esses casos sugerem que o vínculo gerado a partir das relações de amizade ou das que se estabelecem pela performance nem sempre se sustentam quando há rebaixamento de categoria, semelhante ao que ocorre no futebol profissional, pois o atleta quer visibilidade, quer disputar o melhor campeonato e não permanece no clube em razão do lugar em que este ocupa no cenário do futebol não profissional em Florianópolis.

O tempo de inserção dos sujeitos no campo é observado a partir da participação efetiva de 1318 atletas do total de 2679 inscrições realizadas nos três anos analisados. Cruzando os dados dos questionários e das inscrições, segundo os atletas, em média (50%) jogavam há dois anos no clube atual, números próximos aos constatados nas inscrições das competições, pois 542 (41,12%) jogaram de duas a três temporadas pelo mesmo clube. Há certo equilíbrio entre a permanência e rotatividade no campo, pois 665 (50,45%) disputaram competições em apenas um dos anos e 306 (26,22%) atletas participaram nos três anos, sendo 158 (11,99%) no mesmo clube. Deste modo, os 653 atletas que disputaram durante dois ou três anos representam 49,54% do total de sujeitos inseridos no campo no período investigado. Independentemente das competições, dentre a quantidade de clubes em que os atletas atuaram, os dados dos questionários mostram que 50% jogaram em até 3 clubes, todavia, a análise das inscrições mostrou que apenas 11,15% (147 atletas) defenderam três clubes ou mais, sendo expressivo o número de 921 (69,88%) que jogaram por apenas uma agremiação.

No futebol profissional há um desmanche do elenco na troca de divisão, até mesmo dos atletas que têm contrato, pois o valor salarial é incompatível com as receitas que o clube irá receber em função dos direitos de imagem e de transmissão, que é menor nas divisões inferiores. No futebol não profissional também ocorre a reformulação do grupo, entretanto, não há contratos formais e teoricamente não há diferença entre as divisões, já que as condições oferecidas pela LIFF, os campos para as partidas e a equipe de arbitragem são as mesmas em todas as divisões. Trocar de clube estaria vinculado ao valor simbólico de disputar a Primeira Divisão, ou ainda ao recebimento de melhores vantagens em contrapartida. O desmanche não é particular nos rebaixamentos, pois também ocorre no quando o clube é campeão, conforme pode ser

observado na configuração da equipe tricampeã no período investigado, na qual apenas 5 atletas jogaram as temporadas de 2014 e 2015²⁶⁸.

Tabela 5 – Trânsitos da equipe vitoriosa

Atletas	2013	2014	2015
Total de atletas que assinaram a súmula em pelo menos um jogo	25	31	28
Apenas uma temporada	9	11	17
Permaneceram no clube	10		5
3 Temporadas no Clube		5	
Temporadas de 2013 e 2015		1	

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

O processo de reformulação do grupo sugere a fragilidade das relações estabelecidas entre atletas e clubes e que estão alicerçadas mutuamente a partir de interesses próprios, centrados no máximo de atributos para satisfazer certos critérios de apreciação. Os atletas buscam melhores condições estruturais e de contrapartidas para jogar, enquanto que os clubes almejam qualificar o grupo com jogadores de qualidades técnicas superiores, visando melhor desempenho na competição. No discurso nativo, esse processo de idas e vindas é um dos argumentos para justificar a perda do vínculo do clube com a comunidade. Um dos clubes, em resposta aos questionamentos, expressa ter realizado o movimento contrário com a campanha de permanência e valorização de atletas do bairro, reforçada pelas sucessivas divulgações nos canais de comunicação de que “*é outro que disse SIM ao projeto do clube e fica em 2016*”²⁶⁹ ou ainda que “*vai jogar pelo clube do bairro*”²⁷⁰. Ainda assim,

Com dinheiro para todos os jogadores se faz um grupo forte, família, união etc. [...] estão acabando com futebol da comunidade, sem revelações da base, sem jogadores identificados com clube e a comunidade (BLOG AMADOR, FC, 21/10/2014).

A partir da visibilidade do discurso da mobilização em busca da permanência e valorização, o clube busca prestar contas à comunidade, uma forma de responder às frequentes acusações recebidas acerca da pouca valorização dos atletas do bairro, fundamentada nos princípios norteadores que visam apenas o desempenho futebolístico, invertendo os

²⁶⁸ Dados obtidos a partir dos registros nas súmulas.

²⁶⁹ Cachoeira (2016).

²⁷⁰ Blog Amador FC, 27/01/2014.

valores que engendrariam um clube comunitário. As acusações de profissionalização do futebol amador se repetem no campo e possuem conotações distintas, em uma mistura de vitimização (negação) e autoafirmação (valorização). Por um lado, clubes e torcedores repelem e reprimem os que adotam tal postura, recorrem ao discurso saudosista e reclamam a perda dos laços e a destruição dos valores comunitários em prol do desempenho esportivo. De outro modo, procuram se aproximar da profissionalização na medida em que ressaltam o grau de organização, disputam as *contratações* de atletas e valorizam o desempenho ostentando os títulos conquistados. De certo modo, quando um clube acusa outro de estar se profissionalizando, a categoria nativa aponta os “*outros*” que degradam e corrompem o campo, enquanto que “*nós*” representáramos o verdadeiro futebol amador, pois “*aqui não pagamos nada*” e “*amor pela camisa não tem preço*”. A busca pela vitória, a circulação de atletas, a ausência de pessoas da comunidade e certa contrapartida ocorrem em todos os clubes e sempre figuraram no universo do futebol amador. De alguma maneira, o discurso não é equivocado, porém em alguns clubes se manifesta com maior intensidade e, ainda que não haja diferenças, os que se autoafirmam superiores acionam mecanismos que reproduzem a narrativa devido à aparente manutenção dos valores amadores. Portanto, o futebol não profissional se move entre os limites do caráter comunitário e profissional, este como algo a ser repellido, mas que ainda assim – e talvez mesmo como o “outro” a ser combatido – é importante para a sua própria constituição.

Na tradicional competição não profissional de Curitiba – “A Suburbana” –, o tema se manifesta de modo semelhante. Oliveira, Souza e Machado (2012, p. 103) relatam que o estigma de recriminar um clube por “estar se profissionalizando” surge como acusação capaz de criar zonas de denegação de rivais em uma dinâmica interclubística, ainda que a acusação ocorra desde o início da competição (1941), quando a profissionalização era uma opção possível. Quando os mais velhos exaltam o amadorismo de outrora, trata-se “muito mais uma afirmação de sua geração perante o presente, feita às custas da memória, numa reconstrução da história”. Relatos de pagamentos a jogadores permeiam toda a história da competição, porém nestas falas que censuram, esse fenômeno aparece como algo novo.

8.1.1.A composição do time nos jogos e a circulação

Conforme exposto anteriormente, não há a inscrição de atletas na competição específica, pois sua vinculação é junto ao clube. Dentre os

registrados na CBF, o clube pode relacionar até 18 atletas em cada partida. O jogo narrado na abertura desta categoria apresenta a superioridade técnica e numérica de uma das equipes, expressando uma configuração comum, pois as observações registradas em diário de campo mostram que a quantidade de atletas disponíveis para o jogo nem sempre eram as ideais – 11 titulares e 7 reservas. A tabela abaixo mostra a análise dos dados obtidos nas súmulas no que se refere ao número de atletas por partida²⁷¹.

Tabela 6 – Número de atletas por partida

Ano	Divisão	Número de jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada)	Número de jogos em que pelo menos uma das equipes estava completa (18 atletas)	Número de jogos em que ambas as equipes estavam com número inferior de atletas (13 a 17 atletas)	Total de jogos
2015	3	4	14	9	27
2015	2	6	21	37	64
2015	1	15	31	22	68
2014	3	4	19	19	42
2014	2	8	19	32	59
2014	1	11	30	33	74
2013	3	3	8	31	42
2013	2	4	19	27	50
2013	1	26	21	22	69
Total		81	182	229	495

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

Na primeira divisão de 2014 foram realizadas 74 partidas e em 11 delas as duas equipes estavam com a composição limite estabelecida no regulamento. Nas demais ocasiões, as equipes não estavam completas, com times formados de 11 até 17 atletas.²⁷² Conforme a competição avançava de fase, observou-se que o número de atletas presentes aumentava, sendo que nas partidas finais ambas as equipes estavam completas. Ainda que os clubes tenham utilizado no campeonato um elenco que flutue de 24 a 40 atletas, tal constatação deve-se à um conjunto

²⁷¹ O apêndice D apresenta os números organizados por clubes, divisões e anos.

²⁷² Em 33 partidas os times que se enfrentaram não estavam completos. Em 30 deles, pelo menos uma das equipes estava formada por 18 atletas.

de dados, como o fato de nas primeiras²⁷³ rodadas os nomes dos novos atletas registrados ainda não constarem no BID na data do jogo, ausências de atletas motivadas por compromissos pessoais, ou ainda, às lesões ou suspensões no decorrer da competição. As ausências ocorrem também nas fases finais, quando não há possibilidade de classificação e o jogo ocorre para cumprir a tabela²⁷⁴. Outra interpretação é que os atletas considerados reservas não participam dos primeiros jogos e, com o avanço de fase, as partidas decisivas e maiores chances de conquista do título, torna-se importante fazer parte do grupo campeão, tendo em vista que agrega valor simbólico ao currículo do atleta. Em alguns jogos foi possível identificar, dentre os atletas listados para a partida, a presença de membros da diretoria dos clubes que, no geral, não atuam no time principal (alguns no veterano), ou seja, apenas completam o elenco em determinada partida.

Fotografia 18 – Banco de reservas



Fonte: Michael Gonçalves/Amador Futebol Clube²⁷⁵.

Nota: Outro motivo para a ausência de atletas era o gramado “ruim”. Ao fundo, estão o treinador, um dirigente e três atletas suplentes.

²⁷³ Em uma partida da primeira rodada de 2014 as equipes estavam formadas por 13 e 12 atletas (21/06/2014). O jogo descrito na abertura desta categoria no qual um dos times se apresentou com 13 atletas, era válido pela última rodada da primeira fase (05/10/2013).

²⁷⁴ Myskiw (2012, p. 177) relata que observou vários jogos em que as equipes estavam *quebradas* (incompletas) e que para um diretor-dirigente era um desafio levar atletas para um jogo no qual o resultado não importasse e que não houvesse incentivo adicional (neste caso cerveja), pois não havia sentido o atleta sair de casa e ter que gastar para jogar.

²⁷⁵ Disponível

em: <<http://cdn.wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclubes/files/2015/10/gardena.jpg>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

O posto de titular é a meta dos atletas que fazem parte de algum clube e, ainda que recebam contrapartida, estão ali motivados pela prática do futebol e ser reserva não concretiza esse desejo. Conforme exposto anteriormente, quando o atleta não é relacionado para o jogo ou ainda quando não aceita a condição de suplente, é natural que saia do clube e busque a titularidade em outro. Seja pelos longos deslocamentos ou por se considerar melhor que o jogador titular, há atletas que não saem de casa para *ficar no banco* – querem o protagonismo, ainda que em clubes que disputem divisões inferiores. Há ainda a concorrência de outras práticas, como o Futebol Sete, argumento da justificativa de um dirigente para o elenco de apenas 13 atletas em um jogo. Segundo ele

A Floripa Cup [competição tradicional de Futebol Sete] está acabando com a nossa equipe. Dois atletas saíram no intervalo para jogar o Futebol Sete e acabamos a partida com um jogador a menos, porque um ficou lesionado e não havia mais reservas (BLOG AMADOR FC, 2013).

A questão acima e as transferências dos atletas entre as divisões leva ao questionamento sobre a existência ou não de um nicho valorizado. Considerando o ano de 2015, observa-se que dos 753 inscritos nas 3 divisões, 369 (49%) disputaram a Primeira, ou seja, praticamente metade dos atletas participantes das três competições atuaram na divisão de elite e destes, 114 jogaram também outras divisões no decorrer do ano. Os 30,89% dos atletas que transitaram entre as equipes, ao jogar em diferentes divisões, restringiram as vagas que poderiam ser ocupadas por outros sujeitos, já que os que trocam geralmente são titulares. Conforme relatado anteriormente, essa parcela de atletas é valorizada no campo e alvo de disputas entre as equipes. Em virtude do trânsito por diferentes clubes no decorrer da temporada, sugere-se que há um espaço simbólico de concorrência entre os atletas, ou seja, há certa disputa para jogar nos clubes que ocupam diferentes lugares nas competições. Já a concorrência com outras modalidades impacta apenas quando as partidas promovidas pela LIFF não são decisivas, pois, conforme identificado nos relatos, os atletas conciliam as diferentes práticas. De acordo com os dados dos questionários, os atletas jogam futebol em média três vezes na semana e, além de disputar a competição municipal, 94 (79%) deles jogam também outras modalidades (Ex.: Futebol Sete).

Os lugares ocupados pelos sujeitos no ano seguinte ao da realização das entrevistas colaboram para elucidar a circulação,

permanência e retorno no circuito do futebol não profissional de Florianópolis. Dois dos dirigentes, dois treinadores e o amador rodado permaneceram nos respectivos clubes. O atleta dispensado jogou pelo mesmo clube e também a Terceira Divisão por outra agremiação. Um dirigente permaneceu no cargo e atuou como atleta em outro clube, disputando a Segunda Divisão. O atleta identificado permaneceu no clube disputando a Segunda, porém jogou ainda as outras duas divisões por clubes diferentes. O treinador dispensado e atleta estudante trocaram de clube, enquanto que os atletas amadores jogaram em clubes da cidade vizinha, porém um deles retornou no decorrer do ano ao clube anterior. Por fim, o ex-atleta profissional trocou de clube e jogou a Primeira e Segunda Divisão em 2015, ou seja, em duas equipes distintas.

A circulação de atletas nos clubes e, conseqüentemente na cidade, efetivamente ocorre, o que não se repete com tanta frequência entre os diretores e alguns membros da comissão técnica e, ainda assim, quando acontece, no geral se dá entre clubes próximos, às vezes localizados no mesmo bairro. Deste modo, enquanto os atletas transitam entre os clubes mediados pela prática do futebol, os demais sujeitos permanecem neles unidos pelo vínculo de residência e comunitário que, embora haja problemas conforme exposto anteriormente, ainda se expressa como um fator de coesão em parte do campo investigado.

8.1.2. Motivações e clube atual

Eu acho que o futebol move mais paixões e envolve muitas pessoas. Fantástico você ver o futebol na ótica de árbitros também [...] então hoje eu posso dizer que é muito bacana, você tomar decisões, você toma decisões que define às vezes uma partida, e tomar decisão correta é o mais importante, é o que me deixa feliz (VA, Árbitro. Entrevista 14, 22/08/2014).

A montagem das equipes para as competições era acompanhada de perto pela mídia local, que publicava as transferências e as *contratações* dos clubes, dando visibilidade ao trânsito dos atletas entre as equipes. Seja a partir dos dados produzidos na pesquisa ou das publicações na mídia, ainda que haja alguma permanência, o fato é que os atletas circulam entre as equipes, o que nos leva a perguntar quais seriam as motivações que os levam à escolha por determinado clube.

Tabela 7 – Motivos para jogar no clube atual

	Número de citações (em alguns casos cada atleta assinalou mais de um motivo) - Percentual de importância entre o total de citações		Importância de cada motivo em relação aos sujeitos – Percentual de importância entre os sujeitos
Amizade com diretores, comissão técnica ou outros jogadores	90	40,00%	75,63%
Time do bairro em que moro	55	24,44%	46,22%
Considero o melhor time da cidade	24	10,67%	20,17%
Foi o clube que primeiro fez contato	23	10,22%	19,33%
Apoio financeiro oferecido pelo Clube	20	8,89%	16,81%
O Clube oferece outros benefícios (Chuteira, plano de saúde, etc.)	11	4,89%	9,24%
Outros motivos (Fundador do Clube, treinador)	2	0,89%	1,68%

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

Os dados acima mostram que a escolha do clube atual se deu prioritariamente em razão dos laços de amizade estabelecidos a partir da rede de relações. O percentual de importância entre os sujeitos para o apoio financeiro e outros benefícios é de 26% (31 atletas), destacando que, caso o clube cesse tais vantagens, 32,43% (12 atletas) procurariam outro clube que oferecesse melhores benefícios. Isso quer dizer que, ainda que haja vínculos de amizades que levam os atletas a defender determinado clube, o recebimento de contrapartida também influencia na decisão. Mesmo que manifestem que a permanência e troca de clube se dê em razão dos vínculos de amizade, na opinião de um dos treinadores entrevistados, *“tem muitos que se um time der 5 reais a mais de ajuda de custo ele vai”*²⁷⁶, ou ainda na fala de que o atleta *“não vai jogar onde os outros tão recebendo e ele não recebe”*²⁷⁷.

A combinação das diferentes peculiaridades no futebol não profissional se manifesta também nos motivos pelos quais os atletas jogam. Enquanto que para alguns o financeiro é a motivação, para outros a competitividade ganha centralidade. Há atletas que jogam no clube do bairro motivados pelos vínculos estabelecidos com o local ou relações de

²⁷⁶ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

²⁷⁷ RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014.

parentesco e amizade, há outros melhores tecnicamente que se desvinculam e passam a atuar de acordo com a possibilidade de rendimentos – inclusive transitando em diferentes clubes da grande Florianópolis –, há os bons atletas que atuam por um clube em troca de benefícios, mas que na competição oficial defendem o clube do bairro, ou ainda os que deixam o clube da comunidade em busca de um time mais competitivo ou organizado. Um dos atletas entrevistados comenta que trocaria de clube do bairro por outro

Um pouquinho assim mais organizado, e até aproveitar a idade, a idade vai passando e buscar algum clube com outros desafios [...] por novos objetivos, novos desafios, é um time que se pintar oportunidade, um convite com um time brigando pra ser campeão mesmo, entendeu, que tem uma estrutura boa, por esses motivos seriam (GV, atleta. Entrevista 15, 22/08/2014).

Os atletas entrevistados alegaram diferentes motivações para as trocas de clubes ao longo dos anos que jogam futebol amador. O atleta que jogou em 16 clubes diferentes trocava por razões financeiras²⁷⁸, enquanto que outro afirmou que *“por amizade, a gente vai jogando, vai fazendo amigos e vai trocando de time, aí fica a raiz em algum lugar, daí jogava um aninho fora e voltava”*²⁷⁹. O atleta estudante trocaria de clube por outro mais organizado e que oferecesse benefícios, pois *“almejo um título ou jogar num time legal, sei que tem alguns times que pagam, então também gostaria de ser valorizado”*²⁸⁰. Já o atleta identificado com o clube justificou já ter recebido benefícios, mas que joga por amizade e que *“inclusive teve ocasião de me oferecerem e não trocar por essa identidade que eu tenho e acabar ficando ali”*²⁸¹. O ex-atleta profissional disse que as trocas nos clubes amadores foram motivadas por melhores estruturas e organização, como por exemplo a disponibilidade de ataduras e *gelol*, sucos, frutas, além de churrasco após os jogos, uma oportunidade de confraternização entre os atletas. Sobre o quesito financeiro, o entrevistado disse que *“na verdade eles pagam muito pouco, era mais para a gasolina, eu até que recebia um pouco mais, mas também não vai*

²⁷⁸ FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014.

²⁷⁹ DA, Atleta. Entrevista 4, 09/08/2014.

²⁸⁰ GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014.

²⁸¹ FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014.

*mudar nada a minha vida, então não foi por causa de dinheiro*²⁸². As distintas motivações para justificar os trânsitos e permanências entre os clubes representam os sentidos e significados que os sujeitos atribuem à prática de futebol não profissional.

Eu diria que 90% jogam por prazer. O dinheiro em sua maioria é questão de status, até porque não é muita coisa, ninguém vive do amador hoje né, e nunca viveu eu acho, claro tem as suas exceções ali, seus 10% que ganham um trocado bom, um trocado bom acima da média, mas a maioria se resume em ajuda de custo (RP, Comissão Técnica. Entrevista 3, 08/08/2014).

O recebimento pecuniário e de outros benefícios são critérios que incidem na troca ou permanência nos clubes²⁸³, todavia se trata de motivação relativa, pois ainda que não houvesse qualquer pagamento, os atletas continuariam jogando, tendo em vista que *“não jogam por profissão, jogam porque gostam e se ninguém mais pagar eles vão jogar, gostam tanto de jogar bola que jogam no meio da semana sintético sem receber nada de ninguém e pagam*²⁸⁴. Do mesmo modo, um dos atletas acrescenta que caso não houvesse pagamento *“acho que parar não, iam jogar, mas daí eles iriam pro seu clube de identidade né, clube de seu bairro, clube aquele que botou ele no futebol*²⁸⁵.

E assim Funciona no Futebol profissional Amador e Profissional.

Joga mal? Então joga de graça.

Meia boca ganha só gasolina.

É bom de bola vai ganhar um trocado para ajudar no orçamento mensal.

A regra é essa e a choradeira sempre será grande.

(BLOG AMADOR FC, 19/06/2013)

²⁸² MB, Atleta. Entrevista 9, 15/08/2014.

²⁸³ O trânsito também foi relatado na Espanha, segundo um dos atletas entrevistados *“fue por motivos económicos porque me prometieron una cosa y no y no, vamos, no me la cumplieron [...] por motivos de que ya desapareció el equipo, ya no quedaba más, la gente no se quería comprometer [...] pues por motivos de trabajo, de no poder entrenar, no poder acudir a entrenar”* (CHES, Atleta Espanhol 1. Entrevista 18. 30/06/2015).

²⁸⁴ EDB, Dirigente. Entrevista 8, 11/08/2014.

²⁸⁵ FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014.

A matéria publicada em 2013 intitulada “*Futebol amador é ganha-pão de atletas na Grande Florianópolis*”²⁸⁶ chama a atenção para o fato de atletas receberem de R\$ 100,00 a R\$ 250,00 por partida e reproduz exemplos de casos que se repetem: os sonhos interrompidos no futebol profissional, permanência no clube de melhor estrutura mesmo com propostas melhores, troca de equipe no decorrer da competição motivada pela ajuda de custo ou ainda a certa estabilidade que o futebol amador pode proporcionar.

Os dados apontam que não é possível um atleta sobreviver financeiramente única e exclusivamente com os ganhos advindos das partidas disputadas nos campeonatos amadores, ainda que dispute competições em diferentes ligas da região. De acordo com as informações dos entrevistados, há atletas em clubes de Florianópolis que recebem aproximadamente R\$ 200,00 – R\$ 250,00 por jogo, valor considerado complemento por todos os sujeitos, mas não única fonte de renda, pois

Muitos têm a necessidade de complemento de renda e alguns jogam só pelo status de tá recebendo. A maioria dos meus amigos tem família e mora de aluguel, então é um complemento muito bom de renda, por exemplo R\$ 800,00, R\$ 600,00 pagam o aluguel, então eu imagino a carga que tira das costas de uma pessoa que tem um serviço mais ou menos, um salário mínimo, dois salários mínimos no máximo e recebe esse complemento né, alguém pagando a casa pra morar (DA, Atleta. Entrevista 4, 09/08/2014).

Conforme afirmou um dos atletas entrevistados, depende do nível, mas mesmo os poucos atletas de um clube que recebem R\$ 300,00 por jogo mais um *bicho* por gol dificilmente conseguiriam sobreviver com aproximadamente R\$ 1.200,00 mensais.

Alguns é mensal, outros por jogo, outros não recebem nada. Por exemplo eu tenho um menino que faz faculdade lá em Joinville, por exemplo, o ônibus para ele vir todo final de semana a gente custeia, aí o dele é por jogo. Outro recebe a gasolina, aí é por jogo. Tem o outro que a gente ajuda com ajuda de custo, uma parcela, pô estragou

²⁸⁶ Disponível em: <<https://ndonline.com.br/florianopolis/esportes/longe-do-show-do-milhao>>. Acesso em: 28 fev. 2018.

o carro, aí a gente vai lá e paga o carro pra ele. Cada um tem o seu acerto individual, às vezes não é só a quantia por jogo em si, cada tem sua necessidade (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

Mais uma vez remetendo às particularidades de polarização do campo, há diferentes formas de contrapartidas oferecidas pelos clubes de Florianópolis, pois *“cada um tem seu acerto”*, mas há outros clubes que, além de não oferecerem nada além da oportunidade de disputa de uma competição federada, demandam gastos por parte dos atletas²⁸⁷, pois *“não pagam nada, nem gasolina e os atletas ainda pagam mensalidade”*²⁸⁸, fato reafirmado pela fala de um atleta que diz que *“hoje eu pago para jogar”*²⁸⁹.

Enquanto que 35 (29,41%) dos atletas alegaram custos, o lucro econômico a partir do futebol amador foi manifestado por 30 (25,21%) que responderam ao questionário, ocorrência em desacordo com os documentos normativos da Federação Catarinense de Futebol e Confederação Brasileira de Futebol.

São não-profissionais aquelas associações cujas equipes praticantes de futebol se compõem, exclusivamente, de atletas que não percebam remuneração, exceto em forma de ajuda de custo (FEDERAÇÃO CATARINENSE DE FUTEBOL, 2017, p. 33).

É considerado não profissional o atleta de futebol que o pratica sem receber ou auferir remuneração, ou sem tirar proveito material em montante superior aos gastos efetuados com sua atividade futebolística, com exceção de eventual valor

²⁸⁷ Ao ser questionado se os atletas pagam os custos da inscrição na competição, o delegado espanhol afirmou que “No en todos los casos, hay casos por ejemplo, en (...) aquí en Palencia, pues hay clubs que asumen, todo. Hay clubs que los jugadores pagan por jugar, hay clubs cómo el nuestro que lo que hacemos es que se hagan socios del equipo, y el resto lo pone el equipo, la diferencia, hay otros que los ayuntamientos, pues pagan todo y colaboran con el equipo, incluso algunos sitios, pues claro, alguna empresa colabora con los equipos (PAES, Delegado Palencia. Entrevista 17, 10/03/2015).

²⁸⁸ IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014.

²⁸⁹ FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014.

recebido a título de bolsa de aprendizagem avançada em um contrato de formação desportiva, sendo facultado, ainda, receber incentivos materiais e patrocínios (CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL, 2017).

Mesmo não permitido no estatuto, o recebimento de benefícios convertidos em lucro, muitas vezes tendo como escudo o termo *ajuda de custo*, é tratado na mídia local e entre os sujeitos como elemento constituinte do campo, “*é bem assim que funciona*”²⁹⁰. Sempre houve pagamentos, todavia, “*já foi maior esse apelo financeiro entendessee, já foi muito maior, há 4 anos atrás a gente ia conversar com outros jogadores e era absurdo [R\$ 500,00 por jogo], hoje em dia caiu muito*”²⁹¹. É interessante notar que, enquanto os clubes rememoram a época em que *se jogava por amor à camisa*, por outro lado há os que enfatizam a época em que *se ganhava mais*²⁹².

No caso específico dos clubes aficionados da província de Palencia é raro os jogadores receberem alguma remuneração²⁹³ além dos gastos

²⁹⁰ DA, Atleta. Entrevista 4, 09/08/2014.

²⁹¹ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

²⁹² É recorrente no campo o comentário do caso ocorrido em 2011, quando um atleta recebeu o equivalente a uma casa pré-fabricada como “luvas”. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube/2011/10/04/osvaldo-vale-uma-casa-pre-fabricada/?topo=52,2,18,,284,e284#comments>>. Acesso em: 18 abr. 2018.

²⁹³ Assim como no Brasil, na Espanha não há contratos específicos que regulamentem o vínculo de jogadores com os clubes e, como não há remuneração que caracterize prestação de serviços, tampouco se observa aplicação de legislação trabalhista. No entanto, em ambos os países ocorre algum tipo de remuneração, frequentemente por jogo ou na forma indireta de benefícios, tais como pagamento de combustível para deslocamento em dias de jogos. Na Espanha, por meio do decreto que regula a relação laboral dos atletas profissionais²⁹³, permite-se que os jogadores aficionados recebam de seus clubes uma compensação dos gastos derivados da prática esportiva (ESPAÑA, 1985, art. 1.2). A diferenciação entre esportista amador e profissional é uma questão complexa e controversa, inclusive no âmbito do direito esportivo. Em 2013 a “Inspección de Trabajo y Seguridad Social” fiscalizou vários clubes de futebol amador de Segunda División B, Tercera División e categorias inferiores, constatando irregularidades no que diz respeito à vinculação de atletas e clubes. O caso concreto desta discussão ocorreu em uma sentença do Tribunal Supremo, na qual um jogador registrado como aficionado no Club Deportivo Colonia Ofigevi - que disputava a Regional Preferente Madrileña em 2009, teve seu

derivados dos deslocamentos e, segundo relato dos entrevistados, o pagamento de benefícios ocorre em algumas equipes quando estas disputam a competição com o objetivo de ascender à categoria superior – neste caso, Regional Preferente²⁹⁴. Nas demais situações, o discurso recorrente é de que os jogadores desfrutam e jogam por diversão e receber algum benefício financeiro implicaria na possibilidade de o clube poder cobrar desempenho dos atletas.

Uma dissonância importante partilhada nos respectivos contextos se refere à prática esportiva para além das partidas disputadas nas competições. Nos clubes de Florianópolis não há treinamentos frequentes, enquanto que nos localizados em Palencia há dois treinamentos semanais no período noturno. Esta característica ilustra um possível sentido distinto atribuído à prática em ambas as cidades: em Florianópolis os valores transitam entre a competição e espaço de sociabilidade, que pode ser estampado nas atividades sociais que ainda são realizadas em alguns clubes após as partidas e em outros momentos. Em Palencia, o foco estaria diluído entre treinamentos e jogos, destacando a importância do futebol como prática cotidiana de lazer. Para evidenciar tal entendimento, não é raro um clube vencer a competição e abdicar ascender de categoria, pois neste caso, conforme dissemos anteriormente, acarretaria em um gasto econômico elevado. Somado a isso, no que diz

vínculo reconhecido como relação laboral por receber pela prestação voluntária de seus serviços uma quantidade fixa mensal entre 210€ e 250€ (BONMATÍ, 2013). Em 2014 o “Ministerio de Empleo y Seguridad Social e o “Ministerio de Educación, Cultura y Deportes” elaboraram um estudo sobre a relação laboral de trabalhadores de clubes e associações esportivas sem fins lucrativos (ESPAÑA, 2014). A modificação nas leis que tratam da regularização laboral gerou uma mobilização entre os clubes com paralizações de rodadas das competições (desde as categorias de base até a terceira divisão) nos dias 14 e 15 de fevereiro de 2015. Estima-se que dentre todas as categorias, a greve afetou quase 10000 partidas e 332000 jogadores (20MIN.ES, 2015).

²⁹⁴ O futebol espanhol é estruturado em ligas nacional e regionais interligadas entre si. As competições nacionais são compostas pela Primeira Divisão Nacional (La Liga), Segunda Divisão (Liga Adelante), Segunda Divisão B e Terceira Divisão. As competições Regionais são organizadas pelas 19 federações territoriais (Comunidades Autónomas), sendo que as divisões oferecidas nesta categoria oscilam de acordo com a comunidade e as províncias, podendo ter de uma até cinco divisões. No caso de Castilla y León, província onde está localizada Palencia, são promovidas as divisões Regional Preferente, Primera Provincial Aficionado e Segunda Provincial Aficionado. Mais informações em Divisiones regionales de fútbol de España (2015, 15 de marzo).

respeito à questões econômicas, em alguns clubes os atletas pagam uma cota anual para disputar a competição²⁹⁵.

8.1.3. Futebol enquanto devir

O trânsito ou permanência dos atletas dizem respeito ao que de fato ocorre no futebol não profissional, porém o que dá sentido para essa materialidade é a ideia de projeto. O futebol se coloca enquanto devir, sendo que o futebol não profissional acaba atuando como lugar aglutinador de diferentes projetos que se colocam (colocaram) dentre os sujeitos que compõem o campo. O itinerário de passado, presente e futuro torna o futebol não profissional uma espécie de consequência, uma maneira de se manter *no* campo do futebol partilhando seus ganhos – materiais e simbólicos. Para os atletas que já realizaram o desejo de profissionalização, mas que retornam ao amador simplesmente pelo *ethos* da competição e como forma de seguir praticando, a ideia de *ser jogador* é **passado**, pois já foi realizada. Mas também há os projetos interrompidos, representados pelos atletas dispensados e que simplesmente mudaram o projeto de vida e encontram no amador uma maneira de seguir praticando.

O futebol enquanto projeto **presente** é representado pelos atletas realistas ou os otimistas realistas, que ainda ambicionam. Os primeiros sabem que o projeto não poderia ser realizado e entendem que o futebol não profissional é o limite, vivendo o futebol enquanto presente. Já os segundos, embora saibam que o sonho ficou distante, ainda assim alimentam o desejo, uma espécie de conciliação entre presente e futuro.

Eu acho que a chance que eu tinha de trabalhar no futebol profissional, eu sou bem realista, já passou [...] os bons estágios não são remunerados, e como eu já tinha conta pra pagar, querendo ou não eu tive que fazer uma opção, mas sempre foi meu sonho trabalhar no futebol [...] hoje em dia é difícil um trabalho muito bem feito no amador servir de currículo pra chegar no futebol profissional né, mas quem sabe, às vezes pode ter sempre alguém olhando (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

²⁹⁵ Segundo um dirigente espanhol entrevistado “los jugadores, pues bueno, la primera provincial pues es un (...) es totalmente amateur, divertimento puro y duro (...) Los presupuestos son muy pequeños y muchos se los pagan incluso sus jugadores (PAES, Delegado Palencia. Entrevista 17, 10/03/2015).

Eu queria ser jogador profissional, mas não tive a oportunidade, mas eu falo que o futebol é a coisa que mais amo fazer na vida entendeu, então podendo jogar ali no amador eu me sinto realizado (GV, Atleta. Entrevista 15, 22/08/2014).

A fala acima é do atleta estudante e contrasta com a do dispensado, que, embora tenha se dedicado e tentado “*até ano passado*”, alega não ter expectativa de profissionalização, porém entende que ainda tem chance, pois

No meu caso, que sou novo e estou bem, ainda tenho um certo destaque, quem me vê jogar, ainda tem chance sim, de alguém ver, de se interessar. Talvez algum time pequeno, um clube de uma Segunda Divisão do estado catarinense, por exemplo, pra começar de novo, no profissional né, aí ainda tem chance sim (JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014).

No imaginário do atleta, a manutenção do desejo e possibilidade de concretização são alimentados principalmente pela razão da interrupção do projeto, que teria sido causado por erro individual, pois “*poderia estar bem hoje, era o clube que se eu ficasse lá até hoje estaria no profissional, estaria arrebatando eu acredito, mas aí foi um erro meu*”. Além da culpabilização pessoal, o atleta cita a falta de sorte e barreiras para a profissionalização

A dificuldade é a incerteza né, tu tá ali longe da tua família, sem saber se vai dar certo ou não vai. Tu pode num dia dormir pobre e acordar rico, que o futebol é uma das profissão que te deixa assim né, da noite pro dia tu acerta um chute ali e tu fica rico, ou tu pode tá ali perdendo anos da tua vida, porque poderia estar estudando ou em outra profissão, e de repente é só uma perca de tempo (JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014).

Contrapondo a explicação do entrevistado que assumiu a falha individual, Oliveira, Souza e Machado (2012, p. 106) observaram no futebol amador de Curitiba narrativas de culpabilização de outras instâncias ou indivíduos (por exemplo, o clube foi injusto, não era a vontade de Deus). Apontam que os discursos são construídos com mecanismos da própria trajetória e que exime o indivíduo de carregar o peso de alguma culpa. Também identificaram um corte geracional e

inevitável que coloca as narrativas em trânsito entre o futuro, o usual e o passado. O futebol enquanto presente que destacamos acima, nesse contexto, assume uma feição usual, cotidiana, identificada quando jogadores com mais de 20 anos circulam entre a competição amadora (Suburbana) e sempre que possível disputam campeonatos profissionais. Segundo os autores, neste caso, “não há grandes dramas neste trânsito e viver é exatamente transitar entre o ‘aqui’ (o amador) e o ‘lá’ (profissional)”. O pouco tempo de contrato torna o futebol amador um trabalho sazonal e uma espécie de “reserva de mercado” para o profissional. Já para os atletas bem-sucedidos que se aposentaram, o futebol amador aparece como espaço de lazer, como oportunidade de seguir jogando futebol sem a pressão do profissional. Outras trajetórias são marcadas pela frustração dos jogadores que não conseguiram se manter no profissionalismo por diversas razões e que, nestes casos, o que fora uma projeção de futuro tornou-se passado (OLIVEIRA; SOUZA; MACHADO; 2012, p. 105).

Em Florianópolis, no conjunto de dados produzidos, os atletas expuseram que a interrupção do projeto se deu por diferentes causas, geralmente externas, que estariam vinculadas principalmente à dispensa nas categorias de base (27 – 18,75%), falta de empresário (26 – 18,06%), inserção no mercado de trabalho para auxiliar na renda familiar (18 – 12,50%), falta de incentivo familiar (14 – 9,72%), a dificuldade de conciliação com os estudos (11 – 7,64%), dentre outros. Sobre esta última questão, convém destacar que se trata de um tema que tem sido problematizado em diferentes pesquisas nos últimos anos. Azevedo et al. (2017) mapearam as produções acadêmicas que discutem a conciliação entre formação escolar e formação esportiva, procurando compreender quais são as estratégias de conciliação apresentadas entre as formações escolar e esportiva em diferentes modalidades. Dentre os dezessete artigos, uma tese, duas dissertações, três trabalhos apresentados em congressos e um número especial de periódico, as principais problemáticas estão centradas nas tensões presentes na conciliação das formações esportiva e escolar; nas tentativas de conciliação e particularidades entre as formações; e a influência da família em relação à formação escolar e esportiva (AZEVEDO et al., 2017, p. 189). Deste modo, observa-se que os dados produzidos na presente pesquisa com atletas não profissionais de Florianópolis sobre as possíveis causas da não profissionalização integram um contexto amplo e condizem com algumas tensões já colocadas no processo de formação esportiva.

Sobre o grau de instrução dos atletas que responderam ao questionário da pesquisa, 91 (76,47%) informaram não estudar

atualmente, 58 (48,74%) concluíram o ensino médio e 34 (28,57%) interromperam, cursam ou concluíram o ensino superior, números superiores aos nacionais²⁹⁶. Por se tratar de jovens adultos que, na maioria dos casos, já possuem uma ocupação profissional, sendo o futebol praticado por lazer ou no limite como complemento de renda, o nível de escolarização mostra que a formação escolar não foi prejudicada, ainda que 85 (71,43%) tenham jogado em escolinhas e categorias de base – e que supostamente indicaria um projeto de profissionalização. Deste total, 57 (67,05%) jogaram apenas a categoria infantil (até 12 anos), sugerindo que a formação escolar não concorreu com a esportiva.

O relato do atleta dispensado mostra que o futebol ainda se constitui simbolicamente como uma das mais importantes vias de ascensão social na sociedade brasileira, semelhante ao identificado por Oliveira, Souza e Machado (2012, p. 117) no futebol amador de Curitiba, ao identificar a relação de vários jogadores com empresários e o universo do profissionalismo, representada pela ida de atletas para equipes europeias, geralmente em mercados menores.

Fotografia 19 – Comemoração



Fonte: Michael Gonçalves/Amador Futebol Clube²⁹⁷.

Notas: Uma das comemorações mais frequentes era junto à torcida.

²⁹⁶ Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua), realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em de 2016 o percentual de pessoas com 25 anos ou mais que concluíram o ensino médio completo era de 26,3% e a população com diploma do ensino superior era de 15,3%. Os dados dizem respeito à atualização de 10 abril de 2018 (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2018).

²⁹⁷ Disponível em:

<<https://web.facebook.com/amadorfloripa/photos/a.468288176565350.106748.412148772179291/569159076478259/?type=3&theater>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

Passado e presente se combinam nos projetos em que o futebol não profissional se coloca como alternativa para reconversão profissional. Nesta condição estariam os casos bem-sucedidos, representados pelo término da carreira ou ainda de uma trajetória de frustrações na qual anos foram dedicados à formação esportiva e que, de alguma forma, é necessário reverter o capital investido ao longo dos anos de treinamento. Contudo, Souza et al. (2008) indicaram a dificuldade de reconversão profissional para a trajetória nos casos de insucesso na carreira de jogadores de futebol. A concorrência no limitado campo do futebol exige uma escolha precoce, já que a profissionalização ocorre geralmente entre 18 a 20 anos. Desde muito cedo os jovens investem na formação esportiva e por vezes acabam secundarizando a escolar, diminuindo as chances de inserção no mercado de trabalho após o insucesso no esporte ou o término da carreira. Sem qualificação educacional e a pouca valia dos saberes e experiências adquiridas no futebol, o campo de possibilidades é limitado e assim o capital investido é de difícil reconversão.

Em razão do registro único na CBF, o ingresso no futebol não profissional após a profissionalização deve ser feito mediante a reversão de categoria. Esses atletas representam projetos que cruzam: tentativa de reversão do capital corporal investido para ingresso no mercado de trabalho; prática como forma de lazer; manutenção da forma física no interstício de contratos; prática esportiva relacionada à atividade física e saúde; espaço para realização do sonho de tornar-se jogador, etc. Independentemente da motivação, os diferentes sentidos possuem em comum o reconhecimento simbólico do capital corporal que faz destes atletas alvo de disputas entre os clubes não profissionais, pois a trajetória no profissional afiança o prestígio no campo. Os projetos não podem ser identificados qualitativamente, todavia, quantitativamente estão expressos na tabela abaixo.

Tabela 8 – Reversões de categoria profissional para amador

	Florianópolis (LIFF)	Santa Catarina (FCF)
2015	9 Atletas	291 Atletas
2014	11 Atletas	97 Atletas
2013	*	68 Atletas
2012	*	91 Atletas
	Total Geral	547

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

O futebol enquanto projeto **futuro possível** se expressa a partir dos atletas que mantêm viva a expectativa de profissionalização, alimentando o projeto pessoal, treinando, sonhando e desejando. São atletas que veem no futebol amador de Florianópolis uma oportunidade de estar “na vitrine”, que treinam, se dedicam e circulam entre as equipes, algumas vezes alternando pequenos períodos do ano em clubes da Segunda Divisão do Estado ou de outros pouco expressivos no futebol nacional. Deste modo, o futebol não profissional permite que sigam alimentando o desejo partilhando de objetivos e motivações comuns no sentido de *Illusio*²⁹⁸. O futebol se torna um projeto, devir que se coloca a partir das percepções, sobretudo dos jovens adultos sobre as expectativas de inserção no mercado profissional, que são alimentadas pela veiculação na mídia de casos em que o projeto se realizou e, conforme exposto na primeira categoria, também pelo autorreconhecimento do campo como catalizador por supostamente ser um espaço de visibilidade e ainda pela expectativa de ascensão gerada pela figura de pessoas que se dizem agenciadores.

Um projeto consolidado seria o ciclo representado pelo passado, presente e futuro narrado pelo árbitro entrevistado ao analisar sua trajetória, articulando que o amador constitui o tempo presente e que “*é a minha vida futura, foi o início de tudo e vai ser o final*”²⁹⁹.

Pertencer ao universo futebolístico é ingressar em uma rede de relações que demanda investimento de tempo. Segundo os dados informados nos questionários, a carga de trabalho é de aproximadamente 44 horas semanais ao passo que quatro ou mais horas são dedicadas semanalmente ao futebol por 79 (66,39%). Dentre os 75 (63,03%) sujeitos que gostariam de jogar mais vezes na semana, a falta de tempo foi relatada por 51 (68%). A respeito das diferentes esferas da vida – trabalho, estudos, família e lazer –, o futebol parece ocupar lugar central, pois 55 (46,22%) informaram que em algum momento faltou ao trabalho para jogar futebol e, a partir do enunciado “considerando a importância do futebol na sua vida”, 89 (74,79%) relataram que o jogo é muito importante e ficam chateados caso não ocorra. Deste modo, talvez a prática do futebol

²⁹⁸ A *illusio* (...) é estar envolvido, é investir nos alvos que existem em certo jogo, por efeito da concorrência, e que apenas existem para as pessoas que, presas ao jogo, e tendo as disposições para reconhecer os alvos que aí estão em jogo, estão prontas a morrer pelos alvos que, inversamente, parecem desprovidos de interesse do ponto de vista daquele que não está preso a este jogo, e que o deixa indiferente (BOURDIEU, 1996, p. 152).

²⁹⁹ VA, Árbitro. Entrevista 14, 22/08/2014.

represente a dimensão mais importante da vida dos sujeitos, e não apenas para atletas, mas do mesmo modo para outros agentes, pois como relata um treinador,

Janeiro e fevereiro fico doente sem futebol amador [...] se a minha mulher me ligar agora, ela não vai me perguntar onde eu estou, ela vai perguntar como está o jogo [...] se você falar com a minha mulher, ela vai dizer pra você assim ó 'esse desgraçado não namorava comigo aos domingos'. Ela sabia que eu saía de manhã pro futebol e só voltava (...) e é sempre assim voluntário, não me ofereça nada que eu me ofendo, certo, eu não vivo disso, **eu vivo para o futebol amador**³⁰⁰.

Os trechos abaixo apresentam a justificativa do principal motivo para a disputa de uma competição federada, resumida na

Competitividade, por tá competindo, por ter juiz uniformizado, bandeira né, gente olhando e por prazer. Poder acordar e dizer *pô hoje tem jogo vou lá arrumar a minha chuteira*, por jogar e fazer o que eu gosto. É porque quando a gente joga amistoso, é brincadeira, a gente vai lá pra brincar, não deixa de ser sério porque tu quer ganhar. Também é uma forma de tá me superando, porque hoje eu vou fazer 35 anos, os guri que jogam comigo tem 17, 20, 21, 22, então tá jogando no meio disso aí, pra mim já é uma competição muito boa, não só pra em relação ao futebol mas pra mim também como atleta (MK, Atleta. Entrevista 9, 15/08/2014).

Às vezes poderia tá só na pelada, só brincando. Na hora que eu quisesse marcar, eu marcava, se eu quisesse dar um chapéu eu tentava, ninguém ia me cobrar, mas a gente gosta de competir né, já sou acostumado, porque tem aquele friozinho na barriga que da categoria de base que eu sentia antes do jogo (JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014).

³⁰⁰ RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014.

O meu negócio é futebol, é o exercício físico, a saúde, enfim é a disputa mesmo, é o jogo ali. Ontem dei um tapa no vidro lá, quebrei o vidro do vestiário, a gente tinha perdido, né, sempre, sempre fui um cara de competição, acho que é a disputa (FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014).

O *ethos* da competição mobiliza os atletas a disputar uma competição federada. Dentre os principais argumentos, a presença dos elementos característicos de uma partida de futebol profissional – arbitragem qualificada, mesários, maqueiros, gandulas, policiamento e, principalmente, o incremento na tensão promovida pelo aumento da competitividade em partidas oficiais. O desejo de competir liga-se intrinsecamente ao prazer que a experiência de jogar futebol proporciona, a qual, além da competição, inclui relações de amizade e sociabilidade. No futebol não profissional a partida faz parte de uma competição, não é gratuita, há algo em jogo³⁰¹, mais do que o título simbólico, é o desempenho pessoal. Assim, o prazer do jogo é acompanhado pela tensão-excitação gerada pela competição, que tensiona valores amadores e profissionais. No futebol não profissional, os atletas se orientam pelos valores do esporte de alto rendimento (competição, individualismo, concorrência etc.), que são os mesmos predominantes na sociedade atual, no entanto, produzem tensão entre esses valores, à medida em que priorizam a sociabilidade, o jogar junto com o outro nos clubes dos bairros – mas apenas quando de fato jogam motivados pelos vínculos e relações de amizade e não mediados pelos interesses financeiros e pessoais.

É como uma atividade esportiva porque uma grande maioria são jogadores que passaram por equipes, não tiveram sorte, não foram bem pra continuar a carreira de jogador de futebol mas que gostam do futebol, gostam de participar e fazer amizades (VA, Árbitro. Entrevista 14, 22/08/2014).

³⁰¹ Para Bourdieu (1996), não é possível um ato desinteressado, pois por mais insignificante que possa parecer, esconde em seu íntimo algum tipo de interesse oculto.

8.1.4.Importância do futebol não profissional em Florianópolis

Ele é de fundamental importância pra mim e pra toda a comunidade, porque a partir do momento em que você tem um esporte, isso já justifica qualquer questionamento. O fato de você passar uma tarde aqui, ou seja, uma bola ela é capaz de reunir 500 pessoas em duas horas. Uma bola, onze pra cada lado, mais 400 torcendo, xingando, brincando, uma união de pessoas, uma união de educação, de comprometimento, de luta, de vontade de vencer, de querer ganhar, de respeitar, de saber perder, de ser humilde quando ganha, de levantar seu ego, então isso ...e até mesmo de fazer com que a pessoa se sinta, tenha a oportunidade de jogar um futebol, de disputar um campeonato, então isso com certeza é muito importante e o futebol acrescenta muito pra comunidade e pra cidade (GN, Dirigente. Entrevista 2, 30/07/2014).

As competições oficiais promovidas pela LIFF são apenas parte das práticas futebolísticas na cidade de Florianópolis, uma vez que há outras agremiações e times não filiados que disputam festivais e torneios, que são organizados pelos próprios clubes ou ainda os eventos da categoria veterano tradicionalmente realizadas por outra instituição – CESANI³⁰². Há ainda inúmeros times que se reúnem nos campos de grama sintético distribuídos na cidade para disputar partidas de Futebol Sete – jogos amistosos e competições.

Objeto desta pesquisa, essa parcela dos futebóis praticados é prestigiada na cidade, definida pelos sujeitos do campo como exemplo de organização, uma oportunidade para a participação em uma competição oficial e, portanto, que contém elementos do futebol profissional, mas sem custos para os atletas e torcedores – a assistência é sempre gratuita e, no geral, os atletas não pagam nada e em alguns casos recebem algum dinheiro.

O lugar que o futebol oficial ocupa na cidade foi um dos temas abordados nas entrevistas, questionamento que teve como objetivo captar, a partir da narrativa dos sujeitos, como elaboram o significado ou o que representa a prática na cidade. Dentre as respostas, conforme ilustrado no

³⁰² Comissão do Esporte Amador do Norte da Ilha.

início do tópico, destaque para a função social do esporte, espaço de competitividade e sociabilidade.

Na opinião de outro entrevistado, *“é muito importante porque as pessoas poderiam tá fumando uma maconha, tá jogado num canto qualquer sem fazer nenhuma atividade física”*³⁰³. Prática de lazer e de promoção da saúde, importante meio para combater a violência por possibilitar aos jovens *“focar no futebol e não na criminalidade”*³⁰⁴, além da importância que ocupa nas comunidades carentes, junta-se o argumento da expectativa de profissionalização, pois ao *“trazer esses meninos que jogam futebol, [a intenção] é despertar de repente o interesse de um clube, uma revelação né, de repente um jogador desse como eu já vi alguns amadores se profissionalizar”*³⁰⁵.

A formação dos atletas começa na comunidade, por exemplo, um menino não sai da Cachoeira pra jogar lá no Avaí direto, ele começa jogando no campo, ele faz escolinha na comunidade dele, aprende a fazer os fundamentos na comunidade, aí depois se ele se destaca. Se tem o dom pra isso ele vai, ele vai conseguir almejar ou não o objetivo dele (GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014).

As respostas para o lugar do futebol na cidade estiveram sempre vinculadas a importância que ocupa na vida dos sujeitos, ou seja, elaboram a questão da representação da prática na esfera pública a partir do que simboliza na privada (individual).

Não sei te responder agora porquê é importante, é difícil de falar mas [...] Pra mim é muito importante, é uma coisa que se tu analisar, sai *brigado* de casa e tu vai jogar um futebol daí tu esquece tudo, esquece a vida toda, aquilo ali pra mim é um passa tempo ótimo que tira qualquer *stress*, entendeu, perfeito!³⁰⁶.

³⁰³ MA, Atleta. Entrevista 5, 09/08/2014.

³⁰⁴ IVT, Dirigente. Entrevista 10, 15/08/2014.

³⁰⁵ RTD, Comissão Técnica. Entrevista 6, 09/08/2014.

³⁰⁶ EB, Atleta. Entrevista 12, 18/08/2014.

Este mesmo atleta que alegou inicialmente não saber responder, ao elaborar a questão, relacionou a extinção da competição com a própria trajetória

Muito importante, ah porque (...) tá ameaçado pra acabar, mas só acaba pra alguns clubes, mas o futebol não acaba e é importante, queira ou não queria tu cria uma história, um vínculo com aquele campeonato, com aquele time, daí se acabar tua história acaba junto³⁰⁷.

Um atleta relata a importância para si, mas não tão grande para a cidade, pois *“não dão uma ênfase pro futebol amador [...], se a mídia ajudasse um pouco, se fizesse mais matérias e divulgasse bastante os jogos, ia empolgar mais o pessoal”*³⁰⁸. Já outro atleta destaca a circulação na cidade, pois *“tem essa troca de valores entre a galera do sul, do norte, do centro [...] Principalmente pra nós atletas acho que é importante”*³⁰⁹.

O significado é elaborado tomando ainda como referência o coletivo – o grupo de que fazem parte –, pois *“se acabasse o futebol amador existiria uma lacuna gigantesca, por que o que fariam as pessoas que estão envolvidas no futebol amador?”*³¹⁰ A narrativa relaciona ainda lazer e competitividade, entendendo que os atletas iniciam por lazer, mas *“ninguém quer sair daqui perdendo”*. Ainda que o agente considere essencial a integração entre as comunidades, pois *“a maioria que joga aqui não é do bairro e se integra”*, no final *“tem alguém que quer ser campeão”*.

Sintetizando dados acerca das aproximações e dissonâncias do futebol não profissional em Florianópolis/Brasil e Palencia/Espanha, observa-se que as práticas reproduzem o discurso sobre o esporte saudável, com valores associados aos benefícios psicossociais da prática. Partilham ainda a tênue integração dos clubes às comunidades, os recursos financeiros escassos, a presença de uma série de elementos que dão sentido à prática: espaço de sociabilidade associado às atividades de lazer e tempo livre, base para promoção de jogadores jovens e possível profissionalização, reconversão profissional e espaço para atletas profissionais se manterem ativos e com visibilidade em períodos de desemprego. Há ainda certo altruísmo que se manifesta por meio da participação aparentemente “desinteressada” dos atores.

³⁰⁷ EB, Atleta. Entrevista 12, 18/08/2014.

³⁰⁸ JF, Atleta. Entrevista 13, 19/08/2014.

³⁰⁹ FB, Atleta. Entrevista 7, 11/08/2014.

³¹⁰ GA, Comissão Técnica. Entrevista 11, 16/08/2014.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Realizar uma análise interpretativa do futebol, que se pauta na necessidade de apreensão do sentido de deslocamento, do que lhe é próprio e do que é externo, não é tarefa fácil. Foi necessário refinar o olhar, olhar outra vez para o que parecia tão familiar, em um processo contínuo de reposicionamento objetivo e subjetivo. Em certa medida, a partir da trajetória particular da pesquisadora, foi necessária prudência para que o discurso nativo não fosse reproduzido nos resultados da pesquisa. As memórias das experiências pessoais no futebol amador durante a infância e adolescência remetia ao discurso saudosista semelhante ao exposto pelos sujeitos do campo. Isso posto, identificado o risco, foi preciso rever e enfrentar detalhadamente o imaginário do futebol amador que pairava: um domingo de sol; famílias e vizinhos reunidos; *batuques* e cantorias no ônibus fretado quando a partida era fora do bairro; jogos das categorias infantil e veteranos pela manhã e quadros A e B no período da tarde. O almoço coletivo em que as pessoas do bairro e também de outras localidades se encontravam resumia o clima de sociabilidade que predominava durante todo o dia festivo vinculado à prática do futebol. Durante o processo, tendo como ponto de partida o estranhamento, houve um desencantamento pelo objeto, que gerou certa frustração por não encontrar na atualidade a experiência do passado. No confronto entre memória e dados produzidos na pesquisa, compreendeu-se que no passado as questões do presente não estavam colocadas e, portanto, não poderiam compor o ideal da prática do futebol amador, ou seja, naquele momento a experiência era da fruição enquanto participante e, desse modo, questões burocráticas, dados sobre pagamento de jogadores, presença de atletas “de fora” ou ainda as relações de poder estabelecidas entre os agentes, e com as quais eu estava lidando no presente, na produção e análise dos dados, não faziam sentido. Familiaridade e estranhamento do objeto postos, ainda assim em determinados momentos houve dificuldade em narrar, tecer outras redes com as palavras. Ciente dessa pauta e com o esforço de olhar para as fontes e me questionar, foi então a partir da prudência dos juízos que os dados foram analisados.

Foi preciso um esforço de olhar para as fontes e me interrogar, de ver uma sensibilidade que é forjada pela vertente espetacularizada e, portanto, a dificuldade de apreciar aquilo que se afasta, que se desloca e que foi destacado na introdução. Um dos desafios foi ponderar que as palavras que aparecem com frequência e vão dando contorno para a

prática não profissional, que emergem do campo e se colocam também no meu discurso, são fortemente influenciadas pela narrativa esportiva, jornalística e pelo linguajar cotidiano. As palavras que são empregadas para falar do futebol estão enredadas em um conjunto de relações das quais não é possível sair para tecer outras redes. A partir desses termos, é possível construir outros sentidos para o futebol não profissional, todavia, inevitavelmente não há um completamente “fora” para olhar o fenômeno e, desse modo, o movimento de estranhamento e de familiarização é parte da própria natureza do trabalho etnográfico.

O escopo da pesquisa foi a prática do futebol na modalidade não profissional na cidade de Florianópolis a partir das competições federadas na categoria adulto promovidas pela Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF). O desdobramento metodológico, coleta e catalogação dos dados produzidos a partir de diferentes instrumentos de inspiração etnográfica, considerando os anos de 2013 a 2015, foi descrito no capítulo 4.

A primeira parte da pesquisa abordou a introdução sobre o futebol em diferentes áreas do conhecimento e da exposição de pesquisas que tomaram o futebol amador como objeto de estudo. No decorrer do texto recorreremos aos termos “amador” e “não profissional”, reflexo da expressão do próprio objeto em investigação, em razão do caráter híbrido ao combinar diferentes características dessa prática na cidade de Florianópolis. Ou seja, desde o princípio percebeu-se que em termos institucionais, considerando o grau elevado de organização, o futebol é de caráter não profissional, entretanto, do ponto de vista da prática, considerando os contrastes entre os clubes e motivações dos atletas, a natureza é amadora.

Levando em conta o desenvolvimento e institucionalização do futebol em Florianópolis, na continuidade do texto apresentamos um retrato do futebol não profissional na capital de Santa Catarina a partir da organização institucional, assinalando que, neste contexto, a prática espelha-se no modelo da profissionalização, ou seja, mais racionalização, seriedade e competitividade nos torneios. A apresentação do campo de pesquisa discorreu acerca do contexto histórico do desenvolvimento do futebol em Florianópolis na primeira metade do século XX e da criação de clubes de futebol amador nesse período, além de descrever o funcionamento e a organização das principais competições de futebol desta modalidade vigentes atualmente na cidade.

A diversidade cultural delinea o perfil dos atletas a partir dos múltiplos sentidos e significados que atribuem à prática. A pluralidade é uma das características do futebol não profissional, prática capaz de reunir atletas com objetivos singulares: o que buscava a

profissionalização e que fora dispensado; o que fez carreira profissionalmente como jogador de futebol; o reconhecido no campo e que não se profissionalizou; o que disputou campeonatos amadores por diferentes clubes da cidade; o jovem estudante de Educação Física e ainda o atleta que disputa campeonatos durante vários anos por um mesmo clube.

As primeiras impressões que emergiram da análise dos dados foram as relações, descontinuidades e rupturas entre amador/não profissional/profissional; a constituição de um campo híbrido com perfis de atletas e clubes demarcados sutilmente; a relação “Nós x Eles”; a rede de relações, inclusive econômicas, que se configura por meio da prática do futebol; o sentido atribuído à prática, bem como as relações de pertencimento comunitário – diferenças entre ser um time de futebol ou um clube de práticas sociais na comunidade, dentre outras questões. A expressão em categorias procurou dar ênfase em determinadas questões, todavia, conforme se observou no texto, elas se imbricam e formam uma teia na qual resultou complexa qualquer tentativa de isolar determinado tema. A partir da centralidade de ser “*daqui*” e ser “*de fora*”, os temas estiveram interligados e perpassaram as diferentes categorias, porém com enfoques diferentes.

Para mais bem retratar o campo, selecionamos jogos que, desde nosso ponto de vista, condensassem os dados que foram produzidos no decorrer da pesquisa. A partir de episódios de casos emblemáticos e típicos, construímos narrativas que contemplassem as demais questões presentes no cenário do futebol amador, mobilizando o conjunto de dados produzidos de diferentes fontes no decorrer de toda a pesquisa, relatando os casos concretos na forma de 4 Episódios.

A categoria “Futebol no plural: entre a pelada e o profissional”, procurou descrever e interpretar como se relacionam o imaginário e a materialidade do futebol espetáculo com a prática não profissional, apontando os principais deslocamentos, aprofundando as dissonâncias e similitudes, tanto nas questões de dentro quanto de fora do campo. O comportamento das torcidas (brigas, provocações e brincadeiras jocosas), cobertura da mídia, pequenos rituais – entrada em campo, oração, aquecimento, comemoração – e, principalmente, o *ethos* da competição, são características da prática espetacularizada que também aparecem no futebol não profissional. A presença de quase todos os elementos do futebol profissional – ainda que em menor escala – levou ao entendimento de que ambas as práticas se assemelham, todavia, elas possuem singularidades que promovem deslocamentos significativos e que procuramos analisar a partir do discurso nativo. Os sujeitos entrevistados

consideram que as diferenças residem na estrutura física, recursos financeiros, dedicação, treinamento de base, cobertura midiática, torcedores, falta de oportunidade e capital corporal (preparo físico e técnico).

O intuito não foi comparar o incomparável ou de definir juízo de valor, mas sobretudo de apontar a interdependência das práticas a partir dos interlocutores, na qual notou-se sempre uma relação de insuficiência do não profissional no que se refere ao profissional, ou seja, falta de recursos, de técnica, estrutura etc. Além das deficiências, a primeira categoria destacou as diferenças significativas na forma de jogar, no estilo de jogo e capital futebolístico.

Para compreender como os clubes se estruturam e as relações com a comunidade em que se radica, a categoria “A relação clube-comunidade: o alento do resgate, repatriação e reconfiguração” discorreu acerca do discurso saudosista de uma relação que supostamente se perdeu entre clube e comunidade, justificada pelos agentes, em grande medida, pela adoção do critério técnico na configuração dos times, na busca do reconhecimento simbólico decorrente da conquista do título. A presença de atletas desvinculados da comunidade foi vital para o distanciamento, identificado também no desinteresse no cotidiano dos clubes, argumentos que representam o discurso nativo e que foi ponderado a partir das reflexões de Bauman (2003) sobre a impossibilidade da comunidade. Os contrastes entre os clubes, a mudança da relação desses com os atletas, as diferenças estruturais e o discurso da mídia que alimenta o imaginário de “pertencer” à comunidade, também foram apresentados ao longo da categoria.

Na continuidade do texto, buscou-se compreender como se configuram os clubes na rede do futebol local, compondo uma cadeia de interdependências. Identificando os personagens e como atuam, principalmente no que se refere às hierarquias e lugares sociais, a categoria “Eles são do bairro, porém não são daqui: todos iguais, mas uns mais iguais que os outros” tratou do enfrentamento de dicotomias presentes no discurso nativo. Pertencer ao bairro de fundação dos clubes é fundamental para os *nativos* e engendra os critérios de antiguidade e tradicionalidade (clube), a rivalidade entre norte e sul (cidade), o fato de ser “daqui” e “de fora” (atletas) e as relações de poder vinculadas às hierarquias. Deste modo, se estabelecem relações entre os sujeitos que aparentemente são iguais, mas simbolicamente diferentes quando comparados os “da casa” e os “de fora”, ou ainda entre clubes “*Estabelecidos*”, “*Outsiders*” e “*Meros participantes*”. No futebol não profissional, o desempenho é argumento que dá contorno para a tensão,

tendo em vista que, quando a equipe é vencedora, ter atletas “de fora” do bairro não é problema, todavia, diante da falta de resultados, o investimento do clube é contestado. A noção de “*pedaço*”, somada a constituição de um “*circuito*” particular no qual o futebol agrupa os personagens no “*campo*” ajudou a refletir sobre as relações de hierarquia que se estabelecem entre os clubes e que são mediadas pelo “*capital simbólico*”.

Vinculada ao Episódio 4, a categoria “Trânsitos, projetos e sentidos” teve como objetivo analisar os sentidos/significados atribuídos pelos personagens e se conciliam o tempo dedicado ao futebol com o das demais atividades cotidianas. A articulação do conjunto de dados produzidos a partir das notícias veiculadas na mídia, observação dos jogos, análise dos questionários, bem como das informações presentes nas súmulas, mostrou a circulação e a permanência dos atletas entre os clubes que disputam as diferentes divisões. Uma peculiaridade encontrada nos discursos diz respeito aos interesses individuais – os atletas buscam melhores condições estruturais e de contrapartidas para jogar, enquanto os clubes almejam a qualificação do grupo com jogadores de qualidades técnicas superiores na perspectiva de obter o melhor desempenho na competição. No discurso nativo, a circulação é um dos argumentos que emana do campo para justificar a perda do vínculo do clube com a comunidade. De certo modo, o trânsito representa que as relações são mais voláteis e os vínculos efêmeros, mas que também são mais livres, pois a liberdade individual permite que os atletas possam estabelecer ou desfazer os vínculos.

As categorias apresentadas derivam da tarefa de identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática do futebol não profissional, objetivo que acabou diluído no desdobramento das questões e que ganharam força no estudo. Os dados mostraram que há uma diversidade que perpassa todas as facetas da prática, que se constitui flutuando entre a “*pelada*” e o profissional, explicitada principalmente pela similitude e distanciamento delas, mas que, mesmo insuficiente, estaria mais próxima à profissional.

Ainda que o significado se expresse no discurso como prática de lazer e sociabilidade, os dados mostram que o sentido se altera em razão das diferenças sociais e experiências dos locutores, dos lugares em que é produzido e das diferenças de ocasiões nas quais a interlocução se estabelece. Tendo como fio condutor a dicotomia “daqui” ou “de fora”, tanto do ponto de vista do clube quanto dos atletas, os sentidos e os significados se movem entre a performance e a sociabilidade. Nos clubes dependia do lugar que ocupava no cenário do futebol não profissional, ou

seja, para os protagonistas vencer, manter a tradição e a hierarquia, enquanto que para os demais era para participar ou ascender de categoria. Dependia ainda dos vínculos atuais estabelecidos ou não na comunidade e da classificação na competição. Para os atletas o sentido se modificava de acordo com os interesses e, ainda que digam que jogam mediados pelas relações de amizade, transitam entre os clubes, seja por uma equipe mais bem qualificada tecnicamente (competitiva), em termos administrativos ou de estrutura física, ou ainda motivados por possíveis benefícios. Deste modo, o sentido que a prática adquire quando observamos quem são os sujeitos, em que circunstâncias e com que objetivo, depende ainda do entendimento de como a prática se coloca enquanto projeto (passado, presente e futuro), do objetivo do sujeito (profissionalização, lazer, saúde, etc.) e ainda do lugar que o clube ocupa no cenário (prestígio, hierarquia, tradição, etc.).

Na teia de significações, o futebol não profissional acaba atuando como lugar aglutinador de diferentes projetos que se colocam (colocaram) dentre os sujeitos que compõem o campo. O itinerário de passado, presente e futuro torna o futebol não profissional uma espécie de consequência, uma maneira de se manter *no* campo do futebol partilhando seus ganhos – materiais e simbólicos. Para os atletas que interromperam os projetos ou os que já realizaram o desejo de profissionalização, mas que retornam ao amador simplesmente pelo *ethos* da competição e como forma de seguir praticando, a ideia de “ser jogador” é **passado**, pois já foi realizado. O futebol enquanto projeto **presente** é representado pelos atletas realistas ou os realistas otimistas, ao passo que o projeto **futuro** e latente faz da prática um espaço transitório e se expressa a partir daqueles que nutrem a expectativa de profissionalização.

A construção dos sentidos e significados se deu a partir da tensão que se expressa na cidade – ser “daqui” ou “de fora”. Tal discurso se apresenta de maneira circular, argumento contínuo para justificar as condutas dos clubes. Segundo os sujeitos, constituir a equipe com atletas “de fora” explica o afastamento da comunidade, mas, por outro lado, esta relação é irrelevante quando o clube é vitorioso. O capital futebolístico do atleta afiança a presença em qualquer equipe, todavia a aceitação e permanência depende também do desempenho do clube. A tensão sobre a origem mostrava-se controversa e atuava em duas vias: ser “de fora” era minimizado e até mesmo valorizado quando o time era vencedor. Por outro lado, quando não correspondia ao desempenho esperado o argumento era retomado pelo campo para justificar o afastamento da comunidade, emergindo repetidamente o discurso da necessidade de “resgate” dos vínculos comunitários.

O vínculo entre clube e comunidade, a construção de uma forja de sentimento de origem, pertencimento e sua tentativa de “resgate” é a representação que os clubes têm de si mesmos. A relação é complexa e ambígua, pois os clubes entendem estar “resgatando” ou “buscando” uma noção de pertencimento que não corresponde ao presente e tampouco ao passado. O discurso da “perda” e do “resgate” aparece como se fossem dois momentos distintos de um processo – o clube que perde a identidade e o clube que resgata. Há o lamento por uma perda e a busca por uma ilusão que opera como um discurso legitimador das escolhas, bem-sucedidas ou não – tanto para as conquistas quanto para justificar as derrotas.

Espaço híbrido e de contrastes, palco de acusações de profissionalização com o pagamento de jogadores e investimentos que promovem desníveis entre os clubes, são narrativas que se repetem no campo e possuem conotações distintas, em uma mistura de vitimização (negação) e autoafirmação (valorização). A categoria nativa aponta os “outros” que degradam e corrompem o campo, enquanto que “nós” representáramos o verdadeiro futebol amador. A partir dos dados apresentados ao longo do texto, compreende-se que de alguma maneira o discurso não é equivocado e, ainda que não haja diferenças, em alguns clubes apenas se manifesta com maior intensidade – os que entendem ser legítimo e os que não assumem.

A importância que o futebol não profissional ocupa na cidade de Florianópolis pode ser considerada a partir da existência de uma instituição específica reconhecida como de utilidade pública que regulamenta as competições, da cobertura realizada pela imprensa, do grande contingente de pessoas envolvidas com esta prática, como atletas, membros diretivos e de comissões técnicas, torcedores, familiares e comunidade da qual o clube é oriundo, além da disponibilidade de pelo menos 21 campos de futebol – alguns deles em locais privilegiados e com grande valor comercial na cidade. O lugar do futebol na cidade se vincula à importância que ocupa na vida dos sujeitos, que elaboram a representação da prática na esfera pública a partir do que simboliza na privada (individual), ou da referência do coletivo. Ainda que os agentes declarem essencial a integração entre as comunidades, a natureza da prática é a lógica esportiva – sobrepujança. No discurso dos interlocutores, os clubes vislumbram o futuro a partir de um alento de que os vínculos e o pertencimento comunitário possam ser resgatados. A nostalgia no discurso nativo de que algo se perdeu entre o futebol não profissional e o clube mostra uma relação de débito, mas talvez o “elo” perdido possa ser utopia, conforme afirmamos anteriormente, já que o

passado pode não ter sido tão bom quanto se imagina, ou ainda que a comunidade sobreviva apenas como entidade imaginária, incapaz de se realizar como realidade concreta (BAUMAN, 2003).

A partir do exposto no decorrer das categorias, ponderando as singularidades, percebe-se que são imagens dissonantes, não se constituindo como fragmentos, mas como imagens que se complementam, ou seja, são vários *futebóis* que compõem o futebol não profissional em Florianópolis. Mesmo com diferenças internas, embora espelhado no modelo profissional, há uma interdependência dos clubes que constituem o futebol não profissional na cidade. Ainda há clubes comunitários e que representam espaços de lazer e de sociabilidade para além da prática do futebol (festas, almoços, bingos), entretanto, operam separadamente no cotidiano das associações e que não necessariamente se conciliam, já que o *“futebol é uma coisa, a comunidade é outra, bem diferente”*.

Esta pesquisa apresenta **um modo** de ver a prática na cidade, que comporta diferentes registros, contrastes de uma mesma realidade, elementos combinados que compõem o mesmo universo e que constituem um panorama que explica o futebol não profissional em Florianópolis – espaço híbrido e capaz de reunir características singulares. Esta não é a única forma de explicar a prática e, de alguma forma, é expressão do próprio objeto, o qual não é isento de descontinuidades, rupturas e por que não, de contradições.

REFERÊNCIAS

ADAUTO, Flávio. Ainda se joga futebol na Cidade com muito amor. In: COSTA Márcia Regina; FLORENZANO, José Paulo; QUINTILHO, Elizabeth; SANTOS, Marco Antônio S. (Org.). **Futebol: espetáculo do século**. São Paulo: Musa Editora, 1999. p. 122-127.

ALMEIDA, Caroline Soares de. **Club Sportivo Annita Garibaldi: uma história social do início da prática do futebol em Florianópolis**. 2010. 63 f. TCC (Graduação) – Curso de História, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2010.

ALMEIDA, Arthur José Medeiros de. **Esporte e cultura: esportivização de práticas corporais nos jogos dos povos indígenas**. Brasília: Gráfica e Editora Ideal, 2011.

AMANTE, Francisco Hegidio. **Somos todos manezinhos**. Florianópolis: Papa-Livro, 1998.

AZEVEDO, Márcio Faria de; SANTOS, Wagner dos; COSTA, Felipe Rodrigues da; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Formação escolar e formação esportiva: caminhos apresentados pela produção acadêmica. **Movimento**, Porto Alegre, v. 23, n. 1, p. 185-200, jan./mar. 2017.

Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/61300>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

BANDEIRANTE RECREATIVO. **Post**. [Online], 2014a. Mensagem postada pelo autor na rede social Facebook em 09 jan. 2014; 13:41. Disponível em: <https://scontent.ffln4-1.fna.fbcdn.net/v/t1.0-9/1779162_1670847539838429_5734858410840627239_n.jpg?_nc_cat=0&oh=d20f55fa6eee0b9ee6faeccad8e69afa&oe=5B5BA335>. Acesso em: 04 mar. 2018.

BANDEIRANTE RECREATIVO. **Post**. [Online], 2014b. Mensagem postada pelo autor na rede social Facebook em 06 marc. 2014; 13:41. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/bandeirante.recreativo/posts/555360864571102>>. Acesso em: 14 mar. 2014.

BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escola: paradoxos e ambiguidades. **Movimento (ESEFID/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 89-112, dez. 2007. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2811>>.

Acesso em: 15 abr. 2018

BASSANI, Jaison José; TORRI, Danielle; ALBINO, Beatriz Saimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. Sobre a presença do esporte na escolarização: da centralidade da disciplina e do desempenho ao discurso da “formação”. **ISEF Digital**, v. 12, p. 1-14, jun. 2008.

BARRETO, Túlio Velho; MORAIS, Jorge Ventura de. 70 anos de “Foot-ball mulato”. **Diário De Pernambuco**, Pernambuco, 17 jul. 2008. Opinião. n.p. Disponível em:

<<http://www.fundaj.gov.br/notitia/servlet/newstorm.ns.presentation.NavigationServlet?publicationCode=16&pageCode=1016&textCode=11197&date=currentDate>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

BARTHOLO, Thiago Lisboa; CABEZÓN, José Maria Yagüe; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Formando jogadores de futebol: o impacto do tempo de treinamento na formação escolar de jovens espanhóis e brasileiros. In: XVII CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17., 2011, Porto Alegre, RS. **Anais...** Porto Alegre, RS, 2011. p.1-14.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer. **Técnica, dor, feminilidade: educação do corpo na ginástica rítmica**. Florianópolis, 2011. 162 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2011 Disponível em:

<<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0885-D.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

BOAVENTURA, Patrícia Luiza Bremer. **Técnica, estética, educação**: os usos do corpo na ginástica rítmica. 2016. 445 p. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Florianópolis, 2016. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PICH0169-T.pdf>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

BLOG AMADOR FUTEBOL CLUBE. **Hora de Santa Catarina**, Michael Gonçalves. Florianópolis, 1 jan. 2013 a 31 dez. 2015. Disponível em: <<http://wp.clicrbs.com.br/amadorfutebolclube/?topo=52,2,18,,284,e284>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

BONMATÍ, Álvaro Pérez. Situación actual del fútbol modesto en España. **Legal Corner**. Blog sobre Derecho Deportivo. [Online], 2 abr. 2013. Disponível em: <<https://cornerlegal.wordpress.com/2013/04/02/situacion-actual-del-futbol-modesto-en-espana/>>. Acesso em: < 02 abr. 2013.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?”. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-163.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. Campinas: Papyrus, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRASIL. Estatuto de defesa do torcedor e legislação correlata [recurso eletrônico]. 3. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. 51 p. (Série legislação; n. 106)

BRUNO, Marcus. Arthur, menino do Saco dos Limões, conhece as técnicas do Barcelona. **Hora de Santa Catarina**. Florianópolis, 20 jul. 2016b. Sonho de Criança [Online]. Disponível em: <<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/esportes/noticia/2016/07/art-hur-menino-do-saco-dos-limo-es-conhece-as-tecnicas-do-barcelona-6751476.html>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

BRUNO, Marcus. Arthur, o menino do Saco dos Limões que ganhou uma bolsa para o Barcelona Camp. **Hora de Santa Catarina**. Florianópolis, 14 jul. 2016a. Sonho de Criança, [Online]. Disponível em: <<http://horadesantacatarina.clicrbs.com.br/sc/esportes/noticia/2016/07/arthur-o-menino-do-saco-dos-limoes-que-ganhou-uma-bolsa-para-o-barcelona-camp-6597808.html>>. Acesso em: 28 mar. 2018.

CACHOEIRA, Grêmio. **Post**. [Online], 2016. Mensagem postada pelo autor na rede social Facebook em 14 jan. 2016; 13:41. Disponível em: <<https://www.facebook.com/gremioesportivocachoeiraoficial/photos/a.1630649367209459.1073741828.1630525593888503/1679359379005124/?type=3&theater>>. Acesso em: 04 mar. 2018.

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco; RASCKE, Karla Leandro. Figueirense: o bairro da Figueira e o nascimento de um clube. In: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Org). **O Futebol em Santa Catarina: Histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 17-45.

CHIQUETTO, Rodrigo Valentim. Entre índios e boleiros no Peladão Indígena. **Ponto Urbe**, [Online], n. 14, p.1-12, ago. 2014. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/pontourbe/1618>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

CONCEIÇÃO, Daniel Machado da. **O estudante-atleta: desafios de uma conciliação**. 2015. 133 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015. Disponível em: <<http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED1149-D.pdf>> Acesso em: 05 abr. 2018

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Diretoria de Registro e Transferência. **Relatório DRT 2015**. Online. 2016. Disponível em: <<https://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores#.WgIQUkxFzIV>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE FUTEBOL. Diretoria de registro, transferências e licenciamento de clubes. **Regulamento Nacional de Registro e Transferência de Atletas de Futebol 2018**. Capítulo I, Art. 1º, § 2º. Rio de Janeiro: 2017. Disponível em: <https://cdn.cbf.com.br/content/201712/20171221163729_0.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2018.

COSTA, Samira Lima da; MACIEL, Tania Maria de Freitas Barros. Os sentidos da comunidade: a memória de bairro e suas construções intergeracionais em estudos de comunidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p.60-72, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CUNHA, Leonardo da COSTA; GHIGGI Micheli Verginia; FREITAS, Gustavo da Silva, SILVA, Méri Rosane Santos da; RIGO, Luiz Carlos. Sport club barrense: Memórias de um clube de futebol amador do município de São José do NORTE/RS. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon (Online), v.14, n.29, p. 67-89, 2 sem. 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10418/7517>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites Florianópolis**: Cidade Futura; 2001.

DALLABRIDA, Norberto. “Cada derrota um estímulo; cada vitória uma glória!”: o futebol no Colégio Catarinense (1944-1954). In: VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Org). **O Futebol em Santa Catarina**: Histórias de clubes (1910-2014). Florianópolis: Insular, 2014. p. 245 – 273.

DAMATTA, Roberto (Org). **O universo do Futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982a.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: _____. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982b. p. 19 - 42.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento (ESEF/UFRGS)**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, p. 129-156, dez. 2003. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2807>>. Acesso em: 29 out. 2014.

DAMO, Arlei Sander. Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França. 2005a. 435 f. **Tese** (Doutorado em Antropologia Social) - Departamento de Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005a. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000468905&loc=2005&l=24a7bc666aac4e57>>. Acesso em 30 out. 2017.

DAMO, Arlei Sander. Senso de jogo. **Esporte e Sociedade** (Online), v. 1, n. 1, p.1-43, nov/fev, 2005b. Disponível em: <<http://www.lazer.eefd.ufrj.br/espsoc/docs/anteriores.html?ed=1>>. Acesso em: 07 nov. 2017.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild; Anpocs, 2007.

DAMO, Arlei Sander. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 139-150, fev. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092008000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 08 abr. 2018.

DIAS, Rafael Damaceno. Lembrança e nostalgia nos desacordos da memória: a cidade de Florianópolis nas últimas décadas do século XX. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon (Online), Ano VIII, n.17, p. 33-38, 2 sem. 2007. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/1615/1304>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

DIVISIONES REGIONALES DE FÚTBOL DE ESPAÑA. **Wikipedia, La enciclopedia libre**. Disponível em: <http://es.wikipedia.org/w/index.php?title=Divisiones_regionales_de_f%C3%BAAtbol_de_Espa%C3%B1a&oldid=80961471>. Acesso em: 15 mar. 2015.

DORO, Bruno; ABRAMVEZT, David. Mercado do futebol de várzea envolve até veterano de Liga dos Campeões. **Do UOL**. São Paulo, 20 fev. 2013. Esportes. Copa Kaiser 2013. Disponível em: <http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-kaiser/ultimas-noticias/2013/02/20/mercado-do-futebol-de-varzea-envolve-ate-veterano-de-liga-dos-campeoes.htm>>. Acesso em 08 abr. 2018

DUARTE, André. Hannah Arendt e o pensamento ‘da’ comunidade: notas para o conceito de comunidades plurais. **O que nos faz pensar**, [S.l.], v.20, n.29, p.21 - 40, mai. 2011. Disponível em: <http://www.oquenofazpensar.fil.puc-rio.br/index.php/oqnf/article/view/326>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

GASTALDO, Édison Luis; LEISTNER, Rodrigo Marques; SILVA, Ronei Teodoro da; MCGINITY, Samuel. FUTEBOL, MÍDIA E SOCIABILIDADE. UMA EXPERIÊNCIA ETNOGRÁFICA. **Cadernos IHU Idéias**, São Leopoldo, n.43, v.3, p.1-26, 2005. Disponível em:

http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ideias/043cadernos_ihuideias.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A Busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1992.

ESTADO DE SANTA CATARINA (Estado). Lei nº 17.477, de 11 de janeiro de 2018. Dispõe sobre a venda e o consumo de cerveja em estádios e arenas desportivas no Estado de Santa Catarina. Florianópolis, SC, 11 jan. 2018.

ESPAÑA. Ministerio de Empleo y Seguridad Social. **Estudio sobre la actividad desarrollada en los clubs y entidades deportivas sin ánimo de lucro**. [Online], 2014. Recuperado de <http://www.iusport.es/documentos/Estudio-CSD-entrenadores-deporte-base.pdf>>. Acesso em: 15 marc. 2015.

FANTIN, Márcia. **Cidade Dividida: dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, 2000.

FÁVERI, Marlene de. “Welcome to Floripa” – A Copa do Mundo na Ilha da Magia: apologia ao turismo sexual. **Revista Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 6, n.13, p.05-38, set./dez. 2014.

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE FUTEBOL. **Estatuto**, Capítulo VI, Art. 71, § 1º. Balneário Camboriú: 2017. 48p.

FENSTERSEIFER, Alex Christiano Barreto. **Produção científica sobre futebol**: uma investigação do estado do conhecimento das dissertações e teses produzidas no Brasil. Tese (Doutorado em Educação Física – Programa Pós-Graduação em Educação Física - Centro de Desportos. 2016. 281p. Florianópolis, SC, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/174889/344710.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 26 abr. 2018.

FREYRE, Gilberto. Football Mulato. **Diário De Pernambuco**, Pernambuco, 17 jul. 1938. Disponível em: <<http://nacaomestica.org/blog4/?p=1782>>. Acesso em: 16 dez. 2011.

GALEANO, Eduardo. **El fútbol a sol y sombra**. 4 Ed. Siglo XXI, 1995.

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rosseto. Ligas Municipais e Copa dos Rios de Seleções: integração do espaço amazonense através da centralidade subterrânea. **RA'E GA: o Espaço Geográfico em Análise** [Online], v. 35, p. 288-313, dez. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/raega/article/view/41634>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

GALLEGO CAMPOS, Fernando Rosseto. Futebol e festejos no espaço de representação do futebol amador amazonense. **GeoTextos** [Online], América do Norte, v.6, n.1, p.141-159, jul. 2010. Disponível em: <<http://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/4309>>. Acesso em: 28 out. 2014

GIGLIO, Sérgio Settani; SPAGGIARI, Enrico. A produção das ciências humanas sobre futebol no Brasil: um panorama (1990-2009). **Revista de História**, São Paulo, n.163, p.293-350, dez. 2010. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/19180>>. Acesso em: 09 apr. 2018.

GIL, Victor. ¿Es viable el fútbol regional en España? Dime dónde vives y te diré cuánto pagas. **Lainformación.com**. [Online], 17 fev. 2015. Disponível em: <<https://www.mejoratuclub.com/blog/la-rebelion-del-futbol-modesto>>. Acesso em: 15 marz. 2015.

GOMES, Lívio Rodrigues. **Entre campos e cantos:** para uma sociologia do futebol amador. 2013. 190 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2013. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-99BFB4/dissertacao_gomes_livio_rodrigues.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 abr. 2018.

GONÇALVES, Alana Mara. **Futebol Amador:** Campo Emergente de Sociabilidade. 2002. 98p. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, 2002. Disponível em: <[http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/103626_Goncalves%20\(M\)%20-%20Futebol%20amador_campo%20emergente%20de%20sociabilidade.pdf](http://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/103626_Goncalves%20(M)%20-%20Futebol%20amador_campo%20emergente%20de%20sociabilidade.pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2018.

GONÇALVES, Michelle Carreirão. **Corpos e subjetivações:** domínio de si e suas representações em atletas e bailarinas. 2007. 124p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0622-D.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

GONÇALVES, Michelle Carreirão. **Esporte e estética:** um estudo com jogadoras de rúgbi. 2014. 225 p. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<http://tede.ufsc.br/teses/PEED1038-T.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

GOOGLE MAPS. **[Mapa de Florianópolis]**. [2017]. GoogleMyMaps. Acesso Privado mediante senha. Disponível em: <<https://www.google.com/maps/d/edit?hl=pt-BR&mid=1i0DBodtPwArnTH4oaU4Qf2pwtEU&ll=-27.54328492660504%2C-48.60063964333267&z=11>>. Acesso em 31 out. 2017.

GUEDES, Simoni Lahud. Subúrbio: celeiro de craques. In: Damatta Roberto (Org.). **Universo do futebol:** esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982. p. 59-74

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Elogio da beleza atlética**. Trad. Fernanda Ravagnani. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte?** 1º ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 3. ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2005.

INÁCIO, Lucas. Paixão move busca pelo título do amador. **Jornal Laboratório Zero**, Curso de Jornalismo da UFSC, Florianópolis, Ano XXI, n.2, nov. 2012. Disponível em: <https://issuu.com/zerojornal/docs/zero_issuu>. Acesso em: 25 mar. 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad Contínua)**. Estatísticas sociais. Atualização de 10 abril de 2018. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2013-agencia-de-noticias/releases/18992-pnad-continua-2016-51-da-populacao-com-25-anos-ou-mais-do-brasil-possuiam- apenas-o-ensino-fundamental-completo.html>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

INVERNIZZI, Lisandra; BORES CALLE, Nicolás; VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Aproximações e dissonâncias entre o futebol não profissional em Florianópolis/Brasil e Aficionado em Palencia/Espanha. **E-Balonmano.Com: Revista De Ciencias Del Deporte [Online]**, n. 11 v.4, p. 25-26, 2015. Disponível em: <<http://www.e-balonmano.com/ojs/index.php/revista/article/view/195>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

INVERNIZZI, Lisandra; VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Futebol não profissional em Florianópolis: notas de trabalho. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 31, n. 1, p. 271-280, dez. 2017. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/141777>>. Acesso em: 08 apr. 2018.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. Várzeas, Operários e Futebol: uma outra Geografia. **GEographia**. Rio de Janeiro, v.4, n.8, p.84-92, 2002. Disponível em:
<<http://www.geographia.uff.br/index.php/geographia/article/view/90>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

JORGE, Thiago Perez. **Em busca do corpo civilizado: o futebol como arte de governar do Colégio Catarinense em Florianópolis (1906 - 1918)**. 2013. 216 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Florianópolis, 2013. Disponível em:<<http://www.tede.udesc.br/handle/handle/2451>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

KLEIN, Lucas Barreto. **Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina**. 2014. 145 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2014 Disponível em:
<<http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED1092-D.pdf>> Acesso em: 08 abr. 2018.

LEMOS, Fernando Henrique Blumentritt de. **Futebol amador de Florianópolis: uma aproximação investigativa**. 2011. 83 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Centro de Desportos, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL (LIFF). **Relatório de atividades 2012**. Florianópolis; 2012. Documento impresso.

LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL (LIFF). **Relatório de atividades 2013**. Florianópolis; 2013. Documento impresso.

LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL (LIFF). **Relatório de atividades 2014**. Florianópolis; 2014. Documento impresso.

LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL (LIFF). Florianópolis: Liga **Florianopolitana de Futebol**. Disponível em:
<<http://www.liff.com.br/>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Tribos urbanas: metáfora ou categoria?. *Cadernos de Campo* (São Paulo, 1991), São Paulo, v. 2, n. 2, p. 48-51, mar. 1992. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/40303>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v.17, n.49, p.11-29, jun. 2002. Disponível em:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000200002&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedaco**: cultura popular e lazer na cidade. 3 ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em Antropologia Urbana. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2012, 349 p.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Circuito**: proposta de delimitação da categoria. **Ponto Urbe** [Online], n.15, p.1-15, 2014. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/2041>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; MORGADO, Naira. Tombamento do Parque do Povo: futebol de várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, v. 24, p.175-184, 1996. n. 24, p. 175-194, 1996. PHAN - Ministério da Cultura. Disponível em:<[http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Futebol de V%20de%20V%20A1rzea tamb%20%20A9m %20%20A9Patrim%20%20B4nio.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/Futebol%20de%20V%20de%20V%20A1rzea%20tamb%20%20A9m%20%20A9Patrim%20%20B4nio.pdf)>. Acesso em: 08 abr. 2018.

MARQUES, Maurício Pimenta; SAMULSKI, Dietmar Martins. Análise da carreira esportiva de jovens atletas de futebol na transição da fase amadora para a fase profissional: escolaridade, iniciação, contexto sócio-familiar e planejamento da carreira. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 23, n. 2, p.103-19, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16714>>. Acesso em: 09 apr. 2018.

MARTINS, Celso. Avante x BAC morno sem gols. **Daqui na Rede**, Esporte. 3 de junho de 2013. Disponível em: <http://daquinarede.com.br/2013/06/avante-x-bac-morno-sem-gols/>. Acesso em: 10 de junho de 2013.

MARTINS, Celso. Clubes desafiam a Liga na Primeirona. **Daqui na Rede**, Esporte. 3 de junho de 2015. Disponível em: <http://daquinarede.com.br/2015/06/clubesdesafiamaliganaprimeirona/>. Acesso em: 08 de junho de 2015.

MARTINS, Mariane Goettert. **Campeonato municipal de futebol de várzea de Porto Alegre**: uma abordagem sócio-histórica (1993- 2014). 2016. 163 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Escola de Educação Física, Programa de Pós-graduação em Ciências do Movimento Humano, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

MWEWA, Muleka. Indústria cultural e educação do corpo no jogo de capoeira: Estudos sobre a presença da capoeira na sociedade administrada. Dissertação (Mestrado em Educação). 2005. Florianópolis: Centro de Ciências da Educação. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005. Disponível em: <http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0503.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2018.

MYSKIW, Mauro; PACHECO, Ariane Correa; STIGGER, Marco Paulo. Aqui é a várzea: reflexões sobre a constituição de um circuito de lazer na/da cidade de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 36, n. 2, supl. p. S711-S724, abr./jun. 2014. Disponível em: <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/article/view/2163/1120>. Acesso em: 08 abr. 2018.

MYSKIW, Mauro. **Nas controvérsias da várzea**: Trajetórias e retratos etnográficos em um circuito de futebol da cidade de Porto Alegre. 2012. Tese (Doutorado em Educação Física) - Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/67002/000869338.pdf?sequence=1>. Acesso em: 08 abr. 2018.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. O futebol “de várzea” é “uma várzea”?! etnografia da organização no circuito municipal de Porto Alegre. Movimento (ESEF/UFRGS), Porto Alegre, p. 445-469, fev. 2014a. ISSN 1982-8918. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/42060>>. Acesso em: 29 Out. 2014.

MYSKIW, Mauro; STIGGER, Marco Paulo. Lazer e identidades: Retratos etnográficos num circuito de futebol. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte1, v. 1, n. 1, p.68-84, jan./abr. 2014b. Disponível em:<<https://seer.ufmg.br/index.php/rbel/article/download/333/231>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

MYSKIW, Mauro. As ‘tradições varzeanas’ nos ‘times de camisa’: Notas etnográficas sobre a circulação de jogadores num circuito de lazer da cidade de Porto Alegre. **Licere**, Belo Horizonte, v. 18, n. 3, p.158-196, set. 2015.

MYSKIW, Mauro; NETO, Flávio Py Mariante; STIGGER, Marco Paulo. Jogando com as violências no esporte de lazer: notas etnográficas sobre o “Guri” e o “Nego véio da várzea”. **Movimento**, Porto Alegre, v. 21, n.4, p. 889-902, out./dez. 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/download/47463/36080>>. Acesso em: 08 abr. 2018

OLIVEIRA, Allan de Paula. Entre a Várzea e o profissional: Sobre um campeonato de futebol amador. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon (Online), v.14, n.29, p. 114-139, 2 sem. 2013.

OLIVEIRA, Allan de Paula; SOUZA, Hélder Cyrelli de; MACHADO, João Castelo Branco. **O futebol da contracapa**. Editora Máquina de Escrever, 2012.

OLIVEIRA, Marcia Maceira de. **O futebol de várzea na produção acadêmica brasileira**: um estudo de temas e questões recorrentes. 2016. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Educação Física, Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/156545>>. Acesso em: 25 out. 2017.

OLIVEIRA, Maycon Cassimiro. **A história do futebol amador do Norte da Ilha.** [s.n]: Florianópolis, 2016.

PASOLINI, Pier Paolo. O gol fatal. Tradução de Maurício Santana Dias. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 6 mar. 2005. **Caderno Mais!**, p. 4-5. Disponível em:<
http://www.italiaoggi.com.br/not01_0305/ital_not20050306a.htm>.
Acesso em: 30 dez. 2011.

PAVAN, Lisandro. **RSSSF Brasil.** Clubes Amadores do Estado de Santa Catarina. [Internet]. 2008 mar 11. [acesso em 13 fev 2015]. Disponível em:<<http://www.rssfbrasil.com/tablesz/scamatteams.htm>>.
Acesso em: 08 abr. 2018.

PEREIRA, Tatiana Rovina Castro Oliveira. **Interação, sentido e visibilidade no futebol de várzea em São Paulo:** sujeitos, comunidades, marcas e uma cidade em jogo. 2012. 236 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em:
<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4440>. Acesso em: 08 abr. 2018.

PIMENTA, Carlos Alberto Maximo. Novos processos de formação de jogadores de futebol e o fenômeno das "escolinhas": uma análise crítica do possível. In: Alabarces P, compilador. **Peligro de Gol.** Estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: Clacso; 2000. p. 75-97. Disponível em:<
<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/gt/20100922012031/3.pdf>>.
Acesso em: 08 abr. 2018.

PIMENTA, Rosângela Duarte. **Desvendando o jogo:** futebol amador e pelada na cidade e no sertão. 2009. 213 f. Tese (Doutorado em Sociologia) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2009. Disponível em:<
https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/9468/1/arquivo4263_1.pdf>.
Acesso em: 08 abr. 2018.

PIMENTA, Rosângela Duarte. A “pelada” e o jogo das regras na cidade e no sertão. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 26. n. 2. p. 313-330. jul/dez, 2011.

PIMENTA, Rosângela Duarte. O jogo no sertão: conhecendo o futebol amador na zona rural. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon (Online), v.14, n.29, p. 90-113, 2 sem. 2013. Disponível em:<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10421/7519>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

RANGEL, Sérgio. Maioria dos jogadores ganha até R\$360. **Folha de São Paulo**, Esporte, 2002 jan 31, p.D4. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/fsp/2002/01/31/67/89271>>. Acesso em: 14 jan. 2012.

RATTON, José Luiz; MORAIS, Jorge Ventura de. Futebol e sociedade no mundo contemporâneo: visões das ciências sociais. **Revista de Ciências Sociais**. Fortaleza, v.42, n.1, p.8-10, jan./jun. 2011. Disponível em:<<http://www.periodicos.ufc.br/revcienso/article/view/442>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

REIS, Leoncio José de Almeida; CAVICHIOLLI, Fernando Renato. A teoria configuracionista e o surgimento do lazer. In: ENCONTRO DA ALESDE, 1, 2008. Paraná. **Anais...** Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná, 2008. Disponível em: <<http://www.redecedes.ufpr.br/Artigos/8.pdf>> Acesso em: 04 mar. 2018.

RIAL, Carmen. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 14, n.30, p. 21-65, jul./dez. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v14n30/a02v1430.pdf>> . Acesso em: 08 abr. 2018.

RIBOLDI, Ari. **Cabeça de bagre**: termos, expressões e gírias do futebol. Porto Alegre: AGE, 2008.

RIGO, Luiz Carlos. Amizade, pertencimento e relações de poder no futebol de bairro. **Pensar a Prática**, [S.l.], v. 10, n. 1, p. 83-98, mar. 2007. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/feff/article/view/194/1363>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

RIGO, Luiz Carlos; JAHNECKA, Luciano; SILVA, Inácio Crochemore da. Notas etnográficas sobre o futebol de várzea. **Movimento**, Porto Alegre, v.16, n.3, p.155-179, jul./set. 2008.

ROCHA, Thiago. Técnico campeão na várzea larga emprego e ganha chance em clube de São Paulo. **iG São Paulo**. Esporte, 20 dez. 2014. Futebol. Disponível em: <<http://esporte.ig.com.br/futebol/2014-12-20/tecnico-campeao-na-varzea-larga-emprego-e-ganha-chance-em-clube-de-sao-paulo.html>>. Acesso em: 04 dez. 2017.

ROCHA, Hugo Paula Almeida da; BARTHOLO, Tiago Lisboa; MELO, Leonardo Bernardes Silva de; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Jovens esportistas: profissionalização no futebol e a formação na escola. **Motriz**, Rio Claro, v.17 n.2, p.252-263, abr./jun. 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1980-65742011000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 24 Mar. 2012.

SABINO, Cesar. Anabolizantes: drogas de Apolo. In M. GOLDENBERG (Org.) **Nu e Vestido**. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. 2a.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p.139-188.

SANTOS, Edmilson Santos dos. A representação dos campos de várzea na cidade: um espaço de memória. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p.101-113, jan./jun. 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/view/9072>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

SANTOS, Marco Antonio da Silva. **Futebol de várzea como espaço de sociabilidade**. 2001. 198 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3982>>. Acesso em: 08 out. 2016.

SCHIFNAGEL, Betty. Caracterização do futebol de várzea como atividade popular de lazer. **Revista do Centro de Estudos Rurais e Urbanos**, São Paulo, n.12, p. 110-133, 1979. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/cerusp/article/view/83151/86187>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

SCARLATO GARCÍA, Inês. **Corpo e tempo livre**: as plazas vecinales de cultura física em MonteVidéu (1911-1915). 2015. 152 p. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2015. Disponível em: <http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED1146-D.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2018.

SCIFONI, Simone. Parque do Povo: um patrimônio do futebol de várzea em São Paulo. **Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material**, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 125-151, dec. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/anaismp/article/view/80843>>. Acesso em: 08 out. 2016.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desastinos. **Revista USP: Dossiê Futebol**, São Paulo, n.22, p.30-37, jun/ago. 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/26956>>. Acesso em: 09 apr. 2018.

SOARES, Antonio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antonio. A invenção do “Futebol-Arte”: as narrativas jornalísticas sobre a seleção de 1970. **Contemporânea**, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 103-119, jun. 2016. Disponível em: <<http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/23162/16523>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de; VAZ, Alexandre Fernandez; BARTHOLO, Tiago Lisboa; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. Dificil reconversão: futebol, projeto e destino em meninos brasileiros. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.14, n.30, p.85-111, dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2018.

SPAGGIARI, Enrico. Ganhar jogo, pagar jogo e ganhar visita: prática futebolística em um bairro rural. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, n.14, n. 30, p.165- 190, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832008000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 09 abr. 2018.

SPAGGIARI, Enrico. **Família joga bola:** constituição de jovens futebolistas na várzea paulistana. 2015. 470f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-01062015-180120/es.php>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

STABELINI, Julio Cesar. **O skate na prática:** etnografia visual, habilidades e affordances em um circuito urbano. 2016. 125 p. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Florianópolis, 2016.

STÉDILE, Miguel Enrique Almeida. **Da fábrica à várzea:** clubes de futebol operário em Porto Alegre. 2011. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/54077?show=full>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

STÉDILE, Miguel Enrique. Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon (Online), v.14, n.29, p. 15-44, 2 sem. 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/espacoplural/article/view/10411/7513>>. Acesso em: 08 abr. 2018.

STIGGER, Marco Paulo. **Educação física, esporte e diversidade.** Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

STIGGER, Marco Paulo. Futebol de veteranos: um estudo etnográfico sobre o esporte no cotidiano urbano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 4, n. 7, p. 52-66, set. 2007.

TURELLI, Fabiana Cristina. **Corpo, domínio de si, educação:** sobre a pedagogia das lutas corporais. Florianópolis, 2008. 117 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Florianópolis, 2008. Disponível em: <<http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0695-D.pdf>>. Acesso em: 09 abr.

VAZ, Alexandre Fernandez; BOMBASSARO Ticiane. Esporte, cidade e modernidade: Florianópolis. In: MELO, Victor Andrade de. **Os Sports e as cidades Brasileiras na transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri; 2010. p. 193-212

VAZ, Alexandre Fernandez; DALLABRIDA, Norberto (Org). **O Futebol em Santa Catarina: Histórias de clubes (1910-2014)**. Florianópolis: Insular, 2014.

VEIGA, Eliane Veras da. **Florianópolis: memória urbana**. 3rd ed. Florianópolis: Fundação Cultural Franklin Cascaes; 2010.

WIGGERS, Raquel. Sou daqui da Caieira da Barra do Sul: parentesco, família, casa e pertença em uma localidade do Sul do Brasil. 2006. 191p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, 2006. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/280025/1/Wiggers_Raquel_D.pdf. Acesso em: 14 abr. 2018.

WIGGERS, Raquel. Casa, família e pertencimento: a construção da pessoa em uma localidade no sul do Brasil. **Temáticas**, Campinas, n.21, 42, p.151-172, ago./dez. 2013. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/tematicas/article/view/2187/1593>. Acesso em: 08 abr. 2018.

WINKIN, Yves. Descer ao campo. In: WINKIN, Yves; SAMAIN, Etienne (org.). **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. São Paulo: Papirus, 1998.p.129-155.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ZANCA Gabrielli. A prática do remo em Florianópolis: retratos de uma sociedade em busca da modernidade no início do século XX. **Revista Santa Catarina em História**, Florianópolis, v.1, n.1, p.30-38, 2008.

ENTREVISTAS

LIFF, Dirigente. **Entrevista 1.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 3 mai. 2013. 54 min. [Não gravada].

GN, Dirigente. **Entrevista 2.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 30 jul. 2014. 30 minutos.

RP, Comissão Técnica. **Entrevista 3.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 8 ago. 2014. 25 minutos.

DA, Atleta. **Entrevista 4.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 9 ago. 2014. 22 minutos.

MA, Atleta. **Entrevista 5.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 9 ago. 2014. 12 minutos.

RTD, Comissão Técnica. **Entrevista 6.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 9 ago. 2014. 98 minutos.

FB, Atleta. **Entrevista 7.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 11 ago. 2014. 26 minutos.

EDB, Dirigente. **Entrevista 8.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 11 ago. 2014. 95 minutos.

MB, Atleta. **Entrevista 9.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 15 ago. 2014. 55 minutos.

IVT, Dirigente. **Entrevista 10.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 15 ago. 2014. 95 minutos.

GA, Comissão Técnica. **Entrevista 11.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 16 ago. 2014. 47 minutos.

EB, Atleta. **Entrevista 12.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 18 ago. 2014. 27 minutos.

JF, Atleta. **Entrevista 13.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 19 ago. 2014. 37 minutos.

VA, Árbitro. **Entrevista 14.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 22 ago. 2014. 49 minutos.

GV, Atleta. **Entrevista 15.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 22 ago. 2014. 42 minutos.

LIFF, Dirigente. **Entrevista 16.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Florianópolis, 28 mar. 2016. 24 min.

PAES, Delegado Espanhol. **Entrevista 17.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Palencia/Espanha, 10 mar. 2015. 54min.

CHES, Atleta Espanhol 1. **Entrevista 18.** Entrevista concedida a Lisandra Invernizzi. Aguilar de Campoo /Espanha, 30 jun. 2015. 33min.



APÊNDICE A - Questionários

NÚCLEO
DE ESTUDOS E PESQUISA EM EDUCAÇÃO
E CIÊNCIAS DO ESPORTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA – TRINDADE
CEP 88040-970 - FLORIANÓPOLIS / SC - TELEFONE +55 (48) 3721 2251 - FAX +55 (48) 3721-8638

TESE: PARTICULARIDADE E UNIVERSALIDADE: SOCIABILIDADES, TRÂNSITOS E PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO
NO FUTEBOL *NÃO* PROFISSIONAL EM FLORIANÓPOLIS

QUESTIONÁRIO ATLETAS

PREENCHIDO POR		
Atleta		79
Pesquisador		40
Total Geral		119
COMPLETO		
Sim (100%)		86
Não (90%) – não significativo para as análises		33
Total Geral		119
Atletas por clube – Doze integrantes da Primeira Divisão		
Avante	15	Florianópolis 7
Bandeirante	18	Grêmio Cachoeira 11
Bangu	7	Náutico 10
Botafogo	6	Ponta das Canas 8
Campinas	14	River 10
Cruz de Malta	6	VT Canto 7
Total Geral		119
Posição		
Atacante		22
Goleiro		9
Laterais		16
Volante		25
Meio campo (meia atacante)		31
Volante/meia/lateral		3
Zagueiro		13
Total Geral		119
Joga no time do bairro		
Sim	62	52,11%
Não	57	47,89%
Total Geral		119
IDADE		
Média		27 anos
Mediana		25 anos
Moda		23 anos
Região de residência		
Norte	28	23,53%
Sul	45	37,82%
Leste	10	8,40%
Centro	20	16,81%
Continente	7	5,88%
Fora do município	9	7,56%
Total Geral		119

Em relação à cor de sua pele (IBGE), como você se CONSIDERA?		
Amarela	1	0,84%
Branco	75	63,03%
Mulato/Pardo	17	14,29%
Não deseje declarar	3	2,52%
Negro	23	19,33%
Total Geral	119	
VOCÊ ESTUDA ATUALMENTE?		
Sim	28	23,53%
Não	91	76,47%
Total Geral	119	
QUAL SÉRIE/ANO VOCÊ FREQUENTA NO MOMENTO OU EM QUAL ENCERROU SEUS ESTUDOS?		
ESCOLARIZAÇÃO CONCLUÍDA		
<i>Faculdade (Ensino Superior)</i>	12	10,08%
<i>2 Grau (1 A 3 ano do Ensino Médio)</i>	58	48,74%
<i>Ginásio (6 A 9 ano)</i>	1	0,84%
ESTUDANTE		
<i>Ensino Médio</i>	2	1,68%
<i>Ensino Superior</i>	16	13,45%
INTERRUPÇÃO - ATUALMENTE NÃO ESTUDA		
<i>Ginásio: 5 a 8 série</i>	4	3,36%
<i>Ensino Médio</i>	13	10,92%
<i>Ensino Superior</i>	6	5,04%
Não responderam	7	5,88%
Total Geral	119	
Qual seu estado civil?		
Casado	24	20,17%
Separado	1	0,84%
Solteiro	77	64,71%
União Estável	13	10,92%
Viúvo	1	0,84%
Não respondeu	3	2,52%
Total Geral	119	
Filhos		
1 filho	26	21,85%
2 filhos	8	6,72%
3 filhos	1	0,84%
Não respondeu	14	11,77%
Não tenho filhos	70	58,82%
Total Geral	119	
Qual sua religião ou culto?		
Ateu	6	5,04%
Batista	1	0,84%
Candomblé	1	0,84%
Católica	83	69,75%
Cristã	3	2,52%
Espírita	2	1,68%
Evangélica	5	4,20%
Não respondeu	18	15,13%
Total Geral	119	

Qual a vinculação do seu trabalho com o futebol?		
Nenhuma	107	89,92%
Estudante de Educação Física	2	1,68%
Atleta de Futebol (atleta que vai se profissionalizar)	1	0,84%
Trabalho vinculado ao ensino de futebol (<i>coordenador de projeto, preparador físico, instrutor, professor</i>)	8	6,72%
Empresa em que trabalha patrocina o clube que joga	1	0,84%
Total Geral	119	

Ocupação Profissional		
Não responderam	4	3,36%
Advogado	1	0,84%
Arquivista	1	0,84%
Atleta	2	1,68%
Autônomo	4	3,36%
Médico	1	0,84%
Desempregado	4	3,36%
Estudante	9	7,56%
Vigilantes e guardas de segurança	8	6,72%
Trabalhadores na construção e manutenção civil	9	7,56%
<i>Instalador de piso laminado (1), Empreiteiro (1), Encanador (1), Pedreiro (1), Alpinista Industrial (1), Eletricista (2), Marceneiro (1), Marmorista (1)</i>		
Trabalhadores na indústria e prestação de serviços em geral	21	17,65%
<i>Floricultura (1), Auxiliar de montagem (1), Auxiliar de portaria (1), Auxiliar Depósito (1), Auxiliar Operacional (2), Auxiliar A.R. (1), Auxiliar de Cozinha (1), Impressor Gráfico (1), Jardineiro (1), Manipulador de Alimentos (1), Montador (2), Pintor de automóveis (1), Técnico Refrigeração (1), Serviços gerais (4), Barman (2)</i>		
Transportes	9	7,56%
<i>Motoboy (1), Motorista (2), Cobrador de transporte coletivo (2), Manobrista (3), Taxista (1),</i>		
Especialistas em promoção de produtos e vendas	9	7,56%
<i>Publicitário (1), Setor de Compras (1), Promotor de Vendas (3), Vendedor (3), Correspondente Farmacêutico (1)</i>		
Agentes, assistentes e auxiliares administrativos	10	8,40%
<i>Assistente Financeiro (1), Auxiliar administrativo (1), Auxiliar de escritório (1), Assessor Parlamentar (2), Técnico Contábil (2), Técnico em transações imobiliárias (1), Servidor Público (1), Agente dos Correios (1)</i>		
Gerentes	7	5,88%
<i>Processos gerenciais (1), Gerente – PMF (1), Gerente Adm. Financeiro (2), Gerente de loja (2), Gerente RH (1),</i>		
Segurança Pública	3	2,52%
<i>Bombeiro civil (1), Policial Militar (1), Soldado de 1 Classe – Aeronáutica (1)</i>		
Empresário	6	5,04%
<i>Comerciante (1), Empresário (4), Microempresário (1)</i>		
Área de Telecomunicações	5	4,20%
<i>Operador Telemarketing (1), Supervisor Operacional (1), Suporte Técnico (Informática) (1), Técnico de Telecomunicações (1), Técnico NET (1)</i>		
Professor e educador	6	5,04%
<i>Preparador Físico (1), Professor de escolinha futsal (1), Professor de Educação Física (3), Educador Social (1)</i>		
Total Geral	119	

Quanto tempo POR SEMANA em horas você se dedica:		
TRABALHO		
Até 20 horas	7	5,88%
Até 30 horas	8	6,72%
Até 40 horas	37	31,09%
Até 44 horas	22	18,49%
Mais de 44 horas	18	15,13%
Desempregado	4	3,36%
Estudante	9	7,56%
Não respondeu	14	11,76
ESTUDO		
Até 2 horas	2	1,68%
Até 4 horas	2	1,68%
Até 6 horas	3	2,52%
Até 8 horas	1	0,84%
Até 10 horas	2	1,68%
Até 12 horas	2	1,68%
Até 20 horas	10	8,40%
Mais de 20 horas	4	3,36%
Não responderam (Estudantes)	5	4,20%
ZERO	88	73,95%
FUTEBOL		
2 horas	22	18,49%
3 horas	18	15,13%
4 horas	32	26,89%
5 horas	19	15,97%
6 horas	13	10,92%
7 horas	2	1,68%
8 horas	5	4,20%
9 horas	1	0,84%
10 horas	6	5,04%
12 horas	1	0,84%
Qual a sua renda mensal, aproximadamente?		
Até 1 salário mínimo (até R\$ 724,00)	9	7,56%
De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 724,01 até R\$ 2.172,00)	73	61,34%
De 3 a 6 salários mínimos (de R\$ 2.172,01 até R\$ 4.344,00)	16	13,45%
De 6 a 9 salários mínimos (de R\$ 4.344,01 até R\$ 6.516,00)	6	5,04%
Nenhuma renda	7	5,88%
Prefiro não responder	8	6,72%
Total Geral		119

TRAJETÓRIA NO FUTEBOL

COM QUE IDADE COMEÇOU A JOGAR FUTEBOL?	
Média	9,38 anos
Mediana	8,5 anos
Moda	7 anos
Total Geral	119

Jogou em alguma categoria de base? (Clubes profissionais e escolinhas de Futebol ou Futsal)	
Sim	85 71,43%
<i>Infantil - antes dos 12 anos (57), Sub-15 - até 15 anos (18), Sub-17 - até 17 anos (10)</i>	
Não	34 28,67%
Total Geral	119

Iniciação Esportiva – 85 atletas que jogaram em categorias de base	
Clubes não profissionais da cidade de Florianópolis	28 32,94%
Clubes profissionais da cidade de Florianópolis ou Estado de SC: <i>Avai (22), Figueirense (13), Guarani de Palhoça (2), Atlético Imbituba (1), Criciúma (1), Caçador Atlético Clube (1)</i>	40 47,06%
Clubes não profissionais de outras Cidades/Estados	5 5,88%
Clubes Profissionais de outras Cidades/Estados	12 14,12%
Total	85

Dos 85 atletas que jogaram em categorias de base:	
Atuaram em pelo menos uma categoria de Clubes não profissionais da cidade de Florianópolis	34 40,0%
Atuaram em Clubes profissionais da cidade de Florianópolis ou Estado de SC e NÃO atuaram em clubes não profissionais	43 50,59%
Clubes Profissionais de outras Cidades/Estados	8 9,41%
Total	85

Teve experiência no futebol profissional?	
Não	99 83,19%
Sim	18 15,13%
Experiência no Futsal (Clube profissional)	1 0,84%
Vai se profissionalizar	1 0,84%
Total Geral	119

EM QUANTOS CLUBES PROFISSIONAIS você já jogou? (Categoria adulto -19 sujeitos que tiveram experiência)	
1 Clube	4
2 Clubes	5
3 Clubes	2
4 Clubes	4
6 Clubes	2
7 Clubes	1
8 Clubes	1
Total Geral	119

QUANTO TEMPO JOGOU NO FUTEBOL PROFISSIONAL? (Categoria adulto - 19 experiência)			
1 Ano/Temporada	4	6 Anos/Temporadas	2
2 Anos/Temporadas	2	7 Anos/Temporadas	1
3 Anos/Temporadas	1	8 Anos/Temporadas	1
4 Anos/Temporadas	3	9 Anos/Temporadas	1
5 Anos/Temporadas	2	Mais de 10 Anos/Temporadas	2
Total			19

Atuação em Clubes profissionais		
Apenas Clubes Profissionais do Estado de Santa Catarina	8	42,11%
Apenas Clubes Profissionais de outros Estados	2	10,53%
Clubes Profissionais do Estado de Santa Catarina e de outros estados	7	36,84%
Clubes Profissionais do Estado de Santa Catarina, outros estados e no exterior	2	10,53%
Total	19	

SE NÃO TEVE EXPERIÊNCIA NO FUTEBOL PROFISSIONAL, quais foram os motivos?		
Número de citações (em alguns casos cada atleta assinalou mais de um motivo)		
Baixa estatura	2	1,39%
Comecei a trabalhar para ajudar na renda familiar	18	12,50%
Falta de empresário	26	18,06%
Dificuldade em conciliar com estudos	11	7,64%
Fui dispensado nas categorias de base (juvenil, júnior)	27	18,75%
Falta de Clubes profissionais próximos de casa (apenas em outras cidades)	10	6,94%
Experiência no Futsal	1	0,69%
Machucou e o clube não quis contratar, estava na categoria de base	1	0,69%
NÃO RESPONDERAM	17	11,81%
Não tive incentivo familiar	14	9,72%
O clube era longe da família e tive dificuldade de adaptação	4	2,8%
Não tive oportunidade	1	0,69%
Nunca tive a intenção de ser um jogador de futebol profissional	10	6,94%
Tive oportunidade de ir para SP e RJ mas era novo e minha mãe não deixou.	1	0,69%
Vai se profissionalizar	1	0,69%

Se teve no futebol profissional, em que CLUBES PROFISSIONAIS você já jogou? (Categoria adulto)			
Guarani de Palhoça (SC)	11	Mogi Mirim (SP)	1
Figueirense (SC)	5	Operário Paraná (PR)	1
Fluminense de Feira de Santana (BA)	2	Operário Várzea Grande (MT)	1
Avai (SC)	3	Pato Branco (PR)	1
Guarani de Garibaldi (RS)	2	Próspera (SC)	1
14 de julho (RS)	1	Real de Blumenau (SC)	1
Arouca (Portugal)	1	Remo (Belém do Pará)	1
Associação Tupy de Esportes (GO)	1	Rio Grandense (RS)	1
Atlético Paranaense - Futsal (PR)	1	São Domingos (Macció - AL)	1
Atlético Monte Azul (SP)	1	Tijucas (SC)	1
Atlético Tubarão (SC)	1	Tubarão (SC)	1
Bagé (RS)	1	União São João (Araras - SP)	1
Camboriense (SC)	1	XV Piracicaba (SP)	1
Camboriú (SC)	1	Angra dos Reis (RJ)	1
Criciúma (SC)	1	Brusque (SC)	1
Esportivo de Bento Gonçalves (RS)	1	J. Maluceli (PR)	1
Estudiantes Santander (México)	1	Ipiranga da Bahia (BA)	1
Florianópolis Futsal (SC)	1	Iraty (PR)	1
Francana (SP)	1	Itumbiara Esporte Clube (GO)	1
Goiatuba (GO)	1	Joaçaba (SC)	1
Grêmio Esportivo Anápolis (GO)	1	Juventus Jaraguá (SC)	1
Grêmio Santanense (RS)	1	Marcílio Dias (SC)	1
Guarani (São Paulo)	1	Matsubara PR	1
Guaratinguetá (SP)	1	Inter de Limeira (SP)	1

EM QUANTOS CLUBES AMADORES você já jogou? (Categoria adulto)		
Média		3,05042
Mediana		3
Moda		1
Há quanto tempo joga no FUTEBOL AMADOR? (Anos/Temporadas)		
Média		5,25
Mediana		5
Moda		7
6 meses	1	0,84%
1 Ano/Temporada	13	10,92%
2 Anos/Temporadas	9	7,56%
3 Anos/Temporadas	11	9,24%
4 Anos/Temporadas	15	12,61%
5 Anos/Temporadas	15	12,61%
6 Anos/Temporadas	12	10,08%
7 Anos/Temporadas	23	19,33%
8 Anos/Temporadas	7	5,88%
9 Anos/Temporadas	2	1,68%
10 Anos/Temporadas	4	3,36%
11 Anos/Temporadas	6	5,04%
16 Anos/Temporadas	1	0,84%
Total Geral		119

Há quanto tempo joga no CLUBE AMADOR ATUAL?		
	Meses	Anos
Média	35,64705882	3
Mediana	24	2
Moda	12	1

Por que você joga atualmente neste Clube?			
	Número de citações (em alguns casos cada atleta assinalou mais de um motivo) - Percentual de importância entre o total de citações		Importância de cada motivo em relação aos sujeitos – Percentual de importância entre os sujeitos
Amizade com diretores, comissão técnica ou outros jogadores	90	40,00%	75,63%
Time do bairro em que moro	55	24,44%	46,22%
Considero o melhor time da cidade	24	10,67%	20,17%
Foi o clube que primeiro fez contato	23	10,22%	19,33%
Apoio financeiro oferecido pelo clube	20	8,89%	16,81%
O Clube oferece outros benefícios (chuteira, plano de saúde, etc.)	11	4,89%	9,24%
Outros motivos (Fundador do Clube, treinador)	2	0,89%	1,68%

Treinamento Físico, Técnico/Tático – 12 Clubes		
Não	9	75,00%
Sim, mas apenas eventualmente	2	16,67%
Sim	1	8,33%
Total		12

Além do Clube atual, joga em algum outro time?		
Futebol Sete	76	63,87%
Não joga	17	14,29%
Não respondeu	8	6,72%
Futebol Sete, Futebol de Salão	6	5,04%
Futebol Sete, Futebol de Areia	4	3,36%
Futebol Sete, Futebol de Campo	3	2,52%
Futebol de Areia	2	1,68%
Futebol de Campo	1	0,84%
Futebol de Salão	1	0,84%
Futebol Sete, Futebol de Salão, Futebol de Areia	1	0,84%
Total Geral	119	

Disputa competições por outro time?		
NÃO	62	52,10%
Sim, Futebol Sete	43	36,13%
NÃO RESPONDEU	8	6,72%
Sim, Futebol de Areia	3	2,52%
Sim, Futebol de Salão	2	1,68%
Sim, Futebol de Campo	1	0,84%
Total Geral	119	

Pratica algum outro esporte ou atividade física além do futebol?		
Sim	86	72,27%
Não	33	27,73%
Total Geral	119	
Dos 85 praticantes:		
Corrida	19	22,09%
Corrida, Andar de Bicicleta	3	3,49%
Corrida, Andar de Bicicleta, outros esportes ou atividades físicas	1	1,16%
Corrida, outros esportes ou atividades físicas	1	1,16%
Lutas	2	2,33%
Musculação/Academia	32	37,21%
Musculação/Academia, Corrida	8	9,30%
Musculação/Academia, Corrida, Andar de Bicicleta	4	4,65%
Musculação/Academia, Corrida, Andar de Bicicleta, Natação	1	1,16%
Musculação/Academia, Corrida, Andar de Bicicleta, Voleibol	1	1,16%
Musculação/Academia, Corrida, Lutas	1	1,16%
Musculação/Academia, Corrida, Natação, Voleibol	1	1,16%
Musculação/Academia, outros esportes ou atividades físicas	1	1,16%
Outros esportes ou atividades físicas	9	10,47%
Voleibol	2	2,33%
Total	86	

Em média, quantas vezes joga futebol por semana?		
Uma vez por semana	19	15,97%
Duas vezes por semana	32	26,89%
Três vezes por semana	42	35,29%
Quatro vezes por semana	19	15,97%
Cinco vezes por semana	5	4,20%
Seis vezes por semana	2	1,68%
Média, mediana, moda – 3 vezes por semana		

Você gostaria de jogar futebol mais vezes?		
Sim	75	63,03%
Não	44	36,97%
Total Geral	119	

Se sim, por qual motivo não joga?		
Falta de tempo	43	57,33%
Falta de tempo, Horários dos jogos incompatíveis com minha disponibilidade	8	10,67%
Horários dos jogos incompatíveis com minha disponibilidade	5	6,67%
Organização Familiar (cuidar de filhos, passar mais tempo com família)	5	6,67%
Distância – os jogos são longe de casa	4	5,33%
Falta de tempo, Organização Familiar (cuidar de filhos, passar mais tempo com família)	4	5,33%
Não respondeu	4	5,33%
Falta de tempo, Distância – os jogos são longe de casa, Horários dos jogos incompatíveis com minha disponibilidade	1	1,33%
Organização Familiar (cuidar de filhos, passar mais tempo com família), Horários dos jogos incompatíveis com minha disponibilidade	1	1,33%
Total	Total	75

Número de citações (em alguns casos cada atleta assinalou mais de um motivo) - Percentual de importância dos motivos entre o total das 90 citações

Falta de tempo	56	62,22%
Horários dos jogos incompatíveis com minha disponibilidade	15	16,67%
Organização Familiar (cuidar de filhos, passar mais tempo com família)	10	11,11%
Distância – os jogos são longe de casa	5	5,56%
Não respondeu	4	4,44%

Tem lucros ou gastos econômicos com futebol amador?		
NÃO	48	40,34%
Sim, gasto	35	29,41%
Sim, lucro	30	25,21%
Não respondeu	6	5,04%
Total Geral	119	

Quais os benefícios oferecidos pelo clube? (Considerar também materiais emprestados)		
Material Esportivo (Chuteira, caneleira)	32	26,89%
Não respondeu	28	23,53%
Material Esportivo (Chuteira, caneleira), Fisioterapia	13	10,92%
Nenhum benefício material	12	10,08%
Fisioterapia	11	9,24%
Outros materiais esportivos	6	5,04%
Material Esportivo (Chuteira, caneleira), Toalha de banho nos dias de jogos	4	3,36%
Toalha de banho nos dias de jogos	3	2,52%
Comida e bebida após o jogo	3	2,52%
Academia	2	1,68%
Ajuda de custo (Dinheiro)	3	2,52%
Material esportivo (Chuteira, Caneleira), Fisioterapia, Toalha de banho nos dias de jogos	2	1,68%
Total Geral	119	

Você recebe algum benefício financeiro do clube? Se sim, é por jogo, mensal?		
Não	76	63,87%
Não respondeu	6	5,04%
Sim, mensal.	3	2,52%
Sim, por jogo.	34	28,57%

Total Geral **119**

Observação: 83 atletas informaram não ter lucro, apenas 3 declararam receber apoio financeiro, entretanto, 37 alegaram receber benefício mensal ou por jogo.

Se o clube parar de oferecer os benefícios, você:		
Continua no Clube	12	32,43%
Não respondeu	13	35,14%
Procura outro clube que ofereça melhores benefícios	12	32,43%

Declararam receber benefício financeiro: **37**

Se não jogasse no Clube atual, em qual dos clubes da primeira divisão você gostaria de jogar?		
NÃO RESPONDEU	30	25,21%
ATLETA RESPONDEU O TIME QUE JOGA	17	14,29%
Grêmio Cachoeira	17	14,29%
Avante	13	10,92%
Bandeirante	6	5,04%
Bangu	7	5,88%
Botafogo	1	0,84%
Campinas	9	7,56%
Cruz de Malta	8	6,72%
Florianópolis	1	0,84%
Náutico	4	3,36%
Ponta das Canas	2	1,68%
VT Canto	4	3,36%

Total Geral **119**

Observação: Avante e Grêmio Cachoeira são os clubes de maior prestígio entre os atletas. Os 11 atletas do Grêmio não responderam, já os 15 atletas do avante, 7 responderam o próprio clube, 7 outros clubes e 1 não respondeu. Exceto os 26 atletas de Grêmio Cachoeira e Avante, dentre os 93 atletas dos outros 10 clubes, 27 alegaram desejar jogar no Grêmio Cachoeira ou Avante.

Nos jogos realizados em outros bairros, o clube fornece deslocamento ou auxílio?		
Não	49	41,18%
Sim, oferece transporte	47	39,50%
Sim, em dinheiro	23	19,33%

Total Geral **119**

Como você costuma ir para os jogos?		
Carro	74	62,18%
Carona com outros jogadores	31	26,05%
Moto	7	5,88%
A pé	4	3,36%
Ônibus	2	1,68%
Barco e ônibus	1	0,84%

Total Geral **119**

Quando se machuca, quem paga as despesas médicas e/ou de fisioterapia?		
Recursos próprios	56	47,06%
Clube	39	32,77%
Nunca me machuquei	24	20,17%

Total Geral **119**

Durante o tratamento você acompanha o clube e jogos?		
Às vezes	42	35,29%
Frequentemente	42	35,29%
Nunca me machuquei	24	20,17%
Nunca	7	5,88%
Raramente	4	3,36%
Total Geral	119	
Sua família costuma assistir aos jogos?		
Às vezes	55	46,22%
Raramente	27	22,69%
Frequentemente	19	15,97%
Nunca	16	13,45%
Não respondeu	2	1,68%
Total Geral	119	
Você possui familiares que jogam ou atuam no futebol amador?		
Não	79	66,39%
Sim, familiares que jogam	35	29,41%
Sim, familiares que jogam / Familiares são diretores	4	3,36%
Familiares que jogam Profissional	1	0,84%
Total Geral	119	
Há outras atividades sociais realizadas pelo clube além dos jogos?		
Confraternizações (Almoços, Jantares)	63	52,94%
Não	56	47,06%
Total Geral	119	
Nos dias de jogos de campeonatos há:		
Concentração	1	0,84
Confraternização após o jogo	7	5,88
Conversa com diretores e comissão técnica após o jogo	1	0,84
Conversa com diretores e comissão técnica após o jogo; Confraternização após o jogo	13	10,92
NÃO RESPONDEU	4	3,36
Palestra antes do jogo, Confraternização; Conversa com diretores e comissão técnica após o jogo	93	78,15%
Total Geral	119	
Você tem contato com os jogadores do clube fora do ambiente de futebol?		
Sim (Vizinhos, trabalho, Rede social, confraternizações)	113	94,96%
Não	6	5,04%
Total Geral	119	
Considerando a importância do futebol na sua vida:		
O jogo é importante, mas tudo bem se não tiver	27	22,69%
O jogo é muito importante e fico chateado caso não tenha	89	74,79%
Tanto faz se haverá ou não jogo	3	2,52%
Total Geral	119	
Já faltou trabalho para jogar futebol e com que frequência?		
Às vezes	27	22,69%
Frequentemente	3	2,52%
Não respondeu	5	4,20%
Nunca	59	49,58%
Raramente	25	21,01%
Total Geral	119	

Já deixou de fazer alguma destas atividades para jogar futebol?		
Atividades sociais com amigos (churrasco, etc)	24	20,17%
Atividades sociais com amigos (churrasco, etc, Compromissos familiares)	16	13,45%
Atividades sociais com amigos (churrasco, etc, Viagens, Compromissos familiares)	31	26,05%
Compromissos familiares	27	22,69%
NÃO RESPONDEU	6	5,04%
Nunca deixei de fazer nada	1	0,84%
Viagens	14	11,76%
Total Geral	119	

Você costuma acompanhar as notícias sobre futebol amador na mídia?		
Sim	109	91,60%
Não	10	8,40%
Total Geral	119	

Assinale a frequência em que você realiza as seguintes atividades em seu tempo livre?	Com frequência	Às vezes	Nunca ou quase nunca	Não respondeu
Usa o computador (Facebook, redes sociais, websites, e-mail etc.)	64,71% (77)	25,21% (30)	5,88% (7)	4,20% (5)
Vai ao cinema	5,88% (7)	52,10% (62)	36,13% (43)	5,88% (7)
Assiste TV (canais abertos – Globo, SBT, Record, Band etc)	63,03% (75)	17,65% (21)	12,61% (8)	6,72% (8)
Assiste TV (canais fechados operadoras – NET, SKY, OI TV, etc)	57,98% (69)	23,53% (28)	13,45% (16)	5,04% (6)
Pratica esporte fora do clube	69,75% (83)	19,33% (23)	6,72% (8)	4,20% (5)
Assiste outros jogos de times amadores	19,33% (23)	33,61% (40)	31,09% (37)	15,97% (19)
Sai à noite (Bares, restaurantes, festas)	33,61% (40)	42,83% (51)	18,49% (22)	5,04% (6)
Lê jornais e revistas	40,34% (48)	37,82% (45)	15,13% (18)	6,72% (8)
Lê livros para estudos	13,45% (16)	31,09% (37)	47,90% (57)	7,56% (9)
Lê livros por lazer	5,04% (6)	36,13% (43)	51,26% (61)	7,56% (9)
Lê livros religiosos e/ou de autoajuda	4,20% (5)	16,81% (20)	71,43% (85)	7,56% (9)
Vai à igreja ou alguma reunião religiosa	9,24% (11)	36,97% (44)	47,90% (57)	5,88% (7)
Frequenta teatro	3,36% (4)	10,92% (13)	78,15% (93)	7,56% (9)
Frequenta espetáculos e festivais de dança	4,20% (5)	12,61% (15)	75,63% (90)	7,56% (9)

APÊNDICE B - Entrevistas



TESE: PARTICULARIDADE E UNIVERSALIDADE: SOCIABILIDADES,
TRÂNSITOS E PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO NO FUTEBOL *NÃO*
PROFISSIONAL EM FLORIANÓPOLIS

NÚCLEO
DE ESTUDO E PESQUISA ORIENTADO
E SUSTENTADO EM COOPERATIVISMO

ROTEIRO ENTREVISTA - ATLETAS

IDENTIFICAÇÃO: Nome, idade, profissão, clube, escolaridade

Trajatória no futebol não profissional/amador

- 1) Como ocorreu a sua inserção no futebol? (rua, escola, escolinha, clube)
- 2) Em quantos clubes amadores você já jogou?
- 3) Quais os motivos de transferência de clube? (Ex: Mudança de comunidade?)
- 4) Como foi feita a transferência de clube? Alguém ajudou na transferência?
- 5) Como era a estrutura dos clubes? O que eles ofereciam e qual deles era melhor?
- 6) O time que joga atualmente é do bairro onde mora? (caso negativo – por que não joga no time do bairro?)
- 7) Por que você joga neste time?

Futebol profissional

- 8) Já teve experiência no futebol não profissional? Se sim, fale um pouco sobre as principais dificuldades em permanecer em Clube profissional e por que reverteu para categoria amadora.
- 9) Você identifica alguma influência do futebol profissional no amador?
- 10) Quais as diferenças entre o profissional e amador?

Sobre Clube atual

- 11) Descreva sua rotina em dia de jogo: concentração? Palestra antes? E depois? Encontro com os outros jogadores (cerveja...)?
- 12) Como é a relação com a comissão técnica?
- 13) Como avalia a relação do Clube com a comunidade?
- 14) Tem público nos jogos? Para você, quem assiste aos jogos?
- 15) Como é a relação com a imprensa?
- 16) **(Para os que já foram profissionais).** Como é a relação com outros jogadores que não foram profissionais? É mais respeitado? Tem algum privilégio?
- 17) **(Para não profissionais).** Qual é a relação com os jogadores que já foram profissionais, você identifica diferença de tratamento? Acha que eles têm privilégios?

Sentidos do futebol não profissional (lazer/trabalho)

- 18) Quais os motivos que levam você a jogar futebol em clube que disputa campeonato organizado pela Liga?
- 19) O que te faz ir a campo nos dias de jogos?
- 20) Como seria é o seu final de semana sem os jogos de futebol?
- 21) Os jogos representam momentos/opportunidades de lazer ou de trabalho para você?
- 22) Na comunidade, você é reconhecido por ser atleta do clube?
- 23) O futebol mexe com as suas atividades do dia-a-dia?
- 24) Você deixa de fazer algo para treinar e disputar competições?
- 25) Como você observa a relação do futebol com os acontecimentos/dinâmicas da comunidade onde ele acontece?
- 26) O clube costuma fazer eventos sociais de confraternização entre comissão técnica, atletas, dirigentes e torcida/comunidade? Você participa delas? Considera-os importante? Por quê?
- 27) Você tem contato com os jogadores fora do ambiente de futebol? Quais? (Trabalho, festas, churrascos, passeios, vizinho)
- 28) Você tem amizade com jogadores do time?
- 29) Se relaciona com jogadores dos outros times?
- 30) Já se desentendeu com outros jogadores (brigas) jogando futebol? Qual o motivo?

- 31) Já se desentendeu com alguém da família por causa do futebol? Por quê?
- 32) Qual é a importância do futebol na sua vida?
- 33) Na sua opinião, o futebol não profissional em Florianópolis é importante? Por quê?

ROTEIRO ENTREVISTA - ÁRBITRO

IDENTIFICAÇÃO: Nome, idade, profissão, escolaridade, residência.

Trajatória no futebol não profissional/amador.

- 1) Qual sua trajetória na arbitragem?
- 2) Além da LIFF atua em alguma outra Liga ou campeonatos?
- 3) Desde quando atua na LIFF?
- 4) Atua ou já atuou em partidas profissionais?
- 5) Você identifica alguma influência do futebol profissional no amador?
- 6) Há diferença em apitar jogos do campeonato profissional e amador? Quais?
- 7) Quais categorias você apita?
- 8) Quantos jogos semanais você apita? (Amador, profissional, escolar etc.)
- 9) Qual sua formação para atuar na equipe de arbitragem? Como e quando foi o curso? O que aprendeu de mais significativo?
- 10) Realiza cursos de aperfeiçoamento?
- 11) Como começou a participar do futebol não profissional em Florianópolis?
- 12) Já atuou em algum clube de futebol como atleta ou dirigente?

Relação em Liga e outros clubes

- 13) Como é sua relação com a Liga?
- 14) Como é sua relação com os clubes, atletas e comissão técnica?
- 15) Como é sua relação com outros árbitros e auxiliares?
- 16) Qual sua opinião sobre a organização das competições pela Liga?

Jogos

- 17) Qual a principal dificuldade em apitar jogos do futebol não profissional em campeonatos organizados pela LIFF?
- 18) Você é respeitado pelos atletas, comissão técnica, dirigentes? E pela torcida?
- 19) Como você descreveria um bom jogo para apitar? E um ruim?
- 20) Como você avalia a segurança nos jogos?
- 21) Você já foi agredido enquanto arbitrava?

Rotina

- 22) Qual a sua rotina em dia de jogo? Como se prepara para a partida?
- 23) Quais os critérios para preenchimento do Relatório da Partida na súmula? (Condutas e instalações do estádio – Gramado, vestiário arbitragem, policiamento, jogadores do clube mandante, jogadores do clube visitante, Comissão técnica mandante, Comissão Técnica Visitante, Torcida Mandante, Torcida Visitante)
- 24) O que você considera importante e que deve ser registrado no campo observações na súmula do jogo?

Sentidos do futebol não profissional (lazer/trabalho)

- 25) Por que você apita jogos de futebol?
- 26) Como seria o seu final de semana sem os jogos de futebol?
- 27) Os jogos representam momentos/opportunidades de lazer ou de trabalho para você?
- 28) Na comunidade, você é reconhecido por ser árbitro?
- 29) O futebol mexe com as suas atividades do dia-a-dia?
- 30) Você deixa de fazer algo para apitar competições?
- 31) Como você observa a relação do futebol com os acontecimentos/dinâmicas da comunidade onde ele acontece?
- 32) Os árbitros costumam participar dos momentos de confraternização organizados pelos clubes após os jogos?
- 33) Encontra outros árbitros, dirigentes e ou atletas fora das situações de jogo? Como acontece?
- 34) Na sua opinião, o futebol não profissional em Florianópolis é importante? Por quê?

ROTEIRO ENTREVISTA COM ATLETAS (Atuaram no futebol profissional)

IDENTIFICAÇÃO: Nome, idade, profissão, clube, escolaridade

Trajatória no futebol profissional

- 1) Fale um pouco sobre você: nome, idade, cidade onde nasceu, onde mora atualmente, casado, filhos...
- 2) Como ocorreu a sua inserção no futebol? (Rua, escola, escolinha, categoria de base, idade de início, influência de familiares).
- 3) Fale um pouco sobre a trajetória no futebol profissional. (Quando foi federado, clubes por quais jogou, títulos que conquistou, experiências fora do país)
- 4) De toda a sua trajetória, que momento você destacaria como mais marcante ou importante?
- 5) Fale um pouco sobre as principais dificuldades que encontrou durante os anos que atuou no futebol profissional. E qual foi a sua maior decepção (com clubes, dirigentes, desempenhos, outros jogadores)?
- 6) Quando e como começou a jogar campeonatos amadores? Quais os motivos?
- 7) Quando parou de jogar profissionalmente, você pensou em trabalhar em outra profissão? (Solicitar maiores explicações)
- 8) Gostaria de trabalhar em outra atividade que não o futebol? Caso sim, o que lhe impede?
- 9) Qual a sua relação atual com o futebol? Além de jogar em clube amador, desempenha outro papel? (Escolinha, treinamento, agenciamento etc.). Mantém ainda relação com o futebol profissional (colegas, indica jogadores etc.)?
- 10) Quais as principais diferenças entre o profissional e amador?
- 11) Você identifica alguma influência do futebol profissional no amador?
- 12) Quais são seus objetivos/sonhos/metos em relação à atuação no futebol?

Clube atual

- 13) Em quantos clubes não profissionais/amadores você já jogou?
- 14) Quais os motivos para as mudanças de clube? Você recebe convites ou propostas de outros clubes com frequência?
- 15) Por que você joga neste time atualmente? Insistir se ele não mencionar que tem algum tipo de ajuda. Tentar que ele detalhe, inclusive o processo de negociação.
- 16) Como é a relação com outros jogadores que não foram profissionais? É mais respeitado? Tem algum privilégio? Eles buscam informações ou instruções contigo (posicionamento, jogadas, observações etc.)?
- 17) É possível um atleta se manter financeiramente apenas jogando futebol não profissional?
- 18)

Sentidos do futebol não profissional (lazer/trabalho)

- 19) Como é sua rotina no futebol? Quantas partidas e em quais times joga durante a semana?
- 20) Quais os motivos que levam você a jogar futebol em clube que disputa campeonato oficial? (Dinheiro, amizade, prazer, reconhecimento etc.).
- 21) Considerando que já tivesse experiência profissional, neste momento, qual motivação para disputa de partidas amadoras?
- 22) Como seria/é o seu final de semana sem os jogos de futebol?
- 23) Os jogos representam momentos/oportunidades de lazer ou de trabalho para você?
- 24) O futebol mexe com as suas atividades do dia-a-dia?
- 25) Você tem reconhecimento em outras situações do dia a dia por ter sido jogador profissional?
- 26) Você deixa de fazer algo para treinar e disputar competições?
- 27) O clube costuma fazer eventos sociais de confraternização entre comissão técnica, atletas, dirigentes e torcida/comunidade? Você participa delas? Considera-os importante? Por quê?
- 28) Você tem contato com os jogadores amadores fora do ambiente de futebol? Quais? (Trabalho, festas, churrascos, passeios, vizinho)
- 29) Você tem amizade com jogadores do seu ou de outros times?
- 30) Qual é a importância do futebol na sua vida?
- 31) Na sua opinião, o futebol não profissional em Florianópolis é importante? Por quê?

ROTEIRO ENTREVISTA - COMISSÃO TÉCNICA/TREINADOR DE CLUBE

IDENTIFICAÇÃO: Nome, idade, profissão, clube, escolaridade.

Trajatória no futebol não profissional/amador

- 1) Como começou a participar do futebol não profissional em Florianópolis?
- 2) Já atuou como jogador? Em quais clubes?
- 3) Na modalidade de treinador/comissão técnica, já atuou em algum outro clube? Quais?
- 4) Desde quando está no clube atual? Como foi o início neste clube? Alguém indicou?
- 5) Porque você atua neste clube?
- 6) Como ocorreram as transferências de clubes (como jogador e comissão técnica)?
- 7) Gostaria de dizer algo mais sobre sua trajetória no futebol não profissional?

Futebol Profissional e formação

- 8) Possui formação na área esportiva? Fez algum curso para atuar como treinador?
- 9) Como adquiriu os conhecimentos para ser treinador?
- 10) Há relação entre o que aprendeu (formação acadêmica) e a prática?
- 11) Antes de atuar no amador, já teve experiência no futebol profissional?
- 12) Na sua opinião, quais são as principais diferenças entre o futebol amador e profissional?

Formação de atletas e time

- 13) Como é o processo de montagem da equipe? Como se dá a busca de novos atletas?
- 14) Como é a formação de novos atletas? Você acompanha as demais categorias do clube?
- 15) Como é a preparação e treinamento?
- 16) Quais os critérios para escalação da equipe?
- 17) Quantos jogadores fazem parte do elenco? Como você os seleciona para os dias de jogos?
- 18) Quais são as principais orientações em dias de jogos?

Clubes e campeonatos

- 19) Como você avalia a estrutura do clube atual?
- 20) Na sua opinião, o que é preciso para montar uma boa equipe/competitiva?
- 21) Como você caracteriza um jogo bom e um jogo ruim?
- 22) O que é um campeonato bom ou ruim para você?
- 23) Quais as principais dificuldades na disputa dos campeonatos?
- 24) Atletas, dirigentes e arbitragem.
- 25) Como você define um bom jogador? Quais as principais características de um bom jogador? E um ruim?
- 26) Como é sua relação com atletas?
- 27) Como é sua relação com dirigentes?
- 28) Como é sua relação com a arbitragem?

Sentidos do futebol não profissional (lazer/trabalho)

- 29) O que te faz ir a campo nos dias de jogos?
- 30) Como seria é o seu final de semana sem os jogos de futebol?
- 31) Os jogos representam momentos/opportunidades de lazer ou de trabalho para você?
- 32) Na comunidade, trabalho ou outros espaços de sociabilidade, você é reconhecido por ser treinador?
- 33) O futebol mexe com as suas atividades do dia-a-dia?
- 34) Você deixa de fazer algo para organizar times e disputar competições?
- 35) Como você observa a relação do futebol com os acontecimentos/dinâmicas da comunidade onde ele acontece?
- 36) O clube costuma fazer eventos sociais de confraternização entre comissão técnica, atletas, dirigentes e torcida/comunidade? Se sim, fale um pouco como é.
- 37) Na sua opinião, o futebol não profissional em Florianópolis é importante? Por quê?

ROTEIRO ENTREVISTA - DIRIGENTE

IDENTIFICAÇÃO: Nome, idade, profissão, clube, escolaridade, residência.

Trajatória no futebol não profissional/amador

- 1) Como começou a participar do futebol não profissional em Florianópolis?
- 2) Qual sua trajetória no clube? Desde quando atua?
- 3) Que funções já teve no clube?
- 4) Qual é a sua rotina no clube? (Reuniões, eventos etc.)

Administração do clube

- 5) Qual a estrutura do Clube? Possui sede e/ou campo de futebol? Há sócios?
- 6) Se não possui sede, em qual campo o clube costuma jogar quando é mandante?
- 7) Quais são as categorias oferecidas pelo Clube e quantos atletas participam de cada uma? (Adulto, infantil, juvenil, júnior).
- 8) De quais campeonatos o clube participa?
- 9) Quantas pessoas atuam no clube? (Diretoria, comissão técnica e outros). Eles são funcionários do clube ou são colaboradores?
- 10) Quais são as principais dificuldades na administração do clube? Já teve alguma decepção?
- 11) Quais são os gastos mensais aproximados do clube?
- 12) Como o clube se mantém financeiramente? Há patrocínios?
- 13) Na qualidade de dirigente, qual o principal sonho/meta/objetivo que você tem para o clube?

Relação om Liga, Arbitragem e outros clubes

- 14) Qual é a relação do Clube com a Liga? Descrever história, situações, mudanças.
- 15) Qual sua opinião sobre a organização das competições pela Liga?
- 16) Qual é a relação com outros Clubes? Há rivalidade? Há parcerias?
- 17) Como lida com a mudança de clube pelos jogadores? Perde muitos? Busca ou faz propostas por atletas de outros clubes?

Formação de atletas e time

- 18) Como é o processo de montagem da equipe? Como se dá a busca de novos atletas?
- 19) Como é a escolha da comissão técnica?
- 20) Como é a formação de novos atletas?
- 21) Quais os critérios para novos atletas jogarem no clube?
- 22) Como ocorre a dispensa de jogadores?
- 23) Qual é o perfil dos atletas que atuam neste ano no clube? Quantos são do bairro e quantos são de fora? O Clube tem alguma preferência por jogadores do bairro?

Relação do clube com a comunidade

- 24) Qual é a relação do clube com a comunidade? A comunidade apoia o clube?
- 25) O clube faz eventos sociais em parceria com outros órgãos da comunidade? (Igrejas, salão comunitário)

Sentidos do futebol não profissional (lazer/trabalho)

- 26) O que te faz ir a campo nos dias de jogos?
- 27) Como seria é o seu final de semana sem os jogos de futebol?
- 28) Os jogos representam momentos/opportunidades de lazer ou de trabalho para você?
- 29) Na comunidade, trabalho e outros espaços de sociabilidade, você é reconhecido por ser dirigente do clube?
- 30) O futebol mexe com as suas atividades do dia-a-dia?
- 31) Você deixa de fazer algo para organizar o clube e disputar competições?
- 32) Como você observa a relação do futebol com os acontecimentos/dinâmicas da comunidade onde ele acontece?
- 33) O clube costuma fazer eventos sociais de confraternização entre comissão técnica, atletas, dirigentes e torcida/comunidade? Se sim, fale um pouco como é.
- 34) Na sua opinião, o futebol não profissional em Florianópolis é importante? Por quê?

ROTEIRO ENTREVISTA - DIRIGENTE DA LIGA FLORIANOPOLITANA DE FUTEBOL

IDENTIFICAÇÃO: Nome, idade, profissão, escolaridade, residência.

Trajatória no futebol não profissional/amador

- 1) Como começou a participar do futebol não profissional em Florianópolis?
- 2) Qual sua trajetória esportiva?
- 3) Já foi atleta ou dirigente de algum Clube?
- 4) Qual sua trajetória na Liga?
- 5) Qual é a sua rotina na Liga? (Reuniões, eventos etc)

Administração

- 6) Na qualidade de dirigente/presidente, qual o principal sonho/meta/objetivo que você tem para a Liga? Quais são as principais dificuldades na administração da Liga? Já teve alguma decepção?
- 7) Quais são as despesas mensais da Liga?
- 8) A Liga se mantém apenas com as taxas de emolumentos ou há patrocínio privado ou repasse de dinheiro público?

Organização

- 9) Quais os campeonatos organizados pela Liga? Quantos clubes participam de cada competição?
- 10) Quantos times estão filiados?
- 11) Quais os benefícios de um clube filiado?
- 12) Quais são os critérios para filiação? Há taxas?
- 13) A Liga possui algum levantamento sobre o número de campos de futebol em Florianópolis? Todos os clubes filiados possuem campo (sede)?
- 14) Comente sobre os campos, os melhores e quais atraem mais público etc.
- 15) Quem monta o calendário das competições? Que critérios são observados?
- 16) Qual o organograma da Liga? Há eleição? Remuneração para os membros? Há expediente?
- 17) O regulamento geral de 2010 é o regimento da liga?
- 18) A liga conhece torcidas organizadas?
- 19) É realizado algum controle antidoping?
- 20) Quantos atletas estão registrados na Liga?
- 21) Quem são os árbitros? São formados pela Liga? Precisam de algum curso específico?
- 22) A imprensa faz a cobertura dos campeonatos? Quem são? Há credenciamento?
- 23) Quem solicita policiamento?
- 24) Há premiações para os campeões?
- 25) Quais são as despesas de um clube para participar de um campeonato organizado pela Liga? Pedir para estimar em cada campeonato.
- 26) A Liga tem conhecimento sobre remuneração ou ajuda para os jogadores? Há alguma restrição? (Se a Liga não permite, como fiscaliza e se houve algum caso de desclassificação ou outra medida punitiva para algum clube que foi constatado o pagamento para jogadores)

Relacionamentos - redes

- 27) Como é o relacionamento da Liga com a Federação Catarinense de Futebol?
- 28) Como é o relacionamento da Liga com os Clubes?
- 29) Como é o relacionamento da Liga com os atletas?
- 30) Como é o relacionamento da Liga com Arbitragem?
- 31) Como é o relacionamento da Liga com a Comissão Disciplinar?
- 32) Como é o relacionamento da Liga com a Imprensa? Na sua opinião o futebol não profissional em Florianópolis é valorizado pela imprensa local?
- 33) Qual sua opinião sobre a participação dos Clubes nos campeonatos organizados pela Liga?
- 34) Quais as principais dificuldades no relacionamento com os clubes?
- 35) Qual é a relação com outras Ligas das cidades vizinhas? Há parcerias?
- 36) Como você avalia o relacionamento dos clubes com as comunidades?
- 37) Como é o relacionamento da Liga com o Poder Público?
- 38) A Liga se relaciona com empresas privadas?

Sentidos do futebol não profissional (lazer/trabalho)

- 39) Você acompanha os jogos dos Campeonatos organizados pela Liga?
- 40) Como escolhe qual deles irá acompanhar?
- 41) Como seria sua rotina se não estivesse envolvido nas atividades da Liga?
- 42) Na comunidade, você é reconhecido por ser dirigente da Liga?
- 43) As atividades da Liga mexem com as suas atividades do dia-a-dia?
- 44) Você deixa de fazer algo para atuar na Liga?
- 45) Como você observa a relação do futebol com os acontecimentos/dinâmicas da comunidade onde ele acontece?
- 46) A Liga costuma fazer eventos sociais de confraternização entre Clubes? Se sim, fale um pouco como é.
- 47) Na sua opinião, o futebol não profissional em Florianópolis é importante por quê?
- 48) Por que você atua na Liga?

APÊNDICE C - Lista de Jogos

2013					
	DATA	COMPETIÇÃO	JOGO	ESTÁDIO	BAIRRO
1.	03/03/2013	Copa Floripa	ASCA Santa Cruz 2 X 0 ASCE Entre Amigos	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
2.	10/03/2013	Copa Floripa	ASCE Entre Amigos 2 X 2 ASCA Santa Cruz	ASSOC Moradores da Costeira do Pirajubaé	Costeira do Pirajubaé
3.	23/03/2013	Copa Floripa	Cruz de Malta 3 X 0 ASCA Santa Cruz	Padre Bertoldo Braum	Rio Tavares
4.	31/03/2013	Copa Floripa	Botafogo 2 X 1 Florianópolis FC	Campo da Gruta	Trindade
5.	01/05/2013	2 Divisão	Grêmio Costeira 2 X 3 ARCEC Flamengo	Conselho Comunitário do Saco Dos Limões	Saco dos Limões
6.	04/05/2013	2 Divisão	Paula Ramos JR FC 0 X 6 River FC	Ferminio Pires	Itacorubí
7.	11/05/2013	2 Divisão	Barrense FC 2 X 0 ARCEC Flamengo	Barrense FC	Barra da Lagoa
8.	19/05/2013	2 Divisão	River FC 3 X 1 Grêmio Costeira	Odilio Nunes	Rio Vermelho
9.	01/06/2013	Copa Interligas	Avante 0 X 0 BAC	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
10.	08/06/2013	2 Divisão	Barrense FC 2 X 3 Cruz de Malta	Barrense FC	Barra da Lagoa
11.	14/07/2013	1 Divisão	SER AUPE/Botafogo 0 X 3 Náutico FC	Campo da Gruta	Trindade
12.	21/07/2013	1 Divisão	VT Canto da Lagoa 3 X 2 Náutico FC	Padre Bertoldo Braum	Rio Tavares
13.	10/08/2013	1 Divisão	Grêmio Cachoeira 4 X 2 ARCE Bangu	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
14.	31/08/2013	3 Divisão	ASDC Triunfo 4 X 1 ASCA Santa Cruz	Complexo Esportivo da ASDC Triunfo	Sambaqui
15.	07/09/2013	1 Divisão	ARCE Avante 4 X 2 SEC Florianópolis	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
16.	08/09/2013	3 Divisão	ACES Floripa 4 X 3 ASCA Santa Cruz	Conselho Comunitário do Saco dos Limões	Saco dos Limões
17.	15/09/2013	3 Divisão	ASCA Santa Cruz 1 X 2C. Atlético Catarinense	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
18.	22/09/2013	3 Divisão	SESR União da Vargem Do Bom Jesus 2 X 2 ASCA Santa Cruz	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
19.	05/10/2013	1 Divisão	Bandeirante RFC 10 X 1 AA Ponta das Canas	Ferminio Vieira	Ribeirão da Ilha
20.	06/10/2013	3 Divisão	ASCA Santa Cruz 1 X 0 ASCE Entre Amigos	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
21.	13/10/2013	3 Divisão	100% EC 0 X 2 ASCA Santa Cruz	SEC Florianópolis	Vargem Do Bom Jesus
22.	27/10/2013	1 Divisão	Náutico 0 X 4 Grêmio Cachoeira	Estádio do Náutico FC	Santinho

2014						
	DATA	COMPETIÇÃO	JOGO	ESTÁDIO	BAIRRO	
23	09/03/2014	Copa Floripa	Pântano do Sul EC 3 X 1 ASCA Santa Cruz	AMPSUL	Pântano do Sul	
24	16/03/2014	Copa Floripa	ASCA Santa Cruz 1 X 2 Pântano do Sul EC	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa	
25	10/05/2014	Copa Floripa	VT Canto da Lagoa 0 X 1 Barrense FC	Padre Bertoldo Braum	Rio Tavares	
26	18/05/2014	2 Divisão	Paula Ramos JR FC 0 X 2 ASCE Entre Amigos	Ferminio Pires	Itacorubí	
27	24/05/2014	2 Divisão	Barrense FC 2 X 1 C. Atlético Catarinense	Barrense FC	Barra da Lagoa	
28	01/06/2014	2 Divisão	ASCD Triunfo 1 X 0 ARCEC Zaire	Complexo Esportivo da ASDC Triunfo	Sambaqui	
29	07/06/2014	2 Divisão	C. Atlético Catarinense 4 X 2 Paula Ramos JR FC	Campo da Gruta	Trindade	
30	19/06/2014	1 Divisão	Grêmio Cachoeira 4 X 0 River FC	José Edelvino de Paulo	Cachoeira do Bom Jesus	
31	21/06/2014	1 Divisão	Bandeirante RFC 2 X 0 VT Canto da Lagoa Questionários VT Canto	Ferminio Vieira	Ribeirão da Ilha	
32	22/06/2014	1 Divisão	SER AUPE/Botafogo 0 X 4 ARCE Bangu Questionários Botafogo	Campo da Gruta	Trindade	
33	22/06/2014	1 Divisão	SER Campinas 1 X 0 Cruz de Malta	Bartolomeu Manoel Daniel	Campeche	
34	05/07/2014	1 Divisão	River FC 4 X 0 SEC Florianópolis	Odílio Nunes	Rio Vermelho	
35	06/07/2014	1 Divisão	AA Ponta das Canas 4 X 2 ARCE Avante	José Edelvino de Paulo	Cachoeira do Bom Jesus	
36	12/07/2014	1 Divisão	Bandeirante RFC 1 X 1 SER AUPE/Botafogo Questionários	Ferminio Vieira	Ribeirão da Ilha	
	16/07/2014	TREINO		Estádio do Náutico FC	Santinho	
37	26/07/2014	1 Divisão	SEC Florianópolis 1 X 0 AA Ponta das Canas	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa	
38	27/07/2014	1 Divisão	ARCE Bangu X SER AUPE/Botafogo	Valmir Serapião Maria	Fazenda do Rio Tavares	
39	02/08/2014	1 Divisão	SEC Florianópolis 3 X 5 Náutico FC	SEC Florianópolis	Vargem do Bom Jesus	
40	03/08/2014	1 Divisão	SER Campinas 0 X 1 VT Canto da Lagoa	Bartolomeu Manoel Daniel	Campeche	
41	09/08/2014	1 Divisão	ARCE Avante 3 X 0 AA Ponta das Canas	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa	
42	10/08/2014	1 Divisão	Náutico 1 X 0 Grêmio Cachoeira	Estádio do Náutico FC	Santinho	
43	16/08/2014	1 Divisão	Grêmio Cachoeira 2 X 1 ARCE Avante	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa	
44	17/08/2014	1 Divisão	River FC 1 X 1 AA Ponta das Canas	Odílio Nunes	Rio Vermelho	
45	23/08/2014	3 Divisão	ASCA Santa Cruz 0 X 0 Santa Cruz EC	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa	
46	24/08/2014	1 Divisão	Náutico FC 3 X 0 SEC Florianópolis	Estádio do Náutico FC	Santinho	

2015					
	DATA	COMPETIÇÃO	JOGO	ESTÁDIO	BAIRRO
47.	20/09/2015	2 Divisão	SER AUPE/Botafogo 1 X 3 ASCA Santa Cruz	Campo da Gruta	Trindade
48.	27/09/2015	2 Divisão	ASCA Santa Cruz 3 X 4 River FC	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
49.	03/10/2015	1 Divisão - Final	Campinas 0 X 1 Grêmio Cachoeira	Bartolomeu Manoel Daniel	Campeche
50.	24/10/2015	2 Divisão	Paula Ramos JR FC 0 X 1 ASCA Santa Cruz	Henrique de Arruda Ramos	Santo Antônio de Lisboa
51.	15/11/2015	2 Divisão	ASCA Santa Cruz 2 X 2 Gremio Costeira	Complexo Esportivo da ASDC Triunfo	Sambaqui
52.	13/12/2015	2 Divisão - Final	River FC 2 X 3 AUPE Botafogo	Odilio Nunes	Rio Vermelho

APÊNDICE D - Número de atletas por clubes, divisões e anos

PRIMEIRA DIVISÃO DE 2013						
CLUBE	Total de jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
Grêmio Cachoeira	16	12	25	14,26	12	12
Florianópolis	12	1	33	4,86	1	3,5
Ponta das Canas	12	6	25	7,28	10	8
VT Canto	12	5	28	6,82	4	6
Bandeirante	12	4	31	6,54	8	8
Campinas	14	10	28	8,75	12	10,5
Bangu	14	5	39	4,25	1	4
Avante	16	12	29	9,65	14	12
Botafogo	10	4	33	4,81	1	5
Náutico	14	7	38	6,34	1	5
Palmeiras	10	7	38	4,47	3	4
TOTAL DE ATLETAS: 352						
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 69						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 26 Jogos						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 21 Jogos						
Número inferior de atletas (13 a 17): 22 Jogos						
SEGUNDA DIVISÃO DE 2013						
CLUBE	Total de Jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
Cruz de Malta	14	5	31	7,35	3	7
Vila Nova	12	5	28	7,03	3	8
Grêmio costeira	10	2	25	6,4	3	6
Flamengo	8	1	31	4,19	3	4
Paula Ramos	10	0	32	4,34	1	4
River	14	4	32	7,31	12	8
Pântano do Sul EC	10	4	35	4,85	6	5
Barrense	10	5	31	5,48	8	6
Zaire	12	2	29	6,62	6	6
TOTAL DE ATLETAS: 274						
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 50						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 4						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 19						
Número inferior de atletas (13 a 17): 27						
TERCEIRA DIVISÃO DE 2013						
CLUBE	Total de jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
Triunfo	12	9	30	7	9	8,5
ASCA Santa Cruz	8	0	31	4,12	1	4
Entre Amigos	12	2	25	7,92	11	9
ACES Floripa FC	8	2	35	3,94	3	4
Fernando raulino	8	0	22	5,18	5	5
Atlético Catarinense	10	0	25	5,84	10	5
Instituto Lagoa Social	8	0	27	4,03	7	4
100% EC	10	1	23	7,21	9	8
União da Vargem	8	0	23	4,08	2	4
TOTAL DE ATLETAS: 241						
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 42						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 3						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 8						
Número inferior de atletas (13 a 17): 31						

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

PRIMEIRA DIVISÃO DE 2014						
CLUBE	Total de jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
Grêmio Cachoeira	16	13	32	8,75	1	10
River	10	2	31	5,16	7	5
Botafogo	10	4	33	4,81	4	4
Florianópolis	12	1	32	5,62	1	6
Ponta das Canas	10	0	29	5,34	10	5
Náutico	14	5	35	6,6	1	8
Avante	12	3	24	8,54	11	10
Cruz de Malta	14	5	40	6,05	1	5
Campinas	16	7	25	11,04	13	12
VT Canto	12	4	34	5,58	10	11,5
Bandeirante	10	1	32	4,78	1	5
Bangu	12	4	40	4,92	1	4,5
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 74						
TOTAL DE ATLETAS: 387						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 11						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 30						
Número inferior de atletas (13 a 17): 33						
SEGUNDA DIVISÃO DE 2014						
CLUBE	Total de Jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de Atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
ASCE Entre Amigos	11	1	27	6,59	10	6
ARCEC Zaire	9	1	33	4,06	1	3
Barrense FC	13	3	22	9,4	11	11
Vila Nova	13	8	30	7,26	2	7,5
Pântano Do Sul EC	11	2	26	6,65	3	7
Grêmio Costeira	11	2	29	5,68	2	6
Paula Ramos Jr FC	9	1	33	4,54	1	4
ASCD Triunfo	15	10	28	8,71	12	9
Atlético Catarinense	15	7	34	7,11	1	7
100% EC	11	0	25	6,2	6	6
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 59						
TOTAL DE ATLETAS: 287						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 8						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 19						
Número inferior de atletas (13 a 17): 32						
TERCEIRA DIVISÃO DE 2014						
CLUBE	Total de jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
ASCA Santa Cruz	12	5	23	8,78	10	10
Santa Cruz EC	8	3	24	5,66	7	6
Garcia Esporte & Lazer	12	8	30	6,9	8	8
Só amigos	8	1	25	4,16	6	4
ARCEC Flamengo	10	1	25	6,68	10	8
ACES Floripa FC	8	0	29	4,17	1	4
AMOCAN	8	2	27	4,81	8	4
ARSENAL FC	10	6	28	6,28	9	7
SESR União da Vargem do Bom Jesus	8	1	22	5,18	7	5,5
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 42						
TOTAL DE ATLETAS: 233						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 4						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 19						
Número inferior de atletas (13 a 17): 19						

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

PRIMEIRA DIVISÃO DE 2015						
CLUBE	Total de jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
Grêmio Cachoeira	15	11	28	9,33	12	11
Triunfo	13	9	29	7,93	11	10
Florianópolis	11	1	32	5,53	3	5,5
Ponta das Canas	9	4	25	6,2	9	6
Náutico	9	4	32	4,6	5	4,5
Avante	11	6	33	5,75	1	6
Cruz de Malta	9	0	36	3,5	1	3
Campinas	15	9	29	8,9	14	9
VT Canto	11	6	30	6,33	9	7,5
Bandeirante	13	8	36	5,97	1	5
Barrense	9	0	29	4,55	1	5
Atlético Catarinense	11	3	30	5,64	1	7
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 68						
TOTAL DE ATLETAS: 369						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 15						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 31						
Número inferior de atletas (13 a 17): 22						
SEGUNDA DIVISÃO DE 2015						
CLUBE	Total de jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
100%	12	2	31	6,35	7	7
Paula Ramos	8	1	26	5,11	7	6
ASCA Santa Cruz	12	3	35	5,71	1	6
Botafogo	14	7	38	5,94	1	6
Entre Amigos	10	4	28	6,07	8	7
Arsenal	12	6	33	5,6	10	6
Vila Nova	12	3	36	5,44	1	6
Zaire	10	0	36	4,08	3	3
Grêmio Costeira	12	1	34	5,68	1	6,5
Pântano do Sul	12	1	34	5,58	2	5
River	14	5	30	7,93	13	8,5
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 64						
TOTAL DE ATLETAS: 361						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 6						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 21						
Número inferior de atletas (13 a 17): 37						
TERCEIRA DIVISÃO DE 2015						
CLUBE	Total de jogos	Equipe completa 18 atletas	Total de atletas	POR ATLETA		
				Média	Moda	Mediana
ARCEC Flamengo	6	0	21	4,19	6	5
Santa Cruz EC	6	4	24	4,33	5	5
Cachoeira EC	8	1	23	5,82	7	7
ACES Floripa FC	8	5	29	4,68	7	5
SESR União Da Vargem Do Bom Jesus	10	5	31	5,48	9	6
ARCE Unidos	6	5	23	4,52	5	5
AMOCAN	10	2	24	6,58	9	7
TOTAL DE JOGOS DISPUTADOS: 27						
TOTAL DE ATLETAS: 175						
Número de Jogos com as 2 Equipes completas (18 atletas cada): 4						
Número de jogos em que pelo menos uma equipe estava completa: 14						
Número inferior de atletas (13 a 17): 9						

Fonte: Elaborada pela Autora (2016).

APÊNDICE E – Termo de Compromisso Livre e Esclarecido

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
 CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE - CEP 88040-970 -
 FLORIANÓPOLIS / SC
 TELEFONE +55 (48) 3721-2251 - FAX +55 (48) 3721-8638
 ppge@contato.ufsc.br | ppge.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - Questionários

Meu nome é Lisandra Invernizzi, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e estou desenvolvendo, junto com meu orientador, Professor Doutor Jaison José Bassani, a pesquisa “PARTICULARIDADE E UNIVERSALIDADE: SOCIABILIDADES, TRÂNSITOS E PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO NO FUTEBOL *NÃO PROFISSIONAL* EM FLORIANÓPOLIS”, com o objetivo de **identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo.** O futebol amador, aquele praticado de forma organizada por clubes e federações, mas sem o vínculo profissional de seus participantes, tem sido pouco pesquisado no Brasil, apesar de sua enorme presença como prática e como veículo de mobilização comunitária. Em Florianópolis, o futebol não profissional é caracterizado por uma prática altamente institucionalizada e organizada, que alcança relevância material e simbólica na cidade, modelar para investigação sobre a prática do futebol em sua vertente não hegemônica.

Considerando os termos da Resolução n. 446, do Conselho Nacional de Saúde de 12 de dezembro de 2012 e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, gostaria, junto com meu orientador, de convidá-lo a colaborar com a pesquisa.

Sua participação se dará por meio de respostas a um questionário com questões sobre sua trajetória no futebol. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos e estão associados a possíveis constrangimentos ou a um possível uso não autorizado das informações fornecidas, para além dos propósitos desta investigação. Os dados serão armazenados em segurança pelos responsáveis pela pesquisa e **sua identidade não será revelada**, garantindo-se o anonimato das fontes. Você pode optar por não responder perguntas que julgar constrangedoras ou mesmo, a qualquer momento, desistir de participar da pesquisa, sem que isso tenha qualquer tipo de prejuízo. Os resultados da pesquisa serão utilizados exclusivamente para a tese de doutorado e outros fins acadêmicos, como artigos, capítulos de livro e comunicações em congressos.

Ficaremos gratos se puder colaborar voluntariamente conosco, mas não há qualquer obrigação de sua parte. Você pode, portanto, recusar-se a participar ou, mesmo participando, abandonar o processo a qualquer momento, sem qualquer problema, retirando seu consentimento. Não haverá qualquer benefício em dinheiro ou indenização para participar da pesquisa.

Os responsáveis estão à disposição para toda e qualquer esclarecimento que se faça necessário, pelo telefone (48) 99954132 ou pelos e-mails lisandrainvernizzi@gmail.com e jaisonbassani@uol.com.br ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFSC no telefone (48) 3721-9206 ou email cep.propesq@contato.ufsc.br. A pesquisa foi autorizada pela Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF). Sua colaboração é muito importante.

 JAISON JOSÉ BASSANI
 Professor Orientador/Coordenador

 LISANDRA INVERNIZZI
 Doutoranda do PPGE/UFSC

Eu, _____, declaro estar plenamente esclarecido e concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada PARTICULARIDADE E UNIVERSALIDADE: SOCIABILIDADES, TRÂNSITOS E PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO NO FUTEBOL *NÃO PROFISSIONAL* EM FLORIANÓPOLIS. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Florianópolis, _____ de _____ de 2014.

Assinatura: _____

RG: _____

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
 CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
 NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCAÇÃO E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA
 CAMPUS REITOR JOÃO DAVID FERREIRA LIMA - TRINDADE - CEP 88040-970 -
 FLORIANÓPOLIS / SC
 TELEFONE +55 (48) 3721-2251 - FAX +55 (48) 3721-8638
 ppge@contato.ufsc.br | ppge.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – Entrevistas

Meu nome é Lisandra Invernizzi, sou doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina e estou desenvolvendo, junto com meu orientador, Professor Doutor Jaison José Bassani, a pesquisa “PARTICULARIDADE E UNIVERSALIDADE: SOCIABILIDADES, TRÂNSITOS E PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO NO FUTEBOL *NÃO PROFISSIONAL* EM FLORIANÓPOLIS”, com o objetivo de **identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo.** O futebol amador, aquele praticado de forma organizada por clubes e federações, mas sem o vínculo profissional de seus participantes, tem sido pouco pesquisado no Brasil, apesar de sua enorme presença como prática e como veículo de mobilização comunitária. Em Florianópolis, o futebol não profissional é caracterizado por uma prática altamente institucionalizada e organizada, que alcança relevância material e simbólica na cidade, modelar para investigação sobre a prática do futebol em sua vertente não hegemônica.

Considerando os termos da Resolução n. 446, do Conselho Nacional de Saúde de 12 de dezembro de 2012 e as determinações da Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFSC, gostaria, junto com meu orientador, de convidá-lo a colaborar com a pesquisa.

Sua participação se dará por meio de uma entrevista com questões sobre sua trajetória no futebol. Os riscos decorrentes de sua participação na pesquisa são mínimos e estão associados a possíveis constrangimento ou uso não autorizado das informações fornecidas, para além dos propósitos desta investigação. Os dados serão armazenados em segurança pelos responsáveis pela pesquisa e **sua identidade não será revelada**, garantindo-se o anonimato das fontes. Você pode optar por não responder perguntas que julgar constrangedoras ou mesmo, a qualquer momento, desistir de participar da pesquisa, sem que isso tenha qualquer tipo de prejuízo. A entrevista será gravada e a transcrição da fala será encaminhada para sua apreciação e em caso de divergência as informações serão retificadas. Os resultados da pesquisa serão utilizados exclusivamente para a tese de doutorado e outros fins acadêmicos, como artigos, capítulos de livro e comunicações em congressos.

Ficaremos gratos se puder colaborar voluntariamente conosco, mas não há qualquer obrigação de sua parte. Você pode, portanto, recusar-se a participar ou, mesmo participando, abandonar o processo a qualquer momento, sem qualquer problema, retirando seu consentimento. Não haverá qualquer benefício em dinheiro ou indenização para participar da pesquisa.

Os responsáveis estão à disposição para toda e qualquer esclarecimento que se faça necessário, pelo telefone (48) 99954132 ou pelos e-mails lisandrainvernizzi@gmail.com e jaisonbassani@uol.com.br ou poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos/UFSC no telefone (48) 3721-9206 ou email cep.propesq@contato.ufsc.br. A pesquisa foi autorizada pela Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF). Sua colaboração é muito importante.

JAISON JOSÉ BASSANI
 Professor Orientador/Coordenador

LISANDRA INVERNIZZI
 Doutoranda do PPGE/UFSC

Eu, _____, declaro estar plenamente esclarecido e concordo voluntariamente em participar da pesquisa intitulada PARTICULARIDADE E UNIVERSALIDADE: SOCIABILIDADES, TRÂNSITOS E PERTENCIMENTO COMUNITÁRIO NO FUTEBOL *NÃO PROFISSIONAL* EM FLORIANÓPOLIS. Este documento é emitido em duas vias que serão ambas assinadas por mim e pelo pesquisador, ficando uma via com cada um de nós.

Florianópolis, ____ de _____ de 2014.

Assinatura: _____ RG: _____

ANEXO A – Parecer do Comitê de Ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Particularidade e universalidade: sociabilidades, trânsitos e pertencimento comunitário no futebol não profissional em Florianópolis

Pesquisador: Jaison José Bassani

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 33736214.9.0000.0121

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 799.633

Data da Relatoria: 08/09/2014

Apresentação do Projeto:

Estudo de Invernizzi, orientado por Bassani, descritivo e observacional, cuja investigação será feita por meio de etnografia com observações 190 participantes, análise documental dos arquivos dos clubes e documentos da Liga Florianopolitana de Futebol, questionários e entrevistas semiestruturadas com os personagens que compõe o cenário do futebol não profissional.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo os autores: tomando como situação exemplar a cidade de Florianópolis, pretende-se, com este projeto, identificar, descrever e analisar sentidos e significados atribuídos à prática de futebol não profissional, apontando os principais deslocamentos em relação à versão universalista deste fenômeno esportivo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pode contribuir para o conhecimento generalizável sobre o tema.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequados, incluindo documento da LIFF, Liga Florianopolitana de Futebol.

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 799.633

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Aprovado.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 22 de Setembro de 2014

Assinado por:
Ymar Correa Neto
(Coordenador)

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900
UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS
Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br